

ANA LUIZA FERREIRA COELHO

“O MELHOR CARNAVAL DO INTERIOR DE MINAS”

Construção do carnaval de rua e dos clubes de Governador Valadares

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES

MONTES CLAROS

JUNHO/2016

ANA LUIZA FERREIRA COELHO

“O MELHOR CARNAVAL DO INTERIOR DE MINAS”
Construção do carnaval de rua e dos clubes de Governador Valadares

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Estadual de Montes Claros como
parte dos requisitos par obtenção do título de
Mestre em História.

Área de Concentração: História Social

Linha de Pesquisa: Cultura, Relações Sociais e
Gênero

Orientadora: Jeaneth Xavier de Araújo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES

MONTES CLAROS

JUNHO/2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Jeaneth Xavier Araújo, que me guiou ao longo deste trabalho, dando contribuições para que eu pudesse fazer o meu melhor nesta pesquisa.

Agradeço às professoras Ilva Ruas de Abreu e Regina Célia Lima Caleiro, cujas valiosas contribuições dadas durante minha qualificação acabaram por dar novo rumo não apenas à este trabalho, bem como em minha vida pessoal, proporcionando o retorno à minha terra natal para poder mergulhar a fundo nesta pesquisa.

Agradeço aos meus chefes Cácio Xavier e Marcelo Duarte, que me proporcionaram a transferência da *Inter TV Grande Minas* para a *Inter TV dos Vales*, mudança sem a qual a carga de dificuldades teria sido muito maior para mim.

Agradeço ao jornal Diário do Rio Doce pela solicitude em disponibilizar seus arquivos, fazendo com que este trabalho fosse possível.

Agradeço aos queridos jornalistas Davidson Fortunato e Tracy Bonilla, que me auxiliaram num momento de grande falta de tempo para a coleta das fontes, além de terem ouvido com carinho meus desabafos nos momentos de dificuldade. Também agradeço a todos os colegas de trabalho que me incentivaram e apoiaram neste momento.

Por fim, agradeço à minha família, sem a qual eu não conseguiria ter chegado até aqui. Ao meu irmão Dannel, meu maior incentivador na vida acadêmica. Aos meus pais, Angelina Abigail e Tarciso, que me deram suporte necessário para que eu pudesse estudar com o máximo de foco. Ao meu irmão Thiago e à minha tia Maria do Socorro, que sempre estiveram por perto para me apoiar e incentivar. Sem vocês, eu nunca teria chegado até aqui.

RESUMO

O carnaval de Governador Valadares surgiu como manifestação espontânea no local, quando este ainda era o distrito de Figueira, pertencente à cidade de Peçanha. A comemoração do carnaval nesta localidade se dava por meio dos meios de festejos existentes no país, uma vez que esta comunidade passou a se desenvolver a partir da inauguração de estação da estrada de ferro Vitória a Minas, tornando-se um entreposto comercial na região e atraindo pessoas de diversas partes do país. Após o surgimento dos clubes sociais Ilusão e Minas, freqüentados pela elite econômica da cidade, a disputa entre estas duas entidades no desfile de carros alegóricos configurou o principal elemento do carnaval da década de 1950, de modo que os valadarenses passaram a se referir à folia da cidade como “o melhor carnaval do interior de Minas”. Ao longo da década de 1960, ambos os clubes deixaram o carnaval de rua, restringindo-se ao baile em seus salões. Após a perda deste elemento, o carnaval de rua valadarense foi dominado pelas escolas de samba. Composta por pessoas sem poder aquisitivo, as escolas de samba não conseguiam oferecer um espetáculo visual do mesmo porte que a disputa entre os dois clubes sociais. Nesta pesquisa, analisamos as transformações sofridas no carnaval de Governador Valadares, tendo como foco o modo como estas transformações foram avaliadas no jornal Diário do Rio Doce que continuou a ter como parâmetro de comparação o carnaval da década de 1950, supostamente “o melhor carnaval do interior de Minas”. Buscamos compreender como o apego a este título reflete questões sociais da cidade, e como estas questões influenciaram no fim do carnaval valadarense.

Palavras-chave: História social, Governador Valadares, carnaval, discurso, memória, Diário do Rio Doce.

ABSTRACT

The Governador Valadares carnival emerged as a local spontaneous demonstration, when it was still the district of Figueira, belonging to the city of Peçanha. The celebration of carnival in this locality was given through existing festivals of media in the country, since this community has to develop from the railroad station opening Vitória to Minas and became a trading post in the region and attracting people from all over the country. After the emergence of social clubs Ilusão and Minas, frequented by the economic elite of the city, the dispute between the two entities in the floats parade set the main carnival element of the 1950s, so that valadarenses began referring to revelry the city as "the best carnival in the interior of Minas". Throughout the 1960s, both clubs left the street carnival, restricting the ball in their halls. After the loss of this element, the street carnival valadarense was dominated by samba schools. Made up of people with no purchasing power, the samba schools could not offer a visual spectacle of the same size that the dispute between the two social clubs. In this research, we analyzed the transformations undergone in the carnival of Governador Valadares, focusing on how these changes were assessed in the newspaper *Diário do Rio Doce*, he continued to have as benchmark carnival 1950s, supposedly "the best carnival in the interior of Minas". We seek to understand how the attachment to this title reflects social issues of the city, and how these issues influenced the end of valadarense carnival.

Keywords: Social History, Governador Valadares, carnival, speech, memory, *Diário do Rio Doce*.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Tarja destaca a necessidade de indústrias na cidade. p. 117
- Figura 2 - Caderno especial destaca folia dos clubes em detrimento do carnaval de rua p. 120
- Figura 3 - Jornal destaca ausência de novidades no carnaval valadarense p. 131
- Figura 4 - Charge ironiza promessas do prefeito Hermírio Gomes da Silva p. 137
- Figura 5 - Charge ironiza falta de auxílio financeiro às escolas de samba p. 136
- Figura 6- - Cartunista ilustra clima do carnaval em 1981 p. 146
- Figura 7 - Charge ironiza evasão valadarense para as praias p. 161

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1- UMA FESTA CHAMADA CARNAVAL | 14 |
| 1.1- O carnaval através dos séculos | 14 |
| 1.2- Entrudo x carnaval | 26 |
| 1.3- Sociedades, ranchos e cordões | 41 |
| 1.4 – A vez das escolas de samba | 51 |
| 2- DESENVOLVIMENTO E IMAGINÁRIO DE GOVERNADOR VALADARES | 56 |
| 2.1- De Figueira à emancipação | 58 |
| 2.2- Caracterização econômica e social de 1950 a 1988 | 63 |
| 2.3- O fluxo migratório para os EUA | 65 |
| 2.4- Imaginário na memória valadarense | 72 |
| 2.4.1- Memórias de uma cidade | 74 |
| 2.4.2 – Epopéia dos Pioneiros | 83 |
| 3- O CARNAVAL DE GOVERNADOR VALADARES NA PERSPECTIVA DO JORNAL DIÁRIO DO RIO DOCE | 96 |
| 3.1- Os primórdios da festa | 98 |
| 3.2- O carnaval nas décadas de 1950 e 1960 | 101 |
| 3.3- O carnaval nas décadas de 1970 e 1980 | 123 |
| 3.4- Após o fim | 159 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 167 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 174 |
| ANEXOS | 176 |

INTRODUÇÃO

Era o ano de 1989 quando Antônio Paulino tacou fogo em si. Não no corpo, mas na extensão dele. Os 108 instrumentos musicais que tantas vezes carregara, deu para alguns, vendeu barato para outros. Já as fantasias tantas vezes restauradas e usadas com amor, roupas que custaram muito dinheiro e suor, nessas colocou fogo com o coração partido. As fotos, de tantos e tantos carnavais de três décadas, também foram incendiadas. Os 17 troféus de campeão conquistados, além dos de vice e outras categorias, também se desfez de tudo.

Havia uma justificativa para ato tão intenso. O carnaval de Governador Valadares havia acabado. Diante do fim, pensou consigo mesmo: "Ó, eu num posso aborrecer com nada não, eu vou ficando a cada dia mais velho e carregando saudade e eu não quero saudade de ninguém não".

A história de Antônio Paulino com o carnaval começou na década de 1950, quando este valadarense foi tentar ganhar a vida no Rio de Janeiro. Trabalhando como barbeiro próximo à quadra da escola de samba Império Serrano, apaixonou-se pelo universo carnavalesco e desfilou pela escola durante os três anos em que esteve na cidade. No fim de 1954 decidiu voltar para a cidade natal, por "saudade da sua velha". Para conciliar a antiga com a nova paixão e estando a cinco meses do carnaval, decidiu montar o que chamou de apenas uma brincadeira, um bate-papo. Em 1955, a *Bate-Papo* foi anunciada no sistema de som da cidade como a primeira escola de samba de Governador Valadares, apesar dos poucos integrantes e de não ter recebido autorização nesse ano para desfilar na avenida Minas Gerais, tradicional palco da festa.

O carnaval valadarense nessa época já possuía relativa fama, pelo menos na região. Entre as pessoas da cidade, era aclamado como "o melhor carnaval do interior de Minas", ainda que possivelmente não fosse, mas devido às lotações de turistas, vindos de outras cidades mineiras e do Espírito Santo, nos hotéis e pensões da cidade durante os dias da festa de *Momo*.

No início da década de 50, Governador Valadares era uma cidade movimentada, de trânsito confuso, cheio de bicicletas dos vários emigrantes que vinham de outras cidades em função do comércio de mica, que na década anterior havia sido objeto de investimentos de empresários dos Estados Unidos em função da exploração desse minério presente na região, muito usado na indústria bélica que se encontrava em foco devido à II Guerra Mundial.

A festa carnavalesca nesse período era caracterizada pelo protagonismo dos clubes sociais, *Minas* e *Ilusão*, que além de proporcionarem grandes bailes em suas sedes, também confeccionavam carros alegóricos que disputavam a preferência do público na avenida Minas Gerais. As boates de luxo da Zona Boêmia também participavam desse desfile, lançando carros cuja principal decoração eram as moças das boates vestidas em trajes mínimos. A este modelo de festa, a imprensa e a sociedade da década de 1950 se referiam como “o melhor carnaval do interior de Minas”.

Desta forma, quando Antônio Paulino e sua *Bate-Papo* desfilaram em 1955, destoaram do universo carnavalesco daquela Valadares, cuja festa vinha sendo promovida exclusivamente por aqueles que possuíam poder econômico.

Ao longo da década de 1960, lentamente os modelos se inverteram. Com a progressiva queda na economia de Governador Valadares, os clubes sociais que até então haviam bancado a festa se voltaram para os bailes dentro de suas sedes. Com isso, a avenida virou palco dos desfiles das escolas de samba, inicialmente a *Bambas da Princesa*, *Milionários do Ritmo* e *Império de Lourdes*, que nos anos e décadas seguintes seriam acompanhadas por outras escolas. Apesar da ocupação das ruas pelas escolas de samba, a imprensa valadarense continuaria a exaltar e a cobrar, nas décadas seguintes, o antigo modelo caracterizado pela disputa de carros alegóricos na avenida dos clubes sociais da cidade. O carnaval de rua da cidade chegaria ao derradeiro fim em 1988, após anos e anos de saudosismo de antigos tempos e reclamações sobre verbas.

Apesar de ter sido uma festa longa na cidade, fazendo parte do calendário festivo por pelo menos seis décadas, o antigo carnaval não é destacado na memória valadarense. Os livros de memorialistas tidos como referência na cidade são o de Ruth Soares, *Memórias de uma cidade*, publicado em 1983, e o de Edmar Campelo Costa, *Epopéia dos Pioneiros*, publicado em 1977 e atualizado e expandido na 2ª edição de 2006. Ambas as obras, ao registrarem a história da cidade, se focam na personalidade das pessoas que ajudaram a construir e desenvolver o nome de Governador Valadares. O carnaval, bem como outros eventos e questões relacionadas à cultura, não recebem muito espaço na obra, e mesmo nas poucas páginas que lhe são dedicadas, não dão uma dimensão mais próxima do que teria sido a festa na cidade.

Narrar a trajetória desse carnaval foi o meu objetivo no trabalho de conclusão de curso quando estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Por meio dos arquivos do jornal Diário do Rio Doce (entre os anos de 1958 a 1994), de entrevistas com ex-foliões, políticos e imprensa da época e ainda por meio da pesquisa em livros que tratavam da

memória da cidade, como os dois citados acima, busquei traçar como a festa havia iniciado, as suas transformações e as causas que teriam levado a festa ao fim.

No entanto, os objetivos e horizontes enquanto jornalista se ampliaram uma vez que adentrei no âmbito da história. Apenas contar essa história não me pareceu mais o bastante, de modo que sentimos a necessidade de problematizar as transformações ocorridas no carnaval valadarense, relacionando os valores presentes nessa sociedade com as transformações econômicas e sociais pelas quais Governador Valadares passou e que influenciaram os rumos da festa. Assim, nosso objetivo geral nessa dissertação é investigar como o título do “melhor carnaval do interior de Minas” influenciou o discurso presente na imprensa da cidade em relação às transformações passadas pela festa. Não foi nosso objetivo provar ou refutar se este título em algum momento correspondeu à verdade ou não, mas investigar como este título exerceu influência nos rumos dados à festa na cidade. Como objetivos específicos, pretendemos analisar como a sociedade valadarense se relaciona com o meio cultural, analisar as contribuições dos clubes para a folia valadarense, bem como analisar as contribuições das escolas de samba para o carnaval da cidade.

Esta pesquisa se justifica ao lançar luz não apenas sobre um evento cultural que fez parte do calendário da cidade de modo organizado por pelo menos cinco décadas, mas que, no entanto após sua extinção não possui muitas pesquisas, registros ou relatos que se dediquem a contemplar as diferentes manifestações presentes no carnaval valadarense. Assim, esta pesquisa é importante, pois preenche parte da lacuna relativa à realização de tal festa na cidade.

Para conseguir desenvolver essa pesquisa, foi preciso estudar de modo mais profundo a festa carnaval, entendendo como o modelo das escolas de samba se consolidou no Rio de Janeiro e porque esse modelo serviu de parâmetro nacional, sendo adotado em diversos municípios brasileiros. Entender o desenvolvimento da cidade de Governador Valadares também foi necessário, uma vez que os rumos de uma festa cultural da cidade não se dissociam das questões enfrentadas pelos valadarenses no dia a dia durante os anos em que a festa esteve ativa.

O material reunido durante a monografia de conclusão de curso foi novamente objeto de análise, mas retornamos a ele com novos questionamentos. Como nos lembra Marc Bloch (2001), o passado não se modifica, mas o conhecimento sobre ele se transforma e se aperfeiçoa. Desse modo, voltamos às entrevistas jornalísticas colhidas em 2009 sob a perspectiva de historiadora, dando atenção a indícios e sinais que, como aponta Carlo Ginzburg (1992), podem nos abrir uma chave de compreensão para um conjunto de idéias

presentes na sociedade valadarense. Optamos por não realizar novas entrevistas, uma vez que faleceram as pessoas mais velhas que entrevistamos em 2009 e que, portanto presenciaram mais fases do carnaval valadarense. Considerando que sobre as décadas de 1970 e 1980 a quantidade de informações é mais abundante, as entrevistas de foliões antigos que houvessem presenciado o carnaval de 1950 nos era mais cara, e como justamente esses foliões faleceram, optamos por analisar as entrevistas realizadas em 2009 sob a ótica historiográfica.

Nossas fontes para esta dissertação, portanto, se basearam nos arquivos do jornal Diário do Rio Doce, no qual analisamos editoriais opinativos, reportagens, charges e colunas sociais, desde que o assunto fosse nosso objeto de estudo. Analisamos ainda os dois livros de memorialistas citados, leis da Câmara Municipal de Governador Valadares, bem como 40 anos de atas da Associação Comercial da cidade, acrescentando ainda a análise das entrevistas por nós realizadas em 2009. Nestas fontes, mesmo aquelas com as quais já havíamos trabalhado, buscamos novos questionamentos que diferenciavam nosso interesse no objeto de estudo anteriormente pesquisado.

Justamente pelos novos questionamentos propostos, que uma questão sobre a qual sequer pensamos na monografia se apresentou como uma inquietação permanente no início desta pesquisa. Desde fins da década de 60 e início da década de 70 a cidade iniciou grande fluxo de emigração para os Estados Unidos, buscando na "América" oportunidades que não encontrava em casa. Mas como relacionar a emigração, processo tão forte na cidade ainda nos dias de hoje, com uma festa já extinta? Esse foi um dos primeiros desafios ao se pensar esta pesquisa.

Outro grande desafio se deu ao considerar carnavais do interior. Nas pesquisas no jornal Diário do Rio Doce, vez ou outra aparecia menções aos carnavais de cidades vizinhas, muitos também já extintos, assim como o de Valadares. Desse modo, uma grande dúvida me veio no início desta pesquisa: fazer afirmações sobre o fim da festa carnavalesca valadarense relacionando com questões locais ou tentar relacionar com um momento maior vivido em todo o país que afetou os carnavais de cidades do interior?

Em minha monografia, cheguei à conclusão de que a festa havia acabado por falta de investimentos, uma vez que o auge do carnaval de Governador Valadares se deu na época em que a festa era bancada exclusivamente pelos clubes sociais, e quando estes diminuíram a participação deles, a Prefeitura Municipal não assumiu de forma efetiva nem deu condições de que as escolas mantivessem a festa. Iniciando esta pesquisa de mestrado a partir do trabalho desenvolvido na monografia, ou seria mantido o posicionamento do trabalho anterior, ou teria de mudar significativamente caso considerasse que os carnavais do interior teriam

acabado por questões mais amplas vivenciadas em todo o país. No entanto, para adotar essa última hipótese, seria preciso modificar o objeto de estudo e recorte temporal, pois trabalhar apenas com o carnaval valadarense não daria conta de abranger o universo abarcado pela segunda hipótese.

Assim, por questões metodológicas, uma vez que nosso desejo era trabalhar o objeto e o recorte temporal acima citados, optamos por voltar novamente para as questões locais que podem ter interferido nas transformações da festa. Não descartamos a hipótese que questões mais amplas, vivenciadas em todo o país, possam sim ter tido sua influência, mas acreditamos que confirmar isso ou não é trabalho para uma nova pesquisa. Ao contrário, em nossas considerações finais apontamos as transformações no cenário musical das marchinhas como um elemento possível para pesquisas futuras. Mas apesar disso, ainda que fatores nacionais possam ter afetado os carnavais do interior, a maneira dessa influência seria diferente em cada cidade, considerando que a população de cada lugar esboçaria reações a partir de sua realidade local.

Chegamos então à estrutura deste trabalho. No primeiro capítulo, denominado *Uma festa chamada carnaval*, começamos buscando a história do carnaval no Brasil, e como o entrudo português foi combatido por ser entendido como vulgar e símbolo de uma sociedade atrasada, de modo que foi sendo estimulado um novo tipo de carnaval que representasse uma sociedade mais civilizada.

Ainda no primeiro capítulo vamos contextualizar o carnaval carioca, mostrando como ele chegou aos atuais moldes e as características dessa festa até a década de 50, quando inicia-se nossa pesquisa. Isto é importante, pois o surgimento das escolas de samba valadarenses são declaradamente copiadas do modelo carioca. Antônio Paulino, fundador da primeira escola de samba *Bate-Papo*, a criou após chegar do Rio de Janeiro com a intenção de reproduzir na cidade natal a paixão que adquirira na cidade maravilhosa. Também a segunda escola de samba, *Milionários do Ritmo*, foi fundada por um trabalhador que havia desfilado por vezes no carnaval carioca e, após se mudar para Valadares, também quis reproduzir aquele costume. As demais vieram fazer rivalidade a estas, que já haviam indicado um caminho.

No segundo capítulo, chamado *Desenvolvimento e Imaginário de Governador Valadares*, começaremos por caracterizar os processos sociais e econômicos de desenvolvimento da antiga Figueira até se emancipar e se tornar Governador Valadares, passando pela caracterização econômica e social da cidade dentro do período de 1950 a 1988.

A questão da emigração para os Estados Unidos será abordada ainda neste segundo capítulo, uma vez que entendemos que a emigração e a importância ou não dada à festa são

frutos de questões de uma mesma sociedade. Tanto as transformações no carnaval como a emigração possuem em Valadares pelo menos um eixo em comum: o fim do período de prosperidade econômica na cidade, dando início a um período de estagnação que modificou a relação das elites econômicas com a promoção da festa e ainda impulsionou a emigração para o exterior. Vamos buscar nessas relações o imaginário que permeia a sociedade valadarense. E para entender que imaginário seria este, vamos ainda nos debruçar sobre os registros de memória da cidade, verificando o que os memorialistas consideravam digno de ser lembrado e analisando ainda os fatos e questões que não foram contempladas nessas obras.

No terceiro capítulo, denominado *O carnaval de Governador Valadares*, começaremos abordando a folia momesca na cidade, mostrando como a festa começou desde que o local era distrito da cidade de Peçanha e ainda se chamava Figueira do Rio Doce até o ponto em que o desfile de carros alegóricos dos clubes sociais alcançam o auge de prestígio na festa, fazendo com que esta fosse denominada como “melhor carnaval do interior de Minas”. A partir de então vamos relacionar as transformações da festa ao longo dos anos e o modo como essas transformações eram percebidas e avaliadas pelo jornal *Diário do Rio Doce*. Por meio destas transformações e das análises destas transformações, vamos analisar o que a imprensa e a sociedade esperavam da festa carnavalesca, e como tais expectativas acabaram por provocar o fim da festa valadarense.

CAPÍTULO 1- UMA FESTA CHAMADA CARNAVAL

1.1 – O carnaval através dos séculos

Em *A Apologia da História*, Marc Bloch (2001) faz um *mea culpa* do historiador já nas primeiras páginas do livro. Começa essa ação identificando um dos ídolos presentes na profissão. Para ele, a obsessão pelas origens é característica presente no meio historiográfico, motivo pelo qual alerta para o risco de se entender as origens de um fenômeno como um começo que bastaria para explicá-lo.

"Por mais intacta que suponhamos uma tradição, faltará sempre apresentar as razões de sua manutenção" (BLOCH, 2001, p. 58). Esse alerta nos parece essencial ao se trabalhar com um objeto de estudo como o carnaval, uma festa que o senso comum poderia dizer como "tradicionalmente brasileira".

Sobre esse título de "país do Carnaval", a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha relata certa cristalização em torno da história da folia carnavalesca brasileira, baseada no relato de memorialistas e antigos cronistas que estavam imersos em conflitos carnavalescos e tomaram partido de uma determinada visão, sendo que esta viria a ser registrada como fato concreto em diversas obras durante o século XX. Segundo ela, a problematização dessa história ainda carece de mais pesquisas.

Ademais, cabe relembrar que a folia tornou-se um tema clássico da história social e cultural, dando margem a uma relativamente extensa e bem conhecida produção internacional, não acompanhada por estudos locais no "país do Carnaval". Talvez parte da respostas esteja em que a força do símbolo perdure quase indiscutível por aqui, nos acostumando a julgar que a folia, que está no "sangue", dispensa o esforço de reflexão. A maior parte das análises sobre a história do Carnaval no Brasil é proveniente de áreas das ciências humanas como a antropologia ou a sociologia, mais preocupadas com aspectos atuais do fenômeno (em suas dimensões de massificação, organização interna e um discurso simbólico calcado no presente). (CUNHA, 2001, p.308)

No entanto, nem mesmo aqueles que utilizam esta festa para simbolizar o espírito alegre do povo brasileiro ousariam dizer que o carnaval surgiu no Brasil. A festa, importada da Europa no século XIX, não chegou e se estabeleceu de prontidão. Pelo contrário, teve de enfrentar outra tradição já consolidada no país à época, o entrudo. Dessa forma, a chamada tradição carnavalesca, precisou enfrentar obstáculos e tensões antes de se estabelecer como uma festa popular brasileira. A partir disso, surgem para nós algumas questões: que tensões

teriam marcado a consolidação do carnaval no Brasil? Em todos os locais do país as tensões seriam as mesmas? A festa que se entende por carnaval é ou foi a mesma em todos os locais do Brasil, em qualquer tempo?

Para esta última pergunta, há uma resposta mais fácil: não. Afinal o carnaval de Salvador no molde de trios elétricos não é exatamente a mesma configuração de festa que as escolas de samba do Rio de Janeiro, assim como estas também diferem do frevo presente no Recife. No entanto, mesmo com características diferentes, se entende que todas essas festas de são designadas como carnaval. Seria uma única festa, apesar de manifestações com diferentes especificidades.

Assim, nesse primeiro capítulo veremos que a festa chamada carnaval passou por diferentes configurações e modelos, não sendo uma manifestação uniforme ao longo do tempo e espaço. Vamos elencar as transformações desta festa no Rio de Janeiro, local que, por ser a primeira capital do país, veio a servir de modelo carnavalesco para as cidades do interior do Brasil.

Para a historiadora Patrícia Vargas Lopes de Araújo (2008), o pensamento brasileiro sobre a origem incerta do carnaval como não pertencente a nenhum povo em nenhum tempo particular e a difusão da ideia de antiguidade dessa festa foram particularmente importantes para a sociedade brasileira no século XIX, numa época em que os festejos do entrudo eram combatidos por uma elite preocupada com a adequação à modernidade e a comportamentos civilizados, inspirados na cultura européia, especialmente a francesa.

No entanto, esse apego por um passado carnavalesco que ultrapassa os séculos é reforçado especialmente pelos estudos do teórico russo Mikhail Bakhtin (2008) que trata a respeito da obra de Rabelais, onde o universo carnavalesco seria predominante nos livros do escritor do século XVI.

Na visão de Bakhtin, porém, o universo carnavalesco não estaria restrito aos dias de carnaval, nem seria exclusivo desta festa específica, mas seria uma característica da vida festiva presente na sociedade urbana européia, especialmente a francesa, nos dias de festa e/ou de feira. Ele assim aponta a abrangência do conceito:

Damos ao termo "carnavalesco" uma acepção muito ampla. Enquanto fenômeno perfeitamente determinado, o carnaval sobreviveu até os nossos dias, enquanto que outros elementos das festas populares, a ele relacionado por seu caráter e seu estilo (assim como por sua gênese), desapareceram há muito ou então degeneraram a ponto de serem irreconhecíveis. Conhece-se muito bem a história do carnaval, descrita muitas vezes no decorrer dos séculos. Recentemente, nos séculos XVIII e XIX, o carnaval conservava

ainda alguns dos seus traços particulares de festa popular de forma nítida, embora empobrecida. O carnaval revela-nos o elemento mais antigo da festa popular, e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais bem conservado desse mundo tão imenso quanto rico. Isso autoriza-nos a utilizar o adjetivo "carnavalesco" numa acepção ampliada, designando não apenas as formas do carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda a toda a vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença, através dos seus caracteres específicos representados pelo carnaval nos séculos seguintes, quando a maior parte de outras formas ou havia desaparecido, ou degenerado. (BAKHTIN, 2008, p.189-190)

Percebe-se na fala deste autor a concepção de uma festa cujas origens se dão desde tempos remotos. Para Bakhtin (2008), os elementos carnavalescos teriam origens desde as saturnais romanas, festas da antiguidade que estariam ligadas à chegada da primavera, à celebração da fertilidade e à renovação da vida.

Essa origem romana é destacada por ele ao elencar motivos para a força do riso popular na jovem hierarquia feudal, apontando as razões desta força em pontos como "as tradições das saturnais romanas e outras formas do riso popular *legalizadas* em Roma ainda estavam vivas" e também "a Igreja fazia coincidir as festas cristãs e as pagãs locais, que tinham relações com os cultos cômicos (a fim de cristianizá-los)" (BAKHTIN, 2008, p.66).

Deste modo, é possível enxergar essa visão de origem carnavalesca através dos séculos na obra do teórico russo, mas a própria concepção de tempo da festa carnaval também é ampliada na visão deste autor, uma vez que ele considera o carnaval como um modo de vida que se estenderia a várias épocas do ano, especialmente presente nas feiras urbanas.

É o que fica claro quando ele cita a célebre feira de Lyon que se realizava durante quinze dias quatro vezes ao ano, dando no total dois meses completos em um ano: "Lyon conhecia a vida de feira e, conseqüentemente, em larga medida, a vida de *carnaval*. O ambiente carnavalesco reinava sempre nessas ocasiões qualquer que fosse o momento do ano" (BAKHTIN, 2008, p. 133)

Inclusive, o carnaval não seria a única festa carnavalesca, por assim dizer. Segundo o autor russo, os festejos cômicos do carnaval possuíam atos e ritos cômicos, procissões complicadas que enchiam as praças e as ruas durante dias inteiros, mas também existiam outros ritos cômicos, como a "festa dos tolos" (*festa stultorum*) e a "festa do asno". Além disso, Bakhtin (2008) destaca ainda a existência, durante a Idade Média, do riso pascal (*risus paschalis*), que seria muito especial, livre consagrado pela tradição, tendo sido adotado por leigos e pelo clero. De acordo com ele, quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição.

O modo de vida carnavalesco, portanto, estaria ligado para Bakhtin (2008) ao riso

popular e à vida urbana. Ele aponta que durante o Renascimento, o riso tinha um profundo valor de concepção do mundo, sendo uma das formas capitais pelas quais se exprimia a verdade sobre o mundo na sua totalidade. É deste riso popular universal que Bakhtin enxerga a força das obras de Rabelais, que estariam profundamente vinculados a um modo de concepção do mundo presente na vida urbana até o século XVI.

Tendo como contexto o fato de Rabelais ser pouco lido, estudado e compreendido após o século XVII, Bakhtin explica esse fato por meio de uma mudança na forma de se entender o mundo. Para o autor russo a atitude do século XVII e seguintes em relação ao riso se destaca pelo fato de o riso não poder ser uma forma de concepção universal do mundo, referindo-se apenas a certos fenômenos *parciais*, especialmente fenômenos de caráter negativo. Assim, após o século XVII, o que era importante necessariamente não poderia ser cômico.

Dessa forma, Bakhtin acredita que boa parte da chave de compreensão dos textos de Rabelais se perdeu com a mudança de concepção do mundo, pois os significados de gestos e costumes perderam-se uma vez que o riso deixou de ser uma forma universal de conhecimento do mundo.

Como explicação, esse autor destaca que o século XVII marcou a estabilização do regime da monarquia absoluta, que encontrou sua expressão ideológica na filosofia racionalista de Descartes e na estética do classicismo, duas escolas que refletiam os traços fundamentais da nova cultura oficial que, aponta Bakhtin, foi impregnada de um tom sério, autoritário, embora menos dogmático. Com a formação de novos conceitos dominantes, ele aponta que a nova classe dominante apresentou tais conceitos como verdades eternas. Nessa nova cultura oficial, o teórico destaca também o predomínio das tendências à estabilidade e à completude dos costumes, ao caráter sério, unilateral e monocórdio das imagens. Um novo mundo onde a ambivalência do riso popular tornou-se inadmissível.

Por conta da mudança da forma de se encarar o mundo, o autor russo relata o empobrecimento das festas populares, incluindo o carnaval.

Nesta época (mais precisamente na segunda metade do século XVII) assistiu-se a um processo de redução, falsificação e empobrecimento das formas dos ritos e espetáculos carnavalescos populares. Por um lado, produz-se uma *estatização* da vida festiva, que passa a ser uma vida de *aparato*; por outro, introduz-se a festa no *cotidiano*, isto é, ela é relegada à vida privada, doméstica e familiar. Os antigos privilégios da praça pública em festa restringem-se cada vez mais. A visão do mundo carnavalesco, particular, com seu universalismo, suas ousadias, seu caráter utópico e sua orientação para o futuro, começa a se transformar em simples humor festivo. (BAKHTIN, 2008, p. 30)

Desse modo, apesar de considerar mudanças e permanências ao longo dos séculos, Bakhtin (2008) possui uma visão mais linear da festa carnavalesca, que teria origem nas saturnais romanas, atingindo plena expressão durante a Idade Média através de uma concepção de mundo formada pelo valor universal do riso popular, mas empobrecendo-se a partir do século XVII com o surgimento e predomínio de uma estética burguesa. Para esse autor, a festa do carnaval possui uma história que pode ser traçada cronologicamente, observando suas diferentes características, transformações e mudanças ao longo da história.

No entanto, essa suposta origem da festa carnavalesca é contestada por outros estudiosos. Para Felipe Ferreira (2005), assim como a elite brasileira buscou no século XIX valorizar e se apropriar de uma determinada festa e de um determinado passado de forma a moldar os costumes da sociedade da época, da mesma forma outras sociedades, como a de Paris e a de Nice no século XIX, também buscaram se apropriar de uma festa chamada carnaval para atender a seus interesses, buscando passar a ideia de continuidade de uma festa antiga, quando na verdade moldava-se uma festa nova e dava-lhe um passado glorioso que justificasse sua realização.

É o que se vê no seguinte trecho:

Como as grandes festas carnavalescas surgidas, ou reinventadas, no século XIX, o Carnaval da capital francesa foi produto de uma construção elaborada pela elite do período. Procurando inventar uma tradição e criar um passado que justificasse a festa, a burguesia oitocentista parisiense iria elaborar – principalmente por meio de textos publicados em periódicos – uma genealogia para o seu Carnaval. É nesse sentido que se devem compreender as descrições, em textos e ilustrações, dos antigos corsos de Roma, dos cortejos florentinos, das brincadeiras insolentes de Henrique III, das mascaradas de rua da época de Luís XIV e dos bailes de Luís XV presentes na imprensa francesa oitocentista. Ao descreverem essas festas carnavalescas, os textos e as imagens procuram ressaltar sua importância e criar uma ligação direta entre essas festividades e aquele que seria seu legítimo e único herdeiro, o Carnaval parisiense do século XIX. (FERREIRA, 2005, p. 188)

Para o historiador brasileiro, tanto a festa carnavalesca parisiense, quanto a *niçoise* e a carioca do século XIX lançaram mão de uma mesma estratégia: elaborar um passado que lhes justificasse a glória presente do carnaval, festa que em cada uma dessas cidades contemplava um objetivo diferente de cada uma dessas sociedades. Para ele, isso nada teria de espontâneo ou de tradição através dos séculos, mas foram discursos traçados com objetivos específicos, de imposição de modelos de festa que fossem dignos das respectivas sociedades que as moldaram.

Ferreira utiliza a ideia de construção de discurso dentro do próprio conceito de festa que, para ele, é sempre fruto de tensões e de tentativas de imposição de limites tanto espaciais quanto simbólicos:

Busca-se, portanto, compreender a festa como uma luta pelo poder definida por meio de uma luta pela conceituação do espaço. Festejar, será, então, dominar o discurso que define esse ou aquele espaço como festivo. Mais do que uma luta pelo território, o evento festivo marca uma disputa pelo domínio do espaço simbólico, pelo lugar que se quer como o local da festa. (...) A festa se define, desse modo, como uma tensão e, portanto, não pode existir sem que essa tensão esteja presente. Festejar é disputar o poder vinculado ao espaço. Um poder que não se manifesta e nem se sacia com uma conquista territorial, mas que precisa (re) definir constantemente a posse simbólica do espaço. Um poder que necessita ser desafiado constantemente, na medida em que ter o poder simbólico sobre o espaço pressupõe uma constante luta pela posse de seus limites (também esses simbólicos). (FERREIRA, 205, p. 291)

Essa visão permeada de tensões, disputas e discursos contrasta não apenas com a visão universal da festa carnavalesca defendida pelo autor russo Bakhtin (2008), como também entra em conflito com a ideia do antropólogo brasileiro Roberto Damatta (1997), que define o carnaval como um momento de inversão, no qual as hierarquias sociais não ficariam nulas, mas seriam diminuídas e subvertidas.

Em *Carnavais, malandros e heróis*, Damatta analisa três rituais brasileiros: o do dia da independência, o carnaval e as procissões, baseando-se nos mecanismos de reforço, inversão e neutralização, respectivamente. No mecanismo de reforço, a ordem de hierarquia é reafirmada; na inversão, as hierarquias somem ou trocam de lugar; e na neutralização há um processo de evitação. As figuras que, respectivamente, correspondem a cada um desses ritos são: o caxias, o malandro e o renunciador. O primeiro segue as normas, enquanto o segundo arranja um jeito de subverter o sistema, sem, no entanto, sair dele. Já o renunciador não se pauta pelo sistema atual, mas se baseia num outro sistema, ainda não criado e que no futuro promete uma vida melhor.

Nessa visão do antropólogo, ele analisa o carnaval do ponto de vista brasileiro, destacando essa festa como nacional, apoiando-se no fato de que as festas nacionais são acompanhadas de feriados nacionais, onde há um breve abandono ou "esquecimento" do trabalho.

Como já apontado por Cunha (2001), os antropólogos e sociólogos não voltam suas atenções para os primórdios da festa no país. Assim, Damatta (1997) não se foca na origem do carnaval, mas na compreensão do rito em si. Para ele, os ritos constituem um domínio

privilegiado para manifestar aquilo que uma sociedade deseja perene ou "eterno", de modo que ele enxerga tal momento como uma área fecunda para se penetrar na ideologia e valores de uma determinada formação social. Nesse caso, a sociedade brasileira.

Analizando o rito do carnaval, ele enxerga nessa festa um momento de inversão social:

Mas no carnaval as leis são mínimas, é como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa no mundo social cotidiano, sem sujeição às duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. No carnaval, se o leitor me permite um paradoxo, a lei é não ter lei. (DAMATTA, 1997, p. 121)

Mesmo apontando essa subversão dos papéis sociais, Damatta ainda aponta que essa inversão também pode ser rejeitada. Para ele, rejeitar o carnaval seria um modo de rejeitar as perdas de privilégios decorrente da anulação temporária das hierarquias sociais. Assim, a frase "Você sabe com quem está falando?" seria uma forma de ritualizar as relações sociais e buscar explicitá-las, numa atitude de reforço e contra a subversão proporcionada pelo carnaval.

Mas mesmo com essa possibilidade de rejeição do carnaval, Damatta ainda aponta essa festa preponderantemente como um momento onde as classes sociais poderiam se relacionar "de cabeça para baixo", reforçando a visão da festa carnavalesca como um momento de inversão social.

No entanto, apesar de reconhecermos que as hierarquias sociais podem ficar menos explícitas durante o carnaval, acreditamos que estas não desaparecem ou ficam anuladas durante a festa, como propõem Bakhtin e Damatta, mas sim adquirem outras formas de estar presente durante o momento festivo, como propõem Cunha (2001), Ferreira (2005) e Araújo (2008).

Essa abordagem com foco nos conflitos não é nova, especialmente quando se amplia e deixa de se pensar apenas no conceito de festa ou da festa carnavalesca, e passa a se considerar o conceito de cultura popular. O historiador inglês Edward Palmer Thompson (1998) já alertava para a presença de tensões sociais dentro do que se entende por "cultura popular" e optou inclusive por utilizar o termo "costume" para denotar boa parte do que hoje se entende imbricado na palavra "cultura".

O uso do termo costume pelo autor não é mero acaso, pois ele alerta que

Precisamos ter cuidado quanto à generalizações como "cultura popular". Esta pode sugerir, numa inflexão antropológica influente no âmbito dos historiadores sociais, uma perspectiva ultraconsensual dessa cultura, entendida como "sistemas de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhos e artefatos) em que se acham incorporados". Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (THOMPSON, 1998: 17)

Tendo esse ponto de vista como adequado, outra autora que destaca a presença de conflitos de valores e ideias nas festas é Marta Abreu (2009) ao discorrer sobre o conceito de cultura popular. Para ela, a expressão "cultura popular" mantém aberta a possibilidade de se pensar em um campo de lutas e conflitos sociais em torno das questões culturais. Ela afirma que

As festas, reconhecidas como populares, ou não, em qualquer período, pertencem à história e, portanto, apesar das tentativas de seus organizadores ou das aparências formais de sua continuidade e unidade, transformaram-se, ganharam novos sentidos e possibilidades podem ter servido para manter ou ameaçar a ordem reinante; podem ter sido perseguidas, reprimidas ou toleradas, dependendo da ocasião, como os batuques dos negros; podem ter recebido influências externas de outras regiões e países e, mesmo assim, serem consideradas como "coisas da terra". As festas são, por todos esses possíveis sentidos, polissêmicas, apesar dos esforços de muitas autoridades e de muitos intelectuais de aprisioná-las na prática e nos seus significados. (ABREU, 2009, p. 96-97)

Em texto voltado para historiadores e professores preocupados com o ensino de história nas escolas, a autora aborda ainda a questão das festas juninas, festejos que comumente são parte do calendário escolar brasileiro. Ao tocar nesse ponto, ela destaca a experiência pessoal de sempre ser indagada sobre a possibilidade ou não de se tocar funk nesse festejo tradicionalmente dominado por músicas folclóricas e quadrilhas caipiras.

Fazendo um retrospecto, Abreu (2009) aponta através de escritos de Mello Moraes Filho mudanças ocorridas nas festas de São João ao longo das décadas, com perdas de determinados elementos e a incorporação de outros de não estavam presentes na obra do outro autor. Deste modo, ela questiona qual o tipo de tradição que a sociedade pretende manter: a dos tempos de Mello Moraes Filho, a dos tempos da infância da própria autora, ou a atual?

Sem chegar a uma resposta sobre o tipo ideal de festa junina, Martha Abreu (2009) apenas utiliza o exemplo para explicitar como as festas são permeadas de mudanças e permanências, sendo que o modelo vigente de qualquer festa sempre será fruto de tensões e negociações ou mesmo, utilizando do conceito de Hobsbawm e Ranger, de tradições inventadas. À guisa de conclusão aponta que a utilização ou não do funk nas festas juninas dependerá do interesse de quem realiza as festas e do interesse de quem dela participa, pois as transformações são inerentes aos festejos populares e que

As festas pertencem à história e às lutas dos homens e mulheres de seu próprio tempo. Discutir os vários sentidos e possibilidades das festas, no passado e no presente; ou, ainda melhor, procurar identificar os sujeitos sociais que costumam estabelecer e divulgar certos significados das festas, recuperando, muitas vezes, os conflitos que se constroem em torno destas definições, são estratégias promissoras para começarmos a trabalhar com as festas nas escolas, e na história. (ABREU, 2009, p. 100)

Ainda nos detendo sob o conceito de cultura popular e seus possíveis conflitos e antagonismos, não podemos deixar de citar outro ponto que envolve esse conceito: a suposta oposição entre uma cultura popular e outra erudita. No entanto, ao analisar a historiografia intelectual e das mentalidades, Roger Chartier (2002) acaba por pontuar questões metodológicas e epistemológicas que circundam as pesquisas em história social. Dentre um de seus recortes, o autor problematiza a metodologia tradicional de estudar distinções por meio de pares de oposição, tais como erudito/popular, criação/consumo, realidade/ficção e etc. Ele destaca que tais oposições eram costumeiramente usadas como base comum, sem que se problematizassem essas proposições dicotômicas.

O historiador francês aponta que pouco a pouco os historiadores tomaram consciência de que estas categorias que até então estruturavam o campo de suas análises eram também frutos de divisões móveis e temporárias, havendo a necessidade de uma reavaliação de tais modelos.

No que se refere ao par dicotômico erudito/popular, Chartier (2002) considera que a historiografia havia se dedicado principalmente à elite intelectual, adentrando pouco no pensamento popular. Mas, por outro lado, o autor consegue reconhecer nesses objetos identificados como "populares" um conjunto misto que reúne elementos de origens muito diversas. Assim, o historiador chega a uma conclusão: "Saber se deve ser chamado de popular o que é criado pelo povo ou então o que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa, antes de tudo, a identificação da maneira como, nas práticas, nas representações ou nas

produções, cruzam-se em imbricam-se diferentes figuras culturais" (CHARTIER, 2002, p. 49).

Com este pensamento, esse autor salienta que a própria cultura de elite é constituída em grande parte por elementos que não lhe são próprios, mas que são apropriados e reempregados. Assim, conclui que é a relação que se faz dos elementos e os usos aos quais são destinados que podem ser mais interessantes numa pesquisa que pretenda investigar questões relacionadas à cultura popular e/ou erudita. Após fazer tais considerações, Chartier alerta que essa postura traz riscos metodológicos que podem ser amenizados de acordo com a documentação e com o faro do investigador.

Seguindo essa linha de raciocínio de Chartier, Burke (2000) também não considera adequada a tentativa de distinções entre a cultura erudita e cultura popular. Ao contrário, desenvolve estudo em que busca descobrir o que o Renascimento italiano tem a dizer sobre a cultura popular italiana, e o que esta tem a dizer sobre o Renascimento.

Ele reconhece como compreensível o fato de ambos os temas terem sido estudados de forma separada, uma vez que há barreiras que dificultam a relação entre ambos. Em primeiro lugar, a língua. A maior parte da alta cultura se dava em latim, idioma que a população não estudava, e cada região se comunicava em seu dialeto. Aliás, o estudo e a alfabetização é apontado como uma segunda barreira, pois eram habilidades destinadas à uma minoria da população. Por fim, ele destaca a barreira econômica, que impedia as pessoas comuns de comprarem livros ou pinturas.

Contudo, Burke acredita que essas barreiras podem ser superadas, trabalhando com a via de mão dupla. De um lado, a propagação de formas e ideias do Renascimento das elites para o povo, tendo sua difusão social, do outro, um movimento de "baixo para cima", em que pintores e escritores recorreram à herança cultural popular.

Assim, ele observa tanto a apropriação, como a recepção e assimilação. Analisando a cultura popular nos séculos XVI e XVII, ele cita a popularização das obras de Orlando Furioso, de Ariosto. Os poemas foram escritos por um nobre, para outros nobres, eram sobre nobres, mas os textos ganharam apelo popular, proliferando as versões anônimas do texto. Burke conta que textos de Montaigne revelam camponeses que sabiam o texto de Ariosto de cor, embora não soubessem ler. Ele sugere que os romances de cavalaria eram muito lidos pelas pessoas comuns, mesmo pela grande disponibilidade em livros de cordel.

Invertendo, Burke analisa também a importância de elementos da cultura "baixa" na cultura "alta". Novamente Bakhtin é citado pelo seu estudo da obra de Rabelais, um erudito que se inspirou maciçamente na "cultura de humor popular", em particular o grotesco e o

carnavalesco.

Ele afirma que as elites européias no século XVI eram "biculturais", pois tinham uma cultura erudita, da qual as pessoas comuns eram excluídas, mas também participavam do que hoje se entende por cultura popular. Burke afirma a necessidade de estudos que se foquem na interação entre elementos eruditos e populares, o que chama de uma "viagem circular".

Fizemos tais considerações acerca do conceito de cultura popular com a intenção de demonstrar como mesmo numa área como a cultura, os conflitos, tensões, interações e negociações são parte de inúmeros fenômenos históricos culturais, de modo que as tradições e os elementos de uma festa serão sempre produto desses conflitos e negociações.

Voltando novamente ao carnaval, retomamos nossa atenção para os estudos de Felipe Ferreira (2005) acerca deste tema. Após conceituar a festa como um momento de disputas de discursos e do espaço pelos diferentes membros de uma sociedade, ele também se volta para o conceito específico da festa carnavalesca.

No entanto, ao dissertar sobre os diferentes carnavais existentes, Ferreira quer um conceito que englobe os diferentes "carnavais" através do espaço e tempo, uma vez que a festa carnavalesca possui alguns elementos que assinalam sua universalidade, mas, no entanto, existe grande diversidade de manifestações denominadas como carnaval, de modo que o conceito deveria abrigar a todas essas diferentes manifestações ao longo tanto do tempo e do espaço.

Ele destaca que vincular a festa carnavalesca às bacanais e saturnais romanas apresenta-se como uma tentativa de se justificar um discurso que associaria o carnaval com as festas de inversão. No entanto, este autor considera que, na verdade, todas as festas se originam de rituais comuns nos quais a inversão, o deboche e a caricatura desempenham papel preponderante. Nesse sentido, o carnaval deixaria de ser *a* festa por excelência da inversão para se apresentar como *uma* festa que, como muitas outras, utiliza-se de ritos de inversão.

A questão da data é outro ponto importante. Como vimos, Bakhtin (2008) considerava o modo vida carnavalesco independente da época do ano, mas como um modo de ser alegre e festivo que estava presente nas festas e feiras urbanas. Já Ferreira (2005) aponta que antes o carnaval vivia colado na dicotomia carnaval/quaresma, sendo visto não pelo seu formato, mas por ser um momento de passagem, uma data. Mas ele considera que a partir do momento em que a recuperação do passado da festa carnavalesca elabora suas "origens" e seus "antecedentes", então o carnaval se torna uma festa específica, com formato e organização própria. Segundo ele, é nesse momento que o carnaval é eleito como a festa de inversão por

excelência, no que seria um esforço típico do século XIX de se "inventar" uma tradição.

Deste modo, o autor esclarece o próprio conceito em torno da festa carnavalesca:

Na medida em que as festas "carnavalescas" passam a ser conceituadas pela burguesia como o grande período de liberação, de inversão e de ocupação dos espaços públicos, elas passam a ser instrumentos úteis a essa mesma burguesia desejosa de impor seu poder sobre a sociedade oitocentista. Determinar aquilo que é Carnaval, conceituá-lo como festa pública por excelência, e procurar ocupar conceitualmente seus espaços são ações englobadas num mesmo movimento de tomada do poder. Desse modo, o Carnaval se define por meio da própria batalha travada em seu nome. O Carnaval é aquilo que se determina como Carnaval, ou seja, como festa da ocupação do espaço carnavalesco. (FERREIRA, 2005, p. 321)

Desse modo, o autor acredita que a instauração do carnaval está intrinsecamente ligada à instauração da tensão por sua hegemonia, de forma que é a tensão pela supremacia carnavalesca que define a própria festa de carnaval ao instaurar a disputa pelo lugar carnavalesco.

Além de englobar os conflitos inerentes ao conceito de festa, o conceito de carnaval se dá por uma disputa pelo discurso do que é o carnaval, bem como pelas ocupações dos espaços tidos como carnavalescos. Nesse conceito, o autor busca resolver a difícil tarefa de ter um conceito único que abranja a festa carnavalesca em suas variadas manifestações ao longo do tempo e espaço.

Assim, pelas diferentes tensões existentes em cada local, o carnaval do Rio de Janeiro, Paris e de Nice do século XIX, ainda que tenham o mesmo nome, certamente terão configurações diferentes, fruto dos diferentes espaços e das diferentes sociedades, de modo que, apesar de ter o nome de uma única festa, na verdade serão festas muitas vezes possivelmente muito diferentes, ligadas às outras pelo longínquo tronco em comum que estabeleceram para si.

No entanto, ele destaca a interação que os carnavais possuem não somente entre os membros da sociedade de cada local, mas também das influências externas que podem sofrer.

Cada lugar irá apresentar um conjunto específico de relações que determinarão a forma de seu Carnaval. Diferentes atores, diferentes objetos e diferentes formas de interconexão entre esses elementos. (...) Se, por um lado, todos esses carnavais podem ser englobados num conceito geral da festa carnavalesca, cada um deles será, entretanto, um lugar carnavalesco único, reflexo e resultado de interações particulares que são produtos peculiares de diálogos complexos entre instâncias de diferentes escalas. Associados à ascensão burguesa a partir do século XIX, os diversos carnavais de diferentes cidades do mundo também exercerão influências

recíprocas que operam em maior ou menos grau de acordo com o vetor de influência de uma sociedade sobre a outra. (FERREIRA, 2005, p. 324)

Nesse sentido, é preciso destacar que o carnaval de Veneza, Paris e de Nice influenciaram diretamente o modelo de carnaval que a sociedade carioca do século XIX viria a estabelecer. Por sua vez, o modelo de carnaval carioca, durante muito tempo a capital do país, viria a influenciar diversas festas carnavalescas do interior do país.

Já citamos que o carnaval carioca foi uma construção da elite de modo a rejeitar um outro modelo de festa que prevalecia no Brasil até a primeira metade do século XIX. Para aprofundar melhor que outra festa era essa e de que forma o modelo carnavalesco passou a prevalecer, vamos agora adentrar nas tensões carnavalescas que estiveram presentes na história dessa festa no Brasil, de modo a entender como se configurou o modelo carioca de carnaval que mais tarde se propagaria e influenciaria diversos carnavais pelo interior do país.

1.2 – Entrudo x carnaval

Segundo a historiadora Patrícia Vargas Lopes de Araújo (2008), o entrudo foi a primeira manifestação carnavalesca no Brasil. A autora utiliza o adjetivo "carnavalesco" tendo como base Bakhtin, no sentido um conjunto de festividades caracterizado por seu espírito burlesco, cômico, grotesco, lúdico, satírico cuja finalidade e sentido último era o riso.

De acordo com a autora, o entrudo havia sido trazido pelos portugueses e caracterizava-se por ser um conjunto de folguedos ligados a práticas que englobavam uma série de brincadeiras, nas quais predominavam as que envolviam utilização de água. Araújo aponta que não é possível estabelecer com certeza uma data ou um momento em que o entrudo entrou no cenário brasileiro, mas que vários autores apontam o início do século XVII como um momento em que o entrudo entra em cena no calendário festivo colonial.

Investigando os festejos carnavalescos em Minas Gerais durante o século XIX, a autora relata que na documentação desde o século XVII até a primeira metade do século XIX raramente aparece o uso da palavra "carnaval", sendo amplamente difundido o uso palavra "entrudo", de modo que estabelece serem duas festas distintas. É também uma visão relativamente semelhante da relatada por Maria Clementina Pereira Cunha:

Entrudo significara durante muito tempo (e, para boa parte da população carioca, ainda mantinha esse sentido no final do século XIX) o mesmo que *Carnaval*: um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa. Apenas no final do século a palavra passou a ser utilizada

por autoridades, políticos, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a "molhaçada", e com sentido oposto ao da palavra *Carnaval*, que designava sobretudo préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes às quais se atribuíra superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo. (CUNHA, 2001, p. 25)

Segundo Araújo (2008), predominavam no entrudo as brincadeiras de jogar água e molhar as pessoas, bem como também era possível atirar farinha nelas. No século XIX foram incorporados à brincadeira os limões-de-cheiro ou laranjas-de-cheiro, esferas de cera que possuíam água perfumada por dentro, estas tidas como uma forma mais refinada de jogar. Contudo, a autora destaca que o refinamento terminava quando esgotava-se a provisão de limões, quando o festejo transformava-se em verdadeiros combates de água, muitas vezes água suja ou com imundices.

Sobre esse modo de brincar atirando algo nas pessoas, fazemos uma relação com os escritos de Bakhtin (2008), quando o riso como modo de conhecimento universal sempre remetia ao que o autor denomina de "baixo material", a região ligada ao ventre, aos órgãos sexuais e excretórios, que seriam ambivalentes, pois apesar de apontarem para o que havia de menos nobre no ser humano, era dali onde a vida se renovava e regenerava. Assim, o baixo material estaria sempre munido de uma força ambivalente e regeneradora.

Ao citar certos costumes presentes na sociedade medieval, ele aponta o gesto de brincadeira e provocação de se salpicar lama nos outros:

Salpicar de lama significa *rebaixar*. Os rebaixamentos grotescos sempre fizeram alusão ao "baixo corporal" propriamente dito, à zona dos órgãos genitais. Salpicava-se não de lama, mas antes de excrementos e urina. Trata-se de um gesto rebaixador dos mais antigos, retomado pela metáfora atenuada e modernizada: "salpicar de lama". Sabemos que os excrementos desempenharam sempre um papel na "festa dos tolos". No ofício solene celebrado pelo bispo parar rir, usava-se na própria igreja excremento em lugar de incenso. Depois do ofício religioso, o clero tomava lugar em charretes carregadas de excrementos; os padres percorriam as ruas e lançavam-nos nas pessoas que os acompanhavam. (BAKHTIN, 2008, p. 126)

Assim, da mesma forma como os limões e laranjas-de-cheiro eram uma versão mais refinada de água, esta possivelmente já era uma versão mais refinada do costume de se atirar excrementos apontando por Bakhtin. Na verdade, a própria Araújo destaca relatos de estrangeiros no qual se constata que o salpicar de lama também estava presente nos festejos do entrudo no Brasil.

Dessa forma, percebe-se a mudança de uma forma de entendimento do mundo, como

propõe Bakhtin, onde o salpicar de lama havia um determinado sentido durante a Idade Média. Após a perda da concepção universal do riso, certos costumes vão modificando-se, adequando-se a uma visão mais séria presente na estética burguesa como sugere o autor, mas seria possível perceber ainda resquícios de uma mentalidade carnavalesca medieval que se fazia presente ainda no século XIX.

Retomando as características presentes no entrudo até o século XIX, este podia ser brincado de modo privado entre parentes, amigos ou conhecidos, normalmente brincado dentro dos limites da casa, mas também havia quem jogasse água em desconhecidos pela rua. Havia um limite sutil entre brincar com conhecidos e brincar na rua, onde o território era "livre" e todos podiam acabar se molhando. A autora destaca a mudança do significado da ocupação das ruas:

A rua, espaço destinado à venda dos limões e outros produtos para o Entrudo, era "ressignificada", ganhava novo sentido. Não se restringia mais ao espaço com a finalidade tradicionalmente destinada, tornava-se um lugar de festejar. A transformação dos espaços em lugares está essencialmente vinculada a seu sentido coletivo, pois "como o espaço não é para o vivido um simples quadro e como o sujeito vive através de um modo de apropriação, a atividade prática vai mudando constantemente o espaço e os seus significados", acrescentando "novos valores". (ARAÚJO, 2008, p. 56)

Para Araújo, sob a aparência de uma prática generalizada e indiscriminada é possível identificar limites e a existência de diferenciações na maneira de festejar. Mesmo sendo possível notar a espontaneidade com que se realizava a festa, ou uma mudança nos papéis sexuais onde as mulheres dominavam a brincadeira dentro dos limites dos lares, esta mudança possuía regras e aspectos que evidenciavam um controle social e, de certa forma, traduzia as hierarquias e posições sociais vigentes na sociedade mineira. A autora exemplifica isso relatando que era mais comum um branco molhar um negro, que um negro molhar um branco.

Também Maria Clementina Pereira Cunha (2001), na obra *Ecos da Folia*, aponta essa presença das hierarquias sociais dentro da festa, especialmente a que distinguia brancos e negros, ainda que alforriados. Ao mostrar relatos de viajantes europeus que viam a folia carnavalesca brasileira como uma festa onde todos se divertiam plenamente com a extinção das regras, Cunha destaca que o olhar dos visitantes não era apurado para os sinais de distinção e hierarquia no país, que continuavam presentes durante a festa, apenas mais frouxos. Mas ela conta que no início do século XIX não havia a possibilidade de que um negro entrudasse um branco durante os dias de carnaval, pois esse tipo de ousadia seria considerada um ato de desrespeito imperdoável, ainda que o contrário ocorresse, referindo-se

a senhores que se divertiam em molhar os negros.

Cunha relata também a condenação a determinados tipos de fantasias que pudessem esconder a pele dos negros e, por conseguinte, esconder a posição social deles.

Era no corpo do escravo que se gravava sua condição – e a cor da pele funcionava como um claro critério de diferenciação social –, razão pela qual as formas de controle social passavam pelo reconhecimento pessoal e pela exibição das características raciais. A suspeição parece confirmar-se pelo fato de que, nos dias de mascaradas e procissões dos séculos XVIII e XIX, as fugas e revoltas de escravos eram bem mais frequentes que em dias comuns. Dias de exceção, o Carnaval fazia com que o ocultamento da identidade – lido como quebra de hierarquia e da diferenciação – aparecesse como um elemento assustador, em particular nas condições do Rio de Janeiro, cuja imensa população negra era cada vez mais indiferenciada em sua condição civil de forros ou cativos, vivendo "sobre si" e aglomerados em habitações coletivas. (CUNHA, 2001, p. 40)

Ainda na relação entre brancos e negros durante a folia, mesmo que os negros tivessem maiores restrições em, como diria Bakhtin, *rebaixar* o outro, Cunha destaca que eles também desenvolviam seu próprio modo se divertirem em cima dos brancos, ainda que sem molhá-los d'água ou coisa pior. A autora conta que os negros faziam do entrudo ocasião para inverter sinais, e rir dos brancos. Durante a pesquisa, ela diz ter encontrado inúmeras referências ao fato de que eles pintavam as próprias peles com farinha, realçando as bochechas com vermelhão. Ao caracterizarem-se de "brancos", criavam um simulacro do outro para ridicularizá-los.

Outro fato apontado por Cunha deixa entrever a presença das hierarquias sociais durante os festejos de *Momo*: a chamada guerra às cartolas. Segundo ela, a brincadeira consistia na organização de grupos de rapazes cuja missão era postar-se pelas esquinas, especialmente naquelas da "artéria da civilização", como era conhecida a Rua do Ouvidor, para, por meio de uma ação de guerrilha simbólica, impedir a passagem de homens que ousassem ir ver o carnaval portando na cabeça seus próprios símbolos de distinção social. Ela relata que as cartolas saíam na maior parte das vezes totalmente arruinadas, de modo que tais eventos seriam muitas vezes seguidos da intervenção da polícia. Para a autora, a guerra às cartolas era uma dupla teimosia: tanto daqueles que recusavam-se a abandonar o símbolo de distinção social mesmo durante o carnaval, quanto daqueles que recusavam-se a aceitar a presença desta distinção durante a festa.

Assim, mesmo num período tido como de inversão social, as hierarquias permaneciam visíveis, apenas afrouxavam-se um pouco e adquiriam um pouco mais de flexibilidade sem,

no entanto, desaparecerem.

Segundo esta lógica, Araújo (2008) destaca que as famílias senhoriais, preocupadas com as etiquetas sociais, mais comumente "entrudavam" entre si preferencialmente no interior dos sobrados, ou nas sacadas e janelas, tornando a brincadeira mais familiar. A ocasião, inclusive, seria propícia para início de romances das moças de família, pois durante o entrudo estas adquiriam um pouco mais de liberdade. Além disso, a água atirada por meio de limões ou laranjas-de-cheiro deixava as roupas coladas ao corpo, misturando a brincadeira a momentos de sensualidade, pois se podia atirar a água para "revelar" o corpo da mulher desejada.

Cunha (2001) relata ainda que no final do século XIX, quando a imprensa e a elite culta bradavam o fim do entrudo, mulheres de todas as classes sociais eram grandes praticantes da "bárbara" brincadeira, sendo das mais fiéis diante da guerra que as autoridades e a imprensa lançavam contra a antiga brincadeira. A autora conta que eram a elas que as Grandes Sociedades¹ se dirigiam emocionadas fazendo apelos para que o jogo fosse suspenso, ao menos durante a passagem dos préstitos pela rua do Ouvidor.

Cunha revela que a maior parte das referências ao entrudo no final do século XIX faz referências ao envolvimento feminino, e mesmo no início do século XX esse comportamento permanecia. A autora destaca que "apesar da condenação praticamente unânime dos letrados e jornalistas, eles são os primeiros a reconhecer que o entrudo ardente das mulheres garantia ao jogo uma sobrevida animada e promissora" (CUNHA, 2001, p. 63). Para a estudiosa, a contraposição entre o carnaval "civilizado" e o entrudo "bárbaro" não era coisa que se podia fazer sem contradições ou vacilações estimuladas pelo próprio gosto da brincadeira

No entanto, tanto Maria Clementina Pereira Cunha quanto Patrícia Vargas Lopes de Araújo relatam que o jogo e o divertimento inocente rapidamente poderia se transformar em violência, tumulto e desregramento, não raro escapando do controle e deixando de ser apenas uma brincadeira. A festa podia transformar-se em oportunidade para provocações e acerto de contas entre inimigos, podendo até terminar em morte.

Mas, para Araújo (2008), o entrudo não seria um domínio de irracionalidade pura, uma vez que a violência fazia parte de um contexto simbólico coerente que permitia às pessoas

¹Em 1855, um grupo de foliões da elite criou o Congresso das Sumidades Carnavalescas, cujo desfile pelas ruas do Rio de Janeiro visava reproduzir na capital brasileira o estilo de carnaval praticado em cidades como Paris, Roma ou Nice. O Congresso das Sumidades Carnavalescas passeavam pelas ruas com ricas fantasias e em carros ostentando um novo estilo carnavalesco a ser seguido. Após a criação deste grupo, outras sociedades surgiram nos mesmos moldes, sendo o conjunto destas agremiações denominado como Grandes Sociedades. Além das Sumidades, outras sociedades possuíam prestígio como a União Veneziana, Os Tenentes do Diabo, os Democráticos Carnavalescos e o Clube dos Fenianos.

agirem sustentadas por alguma certeza moral e por certa legitimidade comunitária. Já Cunha (2001) destaca que a maior presença de relatos de violência relacionada ao jogo do entrudo denotava uma mudança na sociedade:

A frequência nas páginas de jornais não significa necessariamente uma incidência maior de episódios dessa natureza, em oposição ao que acontecia em décadas anteriores. Na verdade, a imprensa carioca passava nesse período por uma transição muito intensa em direção à massificação e à busca de um público leitor mais amplo e indiferenciado. Por isso, o interesse em noticiar ocorrências capazes de atrair a curiosidade de muita gente pode ter gerado o aumento desses registros nas colunas de jornais, ampliando seu significado e alcance em busca de leitores. Seja como for, esse numeroso conjunto de incidentes policiais registrados e comentados pelos veículos de imprensa foi fundamental para que se criasse a imagem de perigo que passou a cercar os mascarados. (CUNHA, 2001, p 30-31)

Como dito, o entrudo era o festejo predominante no Brasil até a primeira metade do século XIX, festa que se distinguia completamente de outros festejos carnavalescos presentes na Europa, como bem relata Araújo (2008) por meio de diversos relatos de viajantes europeus, que se surpreendiam (muitas vezes negativamente) com o entrudo. Porém, a autora relata que essa diferença dos costumes europeus era tida pelos brasileiros como motivo de orgulho até o início do século XIX.

A idéia da singularidade dos festejos do Entrudo anunciada pelos viajantes é compartilhada por cronistas brasileiros, quando procuravam demarcar as diferenças existentes entre a forma de brincar dos brasileiros – por extensão a dos portugueses – da dos italianos e franceses, sobretudo. Esse olhar "nacional" distinguia-se, no entanto, porque não revelava estranheza, mas reconhecimento, uma sensação de fazer parte deste costume. Note-se, também, que aos fazer tais distinções com relação a outros países, quer se marcar a ligação entre o Brasil e Portugal, pois os folguedos e festejos do Entrudo vieram para o Brasil e para muitas localidades de Minas no "bojo da civilização portuguesa" (ARAÚJO, 2009, p. 40-41)

Esse orgulho e identificação, porém, passam a diminuir após a independência política do Brasil, indica a autora. Araújo aponta que no século XIX vai se definido movimento em rumo à individualidade na compreensão e convivência no meio social, entrando em conflito e choques com os novos valores que se surgem. Entra em jogo questões como a definição do Estado nacional, a construção de uma identidade e cultural nacionais, a reorganização da sociedade visando à disciplinarização do meio social urbano, questões essas que são permeadas pela difusão de um discurso da necessidade de racionalização do espaço público e das ações individuais.

Assim, as autoridades públicas, a imprensa e grande parte da elite passam a considerar certos costumes como "bárbaros", como é o caso do entrudo, e, portanto, como um obstáculo a ser removido para a formação de uma "verdadeira" identidade brasileira, que permitiria o país se equiparar às nações européias, consideradas modelos de civilização a serem seguidos.

Cunha (2001) expõe a mudança de posicionamento da sociedade brasileira em relação ao entrudo:

Se o debate iniciou na década de 1850, com a fundação da primeira das Grandes Sociedades carnavalescas, na década de 1880 ele se tornou agudo e inflamado. Não se tratava apenas, para cronistas, literatos e foliões empenhados em instituir o "verdadeiro" Carnaval (aqueles dos préstitos à moda "veneziana" ou dos *bal masqués* elegantes), de exterminar limões-de-cheiro e bisnagas. Queriam levar junto para o passado as troças, os mascarados que se compraziam em atormentar os passantes e a vizinhança, os desfiles de negros que cantavam em estranhas línguas africanas – todo um rol de práticas que julgavam indignas de frequentar as ruas, mesmo em dias que a alegria e a permissividade pareciam andar juntas. (CUNHA, 2001, p. 25)

Ferreira (2005) também destaca que após a Independência, a influência da cultura francesa se amplia no Brasil como um contraponto ao desejo de minimizar a influência portuguesa em solo brasileiro. Deste modo, será na França que a elite intelectual brasileira irá espelhar seu modelo de comportamento buscando reformular a política cultural de uma nação recém-nascida na qual, ele exemplifica, peças teatrais eram frequentemente apresentadas em francês.

Dessa forma, Ferreira (2005) aponta que o modelo de festa de carnaval de Paris se torna o objeto de desejo da elite carioca, que precisa mudar o modelo até então vigente no Brasil.

Para fazer o entrudo desobstruir o espaço que ocupava nas festividades carnavalescas, era necessário preencher esse mesmo espaço com uma nova festa e, principalmente, com um novo discurso carnavalesco. Um discurso que desvinculasse o País da imagem bárbara e inculta, associada às práticas africanas e aos rudes costumes coloniais portugueses. (...) A festa carnavalesca não deveria estar vinculada a um passado nacional, do qual a sociedade brasileira buscava se afastar, mas sim à própria condição humana, "atravessando os tempos e cruzando as sociedades" (Cunha, 2001, p.57), ligando-se, desse modo, a uma tradição universal, num movimento característico da sociedade burguesa ocidental do século XIX. (FERREIRA, 2005, p.36)

Desse modo, as elites políticas e intelectuais procuraram conduzir a construção de uma

nacionalidade brasileira sustentada e direcionada para a idéia de um Estado monárquico portador e impulsionador de um projeto civilizatório, de forma que grande parte do patriotismo vai se traduzindo em uma negação dos valores ligados aos portugueses, aos costumes, hábitos e práticas populares a eles associados. Para Araújo (2008), o Brasil necessitava convencer o mundo de que era diferente de Portugal, assim como convencer a si próprio que era diferente de Portugal.

Os adjetivos "bárbaro" e "selvagem" passam a ser usados para designar o entrudo, estando este em oposição a um modo de vida civilizado e também à ideia de progresso. Araújo (2008) aponta que as camadas mais abastadas e as elites políticas difundiram a ideia de que brincar o entrudo representaria pertencer a uma sociedade em estágio primitivo de desenvolvimento e em descompasso com os países da Europa, então modelos de civilidade. "'Civilização' descreveria um processo, ou melhor, um resultado. Refere-se a algo que está em constante movimento, sempre para a frente. Este conceito manifesta a autoconfiança e a identidade nacional dos povos, sendo o progresso a sua decorrência" (ARAÚJO, 2008, p. 98). Deste modo, o abandono do entrudo e a adoção de um carnaval europeu, mais precisamente um carnaval francês, seria um estágio do processo de civilização da sociedade brasileira.

Assim, copiando um estilo francês, Ferreira (2005) aponta que em 1846 Clara Delmastro promoveu um baile no Teatro São Januário que passou a ser um marco na história do carnaval carioca. Diferentemente de quase todos os bailes anteriores, dos quais só participavam, ao que parece, os sócios ou pessoas convidadas, este se caracterizou por ser um evento público, aos moldes de Paris.

O fato de ser público não significou que qualquer um pudesse adentrar a festa, participaram apenas aqueles que puderam pagar o alto preço da entrada. Mas apesar desse caráter exclusivista proporcionado pelo alto valor financeiro dos ingressos, Ferreira aponta que, ao menos teoricamente, ao permitir a participação de qualquer pessoa, o novo evento carnavalesco estava criando uma tentativa de diversão foliona diferentemente do entrudo. Segundo ele, cansada de aguardar ações efetivas do poder público para coibir a prática que tinham como bárbara, a elite carioca entrou de corpo e alma e fantasia na batalha pelo Carnaval.

Sobre o fato das tentativas de se coibir o entrudo, Araújo (2008) demonstra que algumas medidas foram sim tomadas, mesmo que inicialmente sua eficácia tenha sido praticamente nula.

Segundo a autora, o controle da cidade e da população que nela vivia tornou-se uma preocupação da Coroa Portuguesa a partir dos Setecentos. Durante grande parte do período

colonial, com exceção talvez das áreas onde foram encontradas metais e pedras preciosas no final do século XVII e início do século XVIII, a ocupação do território, o estabelecimento e a organização de vilas e cidade esteve sempre muito mais nas mãos privadas do que na ação colonizadora da Metrópole. Esta "autonomia" colonial permitiu o aparecimento de uma elite que, defendendo seus próprios interesses, afasta-se progressivamente dos interesses da Coroa. Esta, de sua parte, empreendeu esforços sistemáticos, sobretudo na segunda metade do século XVIII, para controlar a cidade e sua população.

Araújo (2008) aponta que a intervenção governamental e de grupos sociais no caso específico da criação de dispositivos de proibição ao Entrudo, atuaram a partir de três eixos: o da repressão, utilizando-se das ações da polícia e da justiça; no fortalecimento de uma consciência moral-individual, cujo resultado seria a interiorização de modelos de comportamento e o exercício do auto-controle; e ainda a colaboração de grupos da sociedade, como médicos, famílias e educadores, que atuavam como legitimadores e propagadores de novas condutas consideradas civilizadas.

Segundo a autora, em 1830 a Câmara Municipal de Ouro Preto resolveu que haveria rondas três vezes na semana desde as Ave-Marias até à meia-noite nos domingos, terças e quintas-feiras, além dos dias santos e nos dias de entrudo. As rondas eram compostas de quatro patrulhas, duas à pé e duas a cavalo de noite, e todas a cavalo de dia. O objetivo era manter a ordem e a segurança das povoações, zelando pelo sossego público e pelo devido comportamento das pessoas em sociedade.

Por meio destas rondas, Araújo explica que o controle do espaço, das festas e diversões não ocorria apenas em função do que ameaçava a tranquilidade pública, mas também com relação ao que seria chamado de uma melhor administração dos costumes da cidade e da própria vida de todos os seus habitantes. A autora relata que durante todo o século XIX esteve presente uma forte intervenção das autoridades sobre a vida da população, especialmente sobre seus costumes mais arraigados. Assim, o entrudo se encontrava na contramão da ordem desejada.

Araújo conta que nos textos das Leis Mineiras havia disposições contra o entrudo, e algumas Câmaras Municipais também fizeram legislações específicas para combater o festejo tido como bárbaro, cujos textos variavam praticamente apenas nos valores de multas a pagar.

Sendo o brinquedo "com cheiro, água limpa ou laranjas artificiais", as multas seriam de trezentos réis chegando ao máximo de oito mil réis e, em alguns casos, o duplo nas reincidências. Mas "quando for com [laranjas] naturais, ou limões, ou quaisquer outras coisas que possam induzir perigo ou causar dor,

ou com águas fétidas" ou "imundícies", a multa era dez a trinta mil réis, e o dobro nas reincidências. Algumas cidades previam ainda a possibilidade de prisão. (ARAÚJO, 2008, p. 86)

No entanto, ainda que as autoridades supostamente estivessem empregando meios de coibir tanto práticas consideradas perturbadoras da ordem quanto o próprio entrudo, ainda que o discurso civilizador buscasse condenar esse costume, essa festa ainda continuava a fazer parte do cotidiano das pessoas de diversas classes sociais, mesmo entre as autoridades que deviam combatê-la.

Para ela, a existência das posturas deveria coibir as pessoas de praticarem o entrudo, mas isso na verdade não era uma tarefa fácil de fazer cumprir. Araújo aponta que na segunda metade do século XIX houve um maior número de aprovações de posturas que na primeira, mas que a constante ratificação das posturas seria um indicativo da ineficiência no cumprimento das determinações, que eram constantemente desrespeitadas pela população em geral. Ou seja, apesar de combatido por meio de leis e de discursos moralizadores, a festa ainda se encontrava fortemente arraigada nos costumes da sociedade brasileira.

Na explicação para o que teria contribuído para a permanência do entrudo ao longo do século XIX, Araújo indaga sobre a ineficiência das autoridades e certa conivência destas para com o festejo e sua realização, além da própria disposição das pessoas em participar do entrudo. Em 1867, um dos jornais utilizados como fonte pela pesquisadora alertava que o brinquedo bárbaro do entrudo havia reaparecido em Ouro Preto, dando lugar a diversos distúrbios pela incúria e conivência da polícia que o permitia.

Sobre a conivência das autoridades, Cunha (2001) relata alguns desses episódios. O primeiro se dá por meio da documentação obtida nos arquivos de um jornal, onde o noticiário revelava também em suas entrelinhas as dificuldades relacionadas às autoridades policiais, evidenciando que o problema do combate ao entrudo começava em casa, nos hábitos e preferências dos próprios membros da corporação. Pelo episódio relatado, ao recolher para destruir tabuleiros de quem vendia os já combatidos "limões-de-cheiro", os policiais "destruíram" a mercadoria atirando-as "na cabeça dos próprios vendedores" ou alvejando com eles estabelecimentos comerciais que infringiam a lei. Ou seja, utilizavam a desculpa do cumprimento da lei e da ordem para divertirem-se com o entrudo.

Outro episódio também relata que até mesmo autoridades de maior importância mantinham conivência com a prática que supostamente deveriam combater, como aparece no relato de que

Em 1886, por exemplo, a imprensa noticiou – entre vários incidentes envolvendo gente miúda dos subúrbios, escravos etc. – que um filho do próprio ministro da Justiça fora pego em flagrante atirando limões de cera das janelas de sua casa. Multado pelo subdelegado da freguesia de Santo Antônio, que passava pelo local, o ministro – segundo informa jornalista – apenas riu-se muito com o ocorrido e mandou pagar a multa... (CUNHA, 2001, p. 76)

Na defesa de um ou de outro festejo, diversos tipos de argumentos se impunham. Segundo Araújo (2008), o discurso eclesiástico foi marcado por condescendência em relação ao carnaval. Se não eram vistos com bons olhos, tornava-se mais ou menos tolerável. Também o discurso médico-racionalizador, ao gosto da época, alertava sobre o entrudo ser prejudicial à saúde, pois os limões-de-cheiro poderiam causar constipação, risco que o carnaval não oferecia. De outro lado, o argumento econômico pendia para o lado do entrudo, pois se muito era gasto em fantasias, máscaras e decoração, a maior parte dessa quantia ficava nas mãos de pequeno grupo de alfaiates e músicos franceses, enquanto a produção de limões-de-cheiro levava renda a um sem número de famílias pobres que movimentavam essa pequena indústria (Araújo, 2008).

No que diz respeito ao discurso médico que condenava o entrudo, Cunha aponta como essa visão foi se materializando:

A imagem do perigo físico do jogo do entrudo veio somar-se, desde então, à do perigo metafórico da desordem social e do barbarismo dos costumes atribuídos a uma população heterogênea e "colonial". Tal associação torna-se logo bastante comum, ampliando o leque de doenças transmitidas pelo inocente entrudo: a pleuris, as febres, as constipações, a tísica e a febre amarela passam a ser atribuídas nas décadas seguintes à brincadeira, perniciosas não apenas à moral e à ordem, mas também à saúde pública. (CUNHA, 2001, p.78)

Na defesa do entrudo, as fontes utilizadas por Araújo (2008) havia ainda artigos de jornais que defendiam o antigo festejo contra o novo modelo que se impunha. Para algumas pessoas, o carnaval também tinha as suas desvantagens, como o fato de o entrudo "não expor a família honesta ao contato da crápula e da prostituição", referindo-se às moças ousadas nos bailes carnavalescos, de modo que as moças de família não podiam participar da festa plenamente, permanecendo apenas como espectadoras para não se misturar com as mulheres ousadas.

Araújo destaca que o Rio de Janeiro era o grande receptor das novidades estrangeiras, da mesma forma que seria irradiador destas para o restante do país. Entretanto, quanto mais

afastado da Corte ou isolado em termos de meios de comunicação, mais tardiamente chegavam as influências européias e por mais tempo reinavam os divertimentos do entrudo.

No entanto, Ferreira (2005) destaca que na medida em que o entrudo era combatido, era preciso construir um novo discurso que ocupasse o lugar deixado por ele. Para ele, grande expressão da tensão do carnaval carioca começou a partir do momento em que a disputa pela posse de sua qualificação se confundiu com a luta pela ocupação do espaço público, de modo que ocupar o espaço carnavalesco carioca significava exercer o poder e dominar esse espaço e, por conseguinte, determinar a própria festa carnavalesca.

Assim, Ferreira (2005) aponta que o primeiro baile público realizado em 1846 compreendeu uma novidade e um marco na sociedade carioca, mas apenas a realização de bailes nos anos que se seguiram não eram o suficiente para impor um novo modelo de festa.

Apesar do sucesso, os bailes carnavalescos não conseguiam, por si só, cumprir a missão civilizadora que deles se esperava. Se os primeiros bailes marcavam uma segregação espacial clara entre a elite e a população menos favorecida da cidade, em poucos anos, a sutileza da sociedade carioca passa a se expressar mais claramente. Como em Paris, boa parte dos participantes dos bailes despreza as sofisticações – entre elas os concertos, que são considerados como "isca para o público cair na ratoeira" – interessando-se somente pelo baile em si. (FERREIRA, 2005, p. 52)

Segundo Ferreira, nasce assim a ideia de desfilar pela cidade, que se define como uma espécie de antídoto para a "barbárie" do entrudo e um sinônimo para civilização. Os grupos carnavalescos definiam roteiros pelas ruas da cidade e passeavam de carros pelos trajetos estabelecidos a cada ano, sendo um grande prestígio para a rua que estivesse contemplada com o trajeto.

As ruas que sediavam jornais certamente faziam parte do cortejo, e as demais buscavam decorar e enfeitar o caminho de modo que os cortejos das sociedades carnavalescas passassem por elas. Ferreira (2008) aponta que não raro os moradores e comerciantes de algumas ruas se irritavam pelo cortejo não ter passado na rua, ou não ter lhe dado a atenção que consideravam devida. Na visão daqueles que preparavam as ruas para receber os desfiles, a permanência no local era uma forma de homenagear o grupo que por ali passava.

No entanto, tais passeios pelas ruas do centro do Rio de Janeiro não eram o momento máximo da festa carnavalesca, apenas parte do trajeto até o fim esperado. Ferreira relata que os passeios pelas ruas apresentavam-se como uma espécie de espetáculo dado ao público, como um exemplo de civilidade ou como uma lição de como se devia festejar o carnaval. Ou seja, seria uma forma de ensinar a população a festejar, oferecendo uma alternativa elegante e

limpa ao velho entrudo. Mas espelhando-se no carnaval afrancesado dos bailes mascarados, era dentro dos salões que as primeiras sociedades iriam coroar seus desfiles e receber as homenagens que lhes eram devidas.

Cunha alerta para o fato de que, mesmo no dia de desfile das Grandes Sociedades, as ruas não ficavam preenchidas apenas de senhores e senhoras distintas. Aos préstitos das Grandes Sociedades atraíam e fascinavam também aqueles que brincavam de forma menos elaborada ou até condenada, como aqueles que atiravam limões-de-cheiro, aqueles que entravam no batuque de zé-pereiras, os negros fantasiados de índios cucumbis, e as fantasias de velhos com cabeças gigantes e ainda os prínceses, pobres fantasiados de aristocratas. Nesse mar de gente que se exprimia para ver o préstitos das Grandes Sociedades, os modelos do carnaval parisiense e do entrudo "bárbaro" conviviam lado a lado nesses momentos, embora nem sempre isso acontecesse sem algum desconforto para aqueles que pretendiam implantar um modelo civilizado de folia no carnaval carioca do século XIX.

Na tentativa de impor um novo conceito para a festa de Momo do Rio de Janeiro, Cunha utiliza um termo que remete à ação de educar o restante do povo carioca.

Tal perspectiva, claro, não era apenas carnavalesca: pedagógico é um termo adequado para exprimir a visão de uma parcela intelectualizada da sociedade, próxima ou dependente das elites tradicionais mas empenhada em projetos de transformação e atualização do país sob uma óptica liberal e progressista. Tal atitude era uma das formas de enfrentar evidentes temores relativos ao destino do Brasil. De alguma forma, os receosos se estendiam do Carnaval para a nação, cujo futuro também parecia, na década de 1880, incerto e perigoso. (CUNHA, 2001, p. 88)

Dessa forma, Cunha afirma que o programa das sociedades carnavalescas era substituir a forma individualizada e anárquica do entrudo por uma brincadeira organizada intelectualizada e comandada do alto dos carros ou dos salões das grandes sociedades e expurgada das impurezas populares que muitas vezes eram flagradas no interior de seus próprios préstitos, como na mistura de brincadeiras antigas que se alinhavam nas ruas próximas a passagem das Grandes Sociedades. Segundo a autora, estas se pretendiam protagonistas das ideias sobre a folia, e queriam para si dirigir a folia, definindo como, onde e quando brincar.

No entanto, os grupos populares que brincavam o entrudo de forma anárquica não estavam dispostos a assumirem para si um papel passivo e meramente de espectadores do carnaval. Segundo Cunha (2001), nos bailes públicos de teatro, os jornalistas exaltavam aqueles que ficavam nos camarotes como pessoas finas e elegantes e condenavam os pobres e

negros que maxixavam no salão, mas que nesse caso os brancos é que faziam papel de espectadores.

A imprensa, destaca ela, sempre estaria do lado da elite na função pedagógica de apontar a forma adequada de se divertir durante a folia, e exatamente por isso enquanto os brancos eram protagonistas nos préstitos, a autora destaca que os jornalistas ainda acusavam a plebe de causar transtornos com brincadeiras relacionadas ao entrudo. Cunha relata que os jornalistas ainda faziam questão de isentar os moradores da área central da cidade por onde as sociedades passavam, mas sim condenar a multidão que ali se reunia. Essas pessoas, conforme documentação apresentada pela pesquisadora, se reuniam para ver os préstitos, mas como estes podiam demorar por até cinco ou seis horas, sempre havia quem quisesse ocupar o tempo molhando algum conhecido ou desconhecido, dando início a diversas outras manifestações do entrudo. Deste modo, a pretensa ocupação do espaço desejado pela elite possuía lacunas sensíveis que comprometiam o programa pedagógico pretendido por esse grupo.

Para Ferreira (2005), a questão da ocupação do espaço é parte importante do conceito geral de festa, de modo que a importância da festa carnavalesca também deriva dessa ocupação do espaço. O autor demonstra como o processo de mudança de modelo festivo promoveu uma mudança também na forma de ocupação e organização do espaço, nesse caso, do Rio de Janeiro no século XIX.

Ele aponta que o caráter organizador do novo carnaval burguês produziu os efeitos de uma concentração da festa em alguns espaços determinados, em detrimento de outros. Se no tempo do entrudo toda a cidade, dentro e fora das casas, servia como "palco" da brincadeira, após a adoção do modelo francês de carnaval, apenas um pequeno grupo passou a determinar os locais seriam definidos como menos, ou mais, "carnavalescos" do que outros. Daí se entende a reclamação de moradores quando algum grupo carnavalesco não contemplava determinada rua do Centro do Rio de Janeiro em seus passeios antes do baile. Não ter o desfile era como não ser parte da festa ou, em outras palavras, não poder festejar o carnaval, uma vez que o novo modelo era dirigido apenas de modo coletivo conduzido pelas Grandes Sociedades e seus respectivos préstitos.

Segundo Ferreira (2008), o novo carnaval trazido pela elite imaginava-se plenamente vitorioso, ocupando todos os espaços que a própria elite havia determinado como carnavalescos. No entanto, ele entende que tal ocupação, além de possuir uma expressão física, apresentava-se também através de uma ocupação discursiva do espaço festivo. Ocupar as ruas e dominar o discurso do Carnaval se equivalia e interinfluenciava.

Como já destacado por Cunha (2001), esta ocupação não era plena. Com euforia em relação ao modelo europeu de carnaval, a imprensa viria, em diversos anos, a declarar e comemorar a morte do entrudo. No entanto, bastava a pesquisadora conferir os jornais dos anos seguintes para ver que a antiga brincadeira teimava em permanecer presente na sociedade.

Inimigo renitente: a morte do entrudo foi comemorada muitas vezes, desde a década de 50 no século XIX. Sua ressurreição, a cada ano, era também objeto dos mais irados comentários escritos ou gráficos. Não deixa de ser curioso observar o vaivém dos textos jornalísticos que, em crônicas e editoriais, saúdam o Carnaval moderno dos préstitos das Grandes Sociedades e anunciam aliviados o fim do entrudo enquanto, nas páginas de noticiários, revelam irritação diante da intensidade com que os limões, as bisnagas e as seringas continuavam sendo utilizados pela população carioca. (CUNHA, 2001, p. 66)

Cunha diferencia a forma como a elite lidava com o entrudo e as manifestações populares ao longo do tempo. Segundo ela, nas décadas de 1850 e 1860 os textos publicados por sociedades como o *Congresso das Sumidades Carnavalescas* evidenciam um sentimento de continuidade, evolução ou refinamento, mais que um desejo de exterminar o (ainda) simpático inimigo. Na década de 1870 o tema aparece diluído, situação que ela exemplifica por meio do texto publicado por uma sociedade intitulada *Novo Clube X*, vinte anos depois do primeiro anúncio de um préstito carnavalesco pelos jornais, no qual a diferenciação entre Carnaval e entrudo era praticamente inexistente e a proibição policial da brincadeira, ironizada pelos foliões da elegante sociedade. Já a década de 1880, aponta a autora, assinalou uma rápida mudança de postura, evidenciando a cristalização de uma atitude que dissociava de modo radical o entrudo do "verdadeiro" Carnaval, evidenciando uma guerra simbólica.

Porém, apesar de demonstrar esse movimento em prol da construção de um modelo de festa inspirada na civilidade francesa com o objetivo de afastar o passado colonial português tido como atrasado e bárbaro, Ferreira (2008) relativiza as denominações utilizadas para apontar os setores da sociedade e suas intenções.

O autor aponta que no caso do carnaval, não seria estranho caso um folião da cidade do Rio de Janeiro participasse do desfile de uma sociedade num dia, saísse para passear com sua família no outro, e "entrudasse" no terceiro dia. Da mesma forma, Ferreira demonstra que não era motivo de espanto que um negro escravo pudesse ter admiração pela magnificência dos desfiles das sociedades, assim como não haveria nada de curioso na participação de um burguês atirando limões-de-cheiro. Para ele, o importante a se destacar era a pluralidade de

todo o processo.

Quando se usa, por exemplo, o conceito de "burguesia", "elite", "povo", "classes superiores" e "classes inferiores" está-se buscando algum grau de generalização que permita abordar um conjunto de eventos que se apresenta de um modo bem mais complexo. Entretanto, é importante perceber, neste momento, que estas categorias gerais não são estanques, mas se interpenetram e se interinfluenciam. Do mesmo modo, quando se procura entender o Carnaval carioca por meio de categorizações estanques como, por exemplo, "entrudo", "bailes" e "sociedades" está-se limitando e enevoando as muitas expressões carnavalescas pela festa. (FERREIRA, 2005, p. 123)

Dessa forma, apesar dessa intenção em construir um novo modelo de sociedade e de valores presentes nela, Ferreira aponta que as pessoas não estavam tão rigidamente fechadas nessas construções, mas antes eram processos em andamento que muitas vezes coexistiam. Assim, os cariocas que participavam do carnaval da cidade não se comportavam como modelos desta ou daquela classe social, mas agiam de muitas maneiras, em resposta às variadas situações que a eles se apresentavam.

Dessa forma, Ferreira (2005) relata que para que a chamada elite pudesse controlar o novo carnaval, era necessário não somente desqualificar a não-festa do entrudo, mas também impor o novo discurso do carnaval popular. Esse processo teria se concretizado definindo-se o que era o "carnaval do povo", um modo de incorporar a festa ao projeto moderno de identidade nacional por meio da concepção de uma identidade para sua capital.

Para Ferreira, o entrudo não desapareceu, mas continuaria ainda hoje a fazer parte da "outra face" de festa carnavalesca. No entanto, ao contrário de se apresentar como algo indesejado, sujo ou descontrolado, o não-carnaval deve ser visto como uma espécie de "reserva" de valores que podem, ou não, fazer parte da festa.

Por muitas décadas, a estratégia da cultura oficial foi enquadrar na categoria "entrudo" tudo aquilo que não podia, ou não devia, ser oficializado como Carnaval. Após a década de 1920, no entanto, uma nova tática, muito mais efetiva, se estabelece. O não-Carnaval deixa de ser visto como uma categoria e simplesmente perde seu nome e, com isso, boa parte do que restava de sua visibilidade. Os atores "oficiais" do Carnaval passam a definir toda a festa. Nega-se o direito à existência carnavalesca a tudo aquilo que não está sob as luzes da visão da cultura hegemônica. Um processo que, poucos anos depois, vai levar as escolas de samba cariocas a serem identificadas com o Carnaval da cidade, deixando de lado todas as outras manifestações, tais como os blocos, os bailes e o Carnaval de rua. (FERREIRA, 2005, p. 172)

Nessa visão, a participação das classes populares não desaparece nem deixa de existir,

mas a elite modifica o modo como a classifica, buscando integrá-la dentro do projeto civilizador de modo que possa controlar o discurso, a ação e o espaço carnavalesco.

1.3 – Sociedades, ranchos e cordões

Como já citado, o modelo da elite no desfile de préstitos à moda parisiense eram compostos de estudantes, artistas, boêmios, jornalistas, literatos, sendo um perfil entre as primeiras agremiações carnavalescas, em especial a pioneira: o Congresso das Sumidades Carnavalescas. Segundo Cunha (2001) esse padrão seria consolidado nas décadas seguintes entre as chamadas "Grandes Sociedades" e foi uma constante entre esses grupos.

Nos seus passeios pela cidade do Rio de Janeiro, a autora aponta que os membros destas Sociedades utilizavam ricas fantasias, mas a princípio não apresentariam uma forma organizada e discursiva do desfile em si no que diz respeito a um tema ou conteúdo. As fantasias retratavam temas variados, sendo o mais importante a beleza e elegância do passeio como forma de contrapor ao modelo "bárbaro" do entrudo.

Porém, a autora destaca que após 1870 e o fim da guerra do Paraguai aparecem carros de crítica, que eram mais do que simples objetos para os olhos admirarem, pois faziam o povo rir e se recordar, levando a alma e a memória um pouco mais adiante e ainda dialogando com as questões contemporâneas de sua época.

Assim, imbuídos do velho espírito de porta-vozes, as sociedades carnavalescas pretenderam amplificar aquelas que consideravam as grandes causas políticas do período. Não pareciam dispostos, é claro, a considerar como sujeitos ou como iguais aquelas hordas bárbaras e incômodas que congestionavam as ruas, mas pretendiam falar em nome delas, traduzindo anseios e interpretando necessidades ao mesmo tempo que promoviam sua educação e seu refinamento, visando a uma liberdade sempre protelada. (CUNHA, 2001, p. 127)

Segundo a autora, por essa razão as Grandes Sociedades tomaram para si a mais importante causa do século XIX: a defesa do fim do trabalho escravo. Nessa questão se empenhavam políticos, advogados, homens de letras e acadêmicos. Desde cedo esses grupos associaram a imagem de suas sociedades à propaganda abolicionista, num esforço que virou marca registrada desses grupos que, além de cativar o público por meio das fantasias luxuosas que fascinavam, também conquistavam a simpatia deles por meio do apoio a esta bandeira.

Cunha (2001) ainda diz que exemplo disso é dado por meio dos préstitos de 1888, quando a questão estava "pegando fogo": um dos carros da sociedade dos Democráticos

chamava-se "Abolição imediata" e um carro da sociedade dos Fenianos chamava "Questão abolicionista". Apesar disso, ela aponta que nenhum desses carros teve muitos votos como o melhor carro de crítica daquele ano no concurso. No entanto, tais posturas conquistaram simpatia nas ruas e semearam as profundas raízes que os préstitos gozavam entre a população negra. A autora relata ainda que a intensa pregação abolicionista-carnavalesca também vinha acompanhada de críticas à política imperial, de modo que poderia explicar a desaprovação da imprensa a tais carros, relatando ainda que tais posturas provocavam muitos conflitos de rua com os partidários da corte.

Com o fim da escravidão e a Proclamação da República, Maria Clementina Pereira Cunha aponta que as Grandes Sociedades perdem as suas principais bandeiras que lhes havia angariado a simpatia popular, de modo que teria restado a eles a defesa intransigente (e apontada como cada vez menos engraçada) de reformas urbanas autoritárias, da intervenção médica pela violência, do aparato policial cada vez mais discriminatório, características que seriam típicas da política republicana.

Deste modo, a autora conta que o resultado desse discurso era que a própria multidão que amara e aplaudira as Sociedades na década de 1880 acabava por ser ridicularizada e exposta ao riso público nas alusões carnavalescas, de forma que as sociedades passaram a serem vistas como envelhecidas e fora do tempo, sendo criticadas até mesmo pela imprensa que sempre lhe fora simpática. É necessário destacar que a própria autora relata que apesar desse enfraquecimento, as Grandes Sociedades não perderam prestígio e status tão rápido, uma vez que o luxo e beleza dos carros exerciam fascínios que não podiam ser negligenciados.

Paralelo às mudanças ocorridas no interior das próprias sociedades, Ferreira (2005) relata a impossibilidade de estas ocuparem toda a cidade com o seu carnaval. Deste modo, para não perder o controle da festa, o autor conta que a elite definiu alguns locais exclusivos para suas festas e impôs o discurso de um espaço legitimador para o carnaval em geral, de modo que os grupos mais permeáveis às influências culturais dominantes, aqueles que mesmo não renegando a influência negra e das camadas menos favorecidas, estes foram tratados como os mais legítimos "representantes" da cultura popular.

Tais grupos seriam aqueles que vieram a ser associados à categoria de "rancho", que aos poucos foram conquistando as benesses da cultura oficial e ocupando os espaços vazios da festa carnavalesca. A aceitação de tais grupos era vista como uma forma de controle por meio da elite sem saber que, com o passar dos anos, estes iriam substituir as Grandes Sociedade no apreço popular carnavalesco.

Segundo os estudos de Ferreira (2008), categorias que posteriormente foram denominadas como "cordões" e "ranchos" inicialmente misturavam-se umas com as outras, aguardando o momento de serem qualificadas como manifestações específicas. Para ele, o que existia nas ruas do Rio de Janeiro era o rico produto de uma interação que desafiava qualquer definição.

No entanto, as denominações de que viriam a seguir são classificadas por ele como a forma em que a burguesia viria a classificar os processos durante a festa. Para isso, Felipe Ferreira destaca a obra *Historia do Carnaval Carioca*, de Eneida de Moraes, publicada pela primeira vez em 1957. Segundo ele, este estudo que marcou a cristalização definitiva desta maneira evolucionista de se entender o carnaval e serviu depois como base para grande parte das obras que abordaram o carnaval desde então.

O autor aponta que a divisão categórica de entrudo, bailes, cordões e ranchos, dentre outros, terá um caráter fundador para a maioria dos textos subsequentes. Uma vez que considera a pluralidade das manifestações num primeiro momento, para o autor grande valor da obra é levar o leitor a compreender a essência deste processo de categorização que a burguesia imporá sobre o "outro" carnaval e que buscará identificar desde então.

Visão semelhante é defendida por Cunha (2001), para quem inicialmente os ranchos e cordões guardavam muitas semelhanças, não havendo diferenciação de tais categorias entre os próprios membros que compunham esses grupos. Mas apesar das semelhanças, a autora relata características que vieram a se tornar específicas de cada grupo:

Embora muitas semelhanças possam ser detectadas entre elas, em especial a origem social de seus componentes, recrutados nos morros, subúrbios e arrabaldes ou entre as profissões braçais, há diferenças marcantes entre as duas formas de brincar, facilmente perceptíveis nas descrições de seus respectivos desfiles e ensaios empreendidos pela imprensa. Por exemplo: ranchos usavam alegorias sobre carroças, mesmo que em escala menor que as sociedades, enquanto os integrantes dos cordões, com suas variadas fantasias, seguiam invariavelmente no chão, à pé. (CUNHA, 2001, p. 152)

Dentre ainda as diferenças, a autora destaca que os cordões caracterizavam-se, sobretudo pela percussão acompanhada de cantoria, na qual um ou dois dançarinos vestidos de índio e o coro repetindo o estribilho que podiam ser acompanhados de cavaquinho e violão, mas que os ranchos tinham forma mais harmônica com uma percussão leve que incluía cordas e sopro, com a presença de um mestre de harmonia ou de canto, sendo os ranchos uma forma mais estruturada que os cordões. Ela aponta ainda que nos ranchos também havia a presença feminina das pastoras, enquanto os cordões eram prioritariamente

masculinos.

Ferreira (2005) aponta que conceder ao carnaval "popular" um espaço dentro da festa carnavalesca seria uma forma de controlar os membros desse carnaval e restringir a área de atuação deles. A festa popular que seria típica das classes mais baixas de acordo com o discurso vigente na época, também seria originada nas áreas menos nobres da cidade. Para o autor, dar a essas festas o direito à cidade (mesmo que somente no período carnavalesco) implicava que elas aceitavam as regras festivas impostas pela elite e, muitas vezes, regulamentadas por instruções policiais.

Nesse sentido, a legitimação de um determinado grupo popular tinha a ver como o projeto pedagógico defendido por Cunha (2001), uma vez que a elite precisa "ensinar" às massas até mesmo quais as formas mais adequadas de se brincar que estariam sendo realizadas no meio das classes menos favorecidas.

Para a autora, a imprensa era parte importante desse processo, que apoiaria os ranchos e condenaria os cordões, estes últimos sendo os novos herdeiros do título de "bárbaros" que antes havia sido dedicado ao entrudo. Segundo Cunha, entre 1890 e 1910, os cordões foram alvo de uma crítica unânime e nervosa. Mas aos poucos, desde os primeiros anos do século XX, elogios seriam distribuídos aos ranchos, percebidos cada vez mais como manifestações positivas da presença "popular".

Na verdade, na visão de Cunha quando se legitimava essas manifestações como coisa de gente do "labor honesto" dava-se um recorte de critérios legítimos exteriores. Seria também uma forma de regular os comportamentos de trabalhadores urbanos, valorizando a feição morigerada que se atribuía aos ranchos e desqualificando a atitude supostamente rebelde e indesejável dos cordões. Entretanto, ela ressalta que mesmo os hábitos tidos como positivos e claramente inspirados nas Grandes Sociedades ainda causavam certo desconforto em parte da elite.

Multidões de negros e mulatos e préstitos suburbanos sem "espírito" ou luxo pareciam algo muito distante do ideal civilizador que algum tempo atrás levava às ruas a "fina flor" da capital. Se o aparecimento de novas sociedades pelos bairros menos aristocráticos era o bem-vindo resultado da pedagogia carnavalesca, parcela considerável da imprensa não deixava de manifestar certa dose de mal-estar em relação à difusão do seu modelo carnavalesco. (CUNHA, 2001, p. 119)

A autora relata que tais manifestações surgiram inspiradas nas Grandes Sociedades, fazendo estatutos, sedes fixas, estrutura de cargos e direção, tal qual era feito nas Grandes

Sociedades. Segundo a autora, cordões e ranchos mantinham vivos dentro de si a herança de outros carnavais, mas além do fascínio provocado pelas Grandes Sociedades e do projeto pedagógico realizado por estas, tal organização e estrutura era ainda uma forma imposta pelo próprio aparato policial republicano, cujas exigências se multiplicavam para a autorização para sair às ruas. Mas cabe destacar que Cunha também aponta que a inspiração nas Grandes Sociedades não limitava o formato dos cordões e ranchos, deixando espaço para ousadia e criatividade.

Ainda assim, além do estatuto e estrutura, cordões e ranchos também se inspiraram buscando sócios beneméritos e patronos, especialmente na imprensa, a quem faziam visitas numa tentativa de aproximação como forma de ganhar distinção. Cunha (2001) relata ainda que os salões desses grupos eram relatados na imprensa por vezes como mais respeitosos que aqueles frequentados por boêmios abonados da sociedade carioca.

Mas na disputa simbólica pelo modo de folia mais adequado, a autora relata que em 1908 o chefe de polícia Alfredo Pinto proibira a presença de bumbos nas ruas durante o carnaval, medida que atingia apenas os cordões, uma vez que os ranchos não utilizavam esses instrumentos. Para a autora, mudaram-se os tempos, os elementos, mas a condenação continuava voltada para as formas de brincar utilizadas pelos grupos pobres.

Assim, entre ranchos e cordões, ainda que diversos autores e os livros façam distinções entre as duas formas de manifestação popular, Cunha aponta ainda que entre os participantes não havia esses limites de distinções tão claros assim, de forma que os grupos serviam de inspiração mútua, sendo que um cordão poderia ser "filho" de um rancho e vice-versa.

Na imprensa, essa estigmatização se daria no relato frequente das brigas envolvendo cordões, que muitas vezes terminavam em sangue e mortes. Tais relatos sucessivos no início do século XX não significavam para Cunha um surto de violência, mas eram antes os mecanismos policiais e o olhar desconfiado das elites que estavam mais apurados.

Ainda tratando do foco na violência, a autora destaca que esta era relacionada aos cordões, mas isso não significava que os ranchos fossem ambientes perfeitamente harmoniosos. Segundo ela, os ranchos possuíam "porta-machados" cuja função era proteger as porta-bandeiras de investidas de grupos rivais que se cruzassem pelas ruas, uma vez que roubar o estandarte do outro era um símbolo de rebaixamento e humilhação.

Bastante duvidoso, como se vê, que tais episódios pudessem acabar sempre em risadas, abraços e confraternização. Se essa dimensão da violência não

foi tão marcada pela imprensa no período em que os ranchos se tornam a força máxima do Carnaval carioca, isso decerto ocorreu por razões outras, e não uma súbita pacificação das antigas rivalidades e práticas de afirmação de identidade entre os trabalhadores pobres do Rio de Janeiro. (CUNHA, 2001, p. 235)

Assim, uma vez que ranchos e cordões possuíam ambos origens mais humildes, ambos tinham membros trabalhadores pobres, ambos haviam surgido na inspiração das Grandes Sociedades e ambos estivessem marcados por momentos de violência, o que fazia com que um grupo fosse tratado com condenação e o outro com condescendência? Segundo Cunha, tal razão se dava pelo fato de que os ranchos buscaram diminuir ou mesmo renegar elementos africanos em suas manifestações.

Ao tratar dos ranchos, a autora relata a chamada diáspora baiana ocorrida na segunda metade do século XIX para a capital federal, de negros alforriados ou fugitivos e de retornados da Guerra do Paraguai. Esses grupos se encontravam em bairros próximos ao porto e reafirmavam laços de solidariedade definidos por parentesco ou afinidades religiosas, cujo fluxo se tornou ainda mais intenso após 1870.

Figura central nesse processo foi Hilário Jovino Ferreira, fundador de vários ranchos importantes entre 1870 e 1910, que ao chegar ao Rio de Janeiro logo se tornou importante liderança na comunidade baiana. Segundo relatos do próprio Hilário Jovino à imprensa da época, ao encontrar um grupo de folia de reis que deveria desfilar no dia 6 de janeiro, ele decidiu esperar, pois teria percebido que a população do Rio não estaria acostumada com isso, transferindo a data de saída para o Carnaval. Segundo Cunha, isso seria considerado revolucionário pelos anos seguintes deslocando a tradição dos pastoris e reisados da data religiosa para a festa de Momo para se adaptar aos costumes locais.

Segundo suas próprias palavras, tentava adaptar-se aos costumes locais. Mas decerto tal escolha deveu-se também à percepção de que a proibição de batuques e cantorias, folias e brincadeiras de negros era mais forte nos dias santos que nos dias de Carnaval, em que de qualquer maneira a presença dos negros tinha de ser tolerada – ainda que de má vontade. (CUNHA, 2001, p. 21)

Na busca por aceitação, os grupos de ranchos afastaram elementos africanos e até hostilizavam com as tradições negras locais, sendo que até o estandarte de um dos ranchos fundados por Hilário Jovino buscou criteriosamente as cores verde e amarelo para ressaltar o caráter nacional e afastar os regionalismos.

Maria Clementina Pereira Cunha ainda relata que o marco seria o aparecimento em

1907 do Ameno Resedá, cujas características se diferenciavam dos primeiros ranchos por ter menos elementos da presença baiana, abolindo o batuque, a pandeirada e os urros por serem "antiestéticos" e ligando-se então à música do choro, o que diferenciava esse rancho de toda tradição carnavalesca anterior, de modo que sustentada por forte musicalidade, orquestras de ranchos como Resedá não diferiam das de choro.

A autora destaca que para conseguir se estruturar de forma impecável, os membros do Ameno Resedá tiveram planejamento bem executado e estabeleceram redes de solidariedade e relações pessoais com base nos postos subalternos para garantir a rentabilidade dos Livros de Ouro, livros onde se registravam os benfeitores que contribuíam financeiramente com a causa. Membros que trabalhavam como porteiros de prédios públicos abocanhavam gordas contribuições para o rancho por meio dos Livros de Ouro.

Deste modo, com uma orquestra musical bem definida e estrutura bem organizada por meio das doações, outro motivo que fez com que os ranchos ganhassem maior prestígio foi a opção por tratar de um tema único em suas apresentações, marcando uma diferença sensível entre os ranchos e as Grandes Sociedades.

Enquanto as sociedades faziam dos seus préstitos ocasião para falar de vários assuntos, em uma estrutura semelhante às revistas de ano – que se tornaram uma verdadeira coqueluche no final do século XIX, quando viveram sua época de maior prestígio –, os ranchos cariocas mantinham além da música de alta qualidade, uma unidade temática em seus desfiles, dedicados do início ao fim a desenvolver um único enredo, como as atuais escolas de samba. (CUNHA, 2001, p.230)

Com o crescimento dos ranchos tanto em número quanto no prestígio, Cunha (2001) relata que na primeira década do século XX, diminuem o número das Grandes Sociedades e aumentam os números de cordões e ranchos. Estes últimos serão associados a localidades pobres, mas por meio de mapeamento do número dessas sociedades e da localização geográfica deles, a autora revela que na verdade eram amplamente distribuídos entre as regiões do Rio.

Sobre a diminuição do número das Grandes Sociedades de inspiração elitista, a autora revela no início do século XX, a imprensa clamava ajuda dos poderes públicos para manter o carnaval com o mesmo brilho das décadas anteriores. Em 1921, a Sociedade dos Fenianos alegou decadência financeira em que se encontravam explicitando fases distintas de financiamento.

Segundo o relato deste grupo, na primeira fase o financiamento dos préstitos havia

sido por meio da cotização dos associados que até então era suficiente, com subscrições generosas de sócios beneméritos abastados. Numa segunda fase na década de 1880, a arrecadação havia sido completada com jogos realizados dentro das próprias sociedades, abertas durante o ano para engrossar os cofres para os desfiles. Por fim, quando os sócios endinheirados já minguavam, as agremiações utilizavam do Livro de Ouro, arrecadando dinheiro com comerciantes da área central da cidade tendo como contrapartida o privilégio de passar o desfile do préstito pelas ruas dos contribuintes.

No entanto, com a reforma urbana e a abertura da Avenida Central, o monopólio deste espaço fez diminuir os recursos, uma vez que comerciantes de outras ruas não assinavam o Livro de Ouro e os da Avenida Central não precisavam fazê-lo, uma vez que sabiam que os desfiles seriam ali. Além disso, os carros alegóricos demandavam maior estrutura para parecerem imponentes no espaço amplo da Avenida Central, consumindo recursos consideráveis. Mas Cunha (2001) aponta que na virada do século XX, as Grandes Sociedades comemoravam o progresso e desenvolvimento da cidade sem perceberem que ali estavam elementos de sua ruína.

Deste modo, o modelo elitista que havia modificado os costumes carnavalescos no Rio de Janeiro durante o século XIX viria a minguar e então desaparecer durante o início do século XX.

Os ranchos acabaram assim substituindo as Grandes Sociedades na estima da imprensa, e estão com sua imagem consolidada no final da década de 1900-10. (...) Aos olhos desses cronistas, os ranchos cariocas pareciam ter perdido o viés negro e folclórico dos originais, para tornar-se sobretudo um lugar da boa tradição musical e uma manifestação de gosto que os aproximava das Grandes Sociedades. Mais que isso, os ranchos eram pintados como os responsáveis pela "conversão" dos cordões e da gente rude que os frequentava aos signos da civilização. Aquilo que as Grandes Sociedades não conseguiram com sua pedagogia era agora realizado por dentro dos próprios espaços dos trabalhadores pobres. (CUNHA, 2001, p 227)

Ferreira aponta que surgiu nesse momento o conceito de "carnaval como festa do povo", como expressão cultural das classes menos favorecidas, como essência da alma carioca e, por conseguinte, da alma do país.

Se antes a disputa pela determinação do Carnaval se confundia com uma luta para definir o Carnaval burguês como o legítimo "dono" do espaço carnavalesco, a nova realidade, após a virada do século XIX para XX, fará surgir uma nova estratégia. Ao "caos" carnavalesco – feito de uma enorme variedade de "grupos" com formatos e organizações diversas – seria necessário impor-se uma nova "ordem", uma nova "regulamentação" que

pudesse determinar categorias carnavalescas domináveis pela nova elite. Detectar novas formas reconhecíveis em meio à variada gama de possibilidades que o Carnaval carioca apresentava, e "cristalizar" estas formas em categorias assimiláveis, passa a ser o estratagema da burguesia. (FERREIRA, 2005, p. 144)

Cunha (2001) entende que a tradição carnavalesca européia pode ter sido apropriada ou inventada por jovens intelectuais em busca de sinais de sua própria distinção em relação à plebe na década de 1850. Porém, as maneiras de brincar desses seletos foliões do Rio de Janeiro, estavam solidamente imbricadas em repertórios herdados do arsenal festivo lusitano dos tempos coloniais, de modo que muitas das práticas que reproduziam no dia-a-dia dessas sociedades – como o hábito de esmolar pela manumissão de escravos ou outras obras de "caridade", peregrinando pelas ruas com estandartes da agremiação – seguramente estavam ancoradas nos hábitos de seus pais e avós, organizados em irmandades festivo-religiosas.

Assim, a autora destaca que esse grupo de intelectuais buscou resolver impasses legados das gerações anteriores, uma vez que os ranchos excluía as tradições africanas consideradas indesejáveis e ao mesmo tempo eram considerados uma forma original surgida pela mistura com antigas formas de religiosidade popular nascidas no interior e traduzidas para o carnaval carioca, mostrando uma cultura "miscigenada" da forma como os intelectuais buscavam redesenhar.

Seguindo este pensamento, para Cunha a ideia de uma tradição ou evolução da festa atingia alguns objetivos que atendiam o programa pedagógico da elite.

A ideia de tradição como linhagem, herança ou permanência, no entanto, servia como uma luva ao mal-estar social dessas elites ou de sua parte ilustrada, e de duas diferentes maneiras. Em primeiro lugar, ela ajudava a estabelecer as linhas de continuidade que, ao mesmo tempo, sublinhavam sua superioridade diante da ralé a ser conduzida e domesticada (não apenas no Carnaval): não se tratava, para a maior parte de seus intérpretes coevos, de pensar um elenco de tradições compartilhadas por todos, mas de opor as "boas" às "más" no próprio movimento de constituição da nacionalidade. Eis porque Nice, Paris ou Veneza foram escolhidas como paradigmas de sua presença seletiva e diferenciada no interior da folia e a África, tomada como o outro lado da moeda: era uma referência não à folia, mas ao futuro do país. (CUNHA, 2001, p.249)

Programa bem sucedido considerando o afastamento dos elementos africanos, embora a diminuição do número e prestígio das antigas Grandes Sociedades, que deixariam de configurar o modelo ideal nas páginas dos jornais de modo que em 1923 os ranchos dominavam absolutos no carnaval carioca. Nesse ano o rancho do Ameno Resedá decidiu

desfile com o tema do Hino Nacional em resposta ao pedido do patrono do grupo, o jornalista Coelho Netto, que havia sugerido num apelo que os grupos apresentassem temas apenas ligados ao caráter nacional.

Apesar de não conquistar o primeiro lugar, o que causou grande chateação ao rancho, eles sustentariam a idéia de utilizar o carnaval para valorizar os elementos nacionais, talvez inspirados por serem os maiores representantes da "festa do povo". No entanto, o modelo que parecia consolidado viria a sofrer novas transformações, e também os ranchos deixariam, com os anos, de ter a preferência do público e da imprensa para dar lugar a era carnavalesca das escolas de samba.

1.4 – A vez das escolas de samba

Os ranchos haviam conquistado a intelectualidade e a imprensa no início do século XX misturando elementos religiosos aos carnavalescos e eliminando elementos africanos como forma de se legitimarem e conquistarem aceitação nesse período. O movimento, mesclando inovações com tradições já existentes, era amplamente saudado como símbolo da cultura nacional, fruto da miscigenação das raças, numa forma de reconciliar as massas com a elite, sem que esta perdesse o controle da situação.

No entanto, para Felipe Ferreira e Gabriel da Costa Turano (2013), as apresentações dos ranchos tornaram-se demasiado aristocráticas, com elementos muito luxuosos que não fariam jus à origem popular dos membros que compunham os ranchos. Os cordões, que eram vistos com maus olhos, tido como violentos por conta da presença de elementos africanos não constituíam uma alternativa para ocupar o lugar central da "festa do povo" carioca. Assim, segundo os autores, havia uma lacuna a ser preenchida.

Um tipo de manifestação, entretanto, entraria nessa peleja com uma notável vantagem. Produto dos mesmos foliões populares que organizavam os cordões, blocos e ranchos, essa nova forma de organização atrairia a atenção dos intelectuais pela origem de seus componentes – basicamente negros –, pela localização de suas comunidades – as favelas “paradisíacas” da periferia central do Rio de Janeiro –, pela singeleza de suas apresentações – sem a grandiosidade e a “intelectualidade” dos ranchos –, pelo caráter indiscutivelmente popular de seus participantes e, muito importante, pelo novo e surpreendente ritmo que saía de seus tambores, o samba “batucado”, em tudo diferente do samba “maxiado” até então difundido. (FERREIRA E TURANO, 2013, s/p)

Denominados escolas de samba, esses grupos se diferenciariam dos ranchos, cordões e

blocos não somente pelo ritmo musical, mas, segundo Ferreira e Turano, especialmente pela “pureza” de seus desfiles respondendo ao desejo de boa parte da intelectualidade carioca, que buscava uma expressão carnavalesca capaz de representar o povo brasileiro em sua “essência”, “tradicionalidade” e “inocência”.

Assim, para os autores o surgimento das escolas de samba seria como uma espécie de resposta a essas ansiedades, mas estas, porém, precisariam pavimentar seu caminho em direção ao reconhecimento “oficial” da sociedade como principais representantes do carnaval popular brasileiro.

Para Nelson da Nóbrega Fernandes (2012) a primeira escola de samba do Rio de Janeiro seria a *Deixa Falar*, fundada em 1928 e nascida dentre os bairros do Estácio e da Praça Onze. Segundo o autor, a *Deixa Falar* inventou a escola de samba quando criou esse nome e privilegiou uma orquestra baseada em instrumentos de percussão, formada por tamborins, latas de manteiga encouradas (o surdo), pandeiros e reco-recos que marcavam o ritmo da dança dos sambas cantados durante os desfiles.

Fernandes (2012) destaca que tal fórmula ganharia consistência entre seus pares e visibilidade especialmente no carnaval de 1932, quando líderes de blocos carnavalescos e jornalistas organizaram, sob o patrocínio do periódico *O Mundo Esportivo*, o primeiro concurso entre escolas de samba. Para divulgá-lo, o jornal exibiu os troféus que seriam dados às escolas ganhadoras dos três primeiros lugares na vitrine da loja *A Capital*, uma das mais tradicionais da cidade. *O Mundo Esportivo* publicou e fez publicar em outros jornais, como *O Globo*, matérias e notas que descreviam o evento.

Fernandes (2012) explica que o sucesso desse primeiro concurso foi grande, no qual participaram 19 agremiações dos mais diversos lugares da cidade. Devido ao sucesso, o autor relata que em 1933 os jornais *O Globo* e *Correio de Manhã* disputaram o patrocínio e organização do evento, disputa vencida pelo primeiro, mas que não fez com que o *Correio da Manhã* deixasse de apoiar as escolas de samba, devido ao seu caráter inovador e sua originalidade em termos da execução de um novo samba, baseado exclusivamente em instrumentos de percussão, uma grande sensação e experiência estética.

Com origem nas camadas mais pobres da cidade, em sua maioria negra, a escola de samba convergia para a busca de expressões de uma sensibilidade nacionalista e popular que então agitava o país e cobria o mundo, de modo que Fernandes (2012) relata que logo o novo modelo encontrou seus defensores na imprensa, contanto ainda com um leque de intelectuais e políticos importantes lhe prestou apoio e legitimidade crescente ao longo do tempo.

Para Ferreira e Turano (2013) as escolas de samba englobavam diferentes elementos e

atendiam a diferentes interesses:

O grande valor dessas “escolas de melodia” era, como se pode depreender, sua musicalidade, o ritmo dos seus tambores e a beleza de seu canto marcando as escolas de samba como uma espécie de oposição aos ranchos e às grandes sociedades com suas alegorias e fantasias luxuosas. Surgidas como uma negociação entre os interesses da intelectualidade (que buscava uma manifestação carnavalesca popular essencialmente brasileira), dos políticos (desejosos de agradar às classes menos favorecidas), do turismo (buscando atrair visitantes interessados numa festa como nenhuma outra no mundo) e dos sambistas dos morros (que almejavam ascensão e aceitação social), as escolas de samba precisavam, nesses primeiros anos, reafirmar seu compromisso com a tradição, as origens negras e a pureza essencial. (FERREIRA, TURANO; 2013, s/p)

De acordo com Fernandes (2012), o entusiasmo com que os blocos carnavalescos aderiram ao campeonato das escolas de samba foi consolidado em 1933, quando o número de participantes quase dobrou, passando de 19 do ano anterior para 35 grupos, sendo que desse total, apenas 25 estavam oficialmente inscritos na disputa.

No entanto, a disputa realizada pelo jornal *O Globo* em 1933 na Praça Onze, já possuía um regulamento bem restrito, que, segundo Ferreira e Turano (2013), já visava moldar as recém-criadas escolas de samba em um determinado modelo. De acordo com os autores, o julgamento era organizado em itens como harmonia, poesia do samba, enredo, originalidade e conjunto, destacando-se a proibição do uso de instrumentos de sopro e obrigatoriedade de presença de baianas. É justamente a presença deste último item que denota o interesse em confinar a nova modalidade carnavalesca num determinado modelo de execução.

Os autores se questionam o porquê as escolas de samba, até então originadas em apenas dois anos, necessitavam de um regulamento tão rígido. Para eles, boa parte dos critérios de julgamento dizia respeito a questões ligadas à música, o que acentuava a diferenciação entre as escolas e os ranchos. Mas a resposta principal é dada pelos autores no sentido que as escolas de samba, embora ainda não tivessem solidificado seu formato, precisavam fazê-lo rapidamente sob pena de não ocupar o espaço que a elas estava destinado.

Provenientes dos diferentes grupos que pululavam no carnaval carioca e que, do mesmo modo que elas, também tinham no samba um de seus trunfos, as escolas precisavam reafirmar os valores pelos quais tinham sido “invocadas”: tradicionalidade, negritude, pureza e singeleza. Nesse sentido, a presença obrigatória de um conjunto de “baianas” representava a expressão de um compromisso desses novos grupos de samba com suas “origens

populares”, com a “essência da brasilidade” e com o “passado ancestral”. Incluir obrigatoriamente baianas em suas apresentações era, desse modo, uma forma de as escolas mostrarem à intelectualidade, às autoridades e ao povo que as saudava na Praça Onze seu compromisso e sua “inegável” relação com a ancestralidade festiva de raiz negra. (FERREIRA, TURANO, 2013, s/p)

De acordo com os autores, em poucos anos após a organização das escolas de samba, estas já haviam feito incorporações capazes de fazer com que elas se adaptem aos interesses da sociedade, assumindo e ressignificando os valores desta última quase sempre em proveito próprio. Tal processo teria se dado de acordo com a capacidade de negociação das escolas de samba, que percebem com rapidez as enormes possibilidades que a elas se apresentavam caso assumissem o papel de manifestações puras e tradicionais.

No entanto, Ferreira e Turano (2013) apontam que esse processo envolvia alguns problemas. O primeiro, natural da disputa carnavalesca, seria a necessidade que as escolas tinham de superar suas rivais, disputas essas que já eram comumente promovidas por jornais desde o século XIX. No entanto, os autores apontam que nem todas as escolas estavam dispostas a aceitar regras e imposições, tendo algumas delas buscado sua identidade exatamente nessa resistência, exemplo que dão citando a escola *Vizinha Faladeira*, surgida em 1932 e extinta em 1940 em protesto contra "marmeladas" no julgamento dos jurados e interpretação do regulamento.

Fernandes (2012) aponta que as lideranças do samba começaram reuniões para institucionalizar sua organização, criando em 1934 a *União das Escolas de Samba* (UES). Em seus estatutos foi firmado que a principal finalidade da UES era organizar os desfiles de festejos carnavalescos e exibições públicas, entender-se diretamente com as autoridades federais e municipais para obtenção de favores, bem como estabelecer as normas dos desfiles e os elementos rituais que caracterizam uma escola de samba, a exemplo da obrigatoriedade de um grupo de baianas, da proibição do uso de instrumentos de sopro e de enredos que não fossem baseados em temas nacionais.

O autor destaca essa obrigatoriedade do desenvolvimento de temas nacionais pelos sambistas, iniciativa que o rancho Ameno Resedá já havia tomado em 1923 estimulado pelo escritor Coelho Neto. Para ele, por muito tempo a historiografia brasileira creditou esta imposição nos enredos à ditadura do Estado Novo, um equívoco que só veio a ser corrigido por Sérgio Cabral em 1996 com a obra *As escolas de samba do Rio de Janeiro*.

Fernandes explica que os motivos que levaram os sambistas a tomarem tal atitude estavam relacionados a resultado de negociações que envolveram os líderes da União das

Escolas de Samba e o prefeito Pedro Ernesto, que então gozava de amplo prestígio entre as camadas populares da cidade, fazendo com que em 1935 todas as 25 escolas inscritas desenvolvessem um único enredo: “A vitória do samba”. “Segundo nossa apreciação, o enredo geral de 1935, além de expressar a conquista do direito de sambar nas ruas do Rio de Janeiro, incluiu a Praça Onze na geografia do carnaval oficial e, particularmente, elevou o samba ao lugar de tema nacional” (FERNANDES, 2012, s/p).

No entanto, os temas nacionais não precisariam exaltar apenas mártires, heróis e a história oficial. Segundo o autor, em 1939 a escola Portela com o enredo “Teste ao samba” demonstrou que as escolas de samba podiam ser inovadoras e campeãs tendo por enredo o próprio samba e seu povo. Fernandes ainda destaca que as relações entre as escolas de samba e a ditadura de Vargas foram tensas e não podem ser reduzidas à lógica do “pão e circo”.

Ferreira e Turano (2013) também destacam a lógica do processo de negociação entre as escolas de samba e as intelectualidades da época, pontuando um processo que nem sempre seria livre de tensões.

São essas discussões, nem sempre tensas, nem sempre consensuais, que acabariam fazendo com que algumas escolas sobrevivessem e se tornassem verdadeiras glórias da cultura brasileira enquanto outras sucumbissem à sua própria ousadia. As histórias de ambas, entretanto, não são isoladas. O fracasso da Vizinha Faladeira está intrinsecamente ligado ao sucesso da Portela. Ao contrário da primeira, que se recusou a negociar suas inovações e luxo, a segunda se projetaria no imaginário carnavalesco a partir de sua capacidade de dialogar com diferentes interesses, reinterpretando os valores tradicionais e ressignificando suas ousadias como espaços de tradição. (FERREIRA, TURANO, 2013, s/p)

Para os autores, seria exatamente essa capacidade de reinventar constantemente suas tradições, adaptando-as aos interesses da intelectualidade sem perder de vista seus próprios objetivos, que consolidaria e daria o tom das escolas de samba a partir de então.

É este modelo de carnaval carioca que viria a influenciar fortemente a folia carnavalesca de Governador Valadares a partir de 1950. Sem focar exclusivamente nas escolas de samba, toda essa tradição envolvendo desde o curso até as escolas refletiriam no carnaval da cidade que, assim como o conceito de carnaval de Felipe Ferreira propõe, estava recheado de tensões e disputas pelo discurso e pelo espaço carnavalesco da cidade.

Assim, neste primeiro capítulo observamos como as festas, dente elas o carnaval, sofrem modificações ao longo do tempo, seja por meio de mudanças espontâneas ou pela adoção de estratégias que valorizem ou excluam determinados elementos de sua realização de acordo com os interesses de cada população que festeja o carnaval. Considerando o contexto

local da realização do carnaval como perspectiva importante para se compreender tal festa, no próximo capítulo discutiremos o cenário econômico e social de Governador Valadares, para então no terceiro capítulo estabelecermos a conexão entre as transformações do carnaval valadarense com as transformações pelas quais a própria cidade passou ao longo dos anos.

2- DESENVOLVIMENTO E IMAGINÁRIO DE GOVERNADOR VALADARES

No capítulo anterior, destacamos que do mesmo modo como o carnaval veneziano e parisiense exerceram influência direta sobre as configurações adotadas para a festa carnavalesca no Rio de Janeiro, do mesmo o carnaval carioca passou a servir de referência para muitos festejos carnavalescos no interior do Brasil. No entanto, essa apropriação da festa momesca no interior do país sofreria alterações de acordo com a realidade de cada lugar.

É curioso notar que ao buscar um modelo na festa da então capital brasileira, as apropriações podiam perder o sentido original. Isso é possível perceber ao percebermos a presença do curso ainda nas comemorações do carnaval valadarense em 1963, sendo mencionado até a década de 80. Vale lembrar que este tipo de festejo foi definido por Felipe Ferreira (2005) como uma estratégia da elite carioca para contrapor ao antigo e “selvagem” entrudo e ocupar o espaço carnavalesco do Rio de Janeiro no século XIX. Já Maria Clementina Pereira Cunha (2001) se refere a esse tipo de folia como uma estratégia “pedagógica” da elite para ensinar um novo modelo carnavalesco à população carioca.

No entanto, essa presença do curso em 1963 em Governador Valadares aos moldes do século anterior no Rio de Janeiro não parece indicar objetivo semelhante ao da elite carioca, uma vez que a folia valadarense já contava com maior participação da elite econômica na definição da festa na cidade e não tinha necessidade de enfrentar outro modelo carnavalesco na cidade.

Assim, essa presença aparentemente anacrônica do curso valadarense nos parece mais ser uma apropriação dos antigos modos de festejos realizados na capital pela então elite econômica valadarense sem se atentar para o objetivo que esse tipo de comemoração possuía em seu surgimento no Rio de Janeiro.

Ao tratar da análise do carnaval fazendo paralelos entre os diferentes festejos momescos na América e na Europa, o historiador inglês Peter Burke (2000) nos lembra que é preciso levar em conta não apenas a tradição inconsciente, mas também a imitação consciente. Assim, é provável que o curso valadarense surgiu e se manteve vivo durante muito tempo na folia da cidade devido a intenção de imitar um modo de festejar vindo do Rio de Janeiro.

Essa discrepância entre o objetivo inicial do curso na sociedade carioca e a apropriação aproximadamente um século depois na festa valadarense pode ser explicada tendo como base os estudos Burke, o qual faz considerações a respeito da tradição, tida como a transmissão de objetos, práticas e valores de geração a geração.

A tradição, como disse um especialista em Índia Antiga, está sujeita a um conflito interno entre os princípios transmitidos de uma geração a outra e as situações modificadas às quais devem ser aplicados. Colocar a questão de outra maneira, seguir a tradição ao pé da letra, provavelmente significa divergir do seu espírito. Não surpreende que – como no caso dos discípulos de Confúcio (digamos), ou Lutero, os seguidores tantas vezes divirjam dos fundadores. A fachada de tradição talvez mascare a inovação. (BURKE, 2000: 240)

Assim, nos parece provável que, durante o surgimento do que viria a ser a folia valadarense no início do século XX, por meio de intensa migração para a localidade de Figueira, os festejos momescos locais buscavam imitar o modelo de carnaval que era praticado na capital brasileira da época, de modo que houve a apropriação de um modo de festejar que já caía em desuso na própria capital. No entanto, para os moradores de Governador Valadares, a prática ainda perdurou até meados da década de 60 a 70, com tentativa de resgate nos anos 80, devido à insistência em manter uma “tradição” do carnaval local, mesmo que a prática apropriada já não fosse mais destaque em seu local de origem e também estivesse perdendo terreno na própria comunidade local.

Como um ponto que pode ter favorecido a sobrevida desta prática por tanto tempo em Governador Valadares, destacamos o fato de que o curso destacava os membros da elite econômica, uma vez que nesse tipo de festejo as famílias que possuíam automóveis desfilavam fantasiadas por um determinado percurso e eram observadas pelas demais famílias que não possuíam este bem de consumo, que ainda era limitado a pequena parcela da população.

Assim, apesar da prática ter perdido importância no Rio de Janeiro ainda no fim do século XIX, pelo fato de ter sido bem sucedida a estratégia de ofuscar o entrudo e terem surgido formas tidas como mais “civilizadas” de festejar, esta continuou a ser praticada até pouco depois da metade do século XX em Governador Valadares tanto por ter um caráter supostamente “tradicional” que era passado à geração seguinte, quanto porque era um meio de destacar os membros da elite econômica da cidade.

Por meio deste exemplo, ressaltamos a importância de conhecer a realidade social e econômica de Governador Valadares antes de nos aprofundar na folia carnavalesca da cidade, como forma de oferecer subsídios para analisar a festa valadarense tendo como base a realidade local, de modo que possamos extrair os significados das práticas festivas para os valadarenses mesmo que as práticas em questão não sejam exclusivas da folia em Governador Valadares.

Para isso, é necessário fazer um retrospecto do surgimento, ocupação e

desenvolvimento da cidade até o ponto que nos interessa: as décadas de 1950 a 1980.

2.1- Da Figueira à emancipação

O local que viria a ser conhecido como Governador Valadares começou no início do século XIX com a intenção de ser um ponto de controle do território na luta contra os índios Botocudos. Segundo o historiador valadarense Haruf Salmen Espíndola (1998) a primeira presença permanente ocorreu na localidade de Baguari, com a instalação de um dos quartéis da 1ª Divisão Militar do Rio Doce. Um segundo quartel, da 6ª Divisão Militar, foi levantado poucos quilômetros abaixo em 1818 com o nome de Dom Manoel, mas esta denominação ficou restrita ao uso oficial, uma vez que desde o início a localidade ficou conhecida como porto da Figueira do Rio Doce ou apenas porto da Figueira.

Ainda segundo Espíndola, o ponto destacava-se devido à sua posição estratégica, especialmente com relação ao comércio do sal, produto imprescindível para a sobrevivência das povoações do Nordeste de Minas. Também devido à posição privilegiada, tornou-se porto para o escoamento da produção proveniente do Vale do Suaçuí e do Santo Antônio, tornando o local um posto comercial modesto.

De acordo com o citado historiador, o arraial de Figueira pertencia ao Distrito de Peçanha, que se emancipou do município do Serro Frio em 1878. Durante o processo de emancipação, Peçanha buscou garantir a integralidade de seu território, transformando Figueira em seu distrito em 1882.

O desenvolvimento do então distrito de Figueira viria em 1910, com a inauguração da estação de trem na localidade. A presença da estrada de ferro impulsionou o comércio local, consolidando a posição de entreposto comercial e dando início ao crescimento do arraial.

Segundo os estudos de Espíndola, a estrada de ferro deu início à chegada dos primeiros comerciantes, compradores de café e os madeireiros, e ainda de aventureiros em busca de riqueza. O desenvolvimento do local, lento no início, acelerou-se na década de 20 e 30, atingindo o auge entre 1940-1960.

Até os anos trinta, a base da economia do distrito de Figueira era a mesma da região do Rio Doce, compondo-se do café e da madeira, exportada em forma de toras. Estes produtos sustentaram a receita da Estrada de Ferro Vitória a Minas, até os anos quarenta, quando teve início a exportação de minério de ferro. Além de receber a produção de café e madeira, destinada à ferrovia, Figueira passou a contar com tropeiros vindos de longe, carregados de toda

sorte de mercadorias, tais como feijão, milho, farinha, rapadura, queijo, toucinho. De volta levavam o sal, querosene, peças de fazendas, ferramentas, utensílios diversos. Este comércio foi dominado pela filial da firma capixaba Mafra & Irmãos, até 1930, quando faliu devido à crise internacional de 1929. (ESPÍNDOLA, 1998, p.152)

A emancipação de Figueira se deu dezembro de 1937, por ato do governador Benedito Valadares. A mudança do nome do local para homenagear o governador se deu cerca de um ano depois, em dezembro de 1938.

Segundo Espíndola (1988), a população de Governador Valadares era de 5.734 habitantes em 1940, quando a economia regional teve sua fase de grande crescimento. A exploração dos recursos naturais teve crescimento elevado devido aos solos resultantes do desmatamento e pelos minerais do subsolo, de modo que a atividade extrativista resultou em uma modificação rápida da paisagem urbana, porém respeitando o traçado urbano planejado em 1915. Na década seguinte, em 1950, população chegou a 20.357 habitantes e dez anos depois atingiu a espetacular cifra de 70.494 habitantes, apresentando depois queda no ritmo de crescimento da população.

Tal crescimento acelerado de Governador Valadares é apontado por Espíndola (1998) devido à fertilidade das terras desmatadas, formando de pastagens de invernada e para agricultura, à facilidade de aquisição de propriedades e estabelecimento de posse e ainda à presença de riquezas naturais de rápida exploração: a madeira de lei, a madeira para fabricação de compensado, para dormentes, para lenha e para carvão vegetal, a mica e as pedras preciosas e semi-preciosas.

Segundo o historiador, com o crescimento regional, a cidade foi assumindo diversas funções urbanas, tornando-se primeiro um pólo de beneficiamento e distribuição dos produtos da região, tais como mica, pedras semipreciosas, madeira, couros, cereais e gado. Depois se tornou um importante centro de pecuária de engorda, possuindo um dos maiores rebanhos do estado. Por fim, Governador Valadares tornou-se um centro de abastecimento e consumo, distribuindo produtos nacionais e importados, destacando-se por grande oferta de mercadorias com preços que não se diferenciavam muito dos praticados na capital mineira.

No entanto, a cidade possuía problemas característicos de cidades pólo, especialmente no tocante à saúde e saneamento básico. Espíndola (1998) cita que a água consumida na cidade era diretamente retirada do Rio Doce, ou comprada de carroceiros que retiravam a água de lá. Em potes de barro a água do rio era decantada e posteriormente filtrada, mas segundo o historiador, a fervura era técnica pouco utilizada.

Porém, o maior problema enfrentado na Governador Valadares da década de 40 era a

malária, seguida pela leishmaniose e esquistossomose. O motivo era devido a uma lagoa, denominada Lago do Sapo, que ficava na área urbana da cidade e servia bebedouro para as boiadas que passavam pela cidade. Tal lugar era o maior foco do mosquito transmissor da malária, e segundo Espíndola, era comum a presença de doentes definhando pelas ruas do município. A eliminação da lagoa precisou vencer a enorme resistência daqueles que se utilizavam dela com frequência.

No entanto, o historiador aponta que este problema de saneamento encontrou solução no meio de um grande boom de desenvolvimento econômico da cidade, financiado por capital estrangeiro.

Espíndola afirma que a II Guerra Mundial foi um fator importante no "boom" da economia regional, provocando o plano de saneamento do Vale do Rio Doce por meio da implantação do Serviço de Saúde Pública (SESP) em 1942, financiado pelos Estados Unidos. O órgão foi criado por meio de acordos com Washington, que garantiram para o Vale do Rio Doce e do Rio Amazonas os programas especiais de saneamento, em razão da mica e da seringueira serem matérias-primas estratégicas para aquele país em guerra.

Ainda segundo o historiador valadarense, foi por meio de ações da SESP que se combateu a leishmaniose, o calazar e a malária. O SESP era responsável ainda pelo Centro de Saúde, e praticamente todos os médicos da cidade, que eram poucos na época, prestavam serviço para o órgão dentro da sua especialização.

Com a resolução dos problemas de saúde pública, a cidade pode expandir-se ainda mais, mas sempre apostando em atividades extrativistas. A agricultura não possuía importância na região que, à medida que desmatava a madeira, transformava a área desmatada em pastos para o gado. Tal processo de desmatamento foi intensificado ainda mais após a contenção de doenças por meio do saneamento realizado pela SESP. É o que contou o ex-funcionário do órgão e ex-prefeito de Governador Valadares em depoimento ao historiador Haruf Espíndola:

Isso aqui era uma reserva ecológica, vamos dizer assim; foi a mais recente fronteira de 50 anos para cá, que foi aberta em Minas Gerais. O anofelino, mosquito transmissor da malária, guardou isso aqui para as novas gerações. O mosquito manteve aqui, o médio rio Doce, resguardado como um patrimônio natural formidável. As reservas naturais foram uma grande fonte de colonização: a mica, como matéria-prima essencial ao esforço de guerra, e a madeira. Logo em seguida, tirada a madeira, veio o colonhã; não se sabe quem trouxe; diz o Lyrio Cabral que foi o pai dele quem trouxe. O colonhã entrou com agressividade e trouxe consigo a pecuária. Então, não conhecemos as fases clássicas da exploração da madeira e extrativismo florestal, seguida da agricultura comercial e de subsistência, depois de outras

atividades de transformação industrial ou da pecuária. Nós saltamos direto das devastações das matas para a pecuária. Razão porque nós não temos tradição agrícola aqui. (ESPÍNDOLA, 1998, p. 157)

A atividade madeireira já era presente na localidade desde a década de 20, quando ainda se chamava Figueira e era distrito de Peçanha. No entanto, segundo o historiador valadarense, em meados das décadas de 20 e 30 a exploração não se dava de modo racional, de forma que não era possível classificar essa atividade como um empreendimento capitalista. Nessa época, os primeiros madeireiros desdobravam as toras no braço e tiravam os pranchões da mata, com ajuda de animais, especialmente o jumento.

Porém, a partir da década de 40 esse segmento passou a crescer conforme descrito no depoimento do ex-prefeito Hermírio Gomes, e na década de 50 Governador Valadares se destacava como o centro de beneficiamento da madeira, contando com aproximadamente quatorze serrarias e uma grande fábrica de compensados.

Também relacionando com a atividade extrativista de madeira, outro setor que apresentou elevada importância e crescimento na cidade durante as décadas de 40 e 50 foi o da produção de carvão. Espíndola (1998) aponta que a este produto era destinado às usinas siderúrgicas mineiras.

Segundo ele, foi exigido das companhias siderúrgicas um funcionamento a todo vapor durante a II Guerra Mundial, pois o conflito havia provocado empecilhos para a importação do aço e derivados, tais como trilhos para estradas de ferro. Visando atender a demanda, as siderúrgicas avançaram a devastação da floresta do vale do médio do Rio Doce, aumentando as compras de carvão dos fornecedores particulares.

A Siderúrgica Belgo Mineira criou uma série de facilidades para fazendeiros legitimarem suas terras, em troca do fornecimento da madeira de lei para a Companhia Agropastoril, sediada em Governador Valadares, e do carvão para a usina de João Monlevade. Aliada ao crescimento da demanda de lenha doméstica, por parte da crescente população, e da lenha de uso industrial, por causa da expansão econômica, a extração de carvão acelerou a destruição das matas. (ESPÍNDOLA, 1998, p. 158)

Outro setor que ganhou destaque e foi impulsionado durante o período da II Guerra Mundial foi o da extração da mica, também chamada de malacacheta, mineral que era utilizado como matéria-prima na indústria bélica para a fabricação de materiais elétricos e instrumentos de precisão.

Abundante na região, a atividade da mica foi intensa nos anos 30 e 40, atraindo o capital estrangeiro. A produção era destinada quase exclusivamente aos Estados Unidos,

tornando-se um negócio altamente lucrativo.

Segundo Espíndola (1998) os empresários do setor de beneficiamento também controlavam jazidas e empregavam centenas de funcionários. Uma das principais indústrias era a COMIL, que possuía cinco jazidas, nas quais 250 homens eram empregados. Também do grupo, a fábrica de beneficiamento da mica possuía outros 150 empregados, a maioria deles sendo mulheres e crianças menores de idade.

Ainda segundo o historiador, a atividade de extração da mica beneficiava principalmente as mulheres, pois para além das grandes indústrias e empresários, havia o trabalho doméstico voltado para esse mercado. Nas portas das casas pobres, as mulheres se sentavam em bancos de madeira ou mesmo no chão e iam desfolhando o bloco de mica com o auxílio de uma cunha. O resultado deste trabalho era vendido às indústrias para complementar a renda doméstica.

Com o auge da atividade madeireira, da mica e da atividade pecuária, Governador Valadares constituiu-se como pólo na região e naturalmente passou a atrair diversos migrantes. Os trabalhadores vinham das zonas vizinhas do vale do Suaçuí, Zona da Mata, Mucuri e Espírito Santo, em busca de oportunidades. Segundo Espíndola, muitos eram aventureiros que buscavam fortuna fácil, mas a maioria se constituía de pequenos lavradores que trocavam a vida no campo pela urbana na busca de melhores condições para viver e trabalhar.

Ainda seguindo os estudos do historiador valadarense, a população de Governador Valadares passou a atrair pessoas de origens variadas. Mudaram-se para a cidade emigrantes nordestinos que desistiam de continuar viagem para São Paulo, tendo estes trabalhado especialmente no artesanato de couro. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, a população rural do município migrou em massa para a zona urbana, atraída pelas condições de vida e pelos níveis salariais existentes.

A cidade oferecia amplas oportunidades de emprego nas serrarias, oficinas de mica, abatedouros, armazéns atacadistas, comércio varejista, indústrias diversas, na construção civil, entre outras ocupações criadas pela rápida expansão urbana. Desse modo, o ambiente urbano da cidade ainda jovem de Governador Valadares era composto de um grande mosaico formado pelos hábitos e costumes diversificados que cada migrante trazia de seu local de origem.

2.2- Caracterização econômica e social de 1950 a 1990

Até a década de 1950, Governador Valadares tinha tido um movimento ascendente de crescimento de sua população e de desenvolvimento econômico. A cidade possuía população de aproximadamente 20 mil habitantes e contava com mercado diversificado, como aponta o historiador:

O município, em meados da década de cinquenta, possuía 1813 estabelecimentos comerciais, sendo que 104 atacadistas e 1280 varejistas concentravam-se na cidade. Localizados fora da sede do município estavam sete atacadistas e 422 varejistas. A cidade que contava com raros veículos motorizados, dependendo ainda das tropas de burro, no início da década, tinha registrado 733 veículos dessa natureza, sendo 221 automóveis e jipes, nove ônibus, oito caminhonetes e 20 veículos de outra natureza; de carga havia 309 caminhões, 123 camionetas, 43 tratores; na classe dos não motorizados era grande o número de charretes que serviam de taxi, de carroças para o transporte de carga e de bicicletas para o transporte individual. (ESPÍNDOLA, 1998, p. 159)

No entanto, a prosperidade econômica vivida em abundância e crescimento até meados da década de 50 não viria a se manter nas décadas seguintes. Com uma economia focada principalmente na extração dos recursos naturais abundantes na cidade, aos poucos a falta de diversificação econômica viria a atrapalhar o desenvolvimento e o progresso em Governador Valadares.

Um dos primeiros setores a diminuir sua produção foi o do mercado relacionado à extração e beneficiamento da mica. Apesar da grande lucratividade essa atividade tinha até a década de 40, o ritmo de produção foi se retraindo após o fim da II Guerra Mundial. O setor entrou em colapso na década de 60, quando a indústria bélica passou a substituir a mica por outros tipos de matéria prima. Esse fator causou forte queda no emprego e renda de empresários e trabalhadores na cidade:

A partir de 1960, a produção de mica caiu em queda livre, registrando-se, no final dessa década, uma produção bastante irrisória. O refluxo da atividade extrativa da mica teve consequências sérias para a economia local, com redução do número de empregos do setor, de cerca de 3.000 pessoas, no início dos anos cinquenta, para cerca de 500 empregos, no início dos anos sessenta. Além dos empregos diretos, a queda da demanda no mercado atingiu, fortemente, as centenas de famílias que trabalhavam a mica em suas próprias casas. (ESPÍNDOLA, 1998, p.158)

Também o então próspero setor madeireiro começou a dar sinais de desgaste. Após

anos de intenso desmatamento da flora da região para alimentar a exportação de toras de madeira e as carvoarias, as matas exploráveis passaram a ficar distantes, iniciando uma situação de escassez de madeira na região.

Diante desse cenário, as indústrias da região que dependiam da extração da madeira tiveram que reavaliar suas estratégias. Algumas encerraram suas atividades, outras migraram para outras regiões, tais como Bahia e Espírito Santo. Na cidade, aos poucos foi restando a natureza devastada e as marcas passadas do antigo progresso na paisagem urbana por meio das ruínas das serrarias, da antiga usina de açúcar, do prédio da fábrica de compensados, dentre outros empreendimentos.

Assim, a cidade que até a década anterior era um pólo de atração de migrantes de diversas partes do país, a partir da década de 50 iniciou processo inverso. Aos poucos Governador Valadares foi transformando-se em um reservatório de mão-de-obra industrial e de mão-de-obra para o trabalho doméstico.

Segundo Espíndola (1998), na década de 1960 iniciou-se o processo de involução demográfica e econômica, marcado pela perda contínua de população e atividades produtivas e ponto fim ao ciclo de expansão. A população iniciou um processo migratório, fazendo o mesmo que havia feito anteriormente: buscou uma região com melhores opções de trabalho e renda. De acordo com o historiador, o número dos emigrantes atingiu mais de 670.000 indivíduos e, nos anos setenta, o número de emigrantes subiu para cerca de 750.000.

Naturalmente esse processo teve grande impacto na economia de Governador Valadares, que perdeu a dinâmica anterior. No entanto, Espíndola aponta que a situação viria a se agravar na década de 1970 devido a dificuldade dos empresários em perceberem a situação em que se encontravam e não elaborarem novas estratégias econômicas. Apesar do esgotamento da atividade extrativista na região, os empresários não planejaram um novo direcionamento para manter ou reaquecer a economia local.

Para exemplificar o momento que a cidade viveu, o historiador apresenta números:

Os anos setenta foram de incomparável crescimento econômico de Minas Gerais, com índices superiores a 10% a.a., atingindo até 18,2% a.a. (1974)¹⁵. Nesta década, contrariamente, a Região do Rio Doce¹⁶ apresentou índice negativo de crescimento, com a população regional reduzindo-se em 0,14% a.a.. Entre 1960 e 1980, a participação regional no PIB mineiro reduziu-se de 7,2% para 5,7%. A Região que foi considerada a "terra da promessa", desde que o termo surgiu em documentos do final do século XVIII, até a década de cinquenta do século XX, passou a ser mencionada nos documentos oficiais, a partir dos anos sessenta, como "*região problema*".(ESPÍNDOLA, 1999, p.160)

Além do fim da exploração da mica e da madeira, a vocação pecuária não foi modernizada e também apresentou queda na produtividade, fruto da manutenção de um sistema que apenas explorava a capacidade do solo, sem incrementar novas tecnologias no setor. Na década de 50, a média era de duas cabeças de gado/hectare/ano, passando para 0,8 cabeça /hectare/ano nos anos 80.

Desse modo, a atividade regrediu, caindo 18,5% entre 1975 a 1985, de acordo com o Censo Agropecuário de 1985. Dois grandes frigoríficos foram fechados e, sem a implantação de novas tecnologias e infra-estrutura na zona rural, o setor agropecuário não teve condições de se desenvolver.

Em decorrência de todo o processo de recessão da economia de Governador Valadares, a região perdeu a função polarizadora e passou a registrar crescente aumento da emigração a partir da década de 70. O crescimento vegetativo da cidade continuou a crescer, mas em ritmo menor que o registrado nas décadas anteriores, e mesmo o setor terciário perdeu grande parte de sua importância a partir dessa década.

Mesmo com a decadência da década de 70 sendo fruto do passado econômico de vocação extrativista, não houve o desenvolvimento e a reorganização no sentido de se pensar a vocação da cidade e prepará-la para exercer tal função. Da antiga prosperidade havia restado apenas a mão de obra, que começou a deixar Governador Valadares em busca de melhores condições de vida, e essa emigração passaria a exercer forte influência no setor econômico da cidade nas décadas seguintes.

2.3- O fluxo migratório para os EUA

Para a pesquisadora Maria Zenólia Almeida (2003), o falar sobre emigração naturalmente envolve falar a respeito da sociedade que gera essa movimentação no fluxo de pessoas. Deste modo, até o momento já traçamos o trajeto que levou a cidade de Governador Valadares a passar de um pólo de importação para um pólo de exportação de mão de obra.

A autora pontua que os processos de emigração se acentuaram a partir da segunda metade do século XIX devido a ampliação dos meios de transporte, produzindo uma maior integração mundial, porém se diferenciaram no século XX por apresentarem migrações espontâneas sem a coerção ou indução dos futuros empregadores, apenas o desejo de pessoas em se deslocarem para locais onde consideram que haja mais oportunidades de trabalhar e melhorar de vida.

Tal característica, aponta Almeida, se consolidou após a II Guerra Mundial e acentuou-

se na década de 70 em todo o mundo. Porém, nessa década, a autora destaca que houve mudança no modo de produção capitalista, substituindo a produção em massa pela produção diversificada, flexível e especializada. Esse período denominado pós-fordista ou pós-moderno acarretou mudanças no setor produtivo criando demandas segmentadas de trabalho.

Considerando a realidade local, de decadência econômica após grande período de prosperidade, e o cenário mundial, de migração espontânea e segmentação do trabalho, que se inicia o processo de emigração na região do Rio Doce, na qual se insere Governador Valadares.

No entanto, Almeida (2003) considera ainda o cenário estadual de Minas Gerais, que também já possuiria forte apelo migratório, de modo que a migração já seria uma das características do povo mineiro:

No período de 1900 a 1920, Minas Gerais foi responsável pela geração de 40% das emigrações líquidas do país. A década de sessenta coloca em destaque o 'grande corredor migratório constituído pelo Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Sul do estado. Somente essas três regiões contribuíram com 62% do fantástico êxodo rural e 82% das emigrações líquidas dos mineiros para outros estados'. O Censo Demográfico de 1980 confirma que cerca de 30% da população mineira encontrava-se residindo fora do Estado de Minas Gerais. (ALMEIDA, 2003, p.35)

Resultado desse fluxo migratório e dos maus resultados na economia, o Vale do Rio Doce representava 17,3% da população mineira em 1960, 14,9% em 1970, 11,4% em 1980 até chegar a 9,8% em 1991, sendo a única região mineradora a perder população no período de 70/80, com taxa negativa na média de -1,03%. Já no período 80/91, enquanto a população mineira cresceu 17,6%, a população da região permaneceu praticamente estável, aumentando apenas 1,6%.

Se em 1960 Governador Valadares figurava como 4º lugar em termos de arrecadação estadual (superada apenas por Belo Horizonte, Juiz de Fora e Contagem), a partir dos anos 70 foi perdendo gradativamente importância na participação do PIB mineiro, indo para em 28º lugar arrecadação estadual em 1981.

Devido ao conjunto desses fatores, Almeida cita documento do Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais (1988) onde são feitas considerações a respeito da região do Vale do Rio Doce como sendo problemática no contexto estadual, embora não exista suficiente consciência a respeito, ao contrário do que ocorre com a região do Vale do Jequitinhonha. No contexto estadual, passa a ser a região que mais expulsa população.

A situação da região é resumida pela pesquisadora:

Nos últimos trinta anos perdeu cerca de 30% da população, esgotou suas fontes extrativas de riqueza, reduziu a participação relativa no PIB estadual de 7,2% em 1970 para 4% em 1990. A produção caiu, o desemprego cresceu, a população encolheu, fato agravado pela emigração de valadarenses para outros países, com destaque para os Estados Unidos. A escolha deste país não foi aleatória. Laços comerciais e culturais unem historicamente valadarenses e americanos. (ALMEIDA, 2003, p.37)

Ao considerar os migrantes oriundos de Governador Valadares e região, a autora pondera o processo de crescimento e desenvolvimento da cidade por meio de uma economia extrativista, baseada na madeira, carvão, mica e pedras preciosas. Porém, no que diz respeito ao setor relacionado à mica, ela destaca que esta atividade não apenas veio a aquecer a economia local, mas estreitou as relações que os valadarenses mantiveram e ainda hoje mantêm com os Estados Unidos.

Foi devido à extração de mica para a indústria bélica estadunidense que se iniciou o primeiro contato dos valadarenses com o povo e a cultura do país norte-americano. Esses vínculos estreitaram-se durante o já citado funcionamento da SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), viabilizado em 1942 por meio de acordo entre o Brasil e Estados Unidos.

Almeida (2003) destaca que a consolidação desses laços ocorreu num terceiro momento, com a presença de trabalhadores da Morrison-Knudsen, um consórcio de empresas dos EUA e Canadá que estiveram em Governador Valadares para atuar e prestar consultoria na modernização da estrada de ferro Vitória a Minas, pertencente à Companhia Vale do Rio Doce.

Segundo a autora, neste período houve a construção na cidade de um acampamento com um conjunto de casas nos moldes norte-americanos, compreendendo moradias para os funcionários casados, mais graduados (fossem estadunidenses ou brasileiros), tendo ainda uma casa de hóspedes, para acolher os diretores da Cia Vale do Rio Doce e outra casa para os funcionários solteiros. Na área do acampamento, só tinham acesso os moradores, hóspedes ou convidados.

Ainda nos anos 50 os estadunidenses retornaram ao seu país de origem, permanecendo na cidade apenas um casal, o norte-americano Mr. Simpson e sua esposa D. Geraldina, de origem portuguesa. Almeida (2003) aponta que D. Geraldina, que fundou o primeiro curso de inglês em Governador Valadares, o Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU). Esta instituição iria facilitar o acesso ao visto americano

Em 1964 dezessete jovens, com idade entre 18 e 27 anos, todos eles alunos do IBEU,

conseguiram com visto para morar e trabalhar nos Estados Unidos por um ano, morando em casas de famílias americanas. De acordo com a pesquisadora Juliana Vilela Pinto (2011), tais jovens possuíam boas condições financeiras e eram oriundos da classe média. A migração, portanto, não ocorreu apenas por questões econômicas, mas motivada principalmente pela curiosidade de conhecer o “a terra das grandes oportunidades”.

Ainda segundo Pinto (2011), o retorno dos intercambistas, que chegavam encantados e muito falavam sobre o estilo de vida norte-americano, acabou por impulsionar os primeiros imigrantes, que partiram com visto de trabalho. Para a autora, eles constituíram os primeiros pontos de uma rede social que se consolidaria nas décadas de 70 e, principalmente na de 80, de modo que impulsionaram e facilitaram a ida de outros valadarenses aos Estados Unidos.

Almeida (2003) destaca que nas décadas de 50 e 60, o processo de “americanização” era encarado sob duas perspectivas no Brasil: ou era visto como um grande perigo capaz de destruir a cultura brasileira e influenciá-la de modo negativo, ou então era encarada como uma força capaz de impulsionar a cultura e economia brasileira, modernizando-a.

Ainda segundo Maria Zenólia Almeida, enquanto boa parte do Brasil alimentava um sentimento de nacionalismo exacerbado que se manifestava nas palavras de ordem “fora yanques”, em Governador Valadares os jovens da cidade conviviam com o sonho de conhecer os Estados Unidos, tido como um verdadeiro templo de consumo.

Juliana Vilela Pinto (2011) aponta que as bolsas de estudos são o primeiro mecanismo utilizado pelos jovens da cidade para irem para os EUA, sendo muito divulgadas na mídia local as oportunidades e meios de como obter tais bolsas. No entanto, a autora pontua que o processo de emigração sem a documentação necessária já estava em processo de andamento desde fins da década de 60 e início da década seguinte, quando passou a figurar mais no noticiário local a intenção dos emigrantes em “fazer a América”.

Esta expressão é analisada por Almeida:

Nos anos cinquenta e sessenta, com uma população basicamente constituída de imigrantes, a idéia de ir para a América era vista pelos valadarenses, como uma alternativa de ganhar mais dinheiro em menos tempo. “Fazer a América” é uma expressão muito utilizada na cidade de Governador Valadares para identificar todos aqueles que buscaram nos Estados Unidos a oportunidade de ganhar dinheiro, fazer um capital em pouco tempo (um a três anos) e retornar ao Brasil. Objetivavam iniciar seu próprio negócio em Governador Valadares, com o capital acumulado em dois ou três anos de duro trabalho, através do exercício de funções de baixo prestígio social nos Estados Unidos, funções que estas mesmas pessoas jamais sonhariam em desempenhar no Brasil. (ALMEIDA, 2003, p.39)

Como apontado pela autora, assim que retornavam, o objetivo destes migrantes era desenvolver o próprio negócio, de modo que a prosperidade financeira dos que retornavam acabava por se tornar uma propaganda e um impulsionador para jovens da região, que estava estagnada economicamente, a repetirem a empreitada daqueles primeiros migrantes e buscarem oportunidades de trabalho nos Estados Unidos.

Desse modo, para Almeida (2003), emigrar para os EUA passou a fazer parte do imaginário coletivo da população da região como uma alternativa de melhoria de vida. Esse processo que se iniciou de modo experimental nos anos 60, viria a se consolidar nos anos 1980 e 1990.

Para Pinto (2011), esse imaginário foi reforçado pela mídia local pelo modo de abordagem que era feita ao retratar os migrantes. Segundo ela, especialmente nas colunas sociais, os migrantes eram retratados como pessoas bem-sucedidas, privilegiadas. Já os Estados Unidos eram tratados como um país diferenciado, e quem tivesse a oportunidade de conhecê-lo ou viver nele era privilegiado.

Ainda analisando a maneira como a migração era abordada na mídia valadarense, Pinto destaca que nas notas de colunas sociais ou menos em matérias realizadas com aqueles que retornavam dos EUA, raramente era mencionado o tipo de ocupação que os valadarenses desempenhavam naquele país durante o período que residiram lá.

As notícias destacam eventos sociais, viagens, nascimento de filhos e não as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes. A representação midiática, na época, privilegiava o aspecto positivo da emigração, deixando de lado suas conseqüências negativas e as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros em um território completamente diferente daquele em que eles nasceram. (PINTO, 2011, p. 65-66)

Assim, o processo de emigração, via legal ou não, cresce a partir da década de 70 e se consolida nos anos 80 de modo que a própria economia de Governador Valadares passa a sentir o impacto dessa movimentação de pessoas. Almeida (2003) aponta que nos anos 80, com a inflação em alta e a moeda brasileira desvalorizada, os valadarenses acreditam que receber em dólares representava um ganho real.

Ganhos estes que passaram a alimentar a economia de Governador Valadares. Almeida destaca que o envio de dólares de migrantes nos EUA para seus familiares no Brasil passou a impulsionar a construção civil na cidade, criando emprego para trabalhadores não qualificados, de modo que passou a sustentar a economia valadarense durante os períodos de recessão econômica nos anos 80 e início dos anos 90.

Os objetivos da aplicação de recursos financeiros no setor imobiliário de Governador Valadares são pontuados por Almeida (2003): garantir um futuro melhor para a família comprando uma casa própria, reformando a casa que já tinham ou adquirindo mais imóveis, mas também para adquirir maior status social (re)afirmando sua ascensão social em relação aos amigos e familiares, de modo que o ganho financeiro se convertesse também em ganho simbólico social.

Ainda segundo esta autora, o fluxo de dólares na cidade era tão significativo que mesmo os preços nas vitrines eram indicados também na moeda norte-americana, fazendo a cidade ficar conhecida nacionalmente como “Valadólare”.

Apesar de ser nesta época que a emigração trouxe recursos financeiros e movimentou a economia local, Pinto (2011) destaca que foi a partir dos anos 80 que a imprensa local passou a apresentar outras nuances relacionadas à migração. Se até a década de 70 os migrantes eram vistos quase como heróis, pessoas privilegiadas, na década seguinte as faces negativas da emigração também passaram a ser noticiadas, embora ainda em menor grau que a representação positiva.

Segundo Pinto, permanecia o tom de ironia em relação ao Brasil e a valorização dos Estados Unidos, mas as notícias começaram a mostrar as consequências do sonho de ir “fazer a América”, pontuando problemas relativos à documentação e questões que a cidade de Governador Valadares teria que administrar com o fluxo intenso de saída de seus cidadãos.

Mais que criticar a emigração, Pinto (2011) pontua que a mídia local criticava especialmente Governador Valadares, dando-lhe a alcunha “cidade do já teve”, ironizando as décadas anteriores de prosperidade econômica que deram lugar à perda da importância no cenário estadual e na falta de oportunidades para seus moradores.

Esse desprezo pela realidade local passa aos poucos a afetar também aqueles que optaram por tentar a vida no exterior:

A partir dos anos de 1980, a imagem do migrante herói e bem-sucedido que estampava as colunas sociais anos antes dá lugar a uma nova representação. Apesar de ainda existir a supervalorização do destino, o emigrante começa a ser criminalizado. As recorrentes denúncias publicadas no jornal local sobre esquemas ilícitos, envolvendo os valadarenses, criam um estigma negativo em torno dos emigrantes e do território de origem. (PINTO, 2011, p. 86)

O estudo das remessas de dólares realizadas pelos valadarenses nos Estados Unidos foi feito por Weber Soares (1995) e apontou que 62,7% dos emigrantes com idade superior ou igual a dezesseis anos remeteram algum dinheiro para Valadares, sendo que 38% aplicaram na

compra, construção ou reforma de imóveis. Pinto (2011) pontua que essa movimentação financeira que impulsionava o setor imobiliário era tema recorrente na mídia local, que trazia os anúncios já com preços cotados em dólar.

Já Martes e Soares (2006) pontuam que a influência do dólar na economia valadarense o mercado imobiliário valadarense também pode ser percebida nos indicadores socioeconômicos. Três indicadores são apontados por eles para ilustrar a tese de que Valadares e a região teriam se desenvolvido a partir das remessas: o Produto Interno Bruto (PIB) da região, que apresentou elevadas taxas de crescimento, assim como o PIB per capita e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M).

Pinto (2011) destaca que a mídia local evidenciava a positividade desses envios para Governador Valadares, mas a autora pontua a falta de análise em relação aos dólares enviados à cidade para os familiares dos emigrantes. Segundo ela, para as famílias que não possuíam emigrantes, isso acarretava uma inflação na economia local que agravava ainda mais o cenário já inflacionado do país. Deste modo, apenas uma parcela da sociedade se beneficiava de fato dessa situação.

De todo modo, os valores enviados pelos emigrantes contribuía com a renda dos familiares destes e impulsionaram determinados setores, principalmente a construção civil e o comércio. Vale destacar as considerações feitas por Martes e Soares (2006) quando concluem que as remessas de dólares enviadas à cidade de origem raramente eram investidas em setores produtivos, situação por eles justificada:

O que se deve em larga medida à inexistência de ambiente propício a esse tipo de investimento: se o país de origem não oferece ambiente social, econômico e institucional favorável para que o migrante use seu capital econômico e humano produtivamente, parece irreal esperar que as remessas possam, por si mesmas, promover a redução da pobreza e o desenvolvimento local. (MARTES E SOARES, 2006, p.50)

Assim, destacamos que até a economia de Governador Valadares não voltou a conhecer período de prosperidade econômica como a que viveu até a década de 50. O desenvolvimento da cidade foi alicerçado em base de uma economia extrativista dos recursos naturais e, após esgotados esses recursos, não foi capaz de traçar novas estratégias que pudessem impulsionar o progresso local e regional de modo semelhante ao que ocorreu nos primeiros anos de emancipação da cidade.

2.4 - Imaginário na memória valadarense

Após traçarmos o processo de emancipação, desenvolvimento e estagnação econômica de Governador Valadares, é importante analisarmos o modo como tal história foi registrada na memória valadarense, ou seja, o meio pelo qual foram selecionados os trechos considerados de maior relevância e o modo como tais obras registraram a memória da cidade para as gerações futuras.

Nosso interesse nessa análise se dá pelo fato de que a memória é base sobre a qual as identidades, individuais ou coletivas, são construídas, de forma que o estudo da memória possibilita a descoberta e análise da imagem que uma pessoa, ou um grupo, faz de si.

Um dos pioneiros a abordar a importância da memória coletiva foi Maurice Halbwachs (2006), que destaca que ainda que o ato de recordar possa ser individual, a memória de cada um está sempre inserida em contextos sociais, absorvendo seus valores, símbolos, crenças e culturas. Assim, as memórias individuais podem contribuir para a descoberta de visões coletivas de uma determinada sociedade.

Para o historiador francês Jacques Le Goff (1990), a memória pode ser encarada como a propriedade de conservar certas informações, de forma que se possa atualizar impressões ou informações passadas. Para ele, a memória se constitui como elemento essencial da identidade, cuja busca é uma das atividades essenciais dos indivíduos e sociedades atuais. Segundo o autor, mais do que uma conquista, a memória é objeto e instrumento de poder, podendo ser utilizada para projetar idéias, visões ou tradições por um determinado grupo que a detenha.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 426)

Assim, a memória é um importante instrumento para se conhecer a respeito da visão que uma sociedade faz de si, de modo que nos possibilita analisar as identidades que fazem parte desta mesma sociedade.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2007) as identidades são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual, possibilitando segurança e conforto,

sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. Para ela, as identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e momentos. Com esses elementos, a identidade implica na articulação de um sistema de idéias imagens que explica e convence.

Pesavento (1995) destaca ainda que o imaginário, ou a representação do real, é um elemento de transformação do real, que acaba por atribuir de sentido ao mundo, sendo um campo de manifestação de lutas sociais e de jogos de poder. Desta forma, ela considera que o contexto torna-se fonte de significância que dá sentido à representação.

A autora compreende a representação como uma tradução mental de uma realidade exterior percebida que se liga ao processo de abstração. Para ela, o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição de realidade.

Assim se expressa a autora: “Todo fato histórico – e, como tal, fato passado- tem uma existência linguística, embora o seu referente (o real) seja exterior ao discurso. Entretanto, o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade” (PESAVENTO, 1995, p. 17).

Destacamos ainda o pensamento de Peter Burke (2000), o qual reconhece que tanto a história como a memória se revelaram problemáticas, pois ambas não são mais objetivas. Segundo ele, os historiadores passaram a ver o processo de seleção, interpretação e distorção por grupos sociais. Ainda assim, ele pontua dois pontos de vistas pelos quais os historiadores podem se interessar pelo estudo da memória:

Em primeiro lugar, têm de estudar a memória como uma fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos. (...) Em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico, pelo que poderia chamar de história social do lembrar. Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para o outro, e como mudam com o passar do tempo. (BURKE, 2000, p. 72-73)

Tendo em vista esse pensamento, de observar a seleção dos fatos na memória de Governador Valadares e o uso feito dessa memória, iremos analisar duas das obras valadarenses que são tidas como referência na cidade, sendo inclusive objeto de estudo para trabalhos escolares por traçarem a trajetória da cidade. O primeiro livro a ser analisado é *Memórias de uma cidade*, da escritora Ruth Soares (1983), e o outro é *Epopéia dos Pioneiros*,

do jornalista e advogado Edmar Campelo Costa (2006).

2.4.1- Memórias de uma cidade

O livro *Memórias de uma cidade* foi publicado em 1983 pela escritora Ruth Soares, formada em Letras pela Faculdade de Teófilo Otoni e, à época da publicação, era graduanda em Direito e em Pedagogia, além de ocupar o cargo de Chefe da Divisão de Administração da Fundação Serviços de Educação e Cultura (FUNSEC), órgão do Executivo valadarense.

Já no Prefácio somos informados de que a idéia de se reunir a história da cidade num livro partiu da então Secretária Municipal de Educação, professora Maria Cinira dos Santos Netto. À época, Governador Valadares era um município jovem, com 45 anos de emancipação, mas já é descrita no prefácio como “uma bela cidade construída ao lado de um rio poluído e de terras erodidas e desérticas”.

O prefácio é feito pelo jornalista, cronista, ex-vereador e filho de um dos pioneiros Parajara dos Santos, que destaca que a obra era o registro mais completo feito acerca da história da cidade, realizada sem preocupação estética, mas com “tratamento isento e de total fidelidade”.

Nas palavras do prefaciador, era importante de que a proposta do levantamento histórico fosse levada a diante e que fossem publicados outras obras, convocando outros autores “com trabalhos que reportem sua vida educacional, esportiva, policial, econômica, etc.”. Ao fim da breve introdução de Parajara dos Santos, é apresentado o objetivo principal do livro: “lembrar a grandeza e o valor da gente pioneira de Governador Valadares, que legou às gentes de hoje, seu exemplo de trabalho e amor” (SOARES, 1983, s/p).

Deste modo, antes de nos propormos a analisar o conteúdo do livro, destacamos que este foi proposto e executado pelo Executivo Municipal com o objetivo de homenagear os pioneiros, homens e mulheres que se destacaram no trabalho, construção e desenvolvimento do distrito de Figueira à emancipação, tornando-se Governador Valadares.

Frisamos este ponto, pois ao longo do livro, os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais da cidade serão apresentados na perspectiva destes pioneiros, ou seja, o livro retrata aquilo que era mais importante na visão das pessoas que são homenageadas, de modo que o que não foi destacado por eles, pouca presença teve no livro. Exemplificamos isso especialmente considerando nosso objeto de estudo, o carnaval valadarense, cujo registro no livro não dá dimensão da proporção que a festa ocupou na história da cidade.

O caráter de homenagem é destacado pela própria autora, que já na primeira página

afirma estar à espera que “alguém, um dia, venha transformar minhas ‘Memórias’ em História” (SOARES, 1983, s/p). Assim, pontuamos também que, apesar do prefácio descrever a obra como um livro de história, a própria autora assim não o reconhece, mas destacando-o, assim como o nome sugere, como um livro de “Memórias”.

Feitas essas considerações, é preciso descrever a obra. “Memórias de uma cidade” é um livro de 295 páginas, dividido em duas partes. A primeira parte é consideravelmente mais curta, cerca de 60 páginas, apresentando uma narrativa mais linear desde o passado das matas povoadas pelos índios botocudos, ao surgimento do Porto de Dom Manuel, que veio a ser conhecido como Porto de Figueira, e então fazendo um salto no tempo e passando para 1936, quando aborda o início do processo de emancipação, concluído em 1938.

Nestes primeiros capítulos, os nomes daqueles que ocuparam os primeiros postos na cidade são destacados, de modo que são citados o primeiro prefeito e todos os membros do primeiro secretariado municipal, o primeiro juiz de direito, os primeiros promotores, e os primeiros vereadores.

Nesta primeira parte do livro, há um caráter mais descritivo, sendo destinados capítulos para falar sobre a administração dos prefeitos desde 1938 até 1982, destacando suas principais obras em cada gestão. Também os vereadores de cada gestão são destacados, pontuando mesmo as substituições feitas por suplentes e os motivos que levaram a serem substituídos.

Especialmente no que diz respeito à primeira gestão municipal, chefiada por Moacyr Paletta, são descritos até os primeiros decretos, os salários dos primeiros servidores e os cargos criados na primeira administração.

Em relação aos prefeitos, são feitas breves biografias de cada um, informando onde eles nasceram, as profissões seguidas, os anos e as circunstâncias que os trouxeram a Valadares. Também são destacadas as criações de instituições ou locais de renome importância para a cidade, tais como a construção do Mercado Público, do Tiro de Guerra e a doação de terreno para o Esporte Clube Democrata, obras estas realizadas em 1948, na gestão do primeiro prefeito eleito, Dilermando de Melo.

Nessa primeira parte, um dos pioneiros que recebe importante destaque é José Serra Lima de Oliveira, que antes da emancipação era fiscal da Prefeitura de Peçanha e fazia cumprir à risca os traçados da planta da cidade. Segundo Ruth Soares, após a morte deste em 1975, “as ruas nasceram tortas e as casas se empoleiraram no morro” (SOARES, 1983, p 26).

Vale destacar que alguns nomes dos capítulos referentes aos prefeitos são acompanhados de adjetivos que exaltam estas figuras, como o capítulo XV “O Prefeito de

Grande Coração – Joaquim Pedro Nascimento”, ou o Capítulo XIX “Raimundo Monteiro de Rezende – O Grande Prefeito”.

No capítulo XVIII, porém, o adjetivo não exalta o prefeito descrito “Sebastião Mendes Barros- O Barrão 70”. Barrão foi um apelido dado ao chefe do Executivo Municipal fazendo alusão ao sobrenome dele, mas somando-se a uma crítica sobre as ruas cheias de barro durante a gestão dele. No entanto, durante a breve descrição da gestão desse prefeito, o tom da crítica do apelido é suavizado: “Não teve muita sorte em sua administração que foi prejudicada pelo tempo (dois anos) e pelas chuvas abundantes. Candidatou-se a Deputado Estadual, sendo eleito com uma votação extraordinária” (SOARES, 1983, p.33). Assim, o apelido do título pode ter sido mencionado devido a ter sido amplamente divulgado durante a gestão de Sebastião Mendes Barros, mas a autora preferiu não entrar em mais detalhes sobre os motivos que levaram a criação do citado apelido.

Deste modo, há que se destacar que nesta primeira parte, os capítulos exaltam as bem-feitorias de cada gestão e suavizam ou não mesmo citam questões que não engrandecem a história dos ex-prefeitos e de Governador Valadares. Problemas críticos só são citados nos capítulos em que tal fato foi solucionado como, por exemplo, a falta de luz no município que veio a ser resolvida a partir de 1949 e que não havia sido mencionada como um sério problema antes de se apresentar o fato já resolvido.

As últimas 13 páginas da primeira parte são compostas pela lista de todos os prefeitos eleitos em cada gestão, bem como os vereadores eleitos no mesmo pleito e até mesmo a composição das mesas diretoras na Câmara Municipal.

Uma vez que nesta primeira parte se faz um retrospecto da cidade de Governador Valadares desde os seus tempos em que era distrito até a época contemporânea à publicação do livro, nos causou estranhamento perceber que não foram citados os problemas que a cidade já vivia nesta época, como a estagnação econômica devido ao esgotado dos recursos naturais que foram amplamente extraídos nas décadas anteriores, e o excesso de mão-de-obra sem iguais oportunidades de emprego, situação que, como vimos, na década de 80 já aprofundava processo de emigração para o exterior em busca de melhores oportunidades de trabalho e de vida.

Os motivos para a ausência de fatos como estes podem se encontrar no fato de que, como explicitou a autora no início do livro, o objetivo era fazer uma homenagem aos pioneiros da cidade, e, portanto teria levado em consideração apenas os episódios que contribuíssem para as homenagens, em detrimento de questões que poderiam diminuir a representação dos homenageados e da cidade, como a queda na arrecadação e de importância

no cenário estadual.

Além disso, podemos ainda fazer uma relação com a formação da autora. Como já descrito, Ruth Soares era formada em Letras e, na época da publicação do livro, graduava-se em Direito e Pedagogia. Portanto, uma vez que a autora se baseou fortemente na descrição dos relatos (como primeiros decretos municipais, listas de prefeitos e vereadores) é possível que ela não tenha abordado o cenário econômico que a cidade já se encontrava por não estar dentro de sua área de formação. Assim, voltamos ao prefácio do livro, quando o ex-vereador Parajara dos Santos aponta que seria interessante que outros autores fossem convidados a escrever sobre outros aspectos do município.

Dito isso, passemos para a segunda parte da obra *Memórias de uma cidade*. As 235 páginas que compõem esse pedaço do livro se ocupam de relatos por meio da visão, ou da história de vida, de homens e mulheres que se mudaram para o local, seja quando ainda era o distrito de Figueira, ou após a emancipação, e que estiveram em destaque no desenvolvimento da cidade por meio do trabalho que realizaram.

A numeração das páginas é reiniciada nessa parte da obra, que contém 55 relatos de vida, todos intitulados com o nome da pessoa de quem se conta a história naquele trecho, como, por exemplo, o Capítulo I- D. Noemi Ferreira Soares. Existem ainda alguns capítulos dedicados a pontos específicos, como o capítulo XXXIII que trata acerca do carnaval da cidade, o capítulo XXXVI sobre Educação e Cultura e o capítulo XXXVII sobre a comemoração dos 20 anos do Colégio Estadual, importante escola pública de Governador Valadares.

Nos primeiros relatos fica explícito de que são entrevistas realizadas pela autora com algumas das personalidades da cidade. Em alguns capítulos, ela cita a presença do gravador, noutros interrompe a transcrição da conversa com os personagens para inserir reflexões da própria autora, retomando em seguida a fala do personagem.

No entanto, o estilo de Ruth Soares sofre variações ao longo da obra. Se nos primeiros capítulos fica claro que as informações foram contadas pelas pessoas as quais a autora entrevistou, em outros capítulos um estilo mais descritivo evidencia que as informações foram colhidas a respeito daquela personalidade, não sendo fruto de uma entrevista, embora ela não explicita as fontes nas quais sua pesquisa se baseou.

Já em outros capítulos, com menor ocorrência deste tipo, a presença de narrativas em primeira pessoa dão a entender que se trata da transcrição de uma entrevista, mas isso se torna impossível de crer em relatos que terminam sendo contada a morte da personalidade em primeira pessoa, como no trecho do capítulo LI sobre Euzébio Cabral da Fonseca: “Foi no dia

17 de abril de 1931, que deixei essa terra, atendendo ao chamado do Senhor. Meus filhos continuarão minha missão” (SOARES, 1983, p. 218).

Como em momento algum da obra a autora deixa explícito exatamente quais os métodos de apuração e levantamento de dados para a elaboração do livro, resta ao leitor inferir quando se trata do depoimento direto da personalidade, quando os dados foram levantados acerca do homenageado ou quando é usada tal licença poética para falar de falecidos na primeira pessoa.

Há também uma diferença entre tais abordagens. Nos capítulos fruto de entrevistas, o foco da narrativa não se prende todo o tempo na história de vida pessoal do entrevistado, dando mais abertura para se conhecer o cenário da cidade em outros tempos, por meio da descrição do estilo de vida que levavam, das dificuldades que enfrentaram e das limitações de estrutura existentes no local.

Vimos para esta localidade em 1924. Aqui havia muitas matas e animais ferozes. A água era apanhada por carroça, no Rio Doce e vendida a 1\$000 (um mil réis). A luz era de Mafra & Irmãos e só havia na rua Prudente de Moraes. (...) Crime aqui era à vontade. Não havia lei. De quando em quando vez vinha um oficial de justiça que prendia os criminosos e os levava para a cadeia pública de Peçanha. Apesar de criminosos, a gente tinha de dizer: coitados. Iam à pé, 24 léguas, 02 dias de viagem. O oficial, nessa época, era homem de coragem, Nabuco de Tal. (SOARES, 1983, p. 03)

Esse trecho é relato de D. Noemi Ferreira Soares, no capítulo I da segunda parte. Assim como nesse exemplo, em muitos capítulos se segue uma estrutura semelhante: o entrevistado conta de onde veio, porque decidiu ir para Figueira (ou a já emancipada Governador Valadares), relata como era a realidade na cidade e conta a respeito das realizações que teve, do trabalho que desenvolveu na cidade.

Ao contrário dos capítulos em que somente é descrita a vida de um determinado pioneiro, relatos como este acima oferecem maior riqueza de informações para o leitor, que consegue imaginar a realidade do local e o seu progressivo desenvolvimento. Os entrevistados contam a respeito da rua onde moravam, se havia calçamento ou não, se havia energia elétrica ou não, os costumes relativos à religião, cultura, educação e meios de ganhar a vida na cidade, cada qual na sua área, seja nas fazendas, nas indústrias de mica ou madeira ou ainda no comércio. Aqueles que tiveram atividade política descrevem as disputas, a formação de partidos, a busca por obras na cidade.

O ambiente ainda insalubre, propício à grande incidência de doenças como a malária é relatado por variados entrevistados. No capítulo VII, Otaviano Fabri descreve o que se

passava com os migrantes que chegavam ao local:

E a febre? Quando alguém chegava por aqui, costumava-se dizer: se dentro de quinze dias não apanhar a febre, ganha um prêmio. Não sei se houve alguém premiado, creio que ninguém. O remédio comum era sulfato de quinina. E o primeiro médico a atender aqui era médico da Estrada, conhecido como Dr. Serafim das Botas, por causa das botas de cano alto que ele usava, para evitar as picadas de mosquitos. (SOARES, 1983, p. 29)

Também na descrição do antigo distrito e dos primeiros anos de emancipação aparecem as falas com memórias relativas à água para consumo humano, que era retirada do Rio Doce pelos moradores ou por carroceiros que a vendiam, sendo necessário decantar a água em vasos de barro, filtrá-la e fervê-la.

A responsabilidade de Serra Lima para com o cumprimento do traçado da cidade também é lembrada em vários relatos, sendo descrito sempre com palavras elogiosas pelos entrevistados. Também aparece nos relatos a movimentação que se dava quando o trem chegava, sendo que os moradores se reuniam em frente da estação ferroviária para ver quem chegava e ouvir as notícias de outros lugares.

A violência presente nas primeiras décadas foi citada por diversas vezes, sendo cinco entrevistados (Paulo Correia, Otaviano Fabri, José Chaves Reis, Berica e José Castro Vasconcelos) a figura de um famoso bandido da cidade, o “Come-Cru”, que morreu decapitado pela esposa após ameaçá-la de morte. Também o pistoleiro “Mata Onça” foi mencionado por duas vezes. Mas para além destas figuras emblemáticas, a violência era considerada como um grave problema, muitas vezes creditada aos “forasteiros”, que vinham para cidade em busca de fortuna ou de aventuras.

Cabe destacar que a maioria dos entrevistados ou das personalidades retratadas na obra não é de origem valadarense, mas vieram de outras regiões de Minas Gerais, ou de estados como Rio de Janeiro e Espírito Santo. No entanto, o adjetivo “forasteiros” é usado em diversas vezes no livro, tanto pela autora ou por seus entrevistados, para designar pessoas que não permaneceram ou não buscaram promover o desenvolvimento do local, enquanto aqueles que vieram e trabalharam em prol da comunidade são retratados como pioneiros e merecedores de homenagens, cujo legado deve ser lembrado pelas futuras gerações. Ao longo do livro, a autora insere pensamentos, versos e poemas inteiros por entre os testemunhos e relatos acerca dos pioneiros. Num destes versos, ela diz: “Figueira, muitos chegaram, / Muitos partiram... / Mas os que ficaram te construíram” (SOARES, 1983, p. 17).

Dentre os entrevistados, muitos trabalharam com a mica, madeira ou carvão, sendo

estes motores da economia de Valadares citados apenas no âmbito pessoal, relativo à história do entrevistado em questão, sem fazer grandes considerações a respeito destas atividades como um todo e do impacto que geraram a médio prazo na cidade e região.

Ainda que já no prefácio do livro, a cidade seja citada como uma “bela cidade construída ao lado de um rio poluído e de terras erodidas e desérticas”, a problematização da extração desenfreada dos recursos naturais da região é destacada em apenas um dos capítulos. Entretanto, a derrubada das matas para criação de fazendas é relatada por diversas vezes sem que haja aprofundamento na questão.

No capítulo II desta segunda parte do livro, o senhor Firmino Batista Pereira relata: “Em 1945, eu entrei na mata do Pero Pinto. Não havia estradas. Fui abrindo picada e formei uma fazenda de 200 alqueires. Medi o terreno, construí casa, pastos. Vendi a 2\$000 (dois mil réis) o alqueire e foi aí que fiz o casamento da Luzia e da Salia e construí casa para elas” (SOARES, 1983, p. 06). Pouco depois, o senhor Firmino ingressou na lavra de mica, relatando que em pouco tempo teve recursos para comprar a fazenda onde trabalhava.

Já no capítulo XVI, o senhor Androgeu Gomes conta parte do que viveu durante a época da II Guerra Mundial:

Nessa época, houve também a crise das domésticas. Todas queriam trabalhar nas oficinas de mica. Às 7.00 hs, às 11.00 hs e às 16.00 hs, a cidade parecia um formigueiro humano. Eram as miqueiras. O ciclo da madeira também foi marcante nessa época. Havia várias serrarias beneficiando madeira pra embarque. Corria muito dinheiro na velha Figueira, a cidade crescia vertiginosamente. (SOARES, 1983, p. 114)

No entanto, é no capítulo XXVIII sobre o engenheiro Guilherme Giesbrecht que a economia extrativista é apresentada de modo mais profundo, com a análise do impacto da atividade sendo feita pelo próprio engenheiro.

Cabe ressaltar que este capítulo não foi realizado por meio de entrevista, mas de levantamento realizado por Ruth Soares sobre o engenheiro alemão por nascimento e naturalizado brasileiro. Segundo a autora, em 1934 Guilherme Giesbrecht esteve envolvido na construção da estrada Itambacuri-Figueira, na construção de pontes e prédios escolares, cadeira e do campo de aviação de Governador Valadares.

Descrito como homem organizado e competente, alguns relatórios escritos por ele são citados pela autora para exemplificar tais qualidades do pioneiro. Dentre um dos relatórios, segue este trecho:

Aqui no Vale do Rio Doce, trata-se de destruir, queimar e reduzir a cinzas, uma faixa de cerca de 6 km de um lado e parte também de outra margem do Rio Doce, por uma extensão de pelo menos 150 km, ao longo do Rio e da E. F.V.M. [Estrada de Ferro Vitória a Minas]. Estes terrenos ficarão totalmente desnudos, expostos, nus, a todos os intempérios, e aos raios solares, em um país tropical, como já se está observando em alguns trechos desta zona. É uma fatalidade que para fundir o minério de ferro... Seja preciso utilizar-se da floresta abundante desta zona. (SOARES, 1983, p.123-124)

Ruth Soares apresenta ainda outros trechos de relatórios de Guilherme Giesbrecht, em que o engenheiro afirma que cientistas apontariam que em 50 anos o país poderia se tornar um deserto. O engenheiro ainda pondera que há tempo para conter esse processo e que esperar mais poderia ser tarde demais.

No nosso entendimento, esse é o único trecho em todo o livro em que a autora apresenta algo que poderia relativizar a tão exaltada grandeza de Governador Valadares, que se faz muito presente nas demais páginas do livro.

Segundo Ruth Soares, as palavras acima pertencem a um relatório escrito pelo engenheiro em 1936, antes mesmo do distrito emancipar-se. No entanto, mesmo escrevendo o livro 45 anos após a emancipação, quando o resultado desta ação extrativista já apresentava, há mais de uma década, os sinais de decadência econômica em função do esgotamento dos recursos naturais, ainda assim a autora não se aprofunda na questão, passando logo em seguida para outro capítulo, sobre a vida de outro pioneiro.

Cabe agora pontuarmos acerca do que é relatado a respeito do nosso objeto de estudo, o carnaval valadarense. Conforme já foi citado, no livro há um capítulo dedicado a esta festa. Ele é apresentado também na forma de relato obtido por meio de entrevista, no entanto, o entrevistado diz que não quer ter o nome citado, apenas queria que a autora escrevesse sobre a festa mais concorrida de Figueira a Valadares, o carnaval.

Dentre as quase 300 páginas do livro, nove são dedicadas ao capítulo sobre o carnaval. Porém, todas essas páginas do capítulo XXXIII há a recordação de músicas e marchinhas carnavalescas, fato que preenche a maior parte do espaço das páginas, sem, no entanto, destacar peculiaridades da festa na localidade.

Dentre as características retratadas, é pontuada a animação e beleza da festa, relatando a existência de carros alegóricos, incluindo a participação de carros lançados pelas donas de casas noturnas. A animação da dupla Arnóbio Pitanga e Ivo Tassis é destacada, designando os dois como os maiores foliões da cidade.

São lembrados nomes de alguns blocos carnavalescos, como o *Mais Um, Bloco das Holandesas, Bloco Resedá, Bloco dos Almofadinhas* e *Bloco dos Pés-Rapados*. A seguir, o

entrevistado anônimo relata para a autora os sucessos musicais que marcaram os festejos carnavalescos de determinados anos.

Analizando o conteúdo de informações sobre a folia momesca valadarense, não é possível para o leitor ter dimensão da festa que a cidade realizava. Os carros alegóricos citados pelo entrevistado eram lançados por dois clubes sociais, o Minas e o Ilusão, que desfilavam na Avenida Minas Gerais na concorrência pelas melhores alegorias. Ambos os clubes promoviam essa parte da festa na rua, mas realizavam bailes carnavalescos em suas sedes sociais para os associados, reunindo diversos blocos e foliões animados. Estas informações não constam no capítulo. Além disso, nos chamou atenção o fato de que à época da publicação do livro, 1983, o carnaval ainda era festejado em Governador Valadares, de modo que a autora, como moradora da cidade e portanto já teria algumas informações da festa, poderia ter falado mais sobre esse festejo.

Ainda que a segunda parte do livro seja composta por relatos focados mais nas figuras dos pioneiros, relembramos outros dois capítulos desta parte do livro também não são focados em personalidades. O capítulo XXXVI aborda Educação e Cultura- Academia Valadarense de Letras, e o capítulo XXXVIII - O Colégio Estadual faz 20 anos, não são construídos tendo como base depoimentos, mas sim informações levantadas pela autora.

Deste modo, considerando a grande proporção que o carnaval já havia representado, e continuava a representar nesta época para a cidade, entendemos que o capítulo que aborda esta festa poderia ter apresentado mais informações ao leitor, uma vez que o livro pretendia contar a memória valadarense.

Não podemos deixar de citar o fato de que, como mencionado, o livro é focado em homenagear os pioneiros e, uma vez que nessa época o protagonismo da festa era exercido por pessoas pobres sem destaque na sociedade valadarense, esse fator pode ter contribuído para que a festa não ganhasse mais destaque no livro. Considerando os nomes de expressão na sociedade valadarense que se destacavam na folia, o livro atingiu seu objetivo ao recordar que a dupla Arnóbio Pitanga e Ivo Tassis eram considerados como os maiores foliões da cidade, mas deixa de fora a maior parte da história do carnaval, mesmo se considerarmos apenas o carnaval dos salões.

Porém, não deixa de ser interessante destacar que no capítulo XVII há uma parte que relata a vida de Ivo Tassis, tendo como subtítulo a frase “A alegria de viver”. Mas mesmo sendo descrito como alegre, amante de música e tocador de concertina, e mesmo sendo ele um ícone do carnaval valadarense, neste trecho do capítulo não é citado que Ivo era um dos foliões mais animados, relatando apenas sua origem, a mudança para Figueira e os filhos que

teve com sua esposa Josefina.

Também é curioso perceber que Arnóbio Pitanga não é contemplado nem com um capítulo próprio, nem com parte de capítulo algum. Não sabemos o motivo de tal fato, embora ele seja lembrado em outros capítulos por meio dos relatos de entrevistados, devido a sua atuação como médico e desportista, além do já citado trecho no capítulo sobre o carnaval que o destaca na folia da cidade.

Feitas estas considerações sobre o livro *Memórias de uma cidade*, destacamos por último o epílogo da obra. Ao completar a retrospectiva desde o surgimento do distrito até o momento em que a cidade possuía 45 anos emancipação, a autora encerra seu trabalho com o mesmo tom de exaltação à cidade que permeou todas as páginas do livro.

Em seis breves parágrafos, relata como a cidade cresceu em relação à época da Figueira, enumera a presença de diversos órgãos e programas federais e estaduais no município, pontua a presença de sete lojas maçônicas e de diversas escolas e de instituições culturais. “As ruas amplas e arborizadas da Princesa, cheias de sol, são um convite à vida e um hino ao progresso” (SOARES, 1993, p.226).

Entendemos que a omissão em retratar e discutir os problemas já existentes à época da publicação, como a perda de destaque no cenário estadual, estagnação da economia e emigração da mão-de-obra da cidade está intimamente ligada ao fato da obra ter sido idealizada e executada pela Secretaria Municipal de Educação, que tinha como objetivo destacar os pontos tidos como grandiosos na história da cidade.

Tendo em vista que esta obra que serviria de pesquisa para trabalhos escolares sobre a história da cidade, bem como de registro sobre a memória da cidade de forma geral, a gestão municipal buscou destacar os pontos e as pessoas que seriam dignos de lembranças, apresentando sua versão sobre o desenvolvimento de Governador Valadares.

2.4.2 – Epopéia dos Pioneiros

Seguindo nossos estudos, passemos à análise da obra *Epopéia dos Pioneiros*, cuja primeira edição foi publicada em 1977, com 260 páginas, e uma segunda edição atualizada e ampliada foi publicada em 2006. Nosso estudo toma como base esta versão expandida.

A 2ª edição de *Epopéia dos Pioneiros* possui 512 páginas (aproximadamente o dobro da primeira versão), em 28 capítulos, contendo conteúdo variado em forma e estilo, e cuja estrutura não é conduzida pela ordem cronológica dos fatos, mas por critérios subjetivos do autor.

O livro inicia com o prefácio escrito na primeira edição, de 1977, escrito por José Oliveira Vaz, comunicador e então diretor da TV Itacolomi, dos Diários Associados. Neste prefácio a obra é apresentada como “um exemplo vivo de nacionalismo aliado a uma grande sensibilidade”. Para o prefaciador, tal nacionalismo se reflete “no amor à cidade de Governador Valadares e à gente que fez sua, na valorização de sua história e na reconstituição de um passado que, construído por figuras de alto porte, alicerçou o presente”. Ou seja, tal qual a obra anterior por nós analisada, também este livro possui foco na valorização das pessoas que trabalharam pelo desenvolvimento da cidade, fato que é possível de constatar já pelo nome da obra.

Ainda no prefácio, o livro é apontando como uma crônica da cidade, desde o seu surgimento até a aquisição de características próprias e peculiares da localidade. Apesar de ser encarado como um livro sobre a história da cidade, “vem aliada uma interpretação pessoal, uma fina ironia, viva e otimista”, que seriam reflexo do autor, o advogado por formação e jornalista de profissão Edmar Campelo Costa.

Em seguida ao prefácio, somos apresentados à biografia do autor. Cearense de Canindé, é apresentado como um amante da leitura e da escrita, que aos cinco anos de idade já escrevia contos. Na adolescência, se formou como técnico de contabilidade em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Em um currículo diversificado é apresentando como comerciante e empresário de artistas, funções que o próprio autor reconhece em que não teve êxito, além de vendedor, corretor de imóveis, publicitário, artesão, organizador de feiras e exposições, jornalista, cinegrafista, advogado e diretor de jornal.

Mudou para Governador Valadares em 1967 e bacharelou-se em Direito em 1973, na primeira turma da Faculdade de Direito Vale do Rio Doce. À época da publicação da 1ª edição, residia há 10 anos na cidade e se auto-definido como “nacionalista verde-amarelo, revolucionário”. Ele informa ainda repudiar o extremismo da direita e da esquerda, bem como o comunismo e o capitalismo, entendendo que o centro deve ser o ponto de apoio e de partida.

Em seguida, na Carta do Editor, Edmar Campelo Costa explica que, como editor e diretor do jornal “O Cicerone”, por vezes teve a intenção de focalizar os homens que fizeram história em Governador Valadares, mas pelo número considerável de personagens que aflorou na pesquisa, constatou a inviabilidade de apresentar tais pioneiros em uma edição de jornal.

Assim, o autor explica que tal empreendimento foi oportuno no lançamento de um livro que “abrangesse os vários setores da vida comunitária do passado e do presente”, destacando que em poucos meses após a publicação (da 1ª edição, de 1977) seria comemorado

o 40º aniversário da cidade.

Deste o primeiro momento, o autor já considera a possibilidade de uma 2ª edição do livro, para reparar quaisquer omissões de fatos importantes ou de nomes de pessoas de mérito na cidade. Ele explica os motivos que podem levá-lo a não ter conseguido abordar de forma completa a 1ª edição: “O trabalho tem sido exaustivo e tremendamente oneroso, resultando de um esforço pessoal sem respaldos econômicos, que não os próprios” (COSTA, 2006, p.11).

Como vamos melhor esmiuçar à frente, em diversos momentos o autor dá espaço à poemas, crônicas e charges de terceiros em sua obra, mas já nesta Carta do Editor ele explica: que a decisão “longe de significar comodismo, revela toda a admiração e apreço que tem o autor para com aqueles que fazem jornalismo e literatura na terra de Serra Lima” (COSTA, 2006, p. 11).

Um segundo prefácio é escrito para esta segunda edição, desta vez escrito por Hermírio Gomes da Silva, ex-prefeito de Governador Valadares em dois mandatos, ex-reitor da Universidade Vale do Rio Doce, ex-presidente da Associação Comercial e membro do Rotary. Neste segundo prefácio, Hermírio exalta o mérito de Edmar Campelo Costa como um dos pioneiros na estruturação e cultural da cidade por meio da primeira edição de *Epopéia dos Pioneiros*, de modo que, para o prefaciador, é preciso ser grato ao autor por imortalizar os homens e as conquistas no progresso da cidade, “projetando-a no cenário nacional e além fronteiras” (COSTA, 2006, p.14)

Também uma segunda Carta do Editor consta para incluir as questões relativas à 2ª edição da obra. Edmar Campelo Costa conta que previa lançar a 2ª edição um ano após a primeira, mas que as vendas da primeira edição havia superado expectativas. O autor descreve que, sendo fascinado por juntar fotografias antigas e recortes de jornais e revistas, em 1980 teria condição de editar a 2ª edição do livro, mas que a maior parte de seu acervo foi perdido na enchente de 1979, quando sua casa, bem como inúmeras na cidade, foi alagada. Após enfrentar o desânimo, uma segunda enchente em 1985 e problemas de saúde, no ano 2000 decidiu retomar o projeto da segunda edição do livro.

Antes de passarmos ao conteúdo presente no livro, tomamos a liberdade de apresentar ainda algumas informações contidas no epílogo da obra que fazem referência ainda à publicação da segunda edição. No epílogo, o autor conta que ao se mudar de Governador Valadares para Porto Seguro (BA) em 1999, acreditava que as pessoas qualificadas em letras e no jornalismo dariam continuidade ao “trabalho pioneiro” que publicou em 1977. No entanto, reconhece que “um projeto literário deste porte requer, além da capacidade individual, trabalho insano, muita ousadia e até um pouco de loucura” (COSTA, 2006, p. 511). Para a

segunda edição, Edmar Campelo Costa afirma que realizou centenas de pesquisas, 45 entrevistas com personalidades, 25 subidas ao Pico da Ibituruna e, entre outras coisas, 3.200 horas de computador.

Deste modo, pelas falas do próprio autor, descobrimos que o livro foi iniciativa do próprio, ao contrário de Memórias de uma Cidade, que foi encomendado pelo Executivo Municipal. O autor reconhece que o trabalho lhe custou muito dinheiro, mas que partiu para seus “cheques superespeciais”, que seriam os amigos que conquistou durante os 31 que residiu na cidade. Nas contracapas do livro, encontra-se 19 logotipos de empresas que entraram como “Apoio Cultural”, além da presença da logo de cinco empresas de comunicação (duas televisões, duas rádios e um jornal diário) pertencentes ao mesmo grupo de comunicação, o Sistema Leste Comunicação, sendo um livro com muitos patrocínios por empresas da cidade. Apesar de informar que não pleiteou verbas públicas por não concordar com a burocracia do sistema e com as condições a que estaria submetido em relação à promoção e divulgação da obra, também consta na contra-capa os logotipos da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, além da Câmara Municipal, Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) e Associação Comercial.

Desta forma, apesar do livro ser uma iniciativa do autor em homenagear os pioneiros da cidade, pode-se perceber que diversos apoiadores fizeram parte do projeto em sua segunda edição publicada em 2006.

Voltando ao conteúdo, antes mesmo de se iniciar o capítulo 1, o autor faz uma breve introdução sobre o surgimento da localidade quando se chamava Porto de Dom Manuel, traçando em poucos parágrafos o desenvolvimento da cidade. Ainda nesta introdução, o autor explica que, intencionalmente, inverte a ordem dos acontecimentos para enfocar primeiro a biografia dos pioneiros, ficando para *posteriori* a citação dos dados “estatísticos-fisiográficos”, seguidos dos aspectos urbanísticos, paisagísticos, econômicos, culturais, esportivos, sociais e políticos.

Ainda antes do capítulo 1, um tópico denominado “A história política de Governador Valadares” começa por data indefinida já apontando os feitos de quando Seleme Hilel esteve à frente da Prefeitura. Tomando esse período por base, sabemos que Seleme Hilel esteve a frente do Executivo Municipal em 1962, de modo que este tópico, ao invés de se iniciar por 1938, quando a cidade foi emancipada, começa pela data já apontada, embora os motivos não sejam claros. Em três páginas, a despeito do que possa sugerir o título deste tópico, não é traçada a história política da cidade, mas são descritos feitos apenas de Seleme Hilel, que o próprio livro aponta que permaneceu por três meses como prefeito, e de Hermírio Gomes da

Silva, prefeito em 1967 e 1973. Vale destacar que este último elaborou o prefácio de *Epopéia dos Pioneiros* em sua segunda edição.

Este tópico “A história política de Governador Valadares” serve para exemplificar o modo como o autor conduz sua obra. Ainda que tenha dito que o objetivo é traçar a história política da cidade, aborda inicialmente apenas dois ex-prefeitos em períodos aleatórios, sem que haja explicação para iniciar a “história política” por 1962, ainda que a cidade tenha sido emancipada em 1938. Fatos como tornam a leitura do livro confusa e sugerem parcialidade do autor, cujo compromisso maior estaria não com a história do município, mas com a subjetividade do próprio autor, que não dá muitas explicações a respeito de suas pesquisas e/ou escolhas.

No Capítulo 1 não há texto escrito pelo autor, mas sim a ilustração, em 33 páginas, do recenseamento realizado em Figueira em 1930 pelo encarregado Joaquim Nery, quando a localidade ainda era distrito de Peçanha. Neste recenseamento constam todos os nomes, idades e profissões das 2.103 pessoas que residiam em 512 casas na localidade daquela época.

Depois deste recenseamento, o capítulo 2 é denominado “Ensino Superior: a arrancada do desenvolvimento” que trata sobre as virtudes e biografias dos pioneiros que decidiram, na década de 1960, fundar as primeiras instituições de ensino superior na cidade. Também é descrito o processo de idealização e execução do Minas Instituto de Tecnologia (MIT), uma escola de engenharia idealizada para ser semelhante ao Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São Paulo. Na página 62, são descritos os “formandos pioneiros” de oito cursos da instituição, desde 1970 a 1972. Em seguida é descrita a idealização e início das atividades da Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (Fadivale), trazendo seu histórico, diretores e mesmo a foto dos 104 formandos da primeira turma de 1973.

No nosso entendimento, além do fato injustificado de já se iniciar o livro no ensino superior, fatos como a descrição de nomes e fotos dos primeiros formandos visam dar ao livro uma característica de obra comprometida com a história da cidade, mas essa característica é constantemente comprometida ao longo do livro justamente pelas escolhas arbitrárias do autor no que diz respeito à ordem dos temas e a exaltação exacerbada na figura dos chamados pioneiros.

Apesar de todo esforço do autor em dar um cunho histórico à obra, tais escolhas não apenas tornam a leitura confusa e pouco fluida, como ainda comprometem a credibilidade da obra.

O terceiro capítulo denominado “Os Pioneiros Notáveis” aborda a história e atuação de 27 pessoas. Ao longo do capítulo, Edmar Campelo Costa alterna entre contar, ele mesmo, a

história de determinada personagem, noutras vezes transcreve entrevista realizada com descendente do pioneiro destacado, ou ainda traz registros de matérias ou crônicas já publicadas em jornais da cidade falando a respeito de determinada pessoa. A quantidade de espaço dedicado a cada personalidade não é padronizada. Enquanto alguns são lembrados em uma página, como o ex-prefeito Dilermando Rodrigues de Melo, outros são contemplados com material mais amplo, como no registro de Francisco de Paula Freitas, primeiro farmacêutico da localidade, que recebe uma página dedicada a si, três páginas de entrevista com o neto que seguiu a profissão do avô e ainda uma página dedicada a um poema escrito pela nora do pioneiro, em homenagem ao esposo.

Em comparação com o livro já analisado por nós, *Memórias de uma Cidade*, a obra *Epopéia dos Pioneiros* avança no sentido de apresentar fotografias dos biografados, bem como fotografias antigas de quando era ainda o distrito Figueira ou dos primeiros anos da emancipada Governador Valadares. O acervo fotográfico do livro é, de fato, um ponto forte da obra de Edmar Campelo Costa. No entanto, considerando as informações presentes em ambos, *Memórias de uma Cidade* oferece ao leitor mais informações que ajudam a imaginar a antiga realidade da cidade, desde à época que ainda não havia se emancipado, especialmente no que diz respeito às entrevistas transcritas, que focam bastante na realidade enfrentada por casa pioneiro, especialmente as dificuldades do cotidiano.

Neste capítulo de *Epopéia dos Pioneiros*, o foco em cada personalidade é mais centrado nas realizações individuais, destacando as pessoas, estando a cidade em um segundo plano. Vale lembrar que a data de publicação das duas obras é relativamente próxima, uma vez que a primeira edição de *Epopéia dos Pioneiros* foi publicada em 1977, e *Memórias de uma Cidade* em 1983. Assim, ainda que esta última obra tenha sido encomendada pelo poder público municipal com finalidade específica de registrar a história da cidade, e mesmo considerando as limitações já destacadas, a obra de Ruth Soares nos parece mais informativa e compromissada com o registro histórico que a obra independente de Edmar Campelo Costa.

Ainda assim, vale destacar que nem todos os pioneiros retratados na obra de Soares aparecem na obra de Costa, e vice-versa, de modo que a leitura de ambas as obras auxiliam a conhecer a história do município de forma complementar.

Neste capítulo 3, embora registre a vida e obra de 27 pessoas (ainda que varie a profundidade dos registros), o autor ainda destaca nomes de 33 pessoas cujas histórias não são contadas no livro, mas que contribuíram para o desenvolvimento da cidade e são merecedoras de respeito. O apontamento de tais nomes é apresentado como uma espécie de retratação, por não dedicar espaços específicos a contar a vida destas 33 pessoas, mas busca pelo menos

registrar o nome delas.

Analisando nosso objeto de estudo, o antigo carnaval de Governador Valadares, este é citado neste capítulo no tópico em que aborda a vida e obra de Ivo Tassis, marceneiro que, junto ao amigo, o médico Arnóbio Pitanga, eram considerados símbolo da folia na cidade. Ainda assim, a menção ao carnaval é breve, não dando dimensão da festa. Também nos causa estranhamento que Arnóbio Pitanga, cuja atuação em Governador Valadares era ativa como médico, folião e incentivador do esporte, não foi destacado em nenhum dos livros por nós analisados, embora não possamos explicar essa ausência em ambas as obras.

O capítulo 4 é denominado “Reportagens: *Guerra *Meio Ambiente *Urbanismo”, apresentando de forma aleatório registros sobre esses assuntos. No que diz respeito à II Guerra Mundial, o autor traz a entrevista com um ex-pracinha valadarense que foi enviado para combater na Europa, abordando como foi a realidade encontrada lá. Após esta entrevista, Costa apresenta um poema escrito pela esposa do ex-pracinha em comemoração aos 80 anos dele. Causa estranhamento neste capítulo um tópico denominado “A 3ª Guerra Mundial à luz das profecias”, em que o autor apresenta um artigo escrito por ele mesmo em 1978 trazendo análises das profecias de Nostradamus e de trechos da Bíblia e fazendo previsões a respeito de eventos diversos, como o holocausto nuclear, a conversão dos judeus e a destruição de grandes cidades do mundo.

O Capítulo 5, denominado “Entrevistas: as personalidades que fizeram história em Governador Valadares” muito se assemelha ao capítulo 3, pois também é focado na vida e obra de pessoas que construíram sua história na cidade. Porém, possui maior enfoque econômico, uma vez que, como o título do capítulo sugere, é composto por diversas entrevistas transcritas, onde os entrevistados não apenas falam de si e do trabalho por eles desenvolvido, mas também fazem análise da economia valadarense no passado e no presente. Vale pontuar que nem sempre as opiniões convergem, de modo que devem ser encaradas como pontos de vista a respeito da economia da cidade. Neste capítulo, são destacadas 34 personalidades, embora nem todas sejam apresentadas na forma de entrevista transcrita, sendo que em algumas o próprio autor faz um resumo da área em que a pessoa se destacou. Interessante pontuar que as pessoas selecionadas pertencem a ramos diferentes da economia e que, embora o tom elogioso sobre cada uma seja permanente, a diversidade de ramos ajuda a compor um mosaico da economia valadarense. Ainda que não sejam informações isentas, pois são apresentadas pelos próprios entrevistados ou, quando abordadas pelo autor sempre possuem tom elogioso, são informações pertinentes no sentido de ver como os próprios empresários e figuras da cidade analisam a trajetória econômica da cidade e da região,

podendo ser um material valioso para estudos que se foquem na economia da cidade.

Se no livro de Ruth Soares (1983) não há menções ao fim do progresso econômico da cidade e à perda de importância no cenário estadual, nas entrevistas estes biografados abordam tais pontos, seja concordando ou discordando dessa realidade. Ainda assim, se em *Memórias de uma cidade* não é possível perceber nada além de um tom de exaltação exacerbada pelo município, ainda que o tom elogioso permaneça em *Epopéia dos Pioneiros*, há momentos que relativizam a importância e a economia da cidade.

É interessante destacar que o capítulo 7 começa com um retrospecto da região desde a época em que a colonização não havia se instalado por essas bandas e só havia mata e índios. A história do distrito de Figueira, que estaria no primeiro capítulo se o livro fosse estruturado de forma cronológica, só é abordada na página 218. O capítulo conta ainda com a descrição da bacia hidrográfica da região e com a história da Cia Vale do Rio Doce na região. Vale ainda destacar a abordagem a um projeto que não foi levado à diante, que era da navegabilidade do Rio Doce, para o qual foram desenvolvidos estudos de viabilidade técnica, mas que não saiu do papel.

Por ser um livro extenso e de estrutura que não segue um padrão claro, o livro *Epopéia dos Pioneiros* possui leitura pouco fluida, especialmente considerando o modo de abordagem em cada capítulo, com tópicos segmentados, muitas vezes sendo uma bricolagem de artigos já escritos pelo autor, com a apresentação de dados coletados por Costa para a elaboração do livro e ainda a presença de textos de terceiros. Exemplo disso é o capítulo 8, que é composto de apenas três páginas, sendo que duas trazem mapas da BR-116 em Governador Valadares, e a outra traz um poema escrito por um membro da Academia Valadarense de Letras a respeito da rodovia.

Deste modo, para não perdermos de vista o objetivo de nosso estudo, que é analisar o enfoque dado pelos registros valadarenses ao antigo carnaval de rua da cidade, vamos registrar que dentre os 28 capítulos do livro, nas 512 páginas, a maior parte é destinada à valorização de personalidades que ajudaram a construir a cidade ou então às questões e projetos que impulsionaram a economia do município.

Assim, o espaço relegado a assuntos que não envolvam a economia é proporcionalmente bem menor na obra. O Capítulo 12 trata dos “anos dourados”, abordando eventos culturais e sociais, dentre eles o carnaval. O Capítulo 13 aborda o esporte na cidade, o Capítulo 18 relata a religiosidade presente no município e o Capítulo 19 faz menção às entidades filosóficas, religiosas e literárias. Vale destacar que nenhum destes capítulos é muito extenso, o maior é o que trata sobre religiosidade, com 25 páginas, e em todos eles as

fotografias ocupam relativo espaço.

Dito isso, focaremos agora no Capítulo 12 denominado “Os anos dourados de GV”, que fala sobre a vida cultural e social da cidade. Inicialmente, já nos chama atenção o nome do capítulo, que possui tom nostálgico, como se a vida cultural e social valadarense não possuísse nada de novo para ser contado em 2006, ano da publicação da 2ª edição do livro. Esse ponto nos parece rico exatamente por não focar a cultura como algo presente, mas fato privilegiado dos “anos dourados” da cidade. Entre as páginas 278 e 295, essa expressão é usada pelo autor para exemplificar especialmente os anos 50.

O capítulo inicia com uma crônica que teria sido publicada no jornal O Globo em 1955 em que o jornalista Henrique Pongetti afirma que o colonismo social de Governador Valadares não perderia para nenhuma cidade do interior:

Governador Valadares, de roteiro social em punho, dá uma impressão de Nova York ou Paris embaraçada na escolha de um “party” pela realização simultânea de duzentos “parties”. Faz pensar em dez “premieres” teatrais na mesma noite: produz na mulher a tortura de não poder adquirir o dom da ubiquidade; de não poder vestir dez vestidos modelos e aparecer em dez lugares diferentes ao mesmo tempo, sentindo numa única alma e num único corpo os prazeres decuplicados. Ninguém pode admitir que se durma antes do sol nascer na cidade, onde se precisa de um catálogo e de um guia para selecionar na abundância (COSTA, 2006, p.278)

Apesar do trecho em questão se referir a uma cidade de intensa movimentação cultural e/ou social, os dois livros por nós analisados, *Memórias de uma Cidade* e *Epopéia dos Pioneiros*, não apresentam fatos que possam corroborar a fala do colunista do jornal O Globo. Ainda que o tom do colonismo social tenha tendência para a valorização exacerbada dos fatos, ou tal crônica inventou completamente o cenário de uma cidade, ou a memória valadarense não registrou esta vida cultural local pontuada pelo colunista de O Globo.

Não queremos sugerir que o trecho citado acima seja retrato fiel da cidade, mas dá a entender que pelo menos havia eventos culturais e/ou sociais com certa frequência na cidade. Fato que é difícil de confirmar apenas lendo os livros escritos pelos memorialistas da cidade, que registraram apenas o trabalho dos pioneiros e os fatores de desenvolvimento de progresso. Pelas obras por nós selecionadas, tem-se a impressão de que os pioneiros viviam em função do trabalho e de que a cultura nunca teve espaço de importância na cidade. Se esse fato não corresponde à realidade do passado, podemos inferir que o imaginário local dê relevância especial ao trabalho, não à vida social e/ou cultural, de modo que fica difícil pontuar o que pode haver de verdade ou não na crônica publicada no jornal O Globo. Dessa maneira, tal

trecho citado por Edmar Campelo Costa destoa do restante do conteúdo apresentado na obra escrita por ele.

Após fotos e relatos de senhoritas do ano de 1955, após lista de pessoas da sociedade e texto com dicas de etiqueta, na quinta página, o autor apresenta uma carta escrita em 1955 por um cidadão, Álvaro Fernandes, dirigida ao colunista social Jota Gomes que possuía veículo de comunicação chamado “Roteiro Social”. O leitor Álvaro elogia o colunista, mas critica conteúdo veiculado por ele no qual um homem fazia dirigia grosserias contra uma mulher não identificada. Segue trecho da carta:

A grosseria atinge ainda aos leitores do, via de regra, tão amável “Roteiro”. Nós, os leitores, afinal somos também colaboradores, quer na divulgação, na simples leitura ou mesmo no simples desejo de vê-lo infalível, como pioneiro de uma sociedade onde até então o dinheiro de outros “nouvoux riche” sem educação, sem cultura e sem sentimentos de nobreza, ao menos de alma, que só tem por finalidade o alargamento de sua burra, em detrimento constante da evolução de uma cidade que é cognominada de Princesa, também fomos ofendidos no nosso interesse que é o de expurgar das elites desta terra os vendilhões que, de quando em quando, a peso do dinheiro aqui mal ganho, solapam as boas iniciativas dos menos afortunados do bolso, porém otimamente aquinhoados de dons morais. (COSTA, 2006, p. 282)

Não sabemos porque o jornalista e advogado Edmar Campelo Costa escolheu tal carta para ilustrar o que chama de “anos dourados” da cidade, mas nos chama atenção a crítica que o próprio morador expõe sobre o perfil presente em Governador Valadares: de novos ricos, sem educação, cultura ou nobreza de alma, que só se preocupam com ganhar mais dinheiro e que não incentivam as boas iniciativas de quem é pobre, mas possui “dons morais”.

Não deixa de ser curioso que no capítulo que deveria destacar o que de melhor a sociedade valadarense produziu em cultura e vida social conste tão dura crítica à sociedade dos anos 50. Por outro lado, a carta de Álvaro Fernandes ao colunista Jota Gomes pode simbolizar o desejo de construir uma sociedade que seja o oposto deste cenário que ele descreve, de modo que sugere ao colunista que ele não publique conteúdo que favoreça os “nouveux riche sem educação”, mas que valorize aqueles que possuem “boas iniciativas”.

As quatro páginas que se seguem após essa carta são compostas apenas de fotos de pessoas que marcaram a sociedade, acompanhadas de legendas que as identificam e valorizam suas qualidades. Na décima página do capítulo é destacada a Rua Bárbara Heliodora, no Centro da cidade, que seria conhecida como “Broadway Valadarense”, sendo uma atração noturna devido aos bons bares presentes nesta rua. No entanto, mesmo que seja a segunda

edição do livro, publicada em 2006, é possível identificar que se trata de conteúdo publicado à época da primeira edição, em 1977, e que este trecho não sofreu atualização para a nova versão do livro. Tal identificação é possível tanto pelo vestuário das pessoas na foto, como pelo fato de quem em 2006 nenhum dos bares descritos existia mais. Apesar disso, o autor escreve a descrição do local com verbos no presente, como se este ainda fosse um dos locais de entretenimento da cidade.

É a partir da décima segunda página deste Capítulo 12 que o carnaval aparece neste livro. São apresentadas 18 fotos, de anos, locais e pessoas diferentes, mostrando a antiga folia valadarense. O conteúdo fotográfico é interessante por mostrar desde os primórdios da festa, como um registro de baile em 1931, bem como por trazer legendas que dão vislumbres de como era festa. Na legenda de uma foto de 1949 é dito que o carnaval atraía “milhares de visitantes”, em outra de 1947 destaca que o lança-perfume era artigo que fazia parte da festa. Nomes dos responsáveis por confeccionar carros alegóricos e decorações de clubes são destacados, como Francisco Moreira Melo e Aldo Rosa. Foliões tradicionais são destacados e há menção a duas escolas de samba, a Bambas da Princesa e a Milionários do Ritmo.

Em comparação com o conteúdo que aborda o carnaval no livro de Ruth Soares, *Memórias de uma Cidade*, o material presente em *Epopéia dos Pioneiros* é melhor, tanto por conta das fotografias, material inexistente em todo o livro de Soares, como pelas informações nas legendas que ajudam a construir um mosaico a respeito do que seria a folia valadarense: festas em clubes, desfiles de carros alegóricos nas ruas, blocos de amigos fantasiados e escolas de samba.

Apesar disso, nossa opinião é a de que ambos os livros poderiam ter apresentado um relato melhor do evento. Se Ruth Soares limita-se a lembrar marchinhas carnavalescas e Edmar Campelo Costa apresenta fotografias, acreditamos que com o conhecimento e vivência que ambos possuíam na cidade, é provável que teriam condições de enumerar com maior riqueza de detalhes como era composta a festa carnavalesca de Governador Valadares. Vale lembrar que na data em que as obras foram publicadas a festa ainda era realizada na cidade. A primeira edição de *Epopéia dos Pioneiros* é de 1977, e *Memórias de uma Cidade* foi publicada em 1983, mas o carnaval de rua da cidade só foi acabar em 1989, pois até 1988 fazia parte do calendário festivo da cidade.

Porém, podemos pontuar algumas hipóteses para o pouco espaço e consideração dispensados à festa em ambas as obras. Os dois livros já começam explicando o desejo de homenagear e registrar “os pioneiros” que ajudaram a construir e desenvolver Governador Valadares. Portanto, ainda que através dos feitos de tais pioneiros seja possível traçar as

mudanças e o aspecto da cidade, o foco dos dois autores esteve sempre nas *personalidades* que fizeram parte da história da cidade, não especificamente na *história* da cidade.

Nos dois livros, a história de Governador Valadares é o pano de fundo sobre o qual são desenvolvidas as ações dos homens da época. Outro modo de perceber o conteúdo de ambas as obras seria que, na visão dos autores, contar sobre a vida dos pioneiros seria equivalente a contar a história da cidade. No entanto, no nosso entendimento, tal abordagem tende a valorizar apenas os feitos da elite econômica da cidade, com poucas exceções dos feitos de pessoas que pertenciam à parcela mais pobre de Governador Valadares.

Tendo essa hipótese em vista, de que a história dos pioneiros não é equivalente à história da cidade, encaramos a abordagem dos dois livros no que diz respeito ao carnaval. Ainda que a festa fosse contemporânea à publicação dos livros, no fim da década de 70 e no início da década de 80, nesta época o carnaval da cidade era marcado predominantemente pelas escolas de samba, que eram compostas por pessoas sem poder econômico e sem prestígio social na cidade. A elite econômica havia predominado na festa desde o surgimento desta em Governador Valadares, em data que não podemos determinar, até a década de 60, sendo que da década de 70 em diante, falar de carnaval na cidade seria necessariamente falar nas escolas de samba, ainda que os clubes promovessem bailes em seus salões. Se considerarmos que o carnaval fez parte do calendário festivo da cidade desde pelo menos a década de 30, como apontam os registros mais antigos, até o fim da década de 80, podemos afirmar que a festa ocupou espaço significativo na história da cidade. Assim, no nosso entendimento, duas são as razões que explicam a pouca representatividade dada a esta festa.

Em primeiro lugar, como já pontuamos, os registros feitos sobre a história da cidade foram feitos por pessoas ligadas à elite da sociedade valadarense, que tiveram como referência principal os feitos de seus pares, com registros esporádicos das ações feitas por pessoas de classes menos favorecidas economicamente.

Em segundo lugar, somos da opinião de que o modo de ocupação e desenvolvimento local não favoreceu o fortalecimento cultural da cidade. Tal qual nos indica a carta de Álvaro Fernandes ao colunista Jota Gomes, registrada no livro de Costa (2006), as pessoas vinham para a antiga Figueira e a emancipada Governador Valadares em busca de ganhar dinheiro, fosse no setor do comércio, da madeira, carvão, mica ou pedras preciosas. Inicialmente, a origem e os costumes variados dos forasteiros inicialmente eram muito heterogêneos e a característica elencada para designar os primeiros “pioneiros” foi o afincamento pelo qual *trabalharam* em prol do desenvolvimento local.

Exemplo disto é a frequência com que o livro de Soares (1983) registra fatos como “o

primeiro juiz”, o “primeiro escrivão”, o “primeiro promotor” da localidade. Também é nesse sentido que Costa (2006) destaca os melhores médicos e advogados mesmo no capítulo que se refere aos “anos dourados”. Aqueles que fizeram dinheiro sem contribuir com o progresso ou com o renome local foram tratados como aventureiros e não foram considerados dignos de registro para a história da cidade.

Após o auge das décadas de 30, 40 e 50, esgotados os recursos naturais da região e passado o período de prosperidade econômica, o que se viu foi a expulsão de mão de obra da cidade, ocorrendo novo ciclo migratório, desta vez para fora da região. A cultura nesta nova fase passou a ser influenciada por fora, com o ciclo que se iniciava lentamente nos anos 60 e 70 e que viria a se consolidar nos anos 80 e 90: a migração para os Estados Unidos. A cidade passou a valorizar aqueles que, mesmo trabalhando em outro país, juntavam capital para investir em Governador Valadares ou, permanecendo por lá, enviavam dinheiro que movimentava a economia da cidade.

Esse processo rápido, realizado em poucas décadas, de atrair e depois expulsar grande quantidade de pessoas não favoreceu que a cidade se desenvolvesse culturalmente, sendo que o *trabalho* foi a qualidade mais valorizada no seio da sociedade valadarense. Ganhar dinheiro pelo trabalho em alguma atividade sempre foi algo digno de reconhecimento pelos valadarenses. As festas, o lazer, o entretenimento e a arte ocupam lugar secundário nos valores apreciados pela comunidade que se estabeleceu em Governador Valadares. Gostaríamos de ressaltar que a festa, o entretenimento e/ou a arte não seriam objeto de desprezo ou reprovação pela sociedade local, mas são considerados como fator de menor importância na construção da história e do nome da cidade.

Uma vez que conseguimos adentrar nesse imaginário que permeia o pensamento da sociedade valadarense, vamos agora analisar as transformações do carnaval valadarense, sem perder de vista que esse imaginário relacionado ao trabalho e à geração de dinheiro são pensamentos arraigados na sociedade local e também estarão presentes no modo como a sociedade vivenciou a folia momesca valadarense.

Para suprir o que consideramos como uma lacuna na história da cidade, passemos agora ao terceiro capítulo, onde pretendemos contar sobre o carnaval de Governador Valadares e analisar as transformações destes sobre a ótica do imaginário presente nesta sociedade.

3- O CARNAVAL DE GOVERNADOR VALADARES NA PERSPECTIVA DO JORNAL DIÁRIO DO RIO DOCE

Se alguém ouvir falar na antiga festa momesca de Governador Valadares e buscar saber um pouco mais sobre ela, terá dificuldades de obter informações. Como já vimos, os principais livros que registram a memória da cidade não dão muitas informações sobre a antiga festa. Se o nosso ouvinte curioso tentar então conhecer a festa por meio dos registros no museu da cidade, também não avançará muito em sua busca, pois lá existem algumas poucas fotos e uma antiga fantasia do médico, desportista e folião Arnóbio Pitanga. A menos que nosso ouvinte curioso converse com aqueles que vivenciaram a festa, pouco ele vai descobrir a respeito do antigo carnaval da cidade.

Foi o que fizemos em nosso trabalho de conclusão de curso na graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Como primeira etapa de meu trabalho, pesquisei nos arquivos do jornal Diário do Rio Doce desde a fundação, em março de 1958, até o ano de 1994, sempre me atentando aos três primeiros meses do ano, nos quais as notícias relativas ao carnaval poderiam ser publicadas. Pelos arquivos, elencamos uma série de nomes que poderiam nos conceder entrevistas sobre o assunto. Certamente nem todos os nomes levantados puderam ser entrevistados, pois muitos já haviam falecido, outros haviam mudado de cidade, e alguns até mesmo mudado de religião e não tinham intenção de conversar a respeito do carnaval. Assim, 20 pessoas foram entrevistadas, fossem ex-foliões, políticos da época que tiveram a responsabilidade de organiza a festa e ainda alguns membros da imprensa que cobriram diversas edições da folia valadarense.

Cabe ressaltar que em nossa graduação o nosso objetivo era contar a trajetória da festa e apontar razões que teriam levado esta ao fim. Já nesta dissertação de mestrado, nossos estudos se concentram em entender como as transformações na festa eram avaliadas pela imprensa, especificamente no Diário do Rio Doce, e o que essas avaliações podem dizer a respeito da sociedade valadarense. Ou seja, queremos investigar no discurso do jornal questões que nos ajudem a compreender o que a festa significava para a cidade.

Por esse motivo, é preciso esclarecer o lugar de fala de nossa principal fonte. O jornal Diário do Rio Doce foi fundado em 30 de março 1958. Na impossibilidade de encontrar registros mais antigos que revelassem mais detalhes sobre a festa, os arquivos desse jornal deram grande parte de sustentação ao nosso trabalho do mestrado, pois apesar de saber que existiram outros jornais na cidade antes e depois de 1958, não conseguimos localizar pessoa ou instituição que possuisse os arquivos de periódicos antigos de Governador Valadares.

Assim, contextualizar este jornal é necessário para entender um dos ângulos pelos quais estamos analisando a sociedade valadarense.

Segundo o historiador Haruf Salmen Espíndola (1999), a partir de 1953 a Associação Comercial de Governador Valadares contava com a efetiva participação do empresário Júlio Soares, então presidente da Companhia Agro-Pastoril Rio Doce, uma das principais subsidiárias da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira e a maior empresa industrial da região. Este homem também era ligado por relações afetivas e políticas a Juscelino Kubitschek.

Com o apoio de Júlio Soares, a Associação Comercial da cidade conseguiu apoio no governo estadual para resolver o problema de energia elétrica na cidade, primeiro com a criação da Companhia de Eletricidade do Médio Rio Doce e, depois, com a construção da usina hidrelétrica de Tronqueiras. Também pelo intermédio de Júlio Soares junto ao presidente Juscelino Kubitschek foi resolvido problema do asfaltamento da rodovia BR 116, e, dentre outras realizações ele foi o idealizador de um veículo de comunicação para expressar as idéias do empresariado da cidade.

Foi Júlio Soares quem motivou as lideranças, ligadas a AC [Associação Comercial], para criarem o Jornal Diário do Rio Doce. Aceita a idéia, ele encaminhou ao presidente da Associação Comercial, Armando Vieira, o jornalista Mauro Satayana, que atuava no Diário de Minas, em Belo Horizonte, com a incumbência de reunir-se com os empresários valadarenses para a implantação de um jornal moderno de circulação diária. O jornal proposto por Júlio Soares teria como objetivo o papel de ser porta-voz das lideranças locais e serviria para cobrir os trabalhos da entidade na promoção do desenvolvimento de Governador Valadares (ESPÍNDOLA, 1999, p. 52)

Um grupo de dez empresários patrocinou a viabilização do jornal, dentre eles estava Hermírio Gomes da Silveira, então vereador da cidade e que viria a ser prefeito em três mandatos a partir de 1967, destacando também a proximidade do jornal com personalidades que transitavam tanto no meio político quando empresarial.

Espíndola (1999) aponta ainda que no período de embate político e ideológico que antecedeu o Golpe Militar de 1964, o Diário do Rio Doce foi uma importante tribuna conservadora frente às idéias divulgadas no jornal de esquerda O Combate, criado pelo jornalista Carlos Olavo da Cunha Pereira e que foi empastelado em 31 de março de 1964.

Destacamos a relevância que os arquivos deste possuem enquanto fontes a serem analisadas, possuindo grande quantidade de informações ricas para nossa pesquisa. Porém, não podemos perder de vista que este jornal esteve comprometido, desde sua fundação, com um setor específico da sociedade valadarense.

Dito isso, vamos apresentar o amplo material que encontramos a respeito do carnaval. Esta é nossa principal fonte de análise, no entanto, sempre que considerarmos relevante, também serão utilizadas informações da entrevistas por nós colhidas em 2009. Esclarecemos que novas entrevistas não foram realizadas, pois as fontes que julgávamos mais importantes, daqueles que haviam participado do carnaval na década de 1950, já haviam falecido no momento em que esta pesquisa de mestrado se iniciou. Considerando que esta é a época sobre a qual dispomos de menos informações, tais fontes eram consideradas de maior relevância.

3.1. – Os primórdios da festa valadarense

Com as fontes as quais tivemos acesso, é difícil remontar à origem do carnaval em Governador Valadares. Uma foto no livro *Epopéia dos Pioneiros*, de Edmar Campelo Costa (2006), nos revela um grande grupo de homens, mulheres e crianças fantasiados para a festa carnavalesca de 1931, quando a localidade ainda era distrito de Peçanha e ainda se chamava Figueira.

Também por breves menções é possível ver que a festa era ainda mais antiga. No livro *Memórias de uma Cidade*, de Ruth Soares (1983), no depoimento de Angélica Cipriano à autora, a entrevistada revela que a família se mudou para a Figueira em 1918, quando ela possuía cinco anos. Pouco mais a frente, ela revela aspectos da festa quando ela havia um pouco mais de idade.

Outra festa bonita aqui eram as festas de Carnaval. A turma era muito animada, um delírio: havia carros alegóricos. As moças fantasiavam-se com roupas muito bonitas. Lembro-me da Lídia, filha do Seu Conrado. Era sempre a rainha, muito bonita. Nessa época, eu devia ter uns 16 anos. Nós, como sempre, não podíamos ir. Mas uma vez veio uma tia nossa de Golconda para passar o Carnaval aqui. E seu Vila tinha uma loja e Seu Urbano tinha uma casa do Seu João Soares. O Carnaval saía de lá. Seu Urbano distribuía lança-perfume para todo mundo. Eram umas bisnagas pequenas. Nós ficamos satisfeitíssimas por ter lança-perfume, pois é claro que não poderíamos comprar. Levamos pra casa e mamãe ainda achou ruim por termos aceito o presente. (SOARES, 1983, p.10)

Considerando que a entrevistada disse ter cinco anos em 1918, se tal fato aconteceu quando ela tinha 16 anos como ela pondera, então o relato acima descreve um fato ocorrido no carnaval de 1929. O trecho nos apresenta algumas características que foram muito presentes e citadas durante a década de 50, quando o material a respeito da festa se torna mais abundante. Por meio deste relato, é possível perceber que os carros alegóricos estavam

presentes desde muito tempo antes do surgimento dos clubes sociais, que seriam fundados na cidade a partir de 1945. Esta presença de carros alegóricos certamente era por influência do maior centro carnavalesco do Brasil, o Rio de Janeiro, onde esta tradição já havia se apresentado desde os primeiros anos do século XX. Outra característica importante é o relato de que a tia da entrevista foi à então Figueira devido ao carnaval da localidade. Não é como se a tia em questão estivesse visitando a família e, por coincidência, fosse carnaval. O relato de Angélica Cipriano nos diz que o carnaval era o motivo da visita da tia dela. Tal fato é importante, pois vai ao encontro do que se encontrava no jornal *Diário do Rio Doce* no fim da década de 50: o relato de que a cidade atraía turistas durante o período de carnaval. Essa capacidade da cidade atrair turistas durante o carnaval seria posteriormente um dos motivos de maior valorização da festa, mas aqui podemos entender que a localidade, por já iniciado processo de desenvolvimento econômico no fim da década de 20 e início dos anos 30, poderia atrair durante o carnaval os parentes daqueles que havia se mudado para cá em busca de novas oportunidades.

Assim, embora não consigamos determinar com precisão a origem da festa na cidade, é possível inferir que a tradição carnavalesca já existia no país, de modo que o interior buscava se espelhar no centro político e cultural do Brasil, o Rio de Janeiro. A festa no então distrito buscava seguir os costumes da capital brasileira, como o desfile de carros alegóricos, mas assim como Figueira atraía pessoas em busca de oportunidade de trabalhar e ganhar dinheiro, o local também se destacava na região durante a passagem do carnaval, conseguindo atrair pessoas que vinham com o único objetivo de brincar durante os dias da folia momesca, retornando para suas casas após este breve período.

Até a década de 50, podemos apenas apontar os poucos registros que temos conhecimentos e fazer deduções a partir do material que dispomos. No entanto, a partir da década de 50 temos mais informações que coletamos em entrevistas e nos arquivos dos jornais, e portanto podemos apresentar como se dava o carnaval em Governador Valadares nessa época.

Seja nas entrevistas ou mesmo nos registros mais antigos do jornal, em muitas menções a respeito da folia valadarense durante a década de 1950 é citado que a cidade possuía “o melhor carnaval do interior de Minas”. A origem desse título não é certa, não se sabe se foi entre os próprios moradores que acabaram dando esta alcunha para a festa valadarense, ou se alguma pessoa ou veículo de comunicação de fora da cidade teria dito isso. Mas independente de corresponder à realidade da época ou não, é certo que entre as pessoas de Governador Valadares esse título era levado à sério, o que indica não apenas certa grandeza

em algum momento da história da festa, mas principalmente o sentimento de orgulho dos moradores da cidade para com a folia momesca que era realizada no local.

Independente deste título de melhor carnaval do interior de Minas, que seria repetido exaustivamente nas décadas de 50 e 60, acreditamos que a então Figueira possuía animado carnaval devido a ser um pólo que já atraía pessoas devido à localização estratégica como ponto por onde passava a estrada de ferro e que, portanto, se tornava naturalmente movimentado, além do fato do ciclo da madeira que já ganhava força na localidade. Tanto pela posição geográfica quanto pelas atividades econômicas que se desenvolviam nesse antigo distrito de Peçanha contribuíam para que, com grande quantidade de pessoas, estas quisessem se divertir de forma animada durante os dias de carnaval.

É o que podemos concluir tendo como base um relato do ex-folião mais animado que Governador Valadares teve: o médico, advogado e esportista amador Arnóbio Pitanga. Em um depoimento para matéria do jornal *Diário do Rio Doce* em 13 de fevereiro de 1983², o folião relembra os carnavais que passou na cidade, citando inclusive sua participação na folia momesca valadarense: “Para se ter idéia da animação de Arnóbio Pitanga, nos idos de 1937, 1938, quando não havia clubes na cidade, a primeira sala dançante da cidade foi em sua casa na Rua Prudente de Moraes, depois é que surgiram o Automóvel Clube, o Aero Clube, o Ilusão e mais tarde o Minas Clube”.

Ilusão e Minas Clube vieram a ser os principais clubes sociais a promoverem a festa de carnaval de Governador Valadares na década de 1950. O Ilusão Esporte Clube foi fundado em janeiro de 1945 e o Minas Clube no ano seguinte, de modo que os festejos carnavalescos anteriores ao surgimento de ambas organizações sociais eram feitos de forma espontânea pelos moradores do local ou pelos forasteiros que aqui se encontravam durante os dias de folia. Mas como citado que já no fim início dos anos 30 já havia carros alegóricos na cidade, podemos dizer que estes dois clubes, ao iniciarem sua participação no carnaval de rua da cidade, buscaram dar continuidade à tradição que já se encontrava presente na cidade.

Ainda nesta mesma matéria de 13 de fevereiro de 1983, o folião Arnóbio Pitanga relata que

os bons carnavais foram realizados de 1945 em diante, com a disputa que se tornou tradicional entre o Minas Clube e o Ilusão Esporte Clube. Arnóbio Pitanga lembra que esses clubes chegavam a contratar verdadeiros artistas do Rio e de Belo Horizonte para confeccionarem os carros alegóricos que sem dúvida eram a grande atração dos desfiles carnavalescos. Nesta época, os

2 Carnaval dos bons tempos de GV. *Diário do Rio Doce*, Governador Valadares, p. 10-11, 13 de fev. de 1983.

próprios clubes davam as fantasias aos seus associados, nesta situação, o tradicional folião afirma categoricamente que Governador Valadares já teve um dos melhores e mais animados carnavais de todo o interior de Minas Gerais, com grandes orquestras, muitos foliões e também muitos visitantes, fazendo com que a cidade vivesse dias de verdadeiro esplendor.

De fato, a disputa de carros alegóricos entre os clubes Minas e Ilusão seria a principal definição da época que posteriormente seria lembrada como do “melhor carnaval do interior de Minas”. Se os registros anteriores à década de 1950 são difíceis de serem encontrados, os relatos vão se tornando mais numerosos a partir do meio para o fim dessa década. Eles revelam uma festa animada e composta por diferentes momentos e celebrações. Se até o fim da década de 1940 teriam surgido o principal elemento do carnaval valadarense (a disputa entre os clubes sociais), seria na década de 1950 que este modelo de festa se cristalizaria e se tornaria um discurso elaborado.

3.2- O carnaval nas décadas de 1950 e 1960

Se nos primeiros anos, quando a localidade ainda era o distrito de Figueira ou a recém-emancipada Governador Valadares, o carnaval era uma festa espontânea sem uma organização ou modelo definido, a partir do surgimento dos clubes sociais Ilusão Esporte Clube e Minas Clube e do estabelecimento de uma disputa entre estes pela melhor atuação durante o carnaval, foi-se configurando um modelo bem definido de festa, que serviria de parâmetro nas décadas seguintes e viria a ser conhecido, pelo menos em Governador Valadares, como o “melhor carnaval do interior de Minas”.

A principal comemoração se dava na Avenida Minas Gerais, onde os clubes sociais Minas e Ilusão lançavam seus carros alegóricos, disputando a preferência do público, que se reunia ao longo da avenida para acompanhar os desfiles. A disputa não envolvia apenas o carro alegórico cujo componente estivesse mais animado, mas principalmente aquele cuja decoração fosse mais bem elaborada e encantasse o público. Para tanto, os clubes possuíam mão de obra própria, cujo trabalho muitas vezes era pago com o acesso à folia. É o que revelou o ex-decorador Aldo Rosa:

Desde que aqui cheguei, em 1945. Pra eu poder frequentar o clube, era com um pouco da habilidade que eu tinha pra decorar. Então depois eu ganhava mesa e entrava, já era muita coisa. (...) Eu criava o tema. Eu fazia uma decoração que chamava "o carnaval no circo", fiz uma toda em papel crepom, vermelho e branco, fazendo esticadinha e tal, uma ponte pêncl, fiz japonesa, o trem da Usiminas, foi naquela época. Ali a troco de nada, não

fazia era ganhar dinheiro, fazia por amor ao clube, e as pessoas que gostavam também. (...) Investia, e carro alegórico. Teve um ano que nós fizemos 22 carros alegóricos no carnaval. Em um só carnaval. Oito, dez, depois nós fomos diminuindo. E os carros eram rebocados, pra iluminação tinham um transformador de alta potência puxado por uns tratores pequenos, por carreta, eu ia de carro em carro, olhando a iluminação. (COELHO, 2009, p.32)

O ex-decorador chegou à cidade em 1945 e trabalhava em um banco, mas revelou durante a entrevista que foi chamado para ser decorador do clube Ilusão em 1950, criando temas de decoração para a festa nos salões dos clubes, bem como confeccionando e fiscalizando a execução e funcionamento dos carros alegóricos, que eram o ponto máximo da festa quando ele chegou na cidade.

Quem também descreveu a festa nesta época foi o artista plástico e também ex-decorador de clube Epaminondas Bassi, que revela o ambiente festivo dos dias de carnaval:

Ao longo da Avenida Minas Gerais, da Praça Serra Lima até os Correios, barraquinhas de máscaras, de lança-perfume, tinha o curso. Pessoal do bairro, alguém que era motorizado, botava todo mundo no carro e ia. Eu fazia muita máscara, essas máscaras romanas, de gladiador, não tinha pra vender, então a gente montava aquilo, com papelão e laminado ganhava bem com aquele negócio, e o pessoal da barraca. Porque era bonito, só de se ver aquilo colorido, muito chapéu de marinheiro, a gente gostava daquelas paradas brancas, de cruzeiro de navio. Muita pipoqueira. E eles cortaram. Tinha uma arborização muita boa sombreando, cortaram tudo. (COELHO, 2009, p.50)

Por esses relatos, é possível afirmar que a festa envolvia bastante os moradores de Governador Valadares. Neste relato, Epaminondas Bassi ainda aponta a presença do curso carnavalesco, em que as famílias que dispunham de carros se fantasiavam e desfilavam pelas ruas principais da cidade. Assim como dissemos anteriormente, não nos parece que o curso valadarense tivesse objetivo semelhante ao curso do Rio de Janeiro do século XIX. Na antiga capital brasileira este modo de festejar tinha sentido pedagógico, como nos diz a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha (2001), ensinando a população carioca a festejar de modo considerado mais civilizado, em oposição aos festejos do entrudo, tido como “selvagem”. Essa presença na Valadares da década de 1950, até meados da década de 1970, parece mais ser uma cópia do modelo festivo que existia na capital brasileira e que foi trazido para o interior, mesmo porque não haja indícios de que em algum momento o entrudo (ou outro modelo carnavalesco) tenha sido celebrado na antiga Figueira ou na emancipada Governador

Valadares. Assim, o modo de ocupação e desenvolvimento da cidade pela chegada de pessoas de diversos locais diferentes interessados nos ciclos econômicos fazia com que trouxessem costumes de outros lugares, os quais reproduziam nesta localidade. Embora também seja interessante pontuar que o curso era um modelo que valorizava as elites econômicas, de modo que estas poderiam ter interesse em manter essa tradição.

Retomando as considerações a respeito dos elementos presentes na folia carnavalesca valadarense, na década de 1950 havia ainda a presença de outro segmento da população que despertava a curiosidade da cidade. Segundo os relatos colhidos em entrevistas, as boates principais da Zona Boêmia da cidade também desfilavam nos dias de carnaval. Segundo o artista plástico Epaminondas Bassi, as moças que trabalhavam na Zona Boêmia não apenas desfilavam, mas elas próprias também elaboravam os carros alegóricos que eram apresentados na avenida. “Eram moças recatadas, mas na hora de trabalhar elas davam duro. Faziam carro alegórico e desfilavam em carro, porque as mocinhas de família não tinham coragem de se expor igual a elas” (COELHO, 2009, p. 50).

As menções à Zona Boêmia sugerem que a presença das prostitutas contribuíram para engrandecer o carnaval da cidade, fosse porque os carros alegóricos lançados por elas aumentavam o número de carros no desfile, ou mesmo pela simples presença delas, que, nas palavras de Epaminondas Bassi, se expunham de modo que as mocinhas de família não teriam coragem. Assim como a cidade de Governador Valadares surgiu e se desenvolveu devido o forte comércio presente no local, a Zona Boêmia também surgiu devido à grande quantidade de dinheiro que circulava no local.

A zona boêmia era um local que tinha bares, boates e mulheres. (...) Tinha três categorias: as boates Normandi, tinha a da Dulce; e a da Rosa, ali na região do Mercado [Municipal] na esquina da [rua] José Luiz Nogueira pra lá, hoje é a rua Euzebinho Cabral na esquina com a [rua] Israel Pinheiro você tinha a boate Normandi. E logo a seguir onde hoje tem um prédio de escritórios, tinha a Frenesi. A boate Normandi era da Rosa, a boate Frenesi era da Dulce. As duas boates disputavam a grande clientela de Governador Valadares. E os artistas que vinham aqui, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, essa turma toda frequentava lá e dava show e fazia apresentação na zona boêmia. (...) Eu sei que tinha essa parte da zona que era a classe A, depois você tinha a classe B, a média, são outras boates, nas imediações da [rua] Afonso Pena, da [rua] Bárbara Heliodora, boates médias, que algumas mulheres eram donas da boate. E depois você tinha a área mais pesada chamava Torresmo, era o baixo meretrício, muita puxa faca, muito tiro, tinha muita bronca lá. (...) E vinha gente dessa região toda frequentar a Zona Boêmia, era atração turística, vinha gente demais. (...) A Zona tinha um carro também, que saía, se inscrevia no desfile e saía. Eu lembro de um carro que era uma cobra, e na boca dela tinha uma mulher. Ao invés de uma cegonha trazendo um bebê, era uma cobra trazendo uma mulher. Mulher muito bonita

(COELHO, 2009, p.60)

Esse carro alegórico da cobra é citado nos arquivos do jornal *Diário do Rio Doce*³, tendo sido lançado no carnaval de 1959 pela boate Normandi, cujo nome era *Eva*. O jornal diz que o carro teve iluminação deficiente, mas que “mereceu a consagração popular”. Também em outras entrevistas, ao mencionarem a participação da Zona Boêmia foi ilustrada com a memória deste carro alegórico, em que uma mulher vinha dentro da boca de uma cobra, mostrando que a alegoria fez sucesso memorável.

A Zona Boêmia também é citada brevemente no livro *Memórias de uma cidade*, de Ruth Soares (1983). Porém, não é a respeito da participação das moças na zona no carnaval, mas a preocupação que o antigo Chefe de Polícia da Cidade, Coronel Pedro Ferreira dos Santos, tinha com a presença de menores nessas imediações e os cuidados que ele havia tomado para que menores não frequentassem o local. Ainda que a prostituição infantil fosse uma preocupação da época, podemos afirmar que as moças que desfilavam eram ser mais velhas. Isso se confirma, pois no mesmo ano em que o carro *Eva* desfilou, encontramos Portaria do Juizado de Menores⁴ regulamentando a presença dos menores durante o carnaval. Nesta portaria aponta “que menores de 18 não poderão tomar parte em préstitos, desfiles, cordões, marchas carnavalescas por prejudiciais aos seus organismos de resistência em formação”.

Retomando o pensamento a respeito da participação da Zona Boêmia no carnaval valadarense, diferentes relatos apontam contradições relacionadas ao preconceito em relação à presença das prostitutas na festa. Enquanto o ex-folião Jerônimo (Nonô) Magalhães afirma que “Não, absolutamente não. Elas desfilavam como outro carro também desfilava, que aliás, saiam todos os carros juntos. Não tinha ‘Ah, você vai passar depois que terminar’. Não. Passava tudo normal, era um desfile normal” (COELHO, 2009, p. 64). Também o ex-folião Ivaldo Tassis apontou a presença das moças da Zona em vários ambientes da sociedade valadarense: “Não, o público tratava elas muito bem. Todas eram bem tratadas sem problema nenhum. (...) E a cidade sempre respeitou, sempre recebeu sem nenhum tipo de preconceito. Ainda bem” (COELHO, 2009, p. 61).

Vale lembrar que as mulheres da Zona Boêmia que participavam do carnaval e frequentavam os clubes da sociedade eram aquelas das boates Normandi e Frenesi, ambientes

3 Ilusão, tri-campeão do carnaval valadarense. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 12 de fev. de 1959

4 Instruções do Juízo sobre menores durante o carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 07 de fev. de 1959

descritos pelo próprio Ivaldo Tassis como de “meretrício de luxo”. Logo, eram mulheres que estavam lidando no dia a dia delas com pessoas de posses e sabiam se portar num ambiente de sociedade. Mas ainda assim, há indícios sugerem que a presença das mulheres da Zona Boêmia não era tão bem aceita assim fora do ambiente em que elas viviam. Relato do radialista Moacir Marques, que cobriu o carnaval durante décadas, também cita o famoso carro alegórico *Eva*, e aponta que este o carro teria ganhado dos demais carros alegóricos, o que teria provocado desconforto na sociedade da época. Essa afirmação também foi encontrada em uma matéria⁵ do Diário do Rio Doce de 1980, a qual fazia um traçado sobre o auge e a perda de importância da Zona Boêmia em Governador Valadares. Nesta matéria, é lembrada a participação da Zona Boêmia no carnaval, sendo destacado o carro alegórico *Eva*: “Até hoje comenta-se que o carro teria recebido o primeiro prêmio, não fosse o preconceito surgido entre os membros do júri, de que isso seria uma afronta à sociedade”. Essa possibilidade nos parece plausível, pois apesar de ser um carro alegórico que marcou época e chamou atenção, *Eva* não ficou sequer em terceiro lugar na competição, perdendo para dois carros do clube Ilusão, e até mesmo para outro carro alegórico da própria Boate Normandi, o carro *Música*. Isso pode indicar uma intenção deliberada do júri de não valorizar na disputa uma alegoria que soasse como ofensa à moral da sociedade, indicando contradições presentes na sociedade da época, pois apesar da presença dos carros alegóricos da Zona Boêmia constituírem um elemento de destaque no carnaval, ainda assim estes não poderiam ser mais valorizados que os carros alegóricos da elite da época.

Apesar dos poucos registros que encontramos relativos à participação da Zona Boêmia no carnaval valadarense, nos parece certo afirmar que esta provocava ânimo no público e era um dos elementos do carnaval que era conhecido como o “melhor do interior de Minas”. É também provável que a participação ousada dessas mulheres fosse também um elemento atrativo para o turismo, uma vez que por diversas vezes é afirmado tanto nos arquivos do jornal quanto nos depoimentos por nós colhidos em pesquisa anterior de que nesta época a cidade costumava atrair turistas de diversas regiões do estado ou mesmo de fora dele, de tal forma que os hotéis e pensões da cidade ficavam lotados. Considerando que esta Zona Boêmia era famosa em toda a região, é provável que parte da fama do carnaval valadarense até a década de 50 também se devesse à participação das mulheres da Zona Boêmia, que já possuíam fama na região.

De todo modo, essa participação ocorreu pela última vez em 1959, no ano do carro

5 Sucesso nos carnavais, a morte de Zé Rocambole e o crime da Gaúcha. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 12, 24 de fev. de 1980.

alegórico *Eva*. Não podemos deixar de considerar que talvez a desvalorização intencional do carro *Eva* tenha sido uma das razões pela qual a Zona Boêmia não mais desfilou a partir de 1960. Nesse caso, podemos apenas fazer conjecturas, pois nos arquivos do jornal Diário do Rio Doce não há qualquer menção aos carros alegórico das boates Normandi e Frenesi após a data de 1959. O abandono destas do carnaval valadarense não é mencionado nos jornais de 1960 em momento algum, mesmo que nos anos anteriores as mulheres da Zona Boêmia fossem presença garantida na Avenida Minas Gerais. Assim, voltamos novamente ao ponto de que a presença das mulheres da Zona Boêmia era contraditória na sociedade. Apesar de terem marcado sua presença na festa, ainda assim a imprensa da época escolheu não dar atenção ou espaço para que esta mantivesse seus desfiles, por considerar que valorizar a Zona Boêmia seria uma afronta à sociedade.

Voltando aos elementos carnavalescos da folia da cidade, estes não se concentravam apenas nas ruas. Tanto o curso quanto o desfile de carros alegóricos que passavam pela Avenida Minas Gerais compunham o que pode ser chamada de uma parte pública da festa, na qual todos tinham acesso, fosse desfilando, ou fosse observando. Porém, após os desfiles, o carnaval de rua não possuía outras atrações, e a maior parte da massa que se reunia para ver os desfiles retornava para suas casas. Se nas ruas a folia era interrompida, em ambientes fechados se iniciavam os bailes, fosse nos clubes sociais, nas boates ou bares. Os bailes mais famosos da cidade na década de 50 eram os bailes do Minas Clube e do Ilusão Esporte Clube, que faziam decoração luxuosa em seus salões para os associados ou visitantes que pagassem a taxa de entrada. Como nem toda a população podia pagar a entrada nesses clubes, havia outros locais mais simples em estrutura, mas cuja animação não deixava a desejar, como o clube DER, clube Pastoril e, principalmente, o salão da Lira Trinta de Janeiro, orquestra municipal cujo salão era descrito como muito quente, mas sempre lotado de foliões. Enquanto os desfiles na Avenida Minas Gerais eram abertos para todos, um público mais restrito festejava nos salões madrugada adentro, de sábado até a terça-feira gorda.

Os bailes de mais renome na cidade eram os do Ilusão e Minas, que contratavam orquestras especiais para os festejos de carnaval, além de contratarem decoradores para enfeitar o salão com temas que variavam a cada ano, e ainda anunciavam essas medidas na imprensa local, como modo de instigar a animação dos foliões e valorizar o próprio clube. Também estes dois clubes sociais promoviam festas antes mesmo do carnaval, os chamados gritos carnavalescos, com o objetivo de criar clima antecipado de folia na cidade. Esta rivalidade entre os dois clubes foi descrita em matérias de jornal como uma “disputa sadia”, que não revelava raiva pelo adversário, apenas a vontade de superá-lo tanto nas ruas como nos

salões, fazendo os carros alegóricos mais bonitos, tendo blocos com as fantasias mais bonitas, decorando o salão de modo mais bonito, promovendo a festa mais animada.

Vale lembrar que década de 50 a cidade possuía uma economia forte em diversos setores. O historiador Haruf Salmen Espíndola (1999) destaca as características do local na década de 1950:

O dinamismo econômico de Governador Valadares se fazia notar pela diversificação da oferta de produtos e pelos valores médios dos salários e preços, que não se afastavam muito dos que eram praticados nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo ou Belo Horizonte. Havia uma intensa movimentação de negociantes e representantes das principais firmas comerciais do País. Na década de cinquenta, as casas comerciais eram detentoras de grandes estoques de mercadorias e enorme freguesia regional. Governador Valadares transformou-se num importante entreposto comercial, consolidando-se como pólo regional. (ESPÍNDOLA, 1999, p.26)

Deste modo, a pujança econômica da cidade e sua posição de destaque no cenário estadual contribuíam para que as entidades e as pessoas de Governador Valadares pudessem investir numa festa pomposa. Vale lembrar a declaração dada pelo folião Arnóbio Pitanga na matéria já citada de 13 de fevereiro de 1983. Segundo ele, quando os clubes sociais surgiram, estes davam as fantasias para seus associados participarem dos blocos e também para compor os carros alegóricos, que sempre possuíam integrantes dos clubes, além de contratarem profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo para confeccionarem os carros alegóricos que desfilariam na Avenida Minas Gerais.

Assim, podemos concluir que o modelo do carnaval que veio a ser conhecido em Governador Valadares como o “melhor carnaval do interior de Minas” era bancado exclusivamente por iniciativas particulares, num momento em que a economia era próspera e a cidade possuía destaque no cenário estadual, de modo que sempre atraía pessoas e a atenção de outras localidades.

Também por iniciativa particular, os próprios clubes sociais fizeram ações para estimular a vinda de pessoas de fora para a cidade durante a festa carnavalesca. Matéria⁶ no Diário do Rio Doce no dia 18 de janeiro de 1959 destaca essa ação por meio do clube Ilusão Esporte Clube, que por iniciativa própria decidiu promover a festa para atrair turistas para a cidade, confeccionando cartazes sobre a folia valadarense. Ainda no mesmo ano, foi relatado⁷ que dois diretores do clube Ilusão viajaram com o objetivo de levar tais cartazes e promover a

6 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 18 de jan. de 1959.

7 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 8, 21 de jan. de 1959.

divulgação do carnaval da cidade, um deles se dirigindo para a cidade de Vitória (ES) e o outro para Acesita, na região.

Pelas características do carnaval, com o desfile de carros alegóricos e a grande preocupação em atrair turistas, podemos afirmar que a intenção dos clubes sociais de Governador Valadares era reproduzir na cidade, em escala regional, o modelo de carnaval do Rio de Janeiro, explorando a festa como uma atividade econômica. Essa intenção fica mais explícita após a realização da festa de 1959, quando a imprensa voltou a cobrar⁸ a participação do Município na organização do carnaval dizendo que “não justifica que somente aos clubes caibam os encargos de uma festa que é eminentemente popular e que, como tal, deve ser levada ao povo”.

Apesar do destaque da necessidade do povo se divertir numa festa popular, este argumento apareceu ao longo dos anos pesquisados no arquivo do jornal sempre em terceiro lugar entre os motivos pelos quais a prefeitura precisava investir na festa. Em primeiro lugar, sempre apareceu a necessidade de preservar o nome do carnaval valadarense e manter o título de “melhor carnaval do interior de Minas”. Em segundo lugar estava a atração de turistas para a cidade, só então aparecia o divertimento da população como um motivo para que o poder público investisse no carnaval valadarense.

Os editoriais do jornal ao longo de cada ano foram importantes fontes para entender a imagem que este periódico fazia carnaval e a função que esperavam desta festa. O editorial⁹ do jornal *Diário do Rio Doce* após o carnaval de 1960 vem a confirmar estas afirmações, a começar pelo título “Carnaval: nossa maior atração turística”:

Mais uma vez confirma ser o carnaval a maior atração turística de Governador Valadares haja vista o grande número de visitantes de várias procedências em busca das festas momescas seja nas ruas ou nos salões. (...) O ponto alto do carnaval de Governador Valadares tem sido inegavelmente o desfile de carros alegóricos, contando ano após ano com o entusiasmo de alguns abnegados e, digamos assim, de alguns homens entusiasmados. (...) Em tudo isso, no entanto, observamos que os festejos momescos de Governador Valadares estão vivendo e divulgando a nossa cidade pelo labor extraordinário dos dois principais clubes, sem qualquer apoio da administração pública, vem estes dois clubes sustentando todo ano enormes despesas para a melhor apresentação do carnaval valadarense e a maior exaltação de Governador Valadares em toda a região, no estado e no Brasil. Sentimos não obstante o distanciamento do povo destas celebrações, motivado principalmente pela ausência de colaboração inteligente do poder público, através dos incentivos adequados. Aí estão as escolas de samba,

8 Necessário o apoio da prefeitura ao carnaval de Governador Valadares. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 12 de fev. de 1959.

9 Carnaval: nossa maior atração turística. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 03 de mar. de 1960.

mas apenas em número de três e no entanto quanto animação têm provocado nas festividades de rua. Esperemos o carnaval do próximo ano.

O jornal busca enfatizar primeiro a vinda de turistas, deixando implícito que estes gastam dinheiro na cidade, seja ocupando os hotéis e pensões, seja pelas compras no comércio, ou mesmo gastando com a compra de ingressos para festejar nos salões dos clubes sociais. Lembra então que a festa carnavalesca divulga o nome da cidade e por último lembra que o povo, ou seja, a grande massa da população, possui pouca participação na festa. Sendo o “ponto alto do carnaval” o desfile dos carros alegóricos dos clubes, claramente um segmento mínimo da população participava dos desfiles, enquanto a maioria seguia apenas como espectadora da festa. Mesmo que Governador Valadares já possuísse salões mais populares, como o DER, o Pastoril e a Lira 30 de Janeiro, ainda assim boa parte da população não participava ativamente do carnaval, sendo passiva nos desfiles. Como o editorial destaca, em 1960 a cidade possuía três escolas de samba, mas apesar da imagem este nome posa passar, na verdade eram pequenas organizações de pessoas de pouco poder aquisitivo, não chegando a 50 pessoas em cada uma. Vale destacar que, assim como os desfiles de carros alegóricos era uma reprodução da elite valadarense do modelo do carnaval carioca, as escolas de samba também bebiam da fonte dos festejos do Rio de Janeiro, mas possuíam menos recursos para imitar a matriz na qual se inspiravam. Por ter menos recursos, promoviam uma festa mais simples, e por este motivo, ficam em último lugar na ordem de importância destacada no citado editorial, indicando mais uma vez que a principal função do carnaval era atrair turistas e promover o nome da cidade, relegando a participação popular a um lugar secundário.

Enquanto o surgimento dos clubes sociais se deu por meio da mobilização de pessoas da elite, que dispunham de recursos para realizar suas idéias, o surgimento das escolas de samba de Governador Valadares partiu do encantamento com a folia carioca e da vontade de brincar o carnaval nesta cidade do mesmo modo como os cariocas faziam, mas no entanto, sem dispor da mesma organização, incentivo e meios para fazer de modo semelhante à festa da então capital brasileira.

Antônio Paulino fundou a Bate-Papo em 1955, a primeira escola de samba de Governador Valadares. Segundo ele, o surgimento da escola foi mais como uma brincadeira, e não com a pretensão de acrescentar mais elementos à folia valadarense, até então dominada pelos clubes sociais. Em depoimento concedido pelo sambista, ele afirmou que seguiu o sonho de morar no Rio de Janeiro, onde ficou por três anos, morando próximo à quadra da

escola de samba Império Serrano, pela qual se encantou e desfilou em todos os anos em que esteve naquela cidade. Ao retornar para a cidade natal de Governador Valadares, sentiu saudade da escola de samba carioca e quis fazer algo parecido, reunindo turma de cerca de 20 amigos para sair no que disse que não ser uma escola de samba, mas sim um Bate-Papo, daí o nome da agremiação.

Começamos a brincar, brincar, brincar, nós saímos aí na avenida, na rua, e arranjaram um jogo de camisa pra nós, camisa de futebol. Ninguém sabia, só ouvia em Rio em escola de samba, mas ninguém tinha visto nunca na vida. Aí nós fizemos tudo e quando foi no dia nós descemos pra avenida, mas nós tivemos que desfilar em cima do passeio, onde nós não queria, a gente queria na rua. Era pouca gente, mas tinha muita gente seguindo, acharam bonito e foram seguindo. Aí nós fizemos na avenida aqui, aí nós fomos no prefeito, que na época, o nome eu nem lembro agora, e pedimos pra desfilar, em cima do passeio, ficava mais tempo e tinha mais espaço. Aí o prefeito falou, quando foi no outro dia do desfile, a polícia tava lá na frente dando espaço pra nós, tirou a gente da calçada e pôs na avenida. Aquilo foi ótimo. Não era bom, mas já deram uma força (COELHO, 2009, p.35)

A Bate-Papo continuou sendo a única escola de samba valadarense até 1959, quando surgiu a escola de samba Bambas da Princesa, formada por pessoas que trabalhavam no setor gráfico da cidade. Assim como a Bate-Papo, a escola Bambas da Princesa surgiu de modo simples, contando com apenas 22 integrantes¹⁰. O que os componentes denominavam como uma escola de samba, na verdade era apenas a bateria, os músicos que desfilavam na avenida, mas que se divertiam com essa brincadeira de carnaval. Inicialmente composta apenas por homens, viria a ser chefiada por Antônia Pereira do Vale, conhecida como Baiana.

Também em 1959 foi fundada a terceira escola de samba da cidade, inicialmente composta por poucos membros. Ao contrário da Bambas da Princesa, que desfilou no carnaval de 1959, a Milionários do Ritmo foi fundada em setembro, e fez seu primeiro desfile em 1960. Também colhemos o depoimento do criador e chefe da Milionários do Ritmo, José Auxilium Figueiredo, conhecido como Buti. Assim como o criador da Bate-Papo, Antônio Paulino, também Buti havia morado no Rio de Janeiro e desfilado numa escola de samba da cidade, na Acadêmicos do Salgueiro, e chegou a Governador Valadares devido uma transferência na empresa em que trabalhava. Ao chegar à cidade, buscou conhecer a escola de samba Bate-Papo, na qual Buti desfilou no carnaval de 1959, mas logo após a festa decidiu organizar sua própria escola.

10 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 22 de jan. de 1959

Fundei em 3 de setembro de 1959. Aí começamos a ensaiar. No primeiro ano eu saí com 41 pessoas, 22 na bateria e o resto era passista e pastora. Muito pequena a escola. Quando foi no ano seguinte, nós dobramos, dobramos, foi dobrando a quantidade de gente. No último carnaval aqui eu saí com 912 pessoas. Foi em 88, daí pra cá eu parei porque não tinha o apoio da prefeitura. (COELHO, 2009, p.77)

Vale ressaltar que apesar da criação destas três primeiras escolas, nos primeiros anos nem sempre as três desfilavam em todos os carnavais, especialmente a Bambas da Princesa ficaria alguns anos intercalando desfiles e ausências do carnaval. Enquanto a Milionários do Ritmo só deixou de desfilar nos anos de 1986, em protesto pela verba oferecida pela Prefeitura, e no ano de 1987, quando não teve carnaval na cidade. Já a escola Bate-Papo perdeu seu fundador em 1965, quando Antônio Paulino decidiu criar a Império de Lourdes, segundo ele, para dar mais ânimo ao carnaval com mais escolas desfilando nas ruas.

Eu criei a Império de Lourdes e a Bate-Papo eu botei na mão de um compadre meu, o Zezinho. Um cumpadi. Eu falei "você fica aí, eu vou te dando uma força por fora, mas você não fala que eu tô te dando força não, que a Império de Lourdes tá dando força não, que a Império de Lourdes é nome forte, mas se falar que tá te ajudando, até atrapalha você". E ele segurou a Bate-Papo por muito tempo, aí ele começou a fraquejar, eu peguei, chamei e falei "ó, bota outro lá na Bate-Papo e você vem me ajudar aqui, que eu tô aqui com quase 500 pessoas e tá difícil". Lá no Rio são 4 mil, 5 mil e eu com 500 aqui ficava meio apertado. Mas lá todo mundo ajuda, e aqui era eu só. Algumas pessoas davam a mão, mas assim foi o carnaval aqui. Eu mais o Buti, que dia que o carnaval aqui, quando eu não era campeão, não aparecia outro. Só a Milionários e a Império, a Império e a Milionários, a Milionários e a Império. (COELHO, 2009, p.37)

Apesar da fala do sambista, acreditamos que a criação da Império de Lourdes possa ter sido motivada não apenas por amor ao carnaval, mas talvez por algum desentendimento interno entre os componentes. Além disso, não há indícios de que na década de 1960 alguma escola de samba tivesse 500 componentes, número que era considerado impressionante pelos que atingiam tal feito na década de 1980. Mas de fato, durante as décadas de 1960 a 1970, a Império de Lourdes e a Milionários do Ritmo seriam as principais escolas de samba da cidade, pois após o surgimento da Império de Lourdes, a escola Bate-Papo parou de desfilar e só voltou a desfilar na década de 1980. Já a Bambas da Princesa, teria seqüência irregular, desfilando alguns anos, se ausentando em outros, o que possivelmente não permitia que esta escola se desenvolvesse a ponto de se estruturar melhor, de modo que foi campeã do carnaval apenas uma vez, em 1975. Nos demais anos da década de 60 e 70, a Império de Lourdes e a Milionários do Ritmo se alternaram na conquista dos títulos de campeã do carnaval da cidade.

No entanto, o que queremos destacar é que, enquanto os clubes dispunham de maior organização e recursos para orientarem tanto seus desfiles de rua com carros alegóricos e os pomposos bailes nos salões, as escolas de samba possuíam organização amadora, com falta de recursos, e visualmente não tinham condições de apresentar um espetáculo do mesmo porte que o desfile dos clubes sociais. Possivelmente por esse motivo, a sociedade valadarense demorou muitos anos até abraçar essa modalidade do carnaval, valorizando principalmente a rivalidade entre Minas e Ilusão, fosse nas ruas, fosse nos clubes.

Já no fim da década de 1950, a disputa de carros alegóricos entre os dois clubes sociais começou a dar sinais de desgaste, com a ausência de carros do Minas Clube nas ruas em 1959, que neste ano, pela primeira vez, restringiu sua festa aos bailes carnavalescos nos salões. Quando esta decisão foi noticiada¹¹ no jornal *Diário do Rio Doce*, o tom foi de lamento: “Esta é sem dúvida, uma notícia pouco alegre para os foliões, que não contavam com sua falta, e não menos triste para o povo em geral, habituado a assistir o desfile de viaturas alegóricas, o que, aliás, foi a causa principal da fama alcançada em todo o Estado pelo nosso carnaval”.

Outro sinal que os clubes sociais já não possuíam a mesma força do início dos anos 50 aparece em protocolo social-administrativo¹² assinado pelas diretorias do Minas e do Ilusão com a finalidade “proporcionar um funcionamento harmonioso entre ambos os clubes” e de “se elevar ainda mais o conceito social que goza Governador Valadares e a necessidade de se aprimorar sempre as elites sociais, por estes clubes representados”. Em 16 artigos, foram estabelecidos acordos entre ambos os clubes, dentre eles as datas de eventos sociais de cada agremiação, além de definir taxas iguais para ambos os clubes durante os bailes carnavalescos de 1960, e o compromisso dos clubes não fornecerem fantasias para seus associados, salvo para os foliões que desfilarem em carros alegóricos. Neste artigo em específico, comprova-se a fala do folião Arnóbio Pitanga em entrevista concedida em 13 de fevereiro de 1983, na qual disse que no início os clubes sociais forneciam as fantasias de seus associados. Com a progressiva diminuição da economia valadarense, a perda econômica se fazia sentir nos clubes, e estes se viram obrigados a diminuir suas atribuições e participações na promoção da festa.

No entanto, como dissemos, essa menor participação se deu de forma progressiva. Se em 1960 os dois clubes concordaram em não fornecerem mais fantasias aos associados,

11 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 16 de jan. de 1959

12 Ilusão e Minas assinam protocolo social-administrativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 10 de fev. de 1960.

ambos se reuniram para fazer um carnaval animado. Nesse ano, o Ilusão confeccionou oito carros alegóricos, e o Minas elaborou outros seis carros alegóricos, fora a participação de blocos independentes que fizeram outros dois carros alegóricos fazendo sátiras a questões relativas à cidade. Nesta configuração, o protagonismo da festa estava com as pessoas de maior poder aquisitivo da cidade, de modo que o próprio jornal reconheceu em editorial¹³ a pouca participação popular:

Sentimos não obstante o distanciamento do povo destas celebrações, motivado principalmente pela ausência de colaboração inteligente do poder público, através dos incentivos adequados. Aí estão as escolas de samba, mas apenas em número de três e no entanto quanto animação têm provocado nas festividades de rua. Esperemos o carnaval do próximo ano.

Conforme o próprio jornal se faz notar, a maior parte da população não possuía participação efetiva na festa, atuando apenas como espectadora, e a presença das escolas de samba se torna um meio das pessoas de baixo poder aquisitivo também poderem participar da festa. A cada ano, porém, a exaltação da iniciativa privada da cidade vinha acompanhada de cobranças sobre a ausência da administração pública, como fizeram os editoriais nos dias de carnaval nos anos seguintes. Em 1961, o jornal fez duras críticas¹⁴ a ausência da Prefeitura na organização da festa, cobrando ornamentação da Avenida Minas Gerais, onde eram realizados os desfiles, bem como bailes públicos que a população pudesse dançar após os desfiles. Também por meio de editorial¹⁵, descobrimos que em 1962 a Prefeitura atendeu parte das reivindicações de outros anos e ornamentou a Avenida, além de ter elaborado um carro alegórico. Ainda assim, o jornal destacou a grande quantidade de turistas na cidade em função da festa momesca, argumentando que “Sem equívoco podemos afirmar que é a maior promoção do povo valadarense e seu maior meio de conquistar adeptos em festas de âmbito popular” e que, por este motivo, a cidade precisava investir mais no carnaval.

De fato, não era à toa que a imprensa cobrava maior participação do poder executivo na festa, pois aqueles que até então a promoviam já não demonstravam a mesma força para continuar sustentando sozinhos a folia valadarense. Em 1963, representantes do Minas chegaram a confirmar que o clube não iria mais lançar carros alegóricos¹⁶, devido aos custos de bancar a festa, e reclamando que a Prefeitura ainda não havia dado sinais de que pretendia

13 Carnaval: nossa maior atração turística. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 03 de mar. de 1960.

14 Festejos Momescos. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 16 de fev. de 1961.

15 Carnaval e propaganda. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 04 de mar. de 1962.

16 Esteios do carnaval de rua. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 10 de jan. 1963.

participar do carnaval. Apesar disso, por ser o ano do Jubileu de Prata da emancipação do Governador Valadares, o Minas Clube voltou atrás e decidiu confeccionar carros alegóricos “mesmo enfrentando sérios problemas econômicos”¹⁷. Alguns dias depois, a Prefeitura Municipal se comprometeu a auxiliar os clubes, escolas de samba e outras entidades carnavalescas “na medida do possível”¹⁸, prometendo também ornamentar a avenida Minas Gerais.

Para os foliões e para a imprensa, existia grande apego ao modelo de carnaval já estabelecido em Governador Valadares, como ficou explícito no editorial¹⁹:

Já se tornou lugar comum dizer que o carnaval valadarense é o melhor de Minas Gerais, representando a nossa principal fonte de propaganda e atração turística mesmo sem qualquer promoção organizada (...) Sobre o nosso grandioso carnaval ninguém pode dizer, ainda, que ele tenha fracassado ou cedido terreno às transformações. Guardamos os mesmos hábitos dos primeiros dias e nenhum dos clubes organizadores das festas quis abandonar o sistema que adotou. O desfile de carros alegóricos é espetáculo de rara beleza e traduz o arrojo e boa vontade de agradar ao povo pelos dois grandes clubes que lideram as comemorações.

Mesmo com os sinais de transformação da festa que já apareciam desde o ano de 1959, a imprensa, e acreditamos que a sociedade valadarense como um todo, se recusava a aceitar a modificação do modelo que haviam eleito como “o melhor carnaval do interior Minas”. Como o editorial acima destaca, havia orgulho em não abandonar “os mesmos hábitos dos primeiros dias”, pois esse era tido como um carnaval de sucesso.

O pensamento exposto nesse trecho nos remete aos estudos de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997) a respeito das tradições inventadas, conceito que é explicado pelos autores:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, RANGER, 1997, P.9)

Para os autores, as tradições inventadas se diferenciam dos costumes por seu caráter de permanência, pois os costumes têm raízes em questões práticas da vida cotidiana e se

17 Minas Clube Notícias. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 08 de fev. de 1963.

18 PM auxiliará os clubes carnavalescos. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 8, 17 de fev. de 1963.

19 Domínios do carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 24 de fev. de 1963.

modificam de acordo com a necessidade da sociedade em questão. No entanto, as tradições inventadas tendem a permanecer sempre de um mesmo modo, de forma que a repetição vise dar um determinado sentido à prática tida como “tradicional”. Por essa natureza, Hobsbawm e Ranger acreditam que as tradições inventadas são sintomas que ajudam a compreender problemas localizados no tempo.

Assim, quando o jornal *Diário do Rio Doce* exalta que o carnaval da cidade não “cedeu terreno às transformações” e conserva “os mesmos hábitos dos primeiros dias”, podemos enxergar nisso algo que esta sociedade considera “tradicional”, pois caracteriza-se pela repetição a cada ano, sendo a mudança um fator descartado em nome da manutenção do que o jornal considera ser “o melhor carnaval do interior de Minas”.

No entanto, apesar de ainda manter em 1963 o modelo de disputa entre os clubes e de se auto-denominar o melhor do carnaval do interior de Minas, de fato as transformações estavam ocorrendo, ainda que a imprensa e/ou a sociedade se recusassem a ver. No mesmo jornal, ao fim da folia, o tom da matéria a respeito da festa não era de mesmo entusiasmo com nos anos anteriores, a começar pelo título da matéria descrevendo a festa: “Apesar da crise, nosso carnaval não decepcionou”²⁰. Mas este modelo tradicional ocorreu pela última vez em 1963, de modo que este ano pode ser considerado o último dentre a época que Governador Valadares supostamente possuía o melhor carnaval de Minas. Não é nosso objetivo provar ou refutar esse título, mas ele nos serve de base de comparação entre o modo como os valadarenses enxergavam a própria festa, pois nos anos seguintes a imprensa cobraria exaustivamente por um carnaval que estivesse à altura dessa época e das “tradições da cidade”.

Após não ter confeccionado carros alegóricos em 1959, e ter ameaçado não lançá-los em 1963, de fato em 1964 o Minas Clube abandonou definitivamente a disputa do carnaval de rua, voltando seus esforços e recursos financeiros apenas para a realização dos bailes carnavalescos em seus salões. A princípio, porém, essa decisão se mostrou como se fosse apenas pontual daquele ano, pois alegaram que não teriam condições de fazer carros alegóricos, uma vez que iriam reformar as instalações do clube²¹. Na mesma coluna em que o jornal que noticiou esse fato, o colunista não identificado também lamenta que não haja propaganda para atrair turistas para o carnaval comentando que “é um lamentável contraste com os anos anteriores, agravado ainda da vantagem que poderiam tirar da eficiência

20 Apesar da crise, nosso carnaval não decepcionou. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares. p.1, 28 de fev. de 1963.

21 DRD Notícias. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 05 de jan. de 1964.

aumentada da [estrada] Rio-Bahia, agora asfaltada”. Ao pesquisarmos nos arquivos do Diário do Rio Doce desde 1958 até 1990, fica explícito em trechos como este, de que o carnaval se justificava apenas se trouxesse turistas e promovesse e engrandecesse o nome da cidade. Fazer uma festa bem organizada e animada apenas para o divertimento da população local praticamente não aparece nas falas de editoriais, colunistas ou mesmo em matérias do jornal.

Se nos primeiros anos de vida do jornal Diário do Rio Doce, fundado em 1958, todas as citações relativas ao carnaval da cidade sempre tinham o mesmo tom de exaltação, ao longo da década de 1960 o modo de noticiar e comentar a festa passar a não ser mais uniforme. Enquanto colunistas sociais e matérias do jornal tendem a exaltar a folia valadarense, os editoriais adotam progressivamente um tom crítico, cobrando sempre que a festa voltasse a ser como nos anos “do melhor carnaval do interior de Minas”. Também em tom mais crítico, o jornalista Miguel Faria foi colunista do Diário do Rio Doce por cerca de 40 anos, e em sua coluna denominada Informativo, a cada ano fazia considerações a respeito do carnaval valadarense de ponto de vista um pouco mais isento, sem a mesma paixão presente em outras colunas do periódico. Ao longo dos anos, a comparação entre o carnaval do Rio de Janeiro e o de Governador Valadares foi constante na coluna deste jornalista. Em 1964, coube a ele apresentar ao leitor valadarense uma verdade que a cidade recusava-se a enxergar²²: “Falando em carnaval, aqui vai uma: em Uberlândia desfilaram 30 carros alegóricos. E o valadarense continua achando que o nosso carnaval é o maior do Estado”.

As cobranças do jornal por maior participação do poder público na festa podem ter surtido algum efeito, pois em 1965 a Prefeitura e o Departamento de Turismo ofereceram auxílio²³ de Cr\$ 100 mil a três escolas de samba da cidade: Bate-Papo, Milionários do Ritmo e Império de Lourdes. Mas esta foi a única providência tomada pelo Executivo Municipal, que não ornamentou a Avenida Minas Gerais, nem ofereceu subsídios aos clubes e blocos.

Acreditamos que o motivo da tímida ação para organizar o carnaval talvez estivesse estampada diariamente nos jornais. Se antes a cidade se orgulhava de sua pujança econômica, já havia percebido que o mercado valadarense precisava de novos impulsos. A tarja “Gov. Valadares precisa de indústrias” passou a aparecer em quase todas as páginas do jornal durante várias edições daquele ano. Sendo o Diário do Rio Doce um jornal criado pela classe empresarial com o objetivo de dar voz a esta classe, a presença deste recado com frequência nas páginas do periódico pode se interpretada como um pedido de socorro dos empresários da

22 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 18 de fev. de 1964.

23 Três escolas de samba recebem auxílios de 100 mil cada uma. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 25 de fev. de 1965.

cidade, que já percebia a perda de poder econômico de Governador Valadares após o fim dos ciclos da madeira e da mica no município. Abaixo, um exemplo deste recado que aparecia com frequência no jornal.

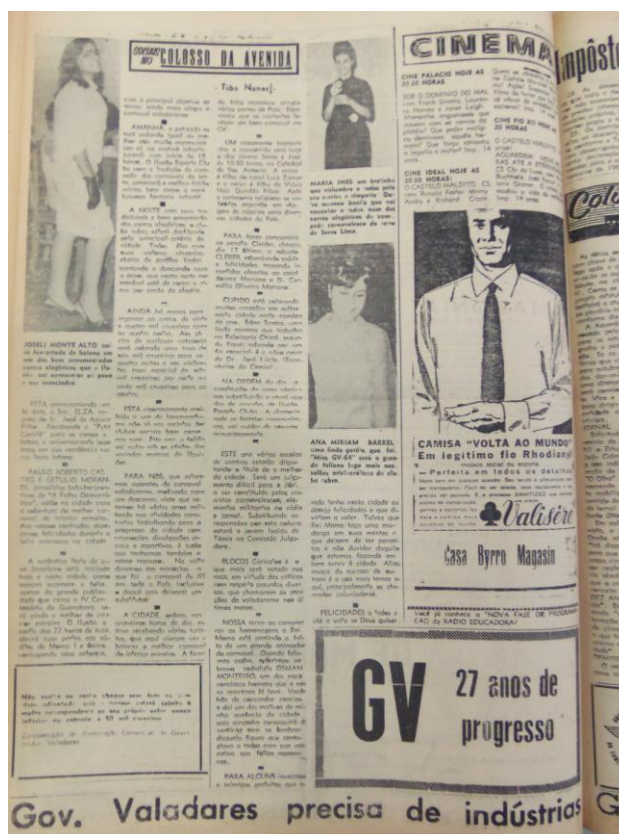


Figura 1 - Tarja destaca a necessidade de indústrias na cidade.

Nesse momento de enfrentamento de uma realidade diferente para a cidade que desde sua emancipação havia convivido apenas com o progresso e com a prosperidade econômica, não nos surpreendeu perceber que, pela primeira vez, a imprensa deu destaque às escolas de samba como um elemento de importância para a folia valadarenses, ao contrário do papel secundário que vinha representando desde o surgimento da Bate-Papo em 1955. Ao fim do carnaval de 1965, a manchete sobre a festa exaltava a participação das escolas²⁴: “Ilusão E. C. e escolas de samba salvam o prestígio do carnaval popular em GV”. Mesmo assim, o carnaval de rua deste ano foi descrito na matéria como “não chegou nem a um terço da intensidade dos anos anteriores”. Tom menos otimista apresentou o editorial²⁵ ao fim da folia apontou de 1965:

24 Ilusão E. C. e escolas de samba salvam o prestígio do carnaval popular em GV. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p1, 04 de mar. de 1965.

25 Defendemos a festa do povo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 05 de mar. de 1965.

Quase fracasso total da nossa maior festa popular. A festa do povo. A única festa que não delimita fronteiras sociais e econômicas. Porque cada um participa a seu modo. A festa que não exige ingressos ou trajes especiais, porque tanto pode ser em recinto fechado ou praça pública. É esse carnaval do povo que a Prefeitura precisa defender por intermédio do seu departamento especializado para que não morra por descuido a nossa tradição mais famosa. Não se pode deixar que apenas um clube ou dois, uma escola de samba ou duas apenas agüentem o peso das promoções externas, porque isso de uma hora para a outra pode falhar e então o povo não teria aonde ir em dias de carnaval. Isso com exceção da elite que se diverte nos clubes fechados, pois é minoria.

Este editorial é uma das poucas falas por nós identificada ao longo dos anos de 1959 a 1990 no jornal *Diário do Rio Doce* em que o divertimento e a alegria do povo simples são destacados em primeiro lugar como a importância do carnaval de rua da cidade, pois o discurso que predomina, especialmente na década de 1960, são falas que evocam a capacidade da festa de atrair turistas, gerar lucro e elevar o nome da cidade.

Mas cobranças pela participação do poder público na festa pareciam não surtir efeito desejado. Em janeiro de 1966, o jornal relatou²⁶ que, mais uma vez, a festa se realizou sem o apoio da Prefeitura, que não ornamentou as ruas, não concedeu subvenções às escolas de samba nem aos clubes, nem sequer melhorou a iluminação da Avenida Minas Gerais, onde ocorreram os desfiles. Ao fim da festa, o editorial²⁷ já demonstrava preocupação com a continuidade da festa na cidade, a começar pelo seu título: “Salvemos o espetáculo”. Interessante perceber que o que foi cobrado neste editorial não era a realização da festa, mas uma festa “espetáculo”, que era o que a cidade mais prezava:

O problema carnavalesco é grave, porque envolve o nome da cidade e sua reputação no Estado e no País, como centro de atração regional em época das festas de Rei Momo. (...) Ninguém com maiores responsabilidades que a Prefeitura Municipal para promover o carnaval e conservar sua qualidade de maior acontecimento popular do ano. Com tristeza vemos que isso não acontece. O Departamento de Turismo não mostra a que veio e porque foi criado em oportunidades excepcionais como esta, precisa tomar atitude e agir enquanto é tempo e preparar o carnaval de 1967.

Como temos demonstrado, também neste editorial o jornal aponta primeiro a importância de se fazer o nome da cidade, deixando como objetivo secundário servir de divertimento para o povo, mas sempre convocando a Prefeitura Municipal como responsável

26 Clubes e povo iniciam hoje seu carnaval animando a cidade. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 19 de fev. de 1966.

27 Salvemos o espetáculo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 26 de fev. de 1966.

por cumprir ambos os objetivos, uma vez que o “heroísmo” do Ilusão e o “sacrifício” das escolas de samba não eram suficientes para impedir a queda do carnaval de rua, que já era percebida com preocupação.

Para promover o nome do carnaval valadarense, o Ilusão Esporte Clube demonstrava verdadeiro compromisso. Em 1967, o segundo diretor do clube Valter Pinheiro de Oliveira e o decorador dos salões e responsável pela confecção de carros alegóricos Francisco Moreira Melo foram ao programa *AP Show*, da TV Tupi, sendo entrevistados²⁸ pelo apresentador Aerton Perlingeiro sobre o carnaval de Governador Valadares. Tanto a diretoria do clube como os jornalistas e colunistas do *Diário do Rio Doce* se mostraram empolgados com a entrevista em rede nacional pela repercussão que traria para o carnaval da cidade, bem como para o Ilusão. O apresentador chegou a receber convite para passar o carnaval na cidade, e cumpriu sua promessa²⁹, curtindo com sua família um dos dias da folia em Governador Valadares.

Mas a euforia pela possibilidade de divulgação nacional da festa não conseguia disfarçar que parte do que estava sendo “vendido” na televisão sobre a festa não correspondia à realidade da folia valadarense. O colunista Miguel Faria era um dos que sempre buscava apontar os acertos e as falhas (destacando ao longo dos anos cada vez mais as falhas que os acertos). Em sua coluna avaliou³⁰ as escolas de samba, apontando que estas não faziam muitos ensaios durante o ano e suas apresentações não possuíam temas específicos de modo que “não podem exhibir grande coisa”. Ou seja, o nosso entendimento é de que ainda que as escolas de samba valadarenses se inspirassem nas do Rio de Janeiro, a precariedade de recursos e organização dava aspecto amador à apresentação destas, de modo que sua participação no carnaval não conseguia se equiparar à antiga disputa de carros alegóricos dos clubes sociais e, por consequência, não cativava a sociedade valadarense do mesmo modo que o antigo modelo eleito pela cidade como aquele do “melhor carnaval do interior de Minas”.

O resultado do empobrecimento do espetáculo visual das ruas viria estampado na manchete³¹ de um caderno especial de carnaval no dia 12 de fevereiro de 1967 elencando que os clubes teriam feito carnaval que as ruas não tiveram.

28 Francisco e Walter falaram na TV Tupi sobre o carnaval de GV. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 22 de jan. de 1967.

29 Perlingeiro chegou. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 03 de fev. de 1967.

30 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 05 de fev. de 1967.

31 Clubes fizeram carnaval que as ruas não tiveram. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, Suplemento de Carnaval, p.1, 12 de fev. de 1967.



Figura 2 - Caderno especial destaca folia dos clubes em detrimento do carnaval de rua.

As matérias deste caderno especial apontam, sem o perceber, um caminho que já estava sendo traçado pelo carnaval valadarense, o de grandes bailes luxuosos nos clubes, e de um carnaval de rua protagonizado especialmente pelas escolas de samba, que possuíam animação, mas não condições financeiras de oferecer o espetáculo que o público estava acostumado nos anos 50. Na página 3 deste caderno, uma matéria aponta que cinquenta mil pessoas teriam participado do carnaval na cidade, dado impressionante. Matéria do Diário do Rio Doce em 30 de janeiro deste ano de 1967, aponta³² a população da cidade em 174.360 habitantes, de modo que estes 50 mil foliões representariam menos de um terço da população local, mas cabe ressaltar que neste número ainda teria os turistas das cidades vizinhas, citados nas matéria deste caderno especial. Assim, a soma, apesar de expressiva, não parece irreal, ainda que possa ter havido algum exagero por parte do periódico. Isto significa que, ainda que já estivesse perdendo força, o carnaval da cidade atraía público significativo, da cidade e da região. Talvez por ainda atrair tantas pessoas que a imprensa se empenhasse tanto em cobrar um carnaval “digno das tradições” e que justificasse o título do “maior carnaval do interior de Minas”. Deste modo, mesmo que não ostentasse a mesma qualidade do início dos anos 50, a folia valadarense ainda era considerada tradicional por parte de sua população, que ficava na

32 Vai bem, obrigado. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 30 de jan. de 1967.

cidade durante o feriado de carnaval para apreciar os festejos existentes. Tal realidade mudaria na década de 1980, quando boa parcela dos valadarenses passou a aproveitar os dias de carnaval indo para as praias capixabas ou baianas, situação que permanece até os dias atuais.

O poder público demonstrou mais atenção para com a festa em 1968, ano em que a cidade completava 30 anos de emancipação política. Cabe destacar que, como a data da emancipação da cidade (30 de janeiro) sempre estava próxima do carnaval, esta festa em todos os anos soava como um “parabéns” estendido para a cidade. Assim, neste ano de comemoração da cidade, o carnaval recebeu mais recursos por ser considerado como parte dos festejos do aniversário da cidade, fato que é comprovado pois a festa neste ano não foi organizada pelo Departamento de Turismo, mas pela Comissão de Festas do Aniversário do Município (COFAM). Este órgão anunciou³³ a decoração da Avenida Minas Gerais e a confecção de três carros alegóricos que homenageariam os homens que haviam ajudado a construir a cidade, medidas que foram amplamente comemoradas nas páginas do jornal. As iniciativas da Prefeitura contagiaram as entidades carnavalescas, de modo que o líder da escola Milionários do Ritmo, conhecido como Buti, informou³⁴ que a Prefeitura estava auxiliando nas despesas, embora ele ainda estivesse tendo que pagar coisas do próprio bolso.

Sobre o subsídio oferecido pela Prefeitura, os dirigentes afirmaram que nunca era o suficiente para os trabalhos das escolas de samba. O criador da escola Bate-Papo e também criador e chefe da escola de samba Império de Lourdes, Antônio Paulino, contou que ao longo dos anos que esteve à frente da escola chegou a se desfazer de bens para poder complementar o dinheiro necessário para a realização dos desfiles.

Era do dinheiro que eles davam, da verba. Não eram tanto não, mas as passagens também não eram grandes coisa. A gente saía à noite, chegava a Belo Horizonte seis horas da manhã, a gente tinha onde ir escolhes, caçar aquelas lojas todas, e a tarde ia embora. Mas dava pra fazer isso. Inclusive eu vendi um carro meu pra completar o enredo, eu precisava ganhar aquele carnaval. E ganhei. Fiquei sem meu carro, mas também nunca liguei pra carro, eu tinha por ter (COELHO, 2009, p.38)

Também o chefe da escola Milionários do Ritmo, o Buti, avaliou como eram as verbas dadas pela Prefeitura ao longo dos anos, contando muitas vezes com a boa vontade do comércio para conseguir os materiais de que precisava:

33 Avenida será decorada para as festas de Momo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 06 de fev. de 1968.

34 Carnaval está aí. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 14 de fev. de 1968.

O pessoal me ajudava, o comércio "ah, quanto é que você precisa de dinheiro?", eu mandava pegar. A prefeitura dava verba e eu tinha que prestar conta. Até de agulha, agulha pra máquina, costura de mão, tudo tinha que prestar conta. (...) Muitas vezes eu comprava o pano pra fantasia, e as costureiras eram tudo daqui, eu arrumei dez máquinas, contratava as costureiras, na maioria era da escola. (...) Eu corria atrás, não deixava só por conta de dinheiro da prefeitura não, porque nunca que o dinheiro dava conta pra quantidade de gente. (COELHO, 2009, p. 73-74)

Apesar de ambos os dirigentes de escolas de samba relatarem que a verba era insuficiente para as despesas, o que notamos em nossas pesquisas é que ao longo dos anos, a partir do momento que a verba da Prefeitura foi institucionalizada, nos anos em que ela não era concedida provocava desânimo nas agremiações. Portanto, mesmo que raramente tenha atendido às expectativas das escolas, o auxílio financeiro por parte da Prefeitura era recebido não apenas no sentido monetário, mas considerado também como um ato simbólico de que a gestão municipal se preocupava com a organização da festa, mas que também não isentava a Prefeitura de críticas a respeito do valor da verba e das cobranças por uma participação ainda maior para os próximos anos.

Mas voltando ao carnaval de 1968, neste ano os desfiles contaram com a participação de duas escolas de samba e ainda com quatro carros alegóricos do Ilusão e três carros alegóricos elaborados pela Prefeitura para homenagear os tropeiros, canoieiros e mineradores que ajudaram a construir a cidade. Curioso notar que, mesmo com o clima de investimento e animação da festa do 30º aniversário, o Minas Clube não considerou retornar às ruas, mantendo sua posição de festejar apenas em seus salões.

Não podemos deixar de mencionar que, apesar de todo o clima de euforia relativo às comemorações e o patrocínio da Prefeitura à festa, neste ano o jornal não escreveu editorial que tratasse do tema do carnaval. Considerando que nos anos anteriores cada ano o periódico escreveu um ou mais editoriais que cobravam o investimento da gestão municipal na festa, esperávamos que novamente neste ano o jornal se posicionasse, pois seria um modo de avaliar as medidas tomadas, se teriam sido eficientes ou não.

No último carnaval da década de 60, o elemento mais apreciado na folia valadarense anunciou sua despedida. O Ilusão Esporte Clube anunciou a confecção de três carros alegóricos, mas também noticiou³⁵ que possivelmente no ano seguinte o clube não deveria mais investir neste tipo de festa. O motivo desta decisão seria os altos custos em confeccionar os carros alegóricos, pois 1968 o Ilusão teria gastado 30 milhões de cruzeiros antigos confeccionando sozinho três carros. Ainda assim, a atitude do Ilusão em participar do

35 Acontecimentos Sociais. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 29 de jan. de 1969

carnaval de rua de 1969 foi exaltada³⁶ pelo jornal: “Se o Ilusão Esporte Clube não colocasse seus carros alegóricos na rua, o fracasso seria quase inevitável. Salve o Ilusão!”.

Já diante de uma despedida iminente, as mudanças progressivas na folia da cidade pareciam estar sendo absorvidas aos poucos, pois o jornal *Diário do Rio Doce* destacou³⁷ em sua capa, o desfile das escolas de samba como um dos pontos máximos do carnaval. Ainda na mesma edição, o colunista Miguel Faria pontuou³⁸ as transformações sofridas na festa, considerando-as como uma evolução, mas não na ocupação da avenida pelas escolas de samba, e sim pelo movimento em direção aos festejos dentro dos clubes:

O carnaval está deixando de ser de rua para se fixar nos salões dos grandes clubes. Este fenômeno é tão sentido na Guanabara – a capital mundial do carnaval-como em Governador Valadares ou qualquer outra cidade do Brasil. (...) O carnaval de rua como é conhecido e interpretado tende a restringir-se a Guanabara, Recife, São Paulo e outras capitais, onde ele é promovido e amparado pelo poder público.

Para Miguel Faria, a solução para o carnaval valadarense seria a construção de novos clubes na cidade, de modo que a cidade teria meios de abrigar mais foliões nos recintos fechados para pular o carnaval. Ele via essa alternativa como certa no futuro da cidade.

Passada a folia de 1969, as mudanças já apontadas até esta data se acentuariam ainda mais ao longo da década de 1970. Os carros alegóricos já não mais seriam parte do carnaval de rua, deixando as escolas de samba como ponto máximo da parte pública da festa. Os clubes sociais restringiriam suas participações aos bailes carnavalescos, concentrando seus esforços e recursos nas festas dos salões. Apesar do então entendimento das transformações pelas quais a festa valadarense passava, ainda assim a sociedade não se desapegaria tão fácil daquele modelo que por anos havia dominado na cidade: da disputa entre os clubes Minas e Ilusão na apresentação de carros alegóricos na Avenida Minas Gerais. Como um modelo consagrado que havia feito história na folia momesca da cidade, esses tempos seriam sempre evocados nas falas do jornal, dos colunistas e mesmo daqueles que participavam ativamente da festa.

3.3- O carnaval nas décadas de 1970 e 1980

Uma nova década começava em 1970, mas a sociedade de Governador Valadares ainda tinha parte de seu espírito preso nos idos anos de 1950. Isso pois, apesar da percepção

36 Acontecimentos Sociais. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 12 de fev. de 1969

37 Um casal em desfile. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 20 de fev. de 1969.

38 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 20 de fev. de 1969.

das transformações do carnaval da cidade, o modelo estabelecido tendo como base os carros alegóricos não abandonava o imaginário dos valadarenses. Sinal disso foi expresso³⁹ pelo colunista Miguel Faria, que em janeiro de 1970 já analisava as consequências da folia carnavalesca deste ano para o nome da cidade:

Se não se realizar o tradicional desfile de carros alegóricos no próximo carnaval, Governador Valadares poderá considerar como ultrapassada a fama da sua festa de Momo como a “melhor de Minas”. O que atrai a gente nas ruas são os desfiles, o que nos últimos anos ficou restrito a um clube só. Carnaval de salão não pertence à massa. É da classe que pode frequentar os clubes, sem dúvida mais reduzida.

Este título de “melhor do interior de Minas”, caso algum dia tenha correspondido à realidade, já se encontrava ultrapassado há alguns anos. No entanto, a imprensa, possivelmente refletindo os próprios membros da sociedade valadarense da época, ainda continuava a utilizar esse termo, fosse para refutá-lo ou para desejar sua volta. Tal comparação, já lembrada no início de 1970, retornaria às páginas do jornal durante os demais anos da década. Ainda que a imprensa ou público tivesse dificuldade de aceitar, de fato o carnaval de rua havia se enfraquecido nos últimos tempos, e neste ano não foi diferente.

No dia seguinte a esta fala, o próprio colunista Miguel Faria confirmou⁴⁰ que o Ilusão Esporte Clube se retirava do carnaval de rua naquele ano, ainda que não apresentasse os motivos, há tempos o clube e a imprensa destacavam os altos custos de se confeccionar os carros alegóricos. Além do impacto do fim dos desfiles de carros alegóricos, o primeiro carnaval da década também não começaria favorável para as escolas de samba, pois a escola de samba Bambas da Princesa, cuja história já era marcada por ausências em diversos anos, ficaria ausente⁴¹ das ruas mais uma vez, desta num período maior de dois anos, pois só retornaria ao carnaval da cidade em 1972. Mas ainda assim o público presenciaria três escolas de samba nas ruas, pois neste ano uma nova escola foi criada.

Diferentemente das demais, esta era composta por membros da sociedade valadarense, indicando que certas dificuldades pelas quais as outras escolas passavam não seriam problemas para a Unidos da Patota. A começar pelos ensaios desta, enquanto as outras escolas faziam ensaios em quadras improvisadas, muitas vezes sem estrutura ideal, os ensaios da Patota aconteciam nas dependências do clube Ilusão⁴². Além disso, membro da Academia

39 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 20 de jan. de 1970.

40 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 21 de jan. de 1970

41 Carnaval e samba. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 04 de fev. de 1970.

42 Agenda. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 26 de jan. de 1970.

Valadarense de Letras, Siva Monteiro de Castro, elaborou⁴³ o samba-enredo da escola, cuja letra foi impressa em cinco mil panfletos⁴⁴, distribuídos pelo jornal Tribuna Fiel. Um dos organizadores desta escola, chamado Antônio Rocha, contou a respeito da criação da Patota e dos apoios recebidos por ela:

Essa nasceu do nada. A gente começou a brincar e tal e falamos "vamos fazer uma escola de samba". A turma, na época, nós éramos jovens, né? Então as jovens da sociedade "vamos fazer uma escola de samba", e a gente resolveu. Tinha uma colunista no Diário do Rio Doce que nos incentivou muito, que é a Pina Morano, até já faleceu, ela nos incentivou bastante a fazer a escola de samba e nós saímos durante três anos. (...) Ah, era pra mais de 200 pessoas. Rateava, cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia, não tinha verba pra nada não. Cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia. (...) E o resto as alas não, a gente chamava de escola de samba, mas era mais uma brincadeira, era mais um bloco mais realizado que uma escola de samba, entendeu? Era brincava de escola de samba porque tinha passista, a Maria Augusta que era a nossa passista, tinha a bateria, e o resto era batucada por ali mesmo. Mas não tinha isso de ala, ala de baiana, ala daquilo que uma escola de samba tem. Era uma coisa bem informal mesmo, tava mais pra bloco que pra escola de samba. (COELHO, 2009, p. 39-40)

Assim, a escola Unidos da Patota surgiu de modo informal, mas teve condições de desfilar graças aos próprios membros, que pertenciam à sociedade da época, e portanto dispunham de recursos para comprar seus instrumentos e fantasias. Contaram também com o apoio da imprensa (Diário do Rio Doce e Tribuna Fiel), além de outros setores da sociedade, como o clube Ilusão, que cedia seu espaço para a realização dos ensaios. Ainda que esta análise não tenha sido feita pelo próprio organizador Antônio Rocha, acreditamos que o surgimento da Patota vinha com o objetivo de movimentar e buscar alavancar o carnaval de rua de Governador Valadares, mas devido ao fato dos membros desta escola terem outra fonte de divertimento no carnaval, com a folia dos clubes, acabaram abrindo mão da escola devido ao grande trabalho para sair em desfile na Avenida, pois esta escola teve a curta duração de três anos apenas.

De todo modo, mesmo com o surgimento da Patota, o carnaval de rua se encontrava defasado daquilo que até então havia sido seu motivo maior de euforia: os carros alegóricos elaborados pelos clubes sociais. Se o carnaval de rua não parecia mais de interesse dos clubes, as festas privadas nos salões pareciam cada vez mais atrair o interesse dos clubes e dos associados. Além do Minas e Ilusão, o Garfo Clube, que já havia tido uma experiência de

43 Agenda. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 25 de jan. de 1970.

44 Agenda. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 28 de jan. de 1970.

baile carnavalesco no meio da década de 1960, neste ano de 1970 passou a ser um dos nomes importantes da folia valadarense. Entre os motivos que promoveriam este clube no meio carnavalesco, estava o clima mais fresco de seu salão, uma vez que o clube se localizava em ponto estratégico da Ilha dos Araújo, um bairro localizado no meio do Rio Doce. A proximidade das águas do rio e as correntes de ar ali presentes tornavam o clima mais ameno contra o forte calor que sempre foi típico de Governador Valadares.

Com este contexto, de fato o carnaval de 1970 foi apreciado nos clubes, mas considerado fraco nas ruas, apesar da presença de grande público na avenida Minas Gerais para conferir os desfiles. Pelo menos assim descreveu⁴⁵ o jornal *Diário do Rio Doce*, que também não poupou culpar a administração municipal pelo enfraquecimento da festa, relembrando que esta já havia sido importante no estado:

Chegou a cidade a ostentar, em passado recentíssimo, todo um grande conjunto para proporcionar o brilho necessário ao carnaval: iluminação feérica, ornamentação, carros alegóricos e escolas de samba, os ingredientes indispensáveis ao êxito promocional desta festa em Governador Valadares. Neste carnaval, todavia, todos os ingredientes acima citados, faltaram ao grande acontecimento popular, restando apenas para salvar a situação as escolas de samba, as quais, aliás, o fizeram de forma brilhantes. (...) No contexto geral, infelizmente, o carnaval desceu do alto nível em que se encontrava, por falta exclusiva da compreensão devida pela administração municipal a qual, por ironia, criou o Serviço de Turismo e Recreação com a finalidade exclusiva de cuidar do assunto. O pretexto de economia ou contenção de despesas não é despesa e sim investimento, com a imediata devolução, na forma de acentuado aumento de vendas do comércio, ligado à espécie e ao pagamento do imposto correspondente.

Cabe destacar que nesse editorial, desta vez trazido na capa do jornal, elenca “ingredientes indispensáveis” que fizeram o nome do carnaval valadarense em “passado recentíssimo”, mas cujos ingredientes poucas vezes estiveram juntos. Quando havia a disputa entre os carros alegóricos do Ilusão e Minas, nesta época a Prefeitura ainda não promovia a decoração e iluminação da festa, e as escolas de samba contavam com poucos integrantes e pouca expressão na cidade. Quando de fato a avenida foi ornamentada a altura, o Minas Clube já não participava do carnaval de rua, e parte do brilho havia se perdido com o fim da disputa entre os clubes na avenida. Deste modo, o jornal elenca “ingredientes indispensáveis” que não foram contemporâneos para dar a impressão de uma grandiosidade maior no passado, que justifique ainda mais as críticas feitas neste momento. Também cabe mencionar que, uma vez mais, o jornal aponta a importância do carnaval por seu sentido econômico para o município,

45 Carnaval como promoção turística. *Diário do Rio Doce*. Governador Valadares, p.1, 12 de fev. de 1970.

não mencionando, e portanto deixando como fator secundário, que a festa seria um momento de diversão para a população.

Outro colunista do jornal, Parajara dos Santos, escreveu crônica⁴⁶ destacando a perda de elementos no carnaval da cidade e apontando ações que a Prefeitura poderia ter tomado:

Ora, o Minas possuía 220 rapazes e moças fantasiados. O Ilusão teria 400, o Garfo e o Goval teriam 100 cada um, mais os blocos isolados que surgiram, mais as escolas de samba – talvez umas 1.200 fantasias. Se a Prefeitura oferecesse prêmios aos melhores blocos esse número poderia subir para 1.500 foliões fantasiados. (...) O que não pode, o que não é certo, o que ninguém entende é que a prefeitura assuma uma atitude meramente contemplativa, enquanto o carnaval, que foi uma força e é uma debilidade, vai murchando de ano para ano. Até agora não sei se o prefeito não teve vontade ou imaginação.

É importante destacar que, à época desta crônica, Parajara dos Santos era vereador na cidade, pelo partido da Arena (Aliança Renovadora Nacional), mesmo partido do então prefeito Hermírio Gomes da Silva. Logo, as sugestões de Parajara poderiam ter sido feitas diretamente ao prefeito, tanto por sua posição enquanto vereador, como também por pertencerem ao mesmo partido. Como Parajara dos Santos atuava como cronista no jornal, tratando de assuntos variados e não de fatos específicos, o que podemos dizer é que este autor não mencionou em ocasiões anteriores ou posterior a esta crônica se teria feito tais sugestões pessoalmente ao prefeito, e qual teria sido a resposta do prefeito Hermírio Gomes.

O fato é que no ano seguinte, em 1971, um novo prefeito se encontrava à frente do executivo municipal de Governador Valadares. Sebastião Mendes Barros assumiu em seu primeiro (e único) mandato como prefeito em 31 de janeiro de 1971. Poucos dias após a posse, o novo chefe do Serviço de Turismo e Recreação, Gil Campos, já afirmava⁴⁷ que a Prefeitura não dispunha nem de tempo, nem de recursos para realizar o carnaval da cidade. Apesar disso, poucos dias depois seria noticiado⁴⁸ que as escolas de samba receberam auxílio financeiro da Prefeitura, sem revelar quanto cada uma teria recebido. E logo depois a Prefeitura anunciou⁴⁹ medidas para dinamizar o carnaval da cidade: a realização de uma batalha de confete, quando o Prefeito entregaria a chave da cidade ao Rei Momo; anunciou

46 SANTOS, Parajara dos. O que foi e o que não é. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 14 de fev. de 1970.

47 Chefe do Turismo: não temos tempo nem dinheiro para fazer o carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 04 de fev. de 1971.

48 Prefeitura já deu auxílio a todas as escolas de samba. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 07 de fev. de 1971.

49 Carnaval será iniciado no dia 19 com Rei Momo e batalha de confetes. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 8, 09 de fev. de 1971.

ainda a recuperação e uso da decoração enviada da Guanabara para ornamentar a Avenida Minas Gerais; e por fim anunciou a transferência das barracas de comida e bebida para a rua Marechal Floriano, de modo a deixar a avenida Minas Gerais livre para os desfiles. Também para deixar a avenida livre, informou que o curso só poderia ser realizado até as 20 horas, quando se iniciaria os desfiles.

É curioso que o curso seja mencionado em 1971, sendo que esta prática carnavalesca havia surgido no século XIX no Rio de Janeiro, quando a elite carioca havia inventado o curso com o objetivo de delimitar onde e o que seria carnaval, tomando a festa para si, contra o modelo anárquico do entrudo, que era realizado em todos os lugares, em meios públicos e privados, e que dava igual espaço de brincadeira para ricos e pobres. Com o progressivo desaparecimento do entrudo, também o curso foi perdendo sua importância no cenário carioca, no entanto ele ainda sobrevivia no carnaval valadarense da década de 70. Como já afirmamos no início do capítulo 2, entendemos que o curso surgiu na localidade quando a cidade nem havia se emancipado, mas era então a Figueira, que recebia muitos habitantes de diferentes localidades e estes reproduziam no distrito os costumes e práticas que traziam de seus locais de origem. Assim, o curso que provavelmente havia sido brincado na antiga Figueira, pois este era um dos poucos meios conhecidos de se festejar o carnaval. No entanto, mesmo com o surgimento dos clubes sociais, da disputa dos carros alegóricos, dos desfiles das escolas de samba, esse modelo continuava a existir em nome da manutenção de uma tradição, ainda que enfraquecido, pois mesmo que citado em vários outros anos anteriores em nossa pesquisa nos arquivos do jornal, não costumava receber destaque. O curso ainda será citado no jornal em anos subsequentes da década de 70, já as matérias da década de 1980 darão a entender que a prática havia sido enfim abolida na cidade, por falta de pessoas dispostas a brincar o carnaval dessa forma. Ainda assim, neste ano de 1971, o chefe do Serviço de Turismo e Recreações, Gil Campos, convocou⁵⁰ em outra oportunidade, os donos de carros a enfeitarem seus automóveis para desfilarem na avenida. Assim, podemos então afirmar que, num momento em que a cidade se via desprovida da disputa e desfiles dos carros alegóricos, a Prefeitura buscava outro atrativo que preenchesse os festejos carnavalescos e fosse aceito pela população da cidade. Em vez de buscar novas estratégias, recorria a uma prática que já existia há décadas e que já caía no desuso.

Apesar disso, observando-se o modo como o carnaval de rua foi descrito⁵¹ no dia 25 de fevereiro de 1971, em que as escolas de samba são chamadas de “A salvação do

50 MORANO, Pina. Mirante. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 18 de fev. de 1971.

51 A salvação do espetáculo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 25 de fev. de 1971

espetáculo”, afirmando que foram o único atrativo à aglomeração popular. Deste modo, ainda que resquícios do corso ainda sobrevivessem na cidade a esta época, sua presença era fraca e digna de pouca atenção, não cumprindo um possível objetivo de substituição da animação dos carros alegóricos dos clubes. Nesta mesma capa do dia 25 de fevereiro, um novo editorial⁵² voltaria a relembrar os antigos carnavais e lamentar as edições mais recentes, incluindo a de 1971.

A situação econômica da cidade na década de 70 não favorecia que a Prefeitura pudesse dar grandes contribuições financeiras às escolas de samba, mas em situação oposta, nos clubes a realidade era diferente. Estes forneciam ajuda para que os blocos pudessem fazer parte dos festejos de seus salões. Os blocos existiam no carnaval desde antes do surgimento dos clubes sociais. Na verdade, os blocos sujos ou caricatos eram anteriores aos clubes, mas os blocos dos clubes tinham por finalidade animar a festa, e recebiam vantagens por isso. Segundo depoimento já citado do folião Arnóbio Pitanga, no início os clubes sociais forneciam gratuitamente todas as fantasias aos blocos. À medida que a economia da cidade e do país se tornou mais fraca, os clubes sociais lentamente deixaram de fornecer as fantasias, mas davam entrada gratuita aos associados que formassem blocos e se fantasiassem. Em alguns anos, sem que houvesse padrão, os clubes costumavam fazer concurso entre os blocos, premiando aqueles que uma comissão julgadora considerasse como o mais bonito ou animado. No entanto, nem sempre tais concursos eram realizados. O fato é que os blocos existiam desde o início dos clubes sociais no carnaval de Governador Valadares, mas nesta década de 1970, com a valorização das folias em recintos privados, os blocos dos clubes passaram a ter maior importância e reconhecimento, gerando, ao longo da década, rivalidades entre blocos que disputavam o título de campeão. Se no início os blocos mudavam de nome e composição de integrantes a cada ano, na década de 1970 o apego ao nome, à composição e mesmo à bandeira do bloco se fortaleceu, como relatou um dos diretores do bloco Kaaba, Eduardo Arreguy:

No bloco de carnaval, 1971, a gente tinha uma turma de amigos, o carnaval em Valadares era muito movimentado, existia escola de samba, bloco... Nós resolvemos fazer um bloco mais pra participar na rua, no desfile, mas também para entrar nos clubes, porque os blocos tinham livre acesso aos clubes naquela época. Então nós fizemos mesmo para participar do carnaval de clube e, por tabela, a gente participava do carnaval de rua, desfilava na rua também. (...) Tinha muita brincadeira, muita gozação, até porque o bloco, além de sair, ele desfilava duas vezes no carnaval na rua, antes das

52 Grandeza e decadência do carnaval valadarense. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 25 de fev. de 1971

escolas de samba, e os quatro dias (sábado, domingo, segunda e terça) nos clubes (COELHO, 2009, p.45-47)

Assim, uma vez que o município buscava meios de preencher o espaço vazio que havia sido deixado pelos carros alegóricos, os blocos passaram a adquirir maior importância para a cidade, sendo presença no carnaval dos clubes e de rua. Se não tinham a mesma grandeza dos carros alegóricos, por outro lado não perdiam na beleza e luxo das fantasias, uma vez que por serem promovidos por pessoas da sociedade que possuíam recursos para se apresentarem de forma admirável ao público.

Se os blocos dos clubes aumentavam ao longo da década de 1970, os blocos caricatos e sujos, feitos de improviso, diminuía a cada ano, como sempre destaca o colunista Miguel Faria, especialmente ao fim de cada edição da festa na cidade. No entanto, o espírito dos blocos sujos permaneceria em alguns nomes de tradição da cidade, como o famoso Bloco dos Fabri, inicialmente bloco dos Irmãos Fabri, que teve mudança do nome após pessoas de fora da família se tornarem integrantes regulares. Mas o Bloco dos Fabri e a dupla Ivo-Arnóbio eram considerados *hors concours*, já agraciados pela tradição conquistada por suas atuações ao longo dos anos. Assim, nem mesmo com as grandes sátiras promovidas por estes impediu que o carnaval fosse considerado⁵³ fraco mais uma vez.

53 Povo prestigiou animação com carnaval que não apresentou grandes novidades. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 17 de fev. de 1972.



Figura 3 - Jornal destaca ausência de novidades no carnaval valadarense.

Cabe destacar que neste anos de 1972, o carnaval havia contado com desfile de três escolas de samba, a Avenida Minas Gerais havia sido decorada, os blocos dos clubes haviam desfilado na avenida e a Prefeitura havia promovido concurso entre as escolas de samba, de modo que pode-se considerar que o Serviço de Turismo conseguiu realizar festa com os elementos disponíveis e que haviam sido cobrados pela imprensa em anos anteriores. Mas assim como no ano de 1968, quando a Prefeitura investiu mais na festa devido aos 30 anos de emancipação política, também em 1972 os colunistas do jornal nem o editorial fizeram qualquer crítica em relação à organização da festa, nem deram sugestões do que poderia complementá-la. Ou seja, as sugestões de anos anteriores haviam sido implementadas, sem que o jornal tenha elogiado tal postura. Ao contrário, o periódico relatou a folia de 1972 com tom de desânimo, exaltando as atuações de modo individual, mas sem elogios à festa como um todo. Isso reforça nossa hipótese de que o problema não era o que havia sido feito no carnaval, mas sim a eterna comparação com a festa dos anos 50. Após a festa deste ano, o jornal não mencionou os idos tempos do “melhor carnaval do interior de Minas”, mas a falta de empolgação com a festa realizada pode ser explicada com o fato de que aqueles que

escreviam o jornal já haviam presenciado festas que eles consideravam melhores.

Após mais um ano de festa carnavalesca considerada fraca em 1973, o jornal noticiou⁵⁴ que a Associação Comercial de Governador Valadares pretendia encaminhar documento ao prefeito Hermírio Gomes da Silva fazendo avaliação sobre a festa daquele ano e dando sugestões para os carnavais futuros “visando recolocar os festejos momescos de Governador Valadares na posição de alto prestígio regional que já ocupou”.

Estivemos na Associação Comercial de Governador Valadares, analisando as atas de reuniões da entidade, com o objetivo de investigar se apesar de todo o discurso que a imprensa realizava no sentido da importância econômica e turística da festa também teria avaliação semelhante na entidade comercial da cidade. Analisamos centenas de atas desde outubro de 1950 até março de 1990, e apenas em uma ocasião o carnaval figurou nas atas da entidade como uma preocupação de desenvolvimento da economia local. De fato, esta ocasião coincide com a menção feita no jornal, pois no dia oito de março de 1973, dentre os demais assuntos discutidos durante a reunião de número 1735, consta o seguinte trecho⁵⁵:

Comunicou também o senhor presidente que é preciso tomar medidas no sentido de dar ao carnaval valadarense o caráter regional. É preciso que a Municipalidade invista no carnaval com carros alegóricos, escolas de samba, incentivando enfim o carnaval de rua, que deverá ser planejado para atrair turistas, visando benefícios econômicos. Por fim, decidiu-se que será enviado ofício ao Prefeito Municipal, cientificando-o do que foi comentado na sessão e solicitando atenção para o assunto.

Reforçamos mais uma vez de que esta foi a única menção ao carnaval em cerca de 40 anos de atas da Associação Comercial por nós analisadas, de modo que, ainda que tenha havido certa preocupação com o assunto, certamente o órgão não encarava a festa como verdadeiro objeto de desenvolvimento da cidade, uma vez que, como órgão representante do comércio valadarense, poderia fazer mais do que enviar apenas um documento à Prefeitura. Se fosse do interesse da entidade, esta poderia ter feito reunião com os comerciantes, explicando a importância de que os segmentos de bares, restaurantes, hotéis participassem da folia, fosse por meio de patrocínio a blocos ou escolas de samba, ou ainda decorando seus comércios para a ocasião carnavalesca, solicitações que os colunistas do Diário do Rio Doce diversas vezes dirigiram aos comerciantes da cidade. Assim, podemos entender que este documento enviado pela Associação Comercial representou uma preocupação momentânea,

⁵⁴ Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 09 de mar. de 1973.

⁵⁵ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. GOVERNADOR VALADARES. Ata da reunião do dia 08 de março de 1973. Livro 06, p.193.

mas que não chegou a representar uma atuação mais forte do órgão para promoção do carnaval valadarense.

Difícil dizer como a Prefeitura recebeu tal documento enviado pela Associação Comercial, mas em janeiro de 1974 a organização para o carnaval estava mais avançada que no ano anterior, pois o jornal relatou⁵⁶ a liberação de verba de 35 mil cruzeiros para a decoração das ruas para o carnaval, além de verba de 21 mil cruzeiros para ser dividida entre as três escolas de samba. A matéria também informava que a Prefeitura buscava incentivar os clubes da cidade para que estes confeccionassem carros alegóricos. A Prefeitura inovou ainda com a construção de arquibancadas de madeira, cujos assentos seriam pagos para quem quisesse assistir aos desfiles com mais conforto, medida que foi elogiada⁵⁷. Durante o carnaval, dois carros alegóricos desfilaram, embora não tenham agradado o público, a avaliação⁵⁸ do jornal era de carro alegórico feio era melhor que nenhum. Ainda que pareça repetitivo anunciar as medidas tomadas em cada edição de carnaval na cidade, nosso objetivo é mostrar que a Administração Municipal tentava promover mudanças para agradar a população e a imprensa, mas que estas eram limitadas devido à situação econômica pela qual passava o país e a cidade.

Mas nesse cenário de insatisfação com a folia valadarense, uma comparação nos chamou atenção. Com o objetivo de regionalizar-se o jornal *Diário do Rio Doce* já chegava a mais municípios fazendo a cobertura de cidades da região, embora com menor espaço em relação a Governador Valadares. Sobre a cobertura de carnaval, este foi o primeiro ano em que a cidade de Ipatinga realizou o carnaval de rua que, nos relatos do jornal, teve “êxito nas ruas e nos clubes”⁵⁹ descrevendo uma festa animada e que não demoraria para que a cidade tivesse tradição carnavalesca. Lendo a reportagem, porém, o carnaval de Ipatinga soou muito parecido com o de Governador Valadares: três escolas de samba nas ruas, desfiles de blocos, bailes nos clubes. Assim, numa primeira impressão, não ficou claro o que faria com o que o carnaval valadarense fosse considerado tranquilo e o carnaval ipatinguense fosse considerado animado, uma vez que ambas as cidades havia tido praticamente os mesmos elementos. Mas o colunista Miguel Faria deu a resposta de nossas indagações ao dizer⁶⁰: “Valadarenses que viram o carnaval de Ipatinga elogiam a animação nas ruas e a boa decoração realizada pela

56 Liberada verba para escolas de samba e para decorar Avenida. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 23 de jan. de 1974.

57 Foto e legenda. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 21 de fev. de 1974.

58 Milionários do Ritmo vence mais um carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 28 de fev. de 1974.

59 Carnaval foi todo êxito nas ruas como nos clubes. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 28 de mar. de 1974.

60 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 01 de mar. de 1974.

Prefeitura. Quem tem dinheiro pode mesmo”. Cabe dizer que a cidade de Ipatinga possuía forte economia com base em empresas siderúrgicas, de modo que a gestão municipal arrecadava altos impostos com neste setor e, portanto dispunha de mais recursos para investir em sua festa carnavalesca. Assim, é possível que, se Governador Valadares também dispusesse de mais verbas para o carnaval, talvez a imprensa e a sociedade avaliassem a festa de modo melhor.

É o que fica mais explícito ao se analisar a folia carnavalesca de 1975. No dia em que a festa começou, a manchete⁶¹ do jornal era animadora: “Aberto o carnaval com força total”, anunciando a programação com desfile de três carros alegóricos, duas escolas de samba e 18 blocos na Avenida. Também contribuiu para a festa a decoração das ruas, que neste ano foi amplamente elogiada pelos colunistas do jornal, considerada pelos colunistas do jornal a mais bonita feita na cidade em todos os carnavais.

Por esses motivos, foi de se estranhar quando a matéria com o resumo⁶² do carnaval saiu com tom de desaprovação: “O carnaval deste ano em Governador Valadares está bem superior ao do ano passado, ainda assim não alcançando um nível que justifique a sua fama de um dos melhores do interior do Estado”. O tom de desaprovação também estaria presente em editorial⁶³ de capa do jornal o qual compartilhamos na íntegra:

Já se tornou lugar comum dizer que o carnaval valadarense a cada ano vai perdendo expressão em termos de festa popular, transferindo-se para os clubes as comemorações momescas, os quais, em sentido contrário, vão recebendo número crescente de participantes. É inevitável falar-se no esplendor dos carnavais de alguns anos passados quando os clubes promoviam desfile de luxuosos carros alegórico e ofereciam ao povo um grande e inexcédível espetáculo de rua, destacando o carnaval de Governador Valadares como um dos melhores do interior do Brasil e trazendo à cidade expressivo contingente de turistas da região. Com o afastamento dos clubes desta participação do carnaval de rua, não foi dado um substituto condizente, pois as escolas de samba que ficaram em seu lugar, por falta de recursos financeiros e imaginação, não tiveram condições de manter a tradição de grandeza e esplendor dos carros alegóricos. Vale destacar a decoração que esteve muito bonita, todavia, a não ser isso, o povo que veio em massa às ruas assistir o tradicional espetáculo, não viu nada que justificasse. À parte de qualquer consideração de natureza econômico financeira que pudesse justificar a perda gradativa da imponência do carnaval valadarense, como de resto em todo o País como assinalam os observadores da imprensa, fica a experiência como desafio à imaginação criadora dos responsáveis.

61 Aberto o carnaval com força total. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 09 de fev. de 1975.

62 Multidão está vendo carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 11 de fev. de 1975.

63 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 13 de fev. de 1975.

Este é o primeiro editorial que compartilhamos na íntegra, pois revela muito sobre o maior problema enfrentado pelo carnaval valadarense: a eterna comparação com os carnavais do passado e a resistência da sociedade em adotar um novo modelo de carnaval que não precisasse elevar o nome da cidade. Mesmo que o clima anterior à festa de 1975 fosse de animação, nenhum elemento importava o bastante no momento em que se evocava a comparação dos carnavais passados. Para a imprensa, e possivelmente para a sociedade que havia participado dos carnavais na década de 1950, nenhuma animação estaria a altura dos inúmeros carros alegóricos luxuosos lançados pelo Minas Clube e Ilusão Esporte Clube no passado. Assim, a própria sociedade valadarense sabotava sua festa, pois não a adequava mais à realidade da cidade nem do país, como ficaria exposto até mesmo em charge⁶⁴:



Figura 3 - Charge publicada após o carnaval de 1975 ironiza promessas do prefeito Hermírio Gomes da Silva.

No entanto, mesmo com as contradições presentes na festa, ainda em 1975 o município de Governador Valadares daria mais provas de sua preocupação para o com o carnaval da cidade e o interesse em preservar os elementos que constituíam a folia. A lei 2157⁶⁵ de 15 de setembro de 1975 nomeou a escola de samba Império de Lourdes como

64 ARAGÃO. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 8, 14 de fev. de 1975.

65 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2157 de 15 de setembro de 1975. Reconhece de utilidade pública o escola de samba “Império de Lourdes”. Disponível em:

http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2157_1975?cdLocal=5&arquivo={3B3BF9DF-46E1-443E-8FD2-DA0CDE64A467}.pdf#search=samba . Acesso em 24 de abril de 2016.

entidade de utilidade pública do município. Já a lei 2160⁶⁶ de 12 de agosto de 1975 nomeou entidade de utilidade pública o Clube de Samba Milionários do Ritmo. Não sabemos porque a escola Bambas da Princesa não recebeu a mesma denominação, ainda mais no ano em que esta foi campeã pela primeira e única vez. O reconhecimento por lei como entidade de utilidade pública para o município é reconhecimento do poder público de que estas instituições, em consonância com o seu objetivo social, são sem fins lucrativos e prestadoras de serviços à coletividade. Com este documento, as organizações também podiam inscrever-se em editais e estavam aptas a obter recursos públicos, mas cabe destacar que a Império de Lourdes e a Milionários do Ritmo já recebiam auxílio financeiro mesmo antes de receberem esse reconhecimento, portanto acreditamos que essas leis tinham por objetivo principalmente a valorização dessas escolas de samba, bem como era uma promessa silenciosa de que no futuro tais agremiações poderiam receber mais benefícios por parte do município.

Entretanto, apenas o reconhecimento como entidade de utilidade pública não era o suficiente para as escolas de samba, que não possuíam recursos próprios. Estas, compostas por pessoas simples da população que não dispunham de recursos financeiros, ficavam à mercê de contribuição do poder público para poderem comprar e reformar instrumentos musicais, além de confeccionar fantasias. Porém, já no início de 1976, outra charge⁶⁷ faria sátira da situação das escolas de samba da cidade diante do anúncio de que a Prefeitura poderia não distribuir verba de auxílio financeiro.

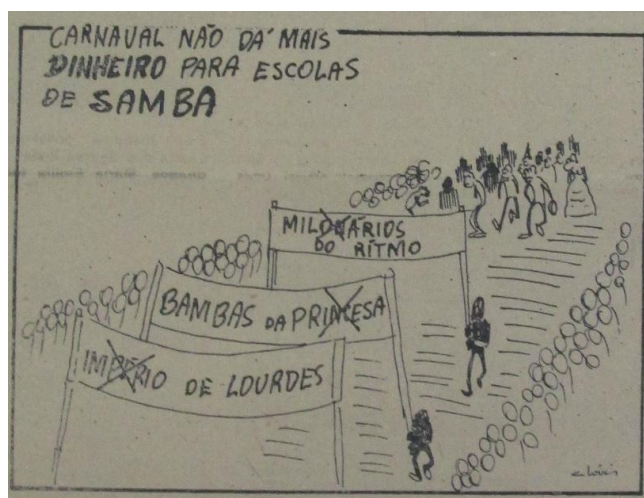


Figura 4 - Charge ironiza falta de auxílio financeiro às escolas de samba.

66 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2160 de 12 de agosto de 1975. Reconhece de utilidade pública o “Clube de Samba Milionários do Ritmo”. Disponível em: http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2160_1975?cdLocal=5&arquivo={658A92FC-155B-4AE9-AB63-2171BE3CA9E2}.pdf#search=samba . Acesso em 24 de abril de 2016.

67 CLÓVIS. *Diário do Rio Doce*. Governador Valadares, p.3, 07 de jan. de 1976.

Assim como em outras ocasiões, a falta de recursos criava um anti-clima, provocando baixas expectativas para com a festa carnavalesca daquele ano. O controle das expectativas muitas vezes ficava nas mãos da Prefeitura Municipal que, a medida que anunciava medidas para a festa, incentivava as entidades relacionadas e os foliões. No entanto, no início de 1976 a Prefeitura demorou a anunciar qualquer medida, o que o colaborou por atrasar a manifestação do clima carnavalesco na cidade.

Mas é interessante pontuar que novas iniciativas também surgiam, mesmo sem apoio da Prefeitura. A colunista social Penha Fabri⁶⁸ contou que um casal da sociedade havia decidido fazer um baile de carnaval na própria casa, ideia que a colunista achou “um luxo”, reservando lugar para participar da festa. Além disso, uma coluna do jornal intitulada Carnaval fez elogios⁶⁹ a construção de um tablado especial para a folia, feito por iniciativa dos empresários donos de bares na rua Bárbara Heliodora, local que à época era conhecido como a “Broadway Valadarensense” por seu movimento intenso. E como havia sido feito em 1974, novamente foi montada arquibancada⁷⁰ com preços populares para quem quisesse assistir ao desfile com mais conforto. As sátiras, que ao longo dos anos também haviam perdido força e desaparecido lentamente das ruas, também retornaram em 1976, na figura do açougueiro Didi Barra, que confeccionou de modo independente um carro alegórico criticando a desaparelhagem do Corpo de Bombeiros trazendo a frase “Prefeitura é fogo, deixa bombeiro n’água”, motivo pelo qual o folião recebeu prêmio⁷¹ do Diário do Rio Doce por ser a melhor crítica feita no carnaval.

No nosso entendimento, tais iniciativas demonstram que ainda estava vivo o sentimento de bem-querer dos valadarenses para com a festa, pois mesmo que há vários anos o discurso corrente apenas dissesse que a festa estava se perdendo, ainda restavam pessoas dispostas a tentar novas ações para incrementar a folia valadarensense. Mas tais iniciativas foram anunciadas de forma isolada, e no contexto geral, o jornal apenas relatou os desfiles, sem fazer grandes elogios nem indicar que o espírito do carnaval continuaria vivo na cidade. Ao contrário, o editorial⁷² do primeiro dia de carnaval soaria repetitivo em relação aos anos anteriores, mais uma vez lembrando velhos carnavais e destacando o caráter econômico da festa que precisava ser aproveitado. Estas contradições entre um discurso que aponta a lenta morte do carnaval na cidade versus as iniciativas novas para dinamizar o carnaval mostram

68 FABRI, Penha. Bastidores. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 27 de fev. de 1976.

69 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 28 de fev. de 1976.

70 Escolas, blocos e carros alegóricos no desfile de hoje. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 29 de fev. de 1976.

71 Foto. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 06 de mar. de 1976.

72 O Carnaval. **Diário do Rio Doce**, p.3, 28 de fev. de 1976.

que parte da sociedade ainda apostava na festa.

Órfãos da antiga disputa de carros alegóricos, não apenas a população parecia estar fazendo experimentos para animar o carnaval. Em 1977, Raimundo Resende assumiu como prefeito e ainda em janeiro anunciou⁷³ que não teria verba para cumprir o orçamento do carnaval elaborado pela gestão anterior, dividindo opiniões na cidade. Para amenizar as críticas, no dia seguinte a Prefeitura divulgou⁷⁴ as definições do Serviço de Turismo em relação ao carnaval, com a distribuição de Cr\$ 20 mil para cada uma das três escolas de samba (Milionários do Ritmo, Império de Lourdes e Bambas da Princesa), além de iluminar melhor a Avenida Minas Gerais e construir um tablado para que as pessoas pudessem brincar durante a festa. O Serviço de Turismo também anunciou⁷⁵ decoração de rua assinada por Francisco Moreira Melo, orçada em Cr\$ 40 mil, e ainda que nos quatro dias de festa, após os desfiles, haveria orquestra tocando na avenida para animar o público. Esta é para nós uma das ações mais importantes realizadas pela prefeitura, embora o jornal não dê o devido destaque. Importante, pois após os desfiles, que eram uma forma de diversão mais passiva e contemplativa, os membros da elite iam para os salões dos clubes sociais, onde se divertiam em bailes que duravam até a manhã seguinte. Porém, até 1976, após os desfiles a população pobre, em sua maioria, retornava para casa, pois mesmo os locais com bailes a preços mais acessíveis, tinham capacidade limitada. Assim, ter uma orquestra tocando gratuitamente nas ruas é considerado por nós como uma grande iniciativa. Apesar disso, a medida podia parecer pequena, se considerarmos que no mesmo dia o jornal noticiou⁷⁶ que a Prefeitura de Ipatinga gastaria Cr\$ 320 mil apenas para decorar e iluminar o local dos desfiles carnavalescos. Para o colunista Miguel Faria, isso significava que “Ipatinga pretende assumir a liderança do carnaval popular no Vale do Rio Doce, disputando com Governador Valadares esse lugar há muitos anos ocupado por esta cidade”. Mesmo que há muitos anos a festa valadarense não tivesse mais o mesmo destaque de antes, a imprensa continuava a mencionar o destaque, senão estadual, pelo menos regional da folia valadarense, que agora também estava ameaçada de perder o posto de melhor carnaval da região. Se considerarmos que, nas inúmeras vezes que o jornal defendeu o carnaval valadarense, o periódico se amparou nos argumentos de cunho financeiro da festa (há muito inexistente) e na elevação do nome da cidade, uma

73 Posição de Resende para o carnaval de 77 divide opiniões. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 23 de jan de 1977.

74 Cada escola de samba tem Cr\$ 20 mil de subvenção da Prefeitura. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 05 de fev. de 1977.

75 Carnaval popular tem ponto em praça com tablado e música própria. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 08 de fev. de 1977.

76 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 3, 08 de fev. de 1977.

possível perda de destaque na região acabaria com os argumentos utilizados para justificar a realização da festa na cidade, uma vez que o divertimento do povo simples poucas vezes foi usado para justificar a necessidade de promover a festa.

Nesse cenário, as contradições se tornavam cada vez mais aparentes, pois antes da folia de 1977, o jornal apontou⁷⁷ que “mesmo sem decoração, os maiores das escolas de samba acham que o nosso carnaval será muito bom, mantendo a tradição de ser um dos melhores do estado”. Este ponto de vista é reforçado pela matéria⁷⁸ de capa do dia 24 de fevereiro: “A Avenida Minas Gerais voltou a ser o grande palco no carnaval de 77, com o povo comparecendo em massa e aplaudindo os blocos e escolas de samba que desfilaram no domingo, segunda e terça-feira”. Já o editorial⁷⁹ do jornal emitiu opinião oposta à sua própria matéria de capa:

Passado o carnaval e toda a sua parafernália envolvente, vale a pena fazer uma avaliação crítica do que foi como festa popular e que rendeu em termos de apoio financeiro do município e de benefícios gerais para a economia da comunidade. Mas, não só isso, pois não se pode dar tratamento meramente mercantil à mais importante manifestação de alegria coletiva no País e no mundo. É preciso colocar o povo dentro do esquema, de vez que ele é o objetivo final de todo o esforço. Então vamos analisar com franqueza o que aconteceu. A resposta ao primeiro item (como respondeu aos investimentos do município em benefício para a economia valadarense) pode ser feita de forma positiva? Trouxe turistas das circunvizinhanças ou gerou vendas no comércio do gênero de acordo com as expectativas? Parece que não. O esforço não correspondeu aos resultados. O segundo item se refere ao povo. O que este recebeu do poder público municipal para permitir a diversão que a festa sugere e que em anos passados atingiu níveis bastante satisfatório? Parece que muito pouco. Em conclusão. É o momento enquanto os fatos estão próximos e aquecidos de se fazer ampla reflexão de tudo isso e desde agora proceder a administração municipal, por intermédio do órgão próprio – o Serviço de Turismo, Recreação e Divulgação, uma reformulação total no esquema de carnaval de rua de Governador Valadares, recolocando-o na posição de prestígio de tempos idos e atualizando-o aos padrões da atualidade. É uma tarefa que não pode esperar e se ajusta inteiramente aos objetivos gerais de desenvolvimento econômico e social da comunidade.

Em nosso ponto de vista, ainda que o editorial demonstre preocupação com o divertimento do povo, acreditamos que o objetivo final do texto se apoia no trecho “recolocando-o na posição de prestígio de tempos idos”. Ou seja, o editorial tenta passar a ideia de preocupação com a comunidade, mas a preocupação mais específica se dá com a

77 Foto. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 18 de fev. de 1977.

78 Milionários do Ritmo e Bafo de Bode são os vencedores do carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 24 de fev. de 1977.

79 Reflexões sobre o carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 24 de fev. de 1977.

posição de que o nome valadarense (que poderia estar perdendo espaço para a folia de Ipatinga). Este continua a figurar entre os principais motivos para a realização da festa valadarense, junto à necessidade de que a festa desse lucro para a cidade. Em último lugar, lembrada em poucas vezes pelo jornal, está a diversão do povo. Mas não podemos ter a certeza de que o povo não se divertiu, como sugere o editorial, pois o próprio jornal aponta que a massa continuava a prestigiar a festa. E cabe lembrar que em 1977, pela primeira vez, o público pode aproveitar música ao vivo após o fim dos desfiles dos blocos e das escolas de samba.

Não queremos dizer que não havia necessidade de que a festa se adaptasse para continuar viva no calendário valadarense, mas acreditamos que estas adaptações na festa já estavam ocorrendo gradativamente, sem que o jornal (possivelmente refletindo parte da sociedade) as reconhecesse como iniciativas válidas. Isso porque o possível objetivo da Prefeitura e o objetivo desejado pela imprensa não eram os mesmos. Ao Serviço de Turismo, bastaria uma festa simples, que consumisse poucos recursos, mas que agradasse ao povo. Enquanto o jornal esperava algo “digno das tradições”, que “recolocasse” o nome de Governador Valadares no cenário regional e/ou estadual. No entanto, para que este desejo fosse possível de atender, a realidade financeira e econômica da cidade deveria ser muito diferente do cenário de estagnação e perda de indústrias que a cidade enfrentava.

A retomada do nome do carnaval valadarense e a lembrança dos carnavais passados até então nunca tiveram tanto destaque como em 1978, quando Governador Valadares completou 40 anos de emancipação política. O órgão responsável pela festa adquiriu maior autonomia e importância. O Serviço de Turismo, Recreação e Divulgação foi transformado na Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio, o que não deixa de ser curioso, pois o primeiro nome “Turismo” era o mais fraco dentre os três segmentos pelos quais a secretaria respondia. De todo modo, esse órgão anunciou⁸⁰ ainda nos primeiros dias do ano que realizaria três concursos de carnaval com premiação em dinheiro: sendo uma disputa para os blocos de clubes, uma para os blocos independentes, e uma disputa do melhor carro fantasiado, este último relembrando o corso, quando as famílias de posses se fantasiavam e festejavam num determinado percurso pré-estabelecido. Mas esta última iniciativa não foi muito bem compreendida, pois a coluna Carnaval precisou explicar⁸¹ do que se tratava esse concurso, o que a nosso ver é um sinal de que o corso já era prática extinta que a Prefeitura tentava

80 Carnaval abre concursos de bloco e carro. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 07 de jan. de 1978.

81 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 20 de jan. de 1978.

revitalizar na ânsia de “relembrar as tradições”.

Quem não se sentiu disposto a festejar como nos velhos tempos foi Antônio Paulino, chefe da escola de samba Império de Lourdes, que anunciou⁸² que a escola não ia mais desfilar:

A minha escola está completando bodas de prata, com 25 anos ininterruptos comparecendo à passarela. Durante todo esse tempo a escola ensaiou no meio da rua, atrapalhando e sendo atrapalhada pelo trânsito de veículos e pedestres. Durante todo esse tempo, vimos solicitando o poder público municipal uma área, em qualquer lugar da cidade, para se construir nossa sede, mas ninguém até agora deu a menor bola. A escola é de utilidade pública, mas isto, só no papel.

A reclamação pela desatenção do poder público para com as escolas de samba falou mais alto. A Prefeitura ainda tentou argumentar com a escola, mas a decisão era definitiva foi confirmada⁸³ dias depois, quando também foi confirmado o fim da escola Bambas da Princesa, pois sua chefe, a chamada Baiana, havia se mudado para Vitória e se convertido para religião evangélica. Apesar do desfalque dessas duas tradicionais escolas, o jornal noticiou a volta da escola de samba Bate-Papo, comandada por Mestre Zezinho, que desfilaria no aniversário de 40 anos da cidade. Além disso, o bloco Unidos do Morro, de Mestre Manoelão, que também sairia como escola de samba.

A Prefeitura ainda anunciou a vinda de um trio elétrico de “som espetacular” e até o Rei Momo Didi Barra recebeu⁸⁴ verba (quantia não divulgada) para sua indumentária e transporte real. Uma matéria⁸⁵ divulgou que os preparativos para as festas de aniversário e carnaval haviam começado logo após o 7 de setembro de 1977, gastando até então Cr\$ 700 mil cruzeiros.

A chamada de capa anunciou programação que “numa tentativa de fazer voltar à cidade o prestígio adquirido por grandes carnavais do passado”, contava o trio elétrico, desfile de escolas de samba (Milionários do Ritmo, Bate-Papo e Unidos do Morro) além da participação de blocos e carros alegóricos. No mesmo jornal, a coluna Carnaval deixava clara a expectativa positiva⁸⁶ para a festa:

82 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.9, 11 de jan. de 1978.

83 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 14 de jan. de 1978.

84 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 15 de jan. de 1978.

85 Secretaria de Turismo trabalha para reviver os melhores carnavais. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.9, 29 de jan. de 1978.

86 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 04 de fev. de 1978.

Valadarense, que há muito tempo não vê um bom carnaval, não deve deixar de vir à avenida neste ano, pois realmente as perspectivas carnavalescas são ótimas e se tudo acontecer como está traçado, valadarenses vão ter um carnaval que vai fazer voltar a velha tradição do melhor carnaval do interior de Minas, focalizado até por imprensa do exterior.

Após a festa, texto na capa do jornal afirmou⁸⁷ que “a retomada de posição da cidade, no que diz respeito às festas de carnaval, surtiu efeito”, dizendo que o povo foi às ruas e brincou animadamente. Porém, no mesmo dia, ao avaliar a folia, não foi este o veredicto do cronista Parajara dos Santos em texto⁸⁸: “Porque o resultado do carnaval em termos públicos, não chegou a criar os estímulos necessários para que o povo vibrasse e para que possamos dizer que Governador Valadares teve um bom carnaval. Na verdade, o carnaval de 78 foi um imbróglio”. Opinião semelhante foi dada pelo colunista político e econômico Miguel Faria, que foi ainda mais direto na comparação⁸⁹ entre a festa de 1978 e aquelas da década de 1950:

Os clubes sociais são o maior motivo da frustração popular quando chega o carnaval. Ainda assim, eles punham diversos e belíssimos carros alegóricos na Avenida Minas Gerais, no domingo e na terça. Por razões financeiras compreensíveis, os clubes acabaram com os desfiles. O povo não se esquece da cena e sai às dezenas de milhares, na expectativa de ver o que não aparece mais. A decepção deve ser total. (...) Tal como aconteceu com os carros alegóricos, os clubes estão correndo o mesmo risco com seus blocos de salão que desfilam nas ruas. No dia em que um clube não quiser mais isso, os concorrentes fazem igual. Aí o povo teria mais uma frustração.

No entanto, acreditamos que esta visão de ambos os colunistas não correspondiam a toda parcela da sociedade, ainda que pudesse ser um retrato fiel daqueles que assistiram às disputas entre os clubes Minas e Ilusão. Mas muitos daqueles que compunham os blocos de salão não eram nascidos, ou eram muito pequenos para se lembrar dessas disputadas, de modo que sua iniciativa no carnaval era genuína e interessada na folia da festa. Também os participantes de escolas de samba, mesmo que se lembrassem da famosa disputa, prefeririam participar ativamente da festa sambando na avenida ao invés de apenas ficar lembrando carnavais passados. Mas pela força da imprensa, tais opiniões particulares adquiriam maior força, uma vez que a voz destes colunistas chegavam por meio do jornal à grande parcela da população, ao contrário da voz dos chefes de blocos e escolas de samba.

Acreditamos que ocorria neste momento um choque entre gerações e modelos de carnaval, mas o modelo que possuía apoio entre aqueles que estavam à frente da imprensa era

87 Foto. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 1, 10 de fev. de 1978.

88 SANTOS, Parajara dos. Lição de Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 10 de fev 1978.

89 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 10 de fev. de 1978.

um modelo que não tinha mais base de sustentação na cidade de Governador Valadares, fosse por motivos econômicos ou mesmo culturais. Ainda nesta mesma coluna do dia 10 de fevereiro, o colunista Miguel Faria pontuou que faltava animação ao povo, exemplificando que ninguém havia se inscrito no concurso de carros fantasiados da Prefeitura. Ora, tal concurso fazia menção ao corso, uma prática do século XIX, que nesta época já se encontrava ultrapassada. Mas para o colunista Miguel Faria, a não adesão ao corso significava falta de animação para com a festa, explicação que não é por nós compartilhada. Acreditamos que as gerações que pulavam carnaval na década de 1970 haviam encontrado outros meios de festejar que lhes agradava mais, de modo que o corso não mais correspondia a uma prática atual na década de 1970. O motivo pelo qual existia um concurso de carros fantasiados a essa altura se devia ao fato de que a Prefeitura estava tentando resgatar a força que o carnaval da cidade já havia tido na década de 1950 e, para isso, buscava reproduzir na década de 1970 os elementos presentes no carnaval passado. Mas, como dissemos, havia um choque entre gerações e modelos, pois ao mesmo tempo que promoveu concurso para tentar revitalizar o corso, a Prefeitura também contratou trio elétrico baiano para tocar na festa valadarense, elemento que também não teve aceitação⁹⁰ naquele ano. De todo modo, a tentativa de reviver o corso e a presença de um trio elétrico em uma mesma edição da festa nos sugere que a Prefeitura estava fazendo experimentações, buscando agradar a diferentes públicos, e tentando utilizar todos os elementos que tivesse em mãos para criar uma festa animada para o povo. A não aceitação de alguns elementos, como o trio elétrico, se fossem encarados como erros pontuais, poderia servir de “lição de carnaval”, como sugeriu o cronista Parajara dos Santos, de modo que adaptariam a programação para não cometer os mesmos erros no ano seguinte e aprimorar a festa ao gosto do público. Porém, para parte da sociedade, especialmente na voz dos colunistas da imprensa por nós analisados nos arquivos do Diário do Rio Doce, ainda que dessem sugestões para melhorar a festa, acreditamos que estes só se satisfariam com a volta do modelo de sucesso dos anos 50, com a disputa de carros alegóricos entre os clubes, situação que estava para além da capacidade da Prefeitura na promoção da festa. Sinal disto foi o carnaval de 1975, que implantou várias sugestões da imprensa, e mesmo assim ao final da edição daquele carnaval os jornalistas e colunistas não se sentiam satisfeitos com a festa. Também a festa de 1978 teve atenção maior do poder executivo, mas os erros foram analisados com mais ênfase que os possíveis acertos.

Logo após o carnaval, Governador Valadares reconheceu mais duas escolas como

90 Carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 10 de fev. de 1978.

sendo de utilidade pública para o município. O prefeito Raimundo Resende sancionou⁹¹ em 28 de março de 1978 a Escola de Samba Unidos do Morro como entidade de utilidade pública da cidade. Logo depois, seria a vez da escola Bate-Papo também ter sua utilidade pública reconhecida⁹². Assim, a cidade possuía até então quatro escolas de samba declaradas como utilidade pública.

No último ano da década, o carnaval foi poupado das tradicionais críticas, mas não porque tenha atendido às expectativas de anos anteriores, mas sim porque sua simples realização foi considerada uma vitória. Planos relativos ao auxílio financeiro para as escolas de samba, decoração e outros assuntos foram suspensos após as fortes chuvas que provocaram a pior enchente⁹³ já registrada pelo município em toda a história da cidade até os dias atuais. Por esse motivo, a Prefeitura anunciou⁹⁴ dias depois que coordenaria o carnaval, mas não poderia dar auxílio financeiro às escolas, blocos e carros, e estes receberiam apenas medalhas pela participação nos desfiles, pois os recursos seriam destinados para socorrer as vítimas das enchentes.

Apesar de todo o estrago, os foliões tradicionais não desistiram de sair às ruas. O carnaval de 1979 foi feito de forma praticamente improvisada, apenas pelo desejo dos foliões tentarem esquecer um pouco das tristezas pelas quais passavam. O Rei Momo Didi Barra, que teve sua casa inundada pela enchente, trocou o carro por uma canoa com a faixa “Rei Flagelado”, buscando rir da própria situação. Outros blocos também fizeram o mesmo para esquecer as tristezas, embora não tenham conseguido fazer isso totalmente, pois a festa seria considerada uma das mais fracas⁹⁵ da história da cidade.

Mesmo em festa tão pouco animada, haveria espaço para surpresas positivas, sendo uma delas a transformação do bloco Bafo de Bode, que havia sido campeão no desfile de rua em 1978, em escola de samba, sendo que sua atuação foi elogiada. No fim desse mesmo ano,

91 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2344 de 28 de março de 1978. Reconhece como entidade de utilidade pública a “Escola de Samba Unidouxils do Morro”. Disponível em: http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2344_1978?cdLocal=5&arquivo={4164E207-425F-451D-B6DD-7DA3ED0285E7}.pdf#search=samba. Acesso em 24 de abril de 2016.

92 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2349 de 11 de abril de 1978. Reconhece como entidade de utilidade pública. Disponível em: http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2349_1978?cdLocal=5&arquivo={3D88311D-516A-4A66-AD8F-975987F34C35}.pdf#search=samba. Acesso em 24 de abril de 2016.

93 A atual enchente seria a maior da história de GV. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 04 de fev. de 1979.

94 Prefeitura coordena carnaval, mas não dá dinheiro às escolas. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 11 de fev. de 1979.

95 Multidão foi às ruas ver um dos carnavais mais fracos na cidade. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 01 de mar. de 1979.

e às vésperas do ano seguinte, esta escola estreante já foi reconhecida⁹⁶ como de utilidade pública para o município, completando o número de cinco escolas de samba com este título na cidade.

A mais nova escola de samba da cidade já iniciou o ano de 1980 animada para o carnaval. Matéria⁹⁷ com os dirigentes da escola apontou que a Bafo de Bode, apesar de ser a mais recente escola de samba da cidade, era a maior em número de integrantes, pois levaria 500 pessoas para a avenida. Já nos clubes, folia prevista era tão grande que o colunista Miguel Faria avaliou⁹⁸ que o Garfo Clube precisaria abrir mais de um salão para comportar os foliões, dizendo que também o espaço do Minas não seria suficiente, e informando que, pela primeira vez o Country Clube e o Clube Filadélfia realizariam bailes carnavalescos na cidade. Assim vemos que, por mais que a festa fosse criticada pela imprensa nos últimos anos, esta ainda devia ter atrativos para os foliões da cidade, uma vez que duas novas escolas de samba (Unidos do Morro e Bafo de Bode) haviam surgido nos últimos anos, bem como clubes mais recentes na cidade também decidiram participar da festa.

Neste ano, a escola novata Bafo de Bode foi campeã do carnaval, e os motivos desta vitória foram comentados⁹⁹ pelo colunista Miguel: “A escola cresceu demais em pouco tempo. Também foi a primeira vez que se explorou um roteiro com argumento único. Até então as escolas tinham de tudo, desde lutador de judô ou fantasias por conta própria”. De fato a escola Bafo de Bode havia provocado forte impacto com sua apresentação. Tanto que matéria¹⁰⁰ a respeito do campeonato conquistado depositando neste desfile os créditos de uma possível alavancada do carnaval valadarense: “Ninguém nega que o desfile da Bafo de Bode foi dos mais originais, caracterizando-se talvez como o primeiro passo para a ressurreição do carnaval de Governador Valadares”.

No entanto, os problemas econômicos do país impactavam diretamente o carnaval de Governador Valadares, cidade que como visto no capítulo 2, se encontrava em grande dificuldade econômica nos anos 80. Deste modo, em 1981 a Prefeitura se pronunciou sobre a festa ainda no início de janeiro, anunciando¹⁰¹ verba de Cr\$ 1,5 milhão para custear o auxílio

96 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2461 de 31 de dezembro de 1979. Reconhece como entidade de utilidade pública o Grêmio Recreativo Escola do Samba Bafo de Bode. Disponível em: http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2461_1979?cdLocal=5&arquivo={8F21804A-7731-4EB0-9DCB-CD52B9045062}.pdf#search=samba. Acesso em 24 de abril de 2016.

97 OLIVEIRA, Valdeci. Bafo de Bode é forte e vem quente. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.12, 20 de jan. de 1980.

98 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 16 de fev. de 1980.

99 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 21 de fev. de 1980

100 Bafo de Bode é campeão e comemora durante toda a quarta-feira. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 10, 21 de fev. de 1980.

101 Secretaria de Turismo destina Cr\$ 1,5 milhão para carnaval deste ano. **Diário do Rio Doce**. Governador

às escolas, blocos, decoração e premiações aos vencedores do carnaval. À primeira vista o valor impacta em relação aos anos anteriores, mas a quantia, apesar de significativa, era a que representava um ano em que o salário mínimo equivalia¹⁰² a Cr\$ 6 mil cruzeiros. A economia oscilante do país e da cidade afetava a festa, de modo que os blocos, tão tradicionais nos clubes, também sofriam os impactos dos problemas econômicos.

A Prefeitura tentou fazer sua parte e elaborou ornamentação, que não foi bem recebida sendo chamada de “raimundice”, numa alusão a um trabalho mal feito do prefeito Raimundo Resende. A polêmica em torno da decoração foi tanta, que a decoradora vencedora de concorrência pública deu entrevista¹⁰³ ao jornal para justificar que o problema não estava em seu trabalho, mas que a verba disponível não era capaz de reproduzir a decoração em número de painéis suficientes para que tivesse impacto positivo na Avenida. A má impressão causada pela decoração foi tanta que a colunista social Penha Fabri¹⁰⁴ conseguiu transformar o prestígio à festa em uma profissão de fé: “Quem ainda põe fé que vá à avenida”. O clima carnavalesco da cidade foi apresentado em charge do cartunista Clóvis, no mesmo dia deste comentário da colunista Penha Fabri.



Figura 5 - Cartunista ilustra clima do carnaval em 1981.

Muitos ainda tinham fé, embora o jornal tenha avaliado a folia deste ano de modo ainda mais duro que em anos anteriores. A manchete¹⁰⁵ do dia 05 de março ilustrava a grande

Valadares, p.1, 10 de jan. de 1981.

102 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 22 de fev de 1981.

103 Clores Lage: “Coloquei na Avenida o que a Prefeitura exigiu e pagou”. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.9, 06 de mar. de 1981.

104 FABRI, Penha. Bastidores. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 01 de mar. de 1981.

105 Povo lota avenida para ver carnaval fraco. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 05 de mar. de

presença do público versus o pouco brilho da festa. “Povo lota avenida para ver carnaval fraco e desfalcado” dizia o título. A colunista social Penha Fabri foi mais sucinta em sua crítica¹⁰⁶: “O carnaval de rua de Governador Valadares não deixou muitos comentários. Aconteceu. Era a data e simplesmente deu-se. Nas ruas, o festival do nada. Com vantagens: não decepcionou. Mesmo porque o povo não tinha expectativas”.

No ano de 1982, a situação não começou propícia para apagar as críticas do ano anterior. A briga em relação a verbas para as escolas de samba ficou mais explícita em matéria¹⁰⁷ feita com o chefe da Milionários do Ritmo, conhecido como Buti. Ele acusou a Secretaria de boicotar sua escola por questões políticas. Buti afirmava que sua escola estava sendo prejudicada pois ele apoiava a candidatura de Pedro Tassis (que era amigo pessoal dele e filho do ex-folião Ivo Tassis, que teria sido benfeitor da escola) e havia se recusado a desfilar com camisas com o nome de Ronaldo Perim, candidato da situação para suceder o prefeito Raimundo Resende. Ainda segundo o chefe da escola, a Prefeitura teria feito ofertas que não condiziam com as necessidades da escola. Como fundamentação para as acusações que fez, Buti deu como exemplo as verbas oferecidas às demais escolas: a Bafo de Bode receberia Cr\$ 1 milhão, a Figueira Samba Comigo receberia Cr\$ 400 mil e a Unidos do Morro receberia Cr\$ 250mil. Para a Milionários, a Prefeitura teria feito a proposta de Cr\$ 200 mil, ou Cr\$ 100 mil para que somente a bateria da escola desfilasse, puxando o cortejo do carro alegórico do Rei Momo. Para Buti, o melhor critério seria distribuir verbas iguais para todos, para evitar favoritismos.

Sobre tais verbas, cabem considerações. Nos anos anteriores da gestão de Raimundo Resende, este já havia implementado a política de dar auxílio financeiro maior para a campeã do ano anterior, como forma de um prêmio atrasado, o que justificaria a verba de Cr\$ 1 milhão para a Bafo de Bode. No entanto, a Figueira Samba Comigo, que foi fundada neste ano de 1982, recebeu verba maior que a Unidos do Morro, que desfilava desde 1978 como escola de samba e havia desfilado como bloco em 1977. Estes valores podem confirmar a tese de Buti de que o prefeito estava tentando fazer uso político do carnaval, uma vez que a escola Figueira Samba Comigo foi fundada pela primeira dama de Governador Valadares, Helga Resende.

Essa informação nos foi dada pelos próprios diretores que comandaram a escola no curto período de tempo que ela sobreviveu, de três anos. Márcio Pereira, conhecido como

1981.

106 FABRI, Penha. Bastidores. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 05 de mar. de 1981.

107 Buti: Milionários desfila com ajuda do povo de GV. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 17, 31 de jan. de 1982.

Massoca, e sua esposa Isabel foram entrevistados em nossa pesquisa anterior.

Na verdade começou com a dona Helga Resende, a primeira-dama, que quis fazer uma escola de samba, e convidou algumas pessoas aí. Nós participamos de uma reunião. E começou o movimento da escola, todo mundo gostou da ideia e fomos tocando, sem intenção política nem nada, como nós somos até hoje. Então foi fácil, a gente começou a reunir algumas pessoas, a pedir instrumento, doação, e começou a aparecer. (...) Na verdade a escola foi criada realmente, tinha uma finalidade política. Mas nós que ficamos à frente, que assumimos, a gente não tinha intenções políticas, o que foi uma surpresa para os políticos, porque a gente tinha um movimento muito bom, a gente mexia com muita gente. Foi uma surpresa pra eles (COELHO, 2009, p.89)

Assim como a Unidos da Patota havia sido criada em 1970 por pessoas da sociedade, que dispunham de mais recursos para equipar e vestir seus membros, a Figueira Samba Comigo também contava, em sua maioria, com pessoas da sociedade que dispunham de meios para custear as próprias fantasias, mais caras e mais luxuosas que as demais. Como o próprio depoimento de Márcio Pereira aponta, a escola Figueira Samba Comigo ainda contava com apoio de pessoas da sociedade que, mesmo não desfilando, auxiliaram fazendo doações de instrumentos musicais e outros itens que a escola necessitasse. Deste modo, apesar de recém-criada, a Figueira surgia naturalmente com uma força maior que as demais, e ainda pesavam as acusações de favorecimento político, difíceis de serem ignoradas.

Apesar das disputas entre escolas de samba fora do âmbito carnavalesco, a folia de 1982 foi considerada positiva em matéria¹⁰⁸ afirmando que após anos de apatia, o carnaval da cidade havia renovado suas tradições:

Sem ter alcançado o esplendor de outras épocas, o carnaval de 1982 foi o marco do que parece ter sido o despertar de uma nova consciência para a alegria dos folguedos de Momo. Muita coisa boa foi feita e a animação e a dedicação de um grupo de pessoas foi suficientemente contagiante para renovar, quando nada, o desejo de se fazer alguma coisa de inteligente em termos de carnaval.

Não é preciso dizer que o “grupo de pessoas” contagiantes que renovaram o desejo de promover a festa se refere à escola Figueira Samba Comigo, campeã do carnaval neste ano. Em geral, as matérias sobre a festa apontam o “desejo de fazer alguma coisa inteligente” como o diferencial desta escola, mas entendemos que o que animou a imprensa foi o luxo

108 Reinou Momo: o povo volta a sambar na avenida. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 25 de jan. de 1982.

apresentado nas fantasias da escola, elemento até então pouco visto nos carnavais anteriores. Também foi exaltado o espírito independente da escola, que não ficava à mercê do poder público, mas esta também era uma característica que estava fortemente ligada ao poder econômico que sua diretoria e boa parte de seus membros já dispunham, ao contrário das outras escolas de samba. De fato, a “despedida” da festa nesse ano exaltou¹⁰⁹ o trabalho contínuo e independente para poder fazer uma boa festa novamente no ano seguinte.

Mas nos vários meses que separavam uma edição de carnaval da outra, na maioria das vezes tal trabalho contínuo não acontecia, fosse devido aos outros assuntos que se impunham no dia a dia da comunidade, ou mesmo porque o carnaval, apesar de já ter sido muito bem quisto na cidade, nunca foi exatamente uma prioridade na vida do município e de sua população. Assim, uma matéria¹¹⁰ do jornal afirmou que o carnaval de 1983 não deixou saudades, mas ao contrário de edições anteriores, não creditou o fracasso da festa à Prefeitura: “Este ano o carnaval de rua praticamente inexistiu. Numa análise mais simplista o fracasso pode ser creditado a um único motivo: faltou dinheiro no bolso do povo, reflexo dessa economia mal administrada do País”.

Após perder força por nas últimas duas décadas e receber ano após ano avaliação mais avaliações negativas que positivas, não é surpresa constatar que o público valadarense começava a mudar sua programação durante o feriado, e não estava mais abraçando a festa como anteriormente. Por esse motivo, em 1984 a Prefeitura, em parceria com a Associação Comercial, organizou concurso para artistas plásticos elaborarem a *logo* e o *slogan* do carnaval da cidade. A medida, que visava integrar maior participação de segmentos na festa, também tinha por objetivo elaborar peça gráfica para ser utilizada como promoção do carnaval valadarense para atrair turistas. A cidade já não conseguia “segurar” seus moradores para participar da festa, mas ainda acreditava que o carnaval da cidade poderia (ou deveria, como justificativa para sua realização) atrair turistas da região. Mas o processo iniciado em anos passados ganhava força, e o jornal relatou¹¹¹ a grande procura de passagens para o litoral baiano e capixaba no carnaval. Essa evasão de valadarenses durante o carnaval foi comentada¹¹² pelo colunista Julio Avelar:

Calcula-se que cerca de 8 mil valadarenses deixam a cidade nesta sexta-feira de carnaval para brincar em outras paragens. Calculando-se uma média de

109 Ano que vem, nova folia. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 26 de jan. de 1982.

110 A festa acabou. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 18 de fev. de 1983

111 Passagens para o carnaval têm grande procura. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 23 de fev. de 1983.

112 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 29 de fev. de 1984.

60 mil cruzeiros para cada folião, a cidade em termos comerciais, perde mais de 4 milhões de cruzeiros. Se estes foliões fossem para os clubes da cidade, provavelmente essa quantia dobraria, perfazendo um total de 9 milhões de cruzeiros, que ficariam na comunidade de um modo em geral. Sem contar os gastos de gasolina, alimentação que é deixada de ser consumida, etc etc. Para que estes valadarenses fiquem na cidade, nos próximos anos é preciso investir no carnaval. Este colunista entrevistou alguns colunáveis e empresários idem, recebendo uma única afirmação: -Não dá para ficar, o carnaval de Valadares está morrendo.

Cabe destacar que em 1984 desfilaram quatro escolas de samba: Unidos do Morro, Milionários do Ritmo, Império de Lourdes e Figueira Samba Comigo. Mas nem o fato de ter havido tal movimento na competição, fez com que qualquer elogio fosse dado ao carnaval. Nem mesmo a presença da escola Figueira, que nos anos anteriores havia empolgado com sua rica indumentária, foi motivo de comentário diferenciado nesse ano. Entendemos que se havia foliões para compor quatro escolas de samba, e se havia público assistindo os desfiles, ainda havia uma parte da população que se importava com a festa, mas nos parece que nesta época já existia um discurso derrotista em relação à festa, de que essa estava morrendo na cidade. Acreditamos que o que mais pesava contra o carnaval valadarense era a comparação (muitas vezes silenciosa) com carnavais do passado. Além da presença de quatro escolas de samba e do público presente para assisti-las, a folia deste ano também contou com o chamado Carnaval do Povão, sendo este a apresentação de orquestras após os desfiles. Mas esses elementos não pareciam suficientes para a cidade, que tinha em seu passado festas mais bem-sucedidas, tornando difícil aceitar a situação atual.

Nosso pensamento é reforçado por duas matérias no mesmo jornal, em que abordam os carnavais das cidades de Conselheiro Pena e de Caratinga. Em Caratinga¹¹³, a festa foi descrita como “seu melhor carnaval de rua”, com a presença de escolas de samba, blocos caricatos (que desfilavam pela primeira vez neste ano) e bailes em clubes da cidade. Já em Conselheiro Pena a avaliação¹¹⁴ era de que “a cada ano seu carnaval vem melhorando”, que neste ano teve baile em dois clubes e desfile com competição de três blocos de rua. Ou seja, pelas características relatadas, ambos os carnavais continham os mesmos, ou ainda menos elementos que o carnaval valadarense. Mas ao contrário da população valadarense, as populações de Caratinga e Conselheiro Pena estavam mais que satisfeitas com suas folias carnavalescas, que eram recentes e davam ainda os primeiros passos. Cabe destacar ainda que

113 Caratinga viveu seu maior carnaval de rua. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 09 de mar. de 1984.

114 Entusiasmo e beleza marcaram o carnaval de Conselheiro Pena. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.8, 09 de mar. de 1984.

nenhuma destas duas cidades possuía economia mais forte que a valadarense, portanto não seria uma questão financeira presente em Caratinga ou Conselheiro Pena que não estivesse presente na folia de Valadares. Parece-nos que o elemento decisivo na animação do carnaval de cada uma destas cidades era o apoio e empolgação da própria comunidade.

Ainda assim, de tempos em tempos a esperança era renovada, de modo que mesmo tendo tido dois carnavais consecutivos considerados “fracos”, em janeiro de 1985 o colunista Julio Avelar trouxe a notícia¹¹⁵ de que o Minas e o Garfo Clube estavam dispostos a arregaçar as mangas e trabalhar pelo carnaval de Valadares: “Espera-se um carnaval dos mais incrementados e que aos poucos estamos voltando aos idos tempos de 60/70 quando tínhamos o orgulho de bater no peito e dizer ‘Gevê faz o melhor carnaval do interior mineiro’”. Assim, como dissemos há pouco, a comparação com os carnavais passados continuava sempre presente. Nesse caso, especialmente antes da folia, ela trazia esperança de resgatar tais tempos, e muitas vezes após a folia, a tristeza de que esses tempos haviam passado. Cabe ressaltar também que a época do suposto título de “melhor carnaval do interior de Minas” foi durante a década de 50, sendo ainda ostentado esse título no início da década de 60, mas podemos dizer que era baixo o compromisso com a realidade em todos aqueles que, mesmo na década de 80, continuavam a evocar esse título.

Apesar das preocupações com uma nova enchente, o clima carnavalesco na cidade prosseguia firme. E matéria¹¹⁶ sobre os preparativos da escola Figueira Samba Comigo buscava fortalecer a folia valadarense com o enredo “Carnavais antigos e novos”, que destacamos parte de sua letra:

Vai meu apelo/ vai pelo ar/ vai dizer para que ele volte (bis)/ quem puder voltar! / S.O.S / Vem para casa/ Valadarense, vem para casa / Se você vai, Figueira perde par, porque / Figueira Samba Comigo e com você! (...) O Carnaval deste ano mandou um sinal / e avisou que pro seu ritual / é preciso ter mais alegria! / Mandou dizer que o segredo de sua folia / é batuque, gingado e euforia / é tudo isso na glória de sua companhia.

Consideramos que a força deste samba-enredo estava na conexão que a escola Figueira Samba Comigo tinha com a realidade. A escola percebia o crescimento de pessoas que deixavam a cidade durante o carnaval, e pedia para que os valadarenses abraçassem a festa. É importante destacar que a cidade vivia momentos contraditórios: apesar de ser forte a evasão de pessoas durante o carnaval, no mesmo ano em que isto era constatado também foi o ano até

115 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 11 de jan. de 1985.

116 Figueira exalta carnavais antigos e novos no enredo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.10, 13 de fev. de 1985.

então com mais escolas de samba e foliões nas ruas, com cinco escolas diferentes na competição, sendo uma recém-criada, o que mostra que este modelo carnavalesco estava se fortalecendo contra todas as expectativas. Soma-se a isso tudo o nome que este carnaval da cidade recebeu: “Carnaval da Esperança”, cujo nome havia sido dado especialmente devido à verba das arquibancadas que seriam destinadas a atender os atingidos pela enchente, mas que também dialogava com a esperança de renascer a força do carnaval da cidade.

Mesmo com inflação, pouco dinheiro e enchente, apesar de tudo isso o clima era positivo quando a folia começou¹¹⁷: “Apesar das sequelas deixadas pelas últimas enchentes o clima na cidade é de total animação”. Como em todos os anos, o Bloco dos Fabri abriu o carnaval desfilando pelas ruas da cidade, tendo como membros honorários os foliões Arnóbio Pitanga e Nonô Magalhães. O Carnaval do Povão agradou o público¹¹⁸: “varou a madrugada num clima de muita descontração e alegria”.

Se em muitos anos anteriores as expectativas positivas anteriores à festa não se cumpriam e seguia-se um festival de lamentos após a festa, isso não aconteceu em 1985, sendo relatada¹¹⁹ uma festa animada, bela e simples, sem que fosse feita qualquer comparação com os carnavais antigos, apenas comemorando o bom carnaval realizado. Justamente por isso causou surpresa quando a escola Figueira Samba Comigo anunciou¹²⁰ que deixaria o carnaval da cidade, mesmo após cantar um samba-enredo que pedia para as pessoas não deixarem o carnaval da cidade. Na matéria o jornal relatou que os membros da diretoria entregaram carta ao secretário de turismo Marcondes Tedesco, na qual assinalaram que a decisão foi tomada por

ausência de apoio da comunidade em geral; diferença de ideal e filosofia carnavalesca entre a Figueira e as outras agremiações do gênero; ausência de local adequado para ensaio e consequentemente a utilização de renda alheia, além da doada pela municipalidade; defeito de estrutura base remanescente encontrada na época da fundação da Figueira considerando que nenhuma escola do País tem a obrigação de vestir figurantes fora a comissão de frente, alegorias, porta-bandeira e mestre sala; estrutura completamente fora da realidade orçamentária operacional; nestes quatro anos de trabalho, o número de participantes que conseguimos acolher não foram sequer suficientes para desenvolver um enredo digno de uma escola de samba modesta do interior.

117 Carnaval da Esperança ajuda flagelados. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 16 de fev. de 1985.

118 Cinco escolas desfilam hoje na Marechal. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 17 de fev. de 1985.

119 Carnaval da Esperança: Alegria, beleza e ordem. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 4, 21 de fev. de 1985.

120 Figueira abandona o carnaval de GV. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 21 de fev. de 1985.

Além das questões estruturais apontadas, o que mais nos chamou atenção foi a citada “diferença de ideal e filosofia” para com as demais escolas de samba. Em entrevista com o casal Márcio e Isabel Pereira, diretores da escola Figueira, questionamos o que tal fato significava, mas eles minimizaram esta informação contida na matéria, preferindo creditar o fim da escola a outros motivos:

Acabou porque acabou. Porque o carnaval acabou. Todo mundo de Valadares vai pra praia, não tinha mais ninguém pra ficar vendo, a gente tinha dificuldade até pra ver as alas. Quem ficava nem tinha grana pra fazer as alas. O carnaval acabou e não volta, não tem carnaval de rua, nem de clube. Acabou. Foi declinando, nós paramos de fazer porque sentimos isso. Os nossos componentes, a chama foi acabando. Não houve nenhum motivo determinante. O pessoal foi embora pra praia. (COELHO, 2009, p. 92).

Mesmo não sendo confirmado pelos entrevistados, acreditamos que houve algum desentendimento entre integrantes da Figueira com de outras escolas, pois a Figueira Samba Comigo havia acabado de desfilar um enredo de apelo para que o povo valadarense prestigiasse o carnaval da cidade. Para uma mudança de direcionamento dessa forma acreditamos que possa ter havido sim algum estopim, embora os diretores não quisessem registrar isso.

Apesar da festa bem-sucedida em 1985, novamente os ânimos se esfriavam ao longo dos meses e em janeiro de 1986 o clima carnavalesco estava, nas palavras do colunista Julio Avelar¹²¹ “mais frio que o inverno dos Estados Unidos”. Segundo ele, cerca de 15 mil pessoas já haviam deixado a cidade em direção às praias, e outras 15 mil pessoas ainda haviam de embarcar para os litorais baiano e capixaba.

E não era por falta de motivos que as pessoas abandonavam a cidade nesse início de ano. Nesse mesmo dia, uma matéria¹²² relatou que, além da Figueira, também a Milionários do Ritmo havia decidido não desfilar em 1986, por motivo de força maior, mas que a decisão era irrevogável. Apesar da ausência destas duas importantes escolas, a cidade não deixou de surpreender com o surgimento de mais uma escola de samba. Os desfiles deste ano contariam com a presença da Império de Lourdes, Unidos do Morro, Unidos de Santa Helena e a novata Mocidade Independente Rosas da Vila. Além disso, novamente teria o Carnaval do Povão, com música ao vivo para o público após os desfiles.

121 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 03 de jan. de 1986.

122 Carnaval valadarense está definhando. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.16, 03 de jan. de 1986.

Sobre a nova escola, a estreante Rosas da Vila, esta não era composta de novatos no carnaval, mas surgiu de dissidentes da escola Milionários do Ritmo, que em 1985 haviam desfilado na Figueira Samba Comigo e na Império de Lourdes e depois decidiram montar nova escola. Isto foi revelado em depoimento de Jorge Luiz Barbosa, diretor da escola:

Porque as escolas daqui, não, duas não era, mas o Buti principalmente, uma palhaçada de "tinha diploma do bispo". Uma palhaçada, não sei se Igreja Católica tem a ver com festa pagã. Aí proibiu os meninos de desfilar. Eu não, porque como mãe era da elite da Milionários eu não fui proibido, mas aí os meninos foram postos pra fora e eu mais uns outros amigos meus que tavam lá dentro saímos pra apoiar os outros. Fomos pra uma outra escola, e no outro ano nós fundamos a nossa. (...) Nós queríamos fazer uma escola de samba exclusivamente gay, mas não teve apoio da população gay. Então quando nós precisávamos de instrumentista, nenhum gay ia querer sair carregando peso. Aí nós tivemos que mudar o nome, porque primeiro ia ser Unidos do Arco-Íris ou O Espelho. Aí nós acabamos juntando Mocidade Independente, do Rio, com Vila Isabel e Rosas foi por nossa conta mesmo. (COELHO, 2009, p.68)

Segundo Jorge Barbosa, a comunidade do bairro Altinópolis aderiu a escola e tirou o estigma dela, embora continuasse a receber o apelido de “escola gay”. Mas é interessante destacar que, mesmo com o preconceito presente por ser uma escola cuja diretoria era composta de gays, mesmo com o fim do carnaval que já era amplamente anunciado, ainda assim a comunidade especialmente as dos bairros pobres, ainda respondia ao chamado do carnaval, criando mais uma escola de samba. Também neste ano surgiu¹²³ o bloco Juventude Carapina, inicialmente com 120 pessoas, a maioria membros da torcida do time de futebol da cidade, o Esporte Clube Democrata. O bloco, que demonstraria sua força desfilando na Avenida Minas Gerais, se preparava para se transformar em escola de samba nos próximos anos, fato que só não ocorreu devido ao fim do carnaval na cidade.

Especialmente nesses últimos anos, elementos contraditórios aparecem sempre lado a lado. Enquanto num dia é anunciada nova escola, em outro o colunista Julio Avelar destacou¹²⁴ que a cidade estava “despovoada” e que o carnaval estava deixando de ser festa popular. Dias depois, o colunista destacou¹²⁵ a necessidade de salvar o carnaval da cidade: “A imprensa não pode pedir a população que fique na cidade, se a cidade nada está oferecendo aos foliões”. Ele ainda destacou a coragem do Minas Clube em investir Cr\$ 120 milhões na festa valadarense a qual, na opinião dele, era atrapalhada pela própria Prefeitura.

123 Escolas e blocos se movimentam. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 10, 05 de fev. 1986.

124 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 24 de jan. de 1986.

125 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 07 de fev. de 1986.

Após a festa, o chefe da Império de Lourdes denunciou¹²⁶ ter sido vítima de perseguição política durante o carnaval. Segundo ele, não o deixaram sair com uma faixa em apoio ao candidato a deputado federal Lael Varela, mas que as demais escolas saíram com faixas semelhantes: a Unidos do Morro teria feito propaganda de Beto Teixeira, a Unidos de Santa Helena teria homenageado Carlos Medina e o Bloco Juventude Carapina teria saído com faixa com o nome de Toninho Coelho. Antônio Paulino criticou dizendo: “Não consigo entender qual é a desse pessoal. Eles não dão dinheiro suficiente para que façamos um bom carnaval, do jeito que a cidade merece, e não deixam que os outros, que se interessam, dêem”.

Embora o chefe da escola de samba não compreendesse, o colunista social Julio Avelar fez insinuação¹²⁷ que indicava o que estava acontecendo em relação à Prefeitura e a organização da festa.

Pelo andar da carruagem, é certo que se pode imaginar o porquê dos fracassados carnavais na Administração Ronaldo Perim. Provavelmente, a Secretaria Municipal de Turismo esteja economizando dinheiro para um grande carnaval daqui dois anos. Para quem não sabe, é bom saber que em 1988 Governador Valadares vai festejar seu Cinquentenário de emancipação política.

O tempo provaria que o palpite do colunista não estava errado. Mas cabe destacar que, como feito em reconhecimento ao trabalho de outras escolas de samba, o prefeito Ronaldo Perim sancionou lei¹²⁸ em dezembro de 1986 reconhecendo a escola de samba Unidos de Santa Helena como entidade de utilidade pública do município.

Vale destacar que o reconhecimento como utilidade pública do município era uma forma de valorização do trabalho sem fins lucrativos desempenhados por essas entidades, e poderia facilitar o recebimento de verbas governamentais para a continuidade dos trabalhos que desempenhavam. No entanto, percebemos que em Governador Valadares esse título de ser encarado principalmente sob o aspecto da valorização simbólica, uma vez que mesmo antes de serem agraciadas com tal titulação, todas as escolas sempre receberam verba nos anos que a Prefeitura se prontificou a auxiliar financeiramente as de samba. Ter tal título nunca conferiu nenhum benefício ou vantagem para as escolas que já eram contempladas como

126 Campeã do carnaval foi impedida de exibir faixa de Lael Varela. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 25 de fev. de 1986.

127 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.6, 14 de jan. de 1986.

128 GOVERNADOR VALADARES. Lei 2949 de 03 de dezembro de 1986. Reconhece entidade como de utilidade pública para o município. Disponível em:

http://www.camaragv.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_2949_1986?cdLocal=5&arquivo={A8C1FF81-0309-4015-A936-82C74240F60B}.pdf#search=samba. Acesso em 30 de abril de 2016.

utilidade pública em detrimento das que não possuíam. Ainda assim, não descartamos que a concessão do título de entidade de utilidade pública também soava como uma promessa, de que num futuro próximo o município atenderia as necessidades das escolas contempladas com esse título.

Como a escola Unidos do Santa Helena foi a última a ser reconhecida pelo município, com as informações disponíveis pela Câmara Municipal de Governador Valadares, elaboramos a tabela a seguir:

| ORDEM | LEI | DATA | ESCOLA |
|-------|------|------------|--|
| 1 | 2157 | 15/09/1975 | Escola de Samba Império de Lourdes |
| 2 | 2160 | 12/08/1975 | Clube de Samba Milionários do Ritmo |
| 3 | 2344 | 28/03/1978 | Escola de Samba Unidos do Morro |
| 4 | 2349 | 11/04/1978 | Escola de Samba Bate-Papo |
| 5 | 2461 | 31/12/1979 | Grêmio Recreativo Escola de Samba Bafo de Bode |
| 6 | 2949 | 03/12/1986 | Escola de Samba Unidos do Santa Helena |

Fonte: Câmara Municipal de Governador Valadares. Elaboração da autora.

O reconhecimento de tais entidades como de utilidade pública, pode indicar certa preocupação da administração municipal em preservar a festa, mas tal preocupação, se houve, não foi o suficiente. O apoio que as escolas esperavam, especialmente as mais antigas, era a doação de terrenos para a construção de suas sedes, nas quais intencionavam realizar eventos e promoções sociais ao longo do ano para arrecadar recursos para os desfiles, de modo que se tornariam independentes financeiramente da Prefeitura, deixando de depender dos auxílios financeiros concedidos a cada edição da festa.

Em 1987, a Milionários do Ritmo anunciou¹²⁹ a sua volta, porém com menos integrantes, apenas 200. Segundo o chefe da escola, Buti, a ausência da escola no ano anterior era devida a dificuldades financeiras e que havia decidido voltar com grupo menor, que tivesse condições de fantasiar de acordo, do que sair com grupo maior mal vestido. Essa medida deve ter sido custosa para Buti, pois em nossas entrevistas em 2009, o líder da escola confessou que não gostava de barrar pessoas em sua escola, devido a falta de outras opções de lazer gratuitas na cidade:

129 Milionários do Ritmo volta a desfilar no carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 08 de jan. de 1987.

Não limitava não porque eu ficava com dó, que era só pessoa carente, pessoas que não tinham clube pra pular. Tinha a Lira, na época, tinha essas coisas que alugava pra fazer carnaval. O cara não tinha dinheiro pra ir, não tinha o dinheiro do ingresso, coitado. Então a escola era uma opção, ele desfilava, suava, cantava e ia embora pra casa. Brincou, você tá entendendo? Então eu ficava com dó de falar "não tem" (COELHO, 2009, p.74)

Assim, apesar desta declaração em entrevista por nós realizada, o líder da escola precisou anunciar a limitação de pessoas na escola. Ao contrário, o bloco Juventude Carapina, também composto por pessoas de bairro pobre na cidade, aumentava¹³⁰ seu número de integrantes, pelo mesmo motivo: era uma diversão gratuita durante o carnaval.

Mas apesar das expectativas daqueles que esperavam para brincar ou apenas para apreciar festa foram frustradas naquele ano, pois o mês de janeiro se passou sem que a Prefeitura divulgasse qualquer informação sobre a organização da festa, e no início de fevereiro o colunista político e econômico Miguel Faria anunciou¹³¹ que não teria festa, pois a Prefeitura alegava não ter verbas para distribuir para as escolas e blocos. Quando a data de carnaval chegou, a festa era inexistente na Avenida Minas Gerais ou em qualquer rua do centro da cidade. Solitário, o Bloco dos Fabri, com a presença de Arnóbio Pitanga, foi o único a desfilar pela cidade. Os clubes Minas e Country fizeram bailes, mas cujo público ficou aquém das expectativas. No jornal, reclamações¹³² da ausência de festa na cidade: “Em pleno ano internacional do Turismo, Governador Valadares não realizou o seu carnaval de rua, que vinha seguindo à risca a sua tradição durante os seus 49 anos de existência”. Dias depois, seria feita avaliação¹³³ da importância do carnaval de rua para a cidade:

Governador Valadares, desde os tempos da Figueira, nunca viveu um carnaval tão desanimado como este. Foram quatro dias de pouca folia, sem o tempero especial que é a participação em massa dos foliões. A cidade estava deserta. Percebeu-se a grande valia do carnaval de rua. Esses desfiles são alvo das atenções, e está comprovado que com eles, os foliões ganham mais ânimo em deixar suas casas, e tomar a rua para si nos quatro dias de folia. Onde misturados aos camelôs e aos desfiles das escolas, que mesmo não apresentando novidades, traz para as ruas centrais maior movimentação e um colorido especial.

130 Juventude Carapina já em embalos carnavalescos. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.4, 16 de jan. de 1987.

131 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 2, 08 de fev. de 1987.

132 GV debita fracasso do carnaval à Prefeitura. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 05 de mar. de 1987.

133 Carnaval de GV: 4 dias de desânimo e pouca participação. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 05 de mar. de 1987.

Assim, aquele carnaval “sem novidades” que na última década várias vezes havia sido criticado, agora mostrava seu valor para a cidade, que ficou deserta sem uma programação de rua. Enquanto até a década de 70 pregava-se que o carnaval valadarense devia ter por objetivo elevar o nome da cidade e ter a capacidade de atrair turistas, praticamente ao fim da década de 80, Governador Valadares já se contentaria em manter seus cidadãos festejando o carnaval na cidade.

No entanto, como imaginado pelo colunista social Julio Avelar no ano anterior, os “fracassados carnavais da Administração Ronaldo Perim” deram lugar a uma festa com maior verba em 1988. Já nos primeiros dias do ano o jornal relatou¹³⁴ que cinco escolas de samba desfilariam: Unidos do Morro, Unidos de Santa Helena, Milionários do Ritmo, Império de Lourdes e Mocidade Independente Rosas da Vila, todas recebendo auxílio financeiro razoável.

A organização da festa conseguiu animar a imprensa como há muitos anos não acontecia, e o jornal chegou a convidar¹³⁵ a população a participar da festa: “O clima está quente e de festa, como todos os anos deveria estar. Improvise sua fantasia, e prestigie com entusiasmo desse momento histórico”. Ainda havia um ponto que não foi definido neste carnaval, mas que o colunista Miguel Faria apontou¹³⁶ como sendo um desejo que o secretário de turismo ainda queria realizar neste último ano de mandato: “Outro sonho que Marcondes Tedesco espera realizar no seu cargo é a doação de terreno para as sedes próprias de cinco escolas de samba”. Esta era a maior demanda das escolas de samba, especialmente as mais antigas, como Milionários do Ritmo e Império de Lourdes, que contavam com a sede própria para adquirirem independência, promoverem seus próprios eventos para arrecadar dinheiro e não mais depender de verbas da Prefeitura.

Mas no momento, estas ainda dependiam de recursos da administração municipal, que parecia estar muito generosa no ano do cinquentenário. Uma matéria relatou¹³⁷ que o prefeito Ronaldo Perim havia visitados os ensaios das escolas de samba e, de tão empolgado que ficou, decidiu liberar verba suplementar para que as escolas comprassem os materiais que ainda necessitavam. Já a renda gerada pelos ingressos cobrados para as arquibancadas metálicas seria destinada às entidades assistenciais. Com estes preparativos, o discurso a respeito da festa trouxe mais uma vez a necessidade de que o valadarense não abandonasse a

134 Escolas de samba querem trazer glórias de volta a Valadares. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 05 de jan. de 1988.

135 Minas Clube e Country no carnaval do cinquentenário. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.11, 05 de fev. de 1988.

136 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 09 de fev. de 1988.

137 Ingressos para as arquibancadas já têm preços: carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 10 de fev. de 1988.

cidade durante o carnaval, bandeira levantada pela Figueira Samba Comigo em 1985.

Mesmo que o suposto título de “melhor carnaval do interior de Minas” estivesse no passado há cerca de duas décadas, ainda assim este continuava a ser evocado nas falas relativas ao carnaval da cidade. Mas desta vez não era por menos. O colunista político e econômico Miguel Faria, que em outros anos relatou que chegou a acompanhar a disputa de carros alegóricos entre Minas e Ilusão decretou¹³⁸ sobre a folia de 1988: “Nunca um carnaval foi tão bem preparado em toda a história de Governador Valadares”.

A programação seguiu o planejamento anterior e saiu como havia sido planejada, de modo que após a festa, o jornal confirmou a opinião geral dos colunistas em matéria¹³⁹ intitulada “O carnaval do cinquentenário é o maior de todos os tempos”: “Obsoleto e sem grande motivação nos últimos anos, o carnaval de Governador Valadares foi reativado em grande estilo”. Em tom de euforia, o jornal elogiou o trabalho do prefeito Ronaldo Perim. A festa contou com a participação de 11 carros alegóricos e 50 mil pessoas teriam apreciado os desfiles, segundo o jornal. Após os desfiles, um trio elétrico animou o povo durante as madrugadas nos quatro dias, coroando a festa dos 50 anos de emancipação política de Governador Valadares, e “relembrando os carnavais dos velhos tempos”.

3.4 - Após o fim da festa

Em 1988, o bem-sucedido carnaval do cinquentenário de emancipação política fez o povo e a imprensa valadarense relembrar os antigos carnavais do “melhor carnaval do interior de Minas”. Com isso, esperava-se uma retomada de crescimento da festa, mas 1988 não era apenas o ano do cinquentenário da cidade, era também o último do mandato do prefeito Ronaldo Perim. Deste modo, como já havia acontecido em muitos outros anos de troca de prefeitos, assim que o ano de 1989 começou, o novo secretário de turismo Edson Gualberto nomeou¹⁴⁰ comissão para organizar o carnaval pela importância da tradição, mas adiantou que não sabia dizer se haveria verba para as escolas de samba. O secretário tocou ainda em um ponto mais sensível para os chefes de escolas de samba:

Para 1990, ele revelou que existem muitos planos, entre eles o de conseguir a doação de alguns terrenos para que as escolas possam montar seus barracões

138 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 14 de fev. de 1988.

139 O carnaval do cinquentenário é o maior de todos os tempos. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.16 e 17, 21 de fev. de 1988.

140 Secretário de Turismo nomeia comissão para atuar no carnaval. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 05 de jan. de 1989.

de samba e construirão suas quadras. ‘Com locais adequados, cada escola poderá promover seus eventos e se tornar independente’, conclui Edson.

Mas dias depois, mesmo antes de assumir, o novo prefeito Rui Moreira (sucessor apoiado por Ronaldo Perim) concedeu entrevista¹⁴¹ coletiva para dizer que a Prefeitura não estava em condições de gastar Cz\$ 25 milhões com a festa. Novamente o então secretário de turismo Edson Gualberto apoiou a decisão do prefeito: “Edson Gualberto afirmou que esta foi a melhor medida que poderia ser tomada, não só pelo fato de não possuir recursos nem tempo, mas também porque não seria viável fazer um carnaval precário que possa vir a desgastar o bom nome da cidade”.

O “bom nome da cidade”, que há tempos não existia mais e que antes oprimia o desenvolvimento de um novo modelo carnavalesco na cidade, por fim acabou servindo como justificativa para não mais se realizar a festa. Como pontuamos inúmeras vezes, durante as décadas de 1960 e 1970, parte da imprensa (que acreditamos refletir parte da sociedade valadarense) acreditava que o carnaval valadarense devia atender a dois objetivos. O primeiro deles era o de promover o nome da cidade e o segundo de atrair turistas. A simples diversão do povo ficava em último lugar ou sequer era lembrada como um dos pontos importantes da festa. Ao longo de muitos anos, tais justificativas foram utilizadas na busca por sensibilizar o poder público para investir mais na festa. De modo em geral, antes da década de 1960 a Prefeitura não contribuía com a festa, e partir da década de 1960 os investimentos da Prefeitura foram irregulares, sendo considerados razoáveis em alguns anos, e ridicularizados em outros. Apenas o carnaval de 1988 foi considerado bem organizado e isentado de críticas, mas não podemos desconsiderar a data em especial e o uso político que o Prefeito Ronaldo Perim fez dela, sacrificando os carnavais anteriores como modo de promover uma festa maior no cinquentenário da cidade. Por fim, já no último ano da década de 1980, os mesmos argumentos que eram utilizados para cobrar uma festa melhor foram utilizados para não se fazer festa alguma, pois nessa concepção, era melhor não fazer festa ruim para não “manchar o nome da cidade”. Nome este que já não existia mais há décadas, considerando que um dia tenha existido. O divertimento do povo simples, que não dispunha de recursos nem para bailes de salões fechados, menos ainda para viajar para as praias, não foi levado em consideração, pois este não foi elencado ao longo dos anos como um dos principais objetivos de realização do carnaval valadarense.

Logo em seguida ao anúncio feito pelo prefeito Rui Moreira de que não teria carnaval,

141 Valadarense fica sem carnaval de rua. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.1, 11 de jan. de 1989.

o colunista político e econômico Miguel Faria comentou¹⁴² que outras cidades também estavam com dificuldades em custear a festa, mas criticou aqueles que esperavam verba para realizar a festa: “A festa é boa, mas não passa de supérflua. (...) O carnaval está no pandeiro, na cuíca e no ânimo de brincar. O dinheiro fica em segundo plano”. Além disso, citou como exemplo o Bloco dos Fabri, que nunca havia recebido verba da Prefeitura, mas desfilava todos os dias de carnaval em todos os anos anteriores.

Sem qualquer programação para os dias de carnaval na cidade, grande parte da população comprou¹⁴³ passagens para viajar durante o feriado prolongado, esgotando as passagens com destino às praias capixabas, baianas, cariocas e paulistas. Situação que virou tema de charge no jornal:



Figura 7 - Charge ironiza evasão valadarense para as praias, enquanto um folião chora a ausência do carnaval.

Como o sambista da charge, os membros das escolas de samba perderam sua festa principal. O colunista Julio Avelar informou¹⁴⁴ que Buti e a bateria da Milionários do Ritmo foram tocar no carnaval em Caratinga deste ano. Além disso, ele fez ainda uma constatação: “De uma coisa se pode ter certeza: o carnaval de Governador Valadares acabou de vez”.

A situação foi resumida em matéria¹⁴⁵ sobre a passagem da data do carnaval na cidade: “o carnaval dos fantasmas”. O texto diz que a cidade ficou vazia, que apenas o Bloco dos

142 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 13 de jan. de 1989.

143 Passagens para o litoral estão esgotadas. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.3, 02 de fev. de 1989.

144 AVELAR, Julio. Julio Avelar. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 5, 05 de fev. de 1989.

145 Valadares, o carnaval dos fantasmas. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p. 9, 09 de fev. de 1989.

Fabri com Arnóbio Pitanga desfilaram heroicamente pela cidade, e que os poucos clubes que “ousaram fazer carnaval”, tinham poucas pessoas desanimadas nos salões. Se o Bloco dos Fabri era considerado como uma espécie resistência, de manutenção do antigo espírito do carnaval desde os tempos do “melhor carnaval do interior de Minas”, também este desfilou pela última vez em 1989, pois faleceu¹⁴⁶ em janeiro de 1990 o presidente do bloco, o músico Tênisson Fabri, enterrando consigo o bloco, uma vez que dado o fim do carnaval e do presidente, os demais membros não tiveram mais ânimo para desfilar.

Em depoimentos colhidos, ouvimos os dirigentes das escolas de samba Império de Lourdes, Antônio Paulino, e o ouvimos respostas indignadas a respeito do modo como haviam sido tratados por décadas e sobre as promessas muitas vezes feitas e nunca cumpridas. O líder da Império de Lourdes e também o fundador da primeira escola de samba da cidade, a Bate-Papo, revelou ter inclusive tomado antipatia da festa:

E assim o carnaval foi embora, eu não sei porquê, isso é uma pergunta que eu faço diariamente: por que acabaram com o carnaval? A renda que o carnaval dava aqui, porque o carnaval trazia aqui seis, sete, oito mil pessoas, com trinta dias antes de carnaval não achava um hotel vago, tava tudo já. (...) Eu sei que Valadares carregou o título de melhor carnaval de Minas Gerais, melhor carnaval. Todo mundo vinha pra aqui. Ninguém ia pra Vitória, pra Bahia, pro Rio. Ninguém, não. Todo mundo vinha pra aqui. Carnaval bom tem em Valadares, nós vamos sair daqui pra quê? Agora chega hoje, em período de carnaval, você não vê ninguém nessa cidade. Avenida morta. E eu aborreci também, eu falei "Ó, eu num posso aborrecer com nada não, eu vou ficando a cada dia mais velho e carregando saudade e eu não quero saudade de ninguém não". Peguei todos os troféus que eu tinha, eu tinha 17 troféu de campeão, fora os vice, segundo lugar, aquilo eu fui dando pros outros. Os instrumentos eu fui vendendo barato, eu não quero nada, eu não quero nada que pertença a carnaval aqui dentro de casa. As fantasias, que era cara e não podia dar pros outros, eu falei "Ó, vê quem quer alguma dessas fantasias aí, manda panhar, que enquanto eu não ponho fogo. Vou botar fogo em tudo". Em tudo? Em tudo. Não quero, já que não tem, pra que ficar guardado aqui? Aí ela falou assim "tá certo". Queimei aquilo tudo, menina, eu na hora tava botando fogo com dó, com dó de botar fogo naquelas fantasias que custou tão caro. Não tenho nada que fala de carnaval aqui. Eu tinha 108 instrumentos, dei uns, outros eu vendi barato, e afastei mesmo, ou me afastaram do carnaval. E o seu Raimundo Resende não posso falar nada dele, porque o que ele fez de bom aqui, que todo mundo achou ruim, foi acabar com o carnaval. E hoje tem aquela cidade morta, as pessoas se arrumando pra ir pra fora. (COELHO, 2009, p. 36)

É interessante perceber como, nas lembranças de Antônio Paulino, o carnaval de Governador Valadares da década de 1980 ainda era semelhante ao da década de 1950, com atração de turistas, pensões e hotéis lotados e o título do “melhor carnaval do interior de

146 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.2, 20 de jan. de 1990.

Minas”. Para nós, isso é mais um indício de como era forte a presença desse discurso na cidade, como meio de tentar impulsionar que a Prefeitura investisse mais na festa, pois afinal, ela “traria” consigo tais benefícios. Destacamos que, nem mesmo ele sendo chefe de uma escola de samba, que era composta por pessoas sem poder aquisitivo ou prestígio na cidade, nem mesmo ele destaca como parte mais importante da festa servir de diversão para os que não tinham dinheiro para brincar de outro modo. Isso nos reforça a crença de que o discurso a respeito da importância do carnaval para a cidade sempre se baseou na função de “fazer o nome” da cidade e atrair turistas, dois objetivos que as escolas de samba nunca conseguiram atender, e talvez por isso fossem tratadas com pouca consideração pelo poder público.

Já o chefe da escola Milionários do Ritmo, José Auxilium Figueiredo, conhecido como Buti, se mostrou indignado pelo não cumprimento das promessas relacionadas à doação de terreno para a construção da sede da escola:

Ei lutei com quatro gestão de prefeitos pra dar o terreno da escola. Porque se tivesse dado, até hoje eu tava aí, não precisava de dinheiro de prefeitura, não precisava de angariar fundo com comércio. Porque durante o ano você fazia brincadeira, bingo, com frango assado, com essas coisas e dava resultado. Fazia um bailezinho, alugava a quadra. Tinha muito recurso. Porque na época que eu queria o terreno da prefeitura era no princípio da rua São Paulo, próximo ao Rio Doce, mas não ia água, a prefeitura falou e chegamos a medir o terreno. Era o Rui Moreira na época. Eu falei "esse terreno aqui dá 14 de frente por 70 de fundo", uma área muito boa. Eu tinha o Pedro Tassis pra fazer a quadra pra mim, me dava ela pronta, só pra botar o nome dele. Aquele deputado de Nacip Haidan, que eles mataram, ele falou "te ajudo no que puder". Então ia fazer uma quadra bonita, ia botar um casal sem filho pra morar lá e cuidar de tudo direitinho, não ia pagar aluguel, água, luz. E utilidade pública também o SAAE não cobra, a Cemig eu ia contornar em Belo Horizonte pra não pagar energia. Aí eu não ganhei. Aí quando eu conversei com o Rui Moreira ele falou "a Câmara tem que votar isso". Aí me deu revolta, porque foi o quarto me prometeu isso. Aí eu saí, falei "fiz 30 anos, ganhei 22, tá bom, vou parar com isso", e o povo "Buti, não para não". Teve gente que chorou "faz isso não". (COELHO, 2009, p.73)

Buti revelou ainda que administrações posteriores ao fim da festa ainda fizeram propostas que ele recusou:

Parei, não queria que eu parasse, mas não tinha lugar pra ensaiar. No governo do Mourão ele me ofereceu a Açucareira pra ensaiar e eu falei "tá doido, homem? Como que eu levo esse pessoal todo pra ensaiar?". Primeiro o ônibus, tem que pagar. Eu perguntei "por que você não arranja o Ginásio Coberto?". E ele "ah não, o Ginásio Coberto...". Se ele tivesse me arrumado o Ginásio Coberto eu tinha tentado. Eu tenho o endereço de todo mundo ainda, tenho em fichário, endereço, telefone e tal. Mandava uma coisa pra gente recomendar. Mas eles não deram e fazer o quê? Eu fico olhando minhas

taças aí, você acredita que uma vez eles vieram aqui buscar pra levar pra museu? A prefeitura, no governo do Fassarela, eu falei "companheiro, você não tem culpa de nada, mas aqui eu tenho 78 troféus. Esses aí e na laje dessa casa aqui". Porque quando eu ganhava, eu ganhava passista, porta-bandeira, bateria, mestre-sala, era assim, saía com cinco, seis taças, além da de campeão. Todo mundo ficava admirado "olha o Buti carregando um monte de taças". Aí ele falou "é porque nós temos um museu". E eu "museu? Ao invés de reviver uma coisa que existiu durante trinta anos, você vem buscar o que é meu?". Eu meto o machado, meto a marreta, mas não dou isso aí pra prefeitura. Se eu morrer a minha filha quiser dar, aí é outra coisa. Mas eu não dou, eu falei "você dá o recado ao prefeito". Eu tenho tudo guardado, a bandeira, o bastão, tudo até hoje. (COELHO, 2009, p.76-77)

Nos moldes como era feito até 1988, o carnaval teve fim. Mas como se percebe neste relato de Buti, algumas propostas surgiam de tempos em tempos para reviver a festa, ou, pelo menos, para lembrar sua memória. No último ano da gestão de Rui Moreira, em 1992, a Fundação Serviços de Educação e Cultura (Funsec), tentou realizar o carnaval "Renascer das Cinzas", sendo realizadas reuniões com representantes das escolas de samba, discussões a respeito de verbas, mas a iniciativa não saiu do papel. O chefe da escola Mocidade Independente Rosas da Vila, Jorge Luiz Barbosa, comentou a respeito da fracassada tentativa:

Realmente aqui sempre foi coisa política no carnaval. Mas em 92 eles tentaram reviver, mas teve só nós e o Santa Helena, mas nós já estávamos preparados, porque nós já tínhamos dois carnavais prontos que ainda nunca foram pra rua. O Santa Helena acho que era a mesma coisa. Mas aqui carnaval não adianta pensar em voltar, porque aqui não tem carnaval em Governador Valadares. Aqui é utópico, o carnaval. (COELHO, 2009, p.69)

Novamente, apareceu a denúncia de tentativa de uso político do carnaval, repudiado pelos membros das escolas de samba que eram contra o uso da imagem das escolas como meio de promoção de políticos, uma que não tinham envolvimento político no dia a dia e recebiam pouco apoio financeiro da Prefeitura. Em relação a não realização do carnaval de 1992 "Renascer das cinzas", o líder do bloco Juventude Carapina, Hildo Valentim, também apontou a tentativa de uso político da festa para o motivo das escolas de samba não terem desfilado: "Eles tavam querendo enaltecer politicamente, e as escolas de samba não querem participar de nada politicamente. Querem que incentivem o carnaval sem intervenção política" (COELHO, 2009, p.57).

Após alguns anos sem a realização da festa, mas sempre com promessas de que no ano seguinte seria realizada outra vez, quem se cansou desta situação na cidade foi o folião Arnóbio Pitanga, por anos considerado o maior carnavalesco de Governador Valadares. Ele

escreveu carta¹⁴⁷ aberta aos amigos foliões Nonô e Marinho, despedindo-se oficialmente do carnaval valadarense: “Estou com 92 anos de idade e já me falta paciência para ouvir as promessas vãs daqueles que só sabem dizer: – Este ano teremos um carnaval a altura da cidade. E depois, como nos amargos anos anteriores, ver a mesmíssima coisa”. Descrevendo seu desgosto com o rumo tomado pela folia carnavalesca na cidade, o que mais pesava ao folião mais ilustre da cidade era justamente os carnavais da época da disputa ente Minas e Ilusão, não por acaso a época em que surgiu o título de “melhor carnaval do interior de Minas”.

Atualmente, grupos formados por antigos foliões do carnaval de rua valadarense, estão revitalizando experiências nesse sentido. Ainda durante a festa de carnaval em si, a cidade continua a não ter nenhuma programação carnavalesca. Mas nas semanas que antecedem a festa, blocos de bairros têm organizado carnavais ao estilo de música de marchinhas em praças ou ruas da cidade. Exemplo disto são os eventos *Trupico do Lalá*, fundando por ex-membros de diferentes blocos do antigo carnaval de rua como Kaaba e Bloco dos Fabri, e o *Carnapina*, este último organizado pelo mesmo fundador do bloco Juventude Carapina. Mais que simples folias pré-carnavalescas, ambos os grupos carregam a memória de um antigo modo de festejos carnavalescos que foram realizados na cidade.

Fazemos agora uma última consideração, apenas para registrar um fato notado por nós ao longo das pesquisas e no qual não nos aprofundamos por considerarmos que nos faltava arcabouço teórico para falar sobre, mas o qual apontamos aqui como meio de sugerir possíveis pesquisas no futuro sobre o tema carnaval. Desde 1971, a colunista Pina Morano reclamou¹⁴⁸ que nos carnavais anteriores só se tocavam marchinhas antigas, que os diretores dos clubes precisavam se atualizar em relação a marchinhas carnavalescas recentes. Nos anos seguintes até o fim da festa, este fato foi reafirmado por outros colunistas sociais e mesmo nas matérias que descreviam as edições da festa momesca na cidade, sempre em tom de reclamação por não haver marchinhas atuais. Também foi apontado¹⁴⁹ em 1977 que “Antigamente, as rádios passavam, com muita antecedência, e as pessoas chegavam ao tríduo momesco com os sucessos do ano na pontinha da língua. Era a orquestra dar a introdução e todo mundo pegava firme, e pelo que observo, o carnaval está morrendo de ano para ano”.

Ainda em 1977, o colunista político e econômico Miguel Faria também tocou no assunto, ao comentar¹⁵⁰ que o Fantástico (programa da rede Globo) havia realizado

147 Arnóbio Pitanga passa o carnaval fora. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares. p.1B, 03 de fev. de 1994.

148 MORANO, Pina. Mirante. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.5, 11 de fev. de 1971.

149 Bastidores. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, p.7, 14 de jan. de 1977.

150 FARIA, Miguel. Informativo. **Diário do Rio Doce**. Governador Valadares, 15 de fev. de 1977.

reportagem sobre o cenário nacional das músicas de carnaval.

As produções para festa mais popular do país são praticamente ignoradas pelo público. Desafiamos a quem saiba cantar algumas das músicas para o carnaval que se inicia essa semana. A falta de divulgação é o principal fato negativo no caso. O povo tem que se contentar com produções antigas, algumas de dezenas de anos atrás.

Estas reclamações continuaram a aparecer até o fim da festa em Governador Valadares, e sugerimos que, numa perspectiva nacional, a decadência da produção e veiculação das marchinhas carnavalescas pode ser considerada um fator que provocou mudanças na forma como a festa era encarada no país, pois, como já citado, estas eram tocadas mesmo antes do carnaval chegar, como meio de criar clima carnavalesco antes da festa. No entanto, acreditamos que a constatação ou não desta hipótese deva ser objeto de novas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carnaval de Governador Valadares surgiu como manifestação espontânea no local, quando este ainda era o distrito de Figueira, pertencente à cidade de Peçanha. A comemoração do carnaval nesta localidade se dava acompanhando os meios de festejos que se encontravam pelo país, uma vez que esta comunidade passou a se desenvolver a partir da inauguração de estação da estrada de ferro Vitória a Minas, tornando-se um entreposto comercial na região e atraindo pessoas de diversas partes do país. Os que aqui chegavam, reproduziam na comunidade os costumes e hábitos trazidos de suas localidades de origem, de modo que a festa carnavalesca no início era mais espontânea, sem organização precisa e estruturada, movida apenas pelo desejo da população em festejar um pouco durante os dias da festa.

Segundo Espíndola (1999) o distrito de Figueira foi se desenvolvendo a partir dos ciclos econômicos relacionados à madeira, mica e pedras preciosas, de modo que o local foi elevado à condição de cidade em 30 de janeiro de 1938, com mudança de nome para Governador Valadares em dezembro do mesmo ano, como homenagem ao governador Benedito Valadares que havia emancipado a cidade.

A economia próspera impactava positivamente em outras áreas, e em 1945 foi fundado o primeiro clube social da cidade, Ilusão Esporte Clube, como um local de lazer, concentrando quadras de futebol, vôlei, handebol e salões para eventos sociais diversos promovidos pela sociedade. Com o surgimento do segundo clube social da cidade, o Minas Clube, estas duas agremiações realizavam promoções durante o carnaval, fornecendo fantasias para seus associados formarem blocos carnavalescos, e confeccionando carros alegóricos que desfilavam na Avenida Minas Gerais.

Esta disputa entre as duas entidades se tornou famosa na região e mesmo fora do estado, uma vez que a maioria dos habitantes da cidade se constituíam de pessoas oriundas de outros locais e regiões do país. Durante o carnaval, parentes dos moradores de Governador Valadares vinham para a cidade assistir os desfiles de carros alegóricos, de modo que pensões e hotéis ficavam lotados, e se tornou uma expressão comum na cidade dizer que Governador Valadares tinha “o melhor carnaval do interior de Minas”. Não foi objetivo de nossa pesquisa provar se tal título em algum momento correspondeu à realidade ou não, mas nos interessou investigar como este título viria a marcar e influenciar a festa até a realização de sua última edição, em 1988, data do cinquentenário de emancipação política da cidade.

Ainda na década de 1950, quando os moradores da cidade afirmavam ter o melhor carnaval do interior de Minas, cabe destacar que a cidade possuía também uma Zona Boêmia

famosa na região. Esta Zona Boêmia era composta de boates com prostitutas desde o baixo meretrício, até o alto meretrício presente pelas boates Normadi e Frenesi, comandadas respectivamente, por mulheres conhecidas como Rosinha e Dulce. Estas boates da Zona Boêmia também tinham por hábito participarem do carnaval da cidade, conferindo ainda mais prestígio à festa valadarense, lançando na Avenida carros alegóricos cuja maior atração eram as prostitutas de ambas as boates, a maioria das vezes em trajes mínimos.

Em 1959, a boate Normandi, comandada por Rosinha, lançou dois carros alegóricos, “Música” e “Eva”, este último marcando a memória de muitos valadarenses. O carro “Eva” era composto por uma grande cobra, e dentro da boca do animal encontrava-se uma das prostitutas da boate Normandi. Esse carro alegórico não ficou nem sequer entre os três primeiros da competição, mas indícios sugerem que ele teria sido considerado o campeão, mas que a comissão julgadora não acreditava ser de bom tom premiar um carro da Zona Boêmia, em detrimento dos clubes sociais, por questões de valores morais da época. Não sabemos se por esse suposto preconceito na avenida ou por outras razões, mas o fato é que a partir de 1960 a Zona Boêmia não esteve mais presente no desfile de carros alegóricos ou na programação principal da festa carnavalesca da cidade, perdendo um de seus elementos que haviam feito a fama da folia momesca valadarense.

Espíndola (1999) aponta que os ciclos econômicos que trouxeram prosperidade a Governador Valadares começaram a se esgotar na década de 1950, com o fim da madeira na região após anos de exploração predatória; com o fim do ciclo da mica, material utilizado na indústria bélica, mas que foi substituído por outros materiais; e com consequente perda de diversas indústrias na cidade relacionadas a estes segmentos. A partir da década de 1960, a cidade entrou em estagnação e depois recessão, enfraquecendo a economia que anos antes havia sido muito próspera.

Essa perda econômica refletiu-se nos clubes sociais que carregavam sozinhos a promoção do carnaval valadarense, e pelos altos custos de confeccionar carros alegóricos para o público, em 1964 o Minas Clube abandonou a disputa nas ruas, restringindo sua festa aos salões. O Ilusão Esporte Clube ainda tentou manter esse modelo vivo por mais um tempo, mas por fim as questões financeiras falaram mais alto e o clube lançou seus últimos carros alegóricos no carnaval de 1969.

Com o fim dos desfiles de carros alegóricos, o carnaval valadarense foi dominado principalmente pelos desfiles das escolas de samba. A primeira escola de samba valadarense surgiu em 1955, fundada por Antônio Paulino, que havia morado três anos no Rio de Janeiro e desfilado pela escola Império Serrano. Ao retornar para a cidade, ele quis reproduzir este

modo de se brincar o carnaval na cidade, embora em proporções muito menores, e sem os mesmos recursos. No primeiro ano da Bate-Papo, esta se assemelhava mais a um bloco, composta por 22 pessoas, a maioria músicos amadores tocando em instrumentos improvisados pelo próprio Antônio Paulino.

Em 1959 surgiu a Bambas da Princesa, fundada por pessoas ligadas ao segmento do setor gráfico, e em setembro do mesmo surgiu a Milionários do Ritmo, fundada por José Auxilium Figueiredo, conhecido como Buti. Esta foi a escola de samba que possuiu maior tempo de vida na cidade, tendo menor número de ausências em edições carnavalescas, ficando de fora de poucos carnavais. A escola de samba Império de Lourdes desfilou pela primeira vez no carnaval de 1965, também fundada por Antônio Paulino, o criador da Bate-Papo, que foi assumida por Mestre Zezinho. Antônio Paulino alegou que criou outra escola para movimentar o carnaval valadarense, mas não descartamos a possibilidade de alguma discussão entre os membros, de modo que Antônio Paulino tenha abandonado a antiga escola e fundado uma nova. Mesmo sendo assumida por Mestre Zezinho, a Bate-Papo desapareceu das ruas após o surgimento da Império de Lourdes, reaparecendo brevemente ao fim da década de 70 e início dos anos 80.

As escolas Milionários do Ritmo e Império de Lourdes seriam as principais protagonistas do carnaval valadarense até o fim da década de 70, pois a Bambas da Princesa tinha atuação irregular, desfilando em alguns anos e se ausentando em muitos outros. Em 1970 foi criada a Unidos da Patota, por pessoas da elite valadarense, mas teve vida breve de três anos, não tendo deixado marca significativa no carnaval da cidade. Em 1978 a Unidos do Morro, anteriormente um bloco de rua, se transformou em escola de samba. Em 1982 surgiu a Figueira Samba Comigo, novamente criada por membros da elite valadarense, mas seu impacto maior se deu tanto pelo luxo ostentado em suas fantasias, como pelo suposto uso político intencionado pela fundadora da escola, a então primeira-dama Helga Resende. Os diretores da Figueira, Márcio e Isabel Pereira, alegaram que, apesar desta intenção da primeira-dama, os demais membros da escola não levaram para frente a intenção de uso político, pois já tinham suas profissões e apenas queriam brincar e contribuir com a festa valadarense. Após quatro anos, a Figueira Samba Comigo abandonou o carnaval após os desfiles de 1985, alegando falta de estrutura e diferença de filosofia com as demais escolas de samba da cidade.

A Unidos de Santa Helena desfilou pela primeira vez em 1985, permanecendo na disputa enquanto houve carnaval na cidade. A última escola a ser oficialmente criada enquanto a festa ainda era comemorada na cidade foi a Mocidade Independente Rosas da Vila,

fundada em 1986 por gays dissidentes da Milionários do Ritmo, insatisfeitos com o espaço que Buti lhes dava na escola que chefiava. Cabe destacar que o bloco Juventude Carapina, que desfilou no carnaval de 1988 com 400 integrantes, preparava-se para se transformar em escola de samba no carnaval seguinte, que não chegou a acontecer. Na tentativa de reativar o carnaval em 1992, o chamado “Renascer das Cinzas”, o Juventude Carapina também preparou-se para desfilar como escola, mas a iniciativa não saiu do papel. Segundo depoimentos colhidos em pesquisa anterior, as escolas de samba rejeitaram a iniciativa devido suposto uso político da festa, com o qual os membros das escolas não concordavam.

Ao longo dos anos, seis foram as escolas de samba reconhecidas como entidade de utilidade pública na cidade. O título deve ser encarado mais como uma valorização simbólica, pois apesar de ser um requisito supostamente facilitador para o recebimento de verbas públicas, mesmo as escolas que nunca receberam tal título também receberam auxílio financeiro da Prefeitura nos anos em que esta se dispôs a conceder auxílio financeiro às escolas de samba. Entendemos também que o reconhecimento como utilidade pública soava como uma promessa para os dirigentes das escolas de samba, que esperavam que o poder público cedesse terrenos para a construção das sedes das reconhecidas como utilidade pública, fato que nunca ocorreu.

Mas, voltando ao primeiro capítulo, utilizamos a definição do historiador Felipe Ferreira (2005) para conceituar o carnaval. Para abarcar todas as manifestações denominadas ao longo do tempo e espaço, Ferreira afirma que o carnaval é aquilo que é definido como carnaval. É a batalha simbólica travada em nome da conceituação da festa, a ocupação do espaço carnavalesco.

Tomando como base este conceito, podemos fazer nossas considerações finais do porquê o carnaval valadarense perdeu força até desaparecer. Sendo o carnaval uma luta pela conceituação do espaço carnavalesco, o carnaval valadarense foi definido e conceituado pela imprensa e comunidade durante a década de 1950, tendo como foco a tensão presente na disputa de carros alegóricos entre os clubes Minas e Ilusão. Como o Felipe Ferreira (2005) define que festejar é disputar o espaço simbólico de modo constante, a partir do momento em que o Minas Clube abandonou o carnaval de rua, parte da tensão existente na festa desapareceu, sumindo completamente quando também o Ilusão deixou o carnaval de rua e se restringiu aos seus salões. Sem esta disputa dos dois clubes nas ruas, ficou vago o espaço de poder simbólico do carnaval valadarense. Este poderia ter sido ocupado pelas disputas entre as escolas de samba presentes na cidade, no entanto, apesar do fim da era de carros alegóricos do Minas e Ilusão, este modelo de carnaval possuía discurso tão fortalecido, que não

conseguiu ser superado pela nova tensão instituída pelas escolas de samba, de modo que estas não disputavam entre si pela hegemonia o carnaval valadarense, mas disputavam contra uma ideia pré-estabelecida de festa, a ideia do “melhor carnaval do interior de Minas”.

Nesta disputa simbólica, as escolas de samba não conseguiram vencer o espaço simbólico do carnaval de rua dominado pelo “melhor carnaval do interior de Minas”, pois mesmo com a presença do público que sempre prestigiava os desfiles, mesmo com o surgimento de mais escolas, mesmo com o reconhecimento de seis escolas como entidade pública do município, ainda assim estas não conseguiram força suficiente para superar o prestígio conquistado pelo “melhor carnaval do interior de Minas”.

Creditamos esta força do “melhor carnaval do interior de Minas” não pelas características que representava em si mesmo, mas no cumprimento dos objetivos que a cidade havia estabelecido para a realização da festa carnavalesca. Para parte da imprensa, que acreditamos refletir o discurso presente em parte significativa da cidade, o carnaval deveria atender a dois requisitos que justificassem a sua realização: elevar o nome da cidade de Governador Valadares e atrair turistas que movimentassem a economia da cidade. O objetivo de entreter o público nunca foi destacado como o principal motivo de realização da festa. E por não conseguir preencher esses requisitos que justificassem a festa carnavalesca de Governador Valadares, as escolas de samba nunca conseguiram superar a época do “melhor carnaval do interior de Minas”. Mesmo que este modelo não existisse há tempos, a ideia que ele representava continuava sendo a vencedora da disputa simbólica do espaço, de modo que as escolas de samba disputavam a festa com um fantasma, o qual nunca conseguiram vencer pela falta da arma principal e mais valorizada na cidade: o prestígio.

Acreditamos que este pensamento responde nossas inquietações que nos fizeram novamente pesquisar o carnaval de Governador Valadares. Se durante a graduação apenas contamos cronologicamente os eventos da festa na cidade, continuava a nos perturbar a falta de resposta do porquê da festa, mesmo tendo sido realizada por tantos anos e tendo sido promovida por tantos foliões diferentes, ter uma representação tão fraca na memória da cidade. E por que, nesse parco espaço dedicado à festa, as escolas de samba que haviam segurando a festa nas costas por duas décadas, tinham menor representação ainda.

Assim, com essa pesquisa respondemos essa inquietação que nos trouxe até aqui. Como a cidade esperava que o carnaval elevasse o nome da cidade e isto não foi feito após a década de 60, a festa não foi considerada digna o suficiente de ser registrada na memória da cidade, sendo citada de modo breve e pouco aprofundado. Durante o capítulo dois, pontuamos que os dois principais livros que tratam da memória da cidade praticamente não falaram sobre

a festa mesmo sendo contemporâneos a ela. A primeira edição de *Epopéia dos Pioneiros*, de Edmar Campelo Costa, foi publicada em 1977, e o livro *Memórias de uma Cidade* foi publicado Ruth Soares em 1983. A última edição da festa carnavalesca valadarense foi em 1988. Mas ambos os livros não se ocuparam do relato da festa, pois esta não era mais considerada digna, uma vez que não elevava o nome da cidade. Não por acaso, os dois livros se dedicaram especialmente aos “pioneiros”, aqueles que, com seu trabalho, teriam elevado o nome de Governador Valadares.

O desenvolvimento econômico das primeiras décadas da localidade foi creditado na cidade ao trabalho e esforço dos “pioneiros”, aqueles que vieram de fora, mas fincaram raízes e trabalharam duro pelo progresso desta terra. Aqueles que apenas vieram, fizeram fortuna e foram embora, são tratados nos dois livros como “forasteiros” ou “aventureiros”. O fato de Governador Valadares possuir localização geográfica e recursos naturais privilegiados à época dos períodos de expansão econômica é deixado em segundo plano, como se o diferencial que tivesse proporcionado a prosperidade local fosse o trabalho duro desenvolvido pelos “pioneiros”.

No entanto, após o esgotamento dos recursos naturais, não houve nenhum “pioneiro” nem qualquer morador da terra que tenha conseguido fazer a cidade viver novo surto de desenvolvimento econômico como o vivido até a década de 1950. Após a década de 1980, a cidade que antes atraía, passou a expulsar mão de obra, e a migração para o exterior, especialmente para os Estados Unidos, representou importante meio de movimentação da economia na década de 1990, como apontado por Maria Zenólia Almeida (2003). Apesar disso, ganhar dinheiro com os moradores que mudaram de país por não encontrar boas oportunidades na terra natal não constitui uma história enaltecedora, especialmente considerando que a maioria destas migrações foram ilegais, e não raro o nome da cidade aparece com destaque negativo em notícias de apreensões e deportações de imigrantes ilegais nos Estados Unidos.

Assim, o modo de ocupação e desenvolvimento local não favoreceu o fortalecimento cultural da cidade. Pessoas de diferentes regiões do estado e do país vinham para a antiga Figueira e a emancipada Governador Valadares em busca de ganhar dinheiro, fosse no setor do comércio, da madeira, carvão, mica ou pedras preciosas. Inicialmente, a origem e os costumes variados dos forasteiros inicialmente eram muito heterogêneos e a característica elencada para designar os primeiros “pioneiros” foi o afínco pelo qual *trabalharam* em prol do desenvolvimento local. O processo realizado em poucas décadas de atrair e em seguida expulsar grande contingente de pessoas não propiciou o desenvolvimento cultural, sendo que

o *trabalho* foi a qualidade mais valorizada no seio da sociedade valadarense.

Assim, podemos dizer que o *ethos* valadarense está ligado ao trabalho, especialmente aquele que renda prestígio. Mesmo uma festa de cunho cultural como o carnaval, foi valorizada mais por sua capacidade de retorno econômico e pela sua adequação a este *ethos* fornecedor de prestígio para a cidade. Quando ambas estas características foram perdidas, o discurso e a disputa simbólica pela festa não abriram espaço para um modelo que não preenchesse essas características. De modo que, no âmbito cultural, assim como no econômico, Governador Valadares é uma cidade que vive presa às antigas glórias vividas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (org). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

ALMEIDA, Zenólia Maria. **Fazer a América: inserção e mobilidade do imigrante brasileiro em uma economia de base étnica**. Coronel Fabriciano: Unileste-MG, 2003.

ARAÚJO, Patrícia. **Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM; FAPEMIG; FCC, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CHATIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COELHO, Ana Luiza Ferreira. **Lantejoulas ao vento – auge e decadência do carnaval de Governador Valadares**. Monografia apresentada na Universidade Federal de Viçosa para obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, 2009.

COSTA, Edmar Campelo. **Epopéia dos Pioneiros- a história de Governador Valadares**. Governador Valadares, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Varia Historia**, Belo Horizonte, nº19, Nov/98, p.148-163

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2012, vol. XVI, nº 418 (47). Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-418/sn-418-47.htm>

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FERREIRA, Felipe; TURANO, Gabriel da Costa Turano. Incômoda vizinhança: A Vizinha Faladeira e a formação das escolas de samba no Rio de Janeiro dos anos 30. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**. Vol.10, nº2, nov. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tecap/article/view/10217/7999>

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos do imigrante. **In: Estudos Avançados**. [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 41-54. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200004. Acesso em: 10 de janeiro de 2016

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, nº 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates. Disponível em: URL : <http://nuevomundo.revues.org/3212> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.3212 Acesso em 10 janeiro de 2016.

PINTO, Juliana Vilela. **As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadareense**. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) - Universidade do Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2011.

SANTOS, Parajara dos. **O Katzensprung- crônicas reais com personagens reais**. Governador Valadares, 2000.

SOARES, Ruth. **Memórias de uma cidade**. Governador Valadares, 1983.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadareense**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 Anexo 1- Entrevista com Aldo Rosa

Data: 28.09.09

Local da entrevista: Secretaria do Ilusão Esporte Clube.

Ocupação: Aposentado.

Pergunta: Como que o senhor começou a participar de carnaval em Valadares?

Aldo: Eu, bem da verdade, posso falar que desde 1945. Quando eu cheguei eu fiquei nessa loja muito tempo, eu fui bancário, mas quando eu fui pro banco eles me chamaram pra voltar e ganhar o dobro do banco. Eu voltei, já tinha cinco anos que eu tava na loja. Eu sabia que eu tinha outra profissão, eu fui pro banco, mas dobraram o que me pagavam pra eu voltar pro escritório e pra fazer decoração de vitrines. Tinha 22 vitrines ali onde é o Bradesco. Aí tinha painéis ali.

P: E como que o senhor começou a participar do carnaval?

A: Ah, foi em 1945, não foi em 50. 1950 onde tem um bom comércio justo. Onde tem aquela casa em frente ao Minas Clube, ali era o banco.

P: Mas como que o senhor começou a decorar, a participar do carnaval?

A: Desde que aqui cheguei, em 1945. Pra eu poder frequentar o clube, era com um pouco da habilidade que eu tinha pra decorar. Então depois eu ganhava mesa e entrava, já era muita coisa.

P: E já era pro Ilusão que o senhor trabalhava?

A: Pro Ilusão. Eles me tiravam da loja pra eu vir trabalhar pro Ilusão. Aí eu vim pro Ilusão.

P: Como que você criava o tema da decoração?

A: Eu criava o tema. Eu fazia uma decoração que chamava "o carnaval no circo", fiz uma toda em papel crepom, vermelho e branco, fazendo esticadinha e tal, um ponte pênclil, fiz japonesa, o trem da Usiminas, foi naquela época. Ali a troco de nada, não fazia era ganhar dinheiro, fazia por amor ao clube, e as pessoas que gostavam também.

P: O clube investia muito dinheiro em decoração?

A: Investia, e carro alegórico. Teve um ano que nós fizemos 22 carros alegóricos no carnaval. Em um só carnaval. Oito, dez, depois nós fomos diminuindo. e os carros eram rebocados, pra iluminação tinham um transformador de alta potência puxado por uns tratores pequenos, por carreta, eu ia de carro em carro, olhando a iluminação. Eu devo ter na minha casa uma foto, dali onde é o Bradesco, ali era o Bemge, eu trabalhava ali. Então aquilo, a varanda, todas das casa as pessoas iam pra lá pra ver os carros passar. Fizemos grandes carnavais.

P: Por que que foi diminuindo o número de carros alegóricos?

A: Foi diminuindo porque os custos também foram caindo, né? Não mediamos esforços,

porque todos também ajudavam. mas fazíamos o que dava pra fazer. Usava papel, pra fazer um carro desse aqui, essa daqui morreu há pouco tempo. Essa daqui tava em cima de uma coroa e rodava. Olha aqui onde era o Bradesco. Então a gente gostava, esse carro aqui era bonito. Aqui a varanda da loja aqui.

P: Alguém ajudava o senhor a pensar...

A: Muitos ajudavam, o Carioca. Você conhece o Carioca? Ele ajudava a colar papel.

P: Como que eram escolhidas as pessoas que iam sair nos carros alegóricos?

A: Era o presidente daqui do clube que escolhia. Só escolhia moça bonita também. Aqui tem retrato de umas pessoas bonitas. Essas festas da primavera eram bonitas, tinha trono. Você conhece um médio que tem aí? Pitanga, Pitanga...

P: Arnóbio Pitanga?

A: Arnóbio Pitanga, ó ele aqui. Então tá aqui todas, as festas da primavera. Aqui copa do mundo, que eu te falei.

P: Eu conversei com o Epaminondas, que trabalhou com o Chico Melo, ele falou que quando ia mexer na parede do Ilusão o Chumbinho ficava doido, que a madeira era nobre e não podia, tinha que substituir a madeira...

A: Era assim, ele era muito exigente, e tinha razão. Fazia festa aqui monumentais, São Pedro, primavera, réveillon, todas maravilhosas decorações e deixa saudade. E a nova fase do Ilusão com Casimiro Soares.

P: Qual que era a maior dificuldade em fazer um carro alegórico?

A: Não tinha, porque todo mundo ajudava. Por exemplo, o Carioca vinha, e mais quatro, e todo mundo ajudava a colar papel. Eu morei no Rio de Janeiro então lá eu aprendi a fazer carnaval, aqui eu te mostrei, né?

P: Por que que o Ilusão parou de fazer baile por um tempo?

A: As coisas mudaram, e o clube precisava se manter, passou a alugar o clube, que até então não alugava, pra festas particulares. Formatura, etc, aniversários, então faturava em cima disso. E os carnavais também modificaram, mudou muito no tempo. Aqui as moças se fantasiavam, o presidente gostava de carnaval, eu não saía, não fantasiava.

P: E até quando o senhor foi decorador do Ilusão?

A: Enquanto existiu, até 1960, não tenho muita lembrança não.

P: E o clube antes tinha quadras de basquete, vôlei... Como que deixou de existir essa parte esportiva do clube?

A: Deixou porque foi quando faleceu o presidente que tinha essa pretensão e o outro não quis dar continuidade a isso. Até porque ficava caro pro clube, aí foi mudando.

P: Eu acho que o Chico Melo também decorou o Ilusão em alguns anos. Aí o senhor trabalhou com ele?

A: Não, nós éramos rivais, ele fazia pro outro clube.

P: Mas era rivalidade só no carnaval?

A: Não, mas era uma rivalidade sadia que todo mundo escondia o que ia fazer. Não gostava nem de entrar pra mostrar. Mas olha aqui a parte esportiva, olha a mãe do Márcio Castelo Branco, e ele moço aqui, esse é o Júlio Avelar.

P: Hoje o Ilusão não promove mais festas, não? Ele só aluga o salão.

A: Só aluga o salão. Porque hoje tem que gastar muito dinheiro. Pra investir, você não tem retorno. Então foi uma pequena história da minha colaboração que eu pude dar. Minha mulher não gostava não, comecei a namorar, a ficar.

Anexo 2- Entrevista com Antônio Paulino

Data: 26.09.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Dono de bar.

Pergunta: Como que o senhor começou a participar no carnaval de Governador Valadares?

Antônio: Olha moça, eu francamente não comecei a participar do carnaval aqui não. Eu tive, como sempre, todo mundo sonha Rio e São Paulo, né? Eu sonhava com o Rio. Aí esses anos lá olhando, fui lá dar um passeiozinho. Eu fiquei lá três anos, mas nesses três anos eu fui trabalhar num salão de barbeiro próximo à quadra da Império Serrano e veio aquela vontade de ir lá assistir. E me tratavam muito bem, fiz muito amigo. E os meses que eu fui passar lá, passei três anos. E desfilei por duas vezes na Presidente Vargas, na Império Serrano, até bater a saudade de casa era mais. Veio aquela saudade de casa, apareceu eu eu falei "eu vou lá". Se me der na idéia, eu volto, se não der, eu fico. Mas eu cheguei aqui faltava uns cinco meses pro carnaval ainda, e eu falei "ah, eu não vou voltar não, largar minha velha, que eu fiquei três anos sem ela". E fiquei por aí. E por aqui eu fui conversando com um, conversando com outro "sabe Paulino, se você entende desse trem..." eu falei "não entendo não, passei a entender lá no Rio, eu desfilei dois anos na Império Serrano e cisme agora que eu sou sambista". Aí francamente, como nós vamos fazer? Aí eu falei "vamo bater um papinho assim, não é samba, não. A quadra que você chega lá, a quadra que você olha você vê tanta gente que não dá vontade nem de entrar, de ficar cá fora mesmo". Aí nós reunimos uma turma, 17 a 18 pessoas e falamos "vamo fazer um ensaio de carnaval". Aquilo eu fiquei olhando e falei "vamo arranjar uns tamborim aí, nós vamos fazer isso também, não podemos comprar. Se não podemos comprar, então vamos fazer." Como é que faz? Aí eu vi no Rio um tamborim de madeira, e eu acho que aprendi a fazer aquele trem. E comecei a fazer isso, comecei a fazer brincando, brincando, brincando e ensinando os outros como é que fazia e fizemos eu sei que foi uns cinco tamborim daqueles. Mas é esquentado no fogo, já pensou acender fogo na Avenida pra fazer? Mas a vontade era muita e achamos muito espaço também, a gente pegou aqueles trem e fomos desfilar a primeira vez. Aí não tinha rádio, tinha serviço de auto-falante, e anunciou que tinha uma escola de samba ensaiando, e essa escola chamava bate-papo. Eu tive lá rondando e agora vou até os ensaios, participar dos ensaios. E aí esse auto-falante passou a participar dos ensaios, e o pessoal, dava a hora do ensaio, o pessoal começava a chegar de distante. E eu "E não é que tá pegando?". Ô Paulino é você que tá mexendo com isso aí? Eu falei "é, rapaz eu vim do Rio, eu tenho certeza que eu vou ficar com saudade, assim pra matar a saudade eu tô arrumando essa turminha aqui". Começamos a brincar, brincar, brincar, nós saímos aí na avenida, na rua, e arranjaram um jogo de camisa pra nós, camisa de futebol. Ninguém sabia, só ouvia em Rio em escola de samba, mas ninguém tinha visto nunca na vida. Aí nós fizemos tudo e quando foi no dia nós descemos pra Avenida, mas nós tivemos que desfilar em cima do passeio, onde nós não queria, a gente queria na rua. Era pouca gente, mas tinha muita gente seguindo, acharam bonito e foram seguindo. Aí nós fizemos na avenida aqui, aí nós fomos no prefeito, que na época, o nome eu nem lembro agora, e pedimos pra desfilar, em cima do passeio, ficava mais tempo e tinha mais espaço. Aí o prefeito falou, quando foi no outro dia do desfile, a polícia tava lá na frente dando espaço pra nós, tirou a gente da calçada e pôs na Avenida. Aquilo foi ótimo. Não era bom, mas já deram uma força. E assim começou, começamos e apareceu outro querendo uma escola. Um componente meu, só tinha 17 ou 18, né, e eu "eu ajudo ocê, pra fazer tamborim, eu ajudo a fazer, pra nós botar mais escolas na rua". Porque lá no Rio todo mundo ajuda, além de pagar a mensalidade pra ter a fantasia pronta, eles ajudam. Aí conclusão, aquilo pegou e fizemos a tal de Milionário, a escolinha deve tá até hoje aí. A Milionários foi uma escola também fundada por mim, o proprietário é o Buti. Aí nós começamos a mandar no carnaval na cidade, e esse mandar, aí o Buti "você vai ter que dar uma mãozinha pra essa turma aí". Aí começamo. Eu sei que no final de tudo, quando terminou o

carnaval aqui, quando acabaram com o carnaval, nós tínhamos seis escolas, ia sair a sétima. Ia sair a do Vila Isa e não saiu, ela tá até arrumada lá, pronta, mas não saiu, o prefeito anunciou que não tinha verba. Uai, mas há trinta e tantos anos tem verba, como é que agora não tem? Aí os clubes desandaram e falaram "bom, sem o desfile de samba das escolas na avenida, nós não abrimos as portas dos clubes não". Deram força pra gente. Uai, mas porquê? Porque quem segura o povo que faz clube, é o desfile das escolas de samba, enquanto eles ficam aí torcendo, cantando, vibrando, os clubes estão esperando. quando as escolas se recolhem, nós vamos abrir os clubes. Então o meu não vai abrir, o meu também não, o meu também não. É o Minas e o Ilusão, né? Então o carnaval era daquele jeito naquele primeiro ano o prefeito era, que afastou o carnaval, o prefeito era Raimundo Resende, deu dois anos só, não deu mais. Aí o outro que veio, veio o Perim, deu dois anos só, não deu mais. Aí acostumaram, deu dois anos, dois anos, chegou o Rui Moreira aqui e não deu mais nenhum. E assim o carnaval foi embora, eu não sei porque, isso é uma pergunta que eu faço diariamente: por que acabaram com o carnaval? A renda que o carnaval dava aqui, porque o carnaval trazia aqui seis, sete, oito mil pessoas, com trinta dias antes de carnaval não achava um hotel vago, tava tudo já. Aquilo não assombrou ele, eles viram a cidade como que tá. Você não chegou a ver, viu, coisa beleza, aquela Avenida cheia de gente, só a Marquês de Sapucaí no Rio fica daquele jeito. E foi acabando o carnaval, isso tantos anos sem. Eu sei que Valadares carregou o título de melhor carnaval de Minas Gerais, melhor carnaval. Todo mundo vinha pra aqui. Ninguém ia pra Vitória, pra Bahia, pro Rio. Ninguém, não. Todo mundo vinha pra aqui. Carnaval bom tem em Valadares, nós vamos sair daqui pra quê? Agora chega hoje, em período de carnaval, você não vê ninguém nessa cidade. Avenida morta. E eu aborreci também, eu falei "ó, eu num posso aborrecer com nada não, eu vou ficando a cada dia mais velho e carregando saudade e eu não quero saudade de ninguém não". Peguei todos os troféus que eu tinha, eu tinha 17 troféu de campeão, fora os vice, segundo lugar, aquilo eu fui dando pros outros. Os instrumentos eu fui vendendo barato, eu não quero nada, eu não quero nada que pertença a carnaval aqui dentro de casa. As fantasias, que era cara e não podia dar pros outros, eu falei "ó, vê quem quer alguma dessas fantasias aí, manda panhar, que enquanto eu não ponho fogo. Vou botar fogo em tudo". Em tudo? Em tudo. Não quero, já que não tem, pra que ficar guardado aqui? Aí ela falou assim "tá certo". Queimei aquilo tudo, menina, eu na hora tava botando fogo com dó, com dó de botar fogo naquelas fantasias que custou tão caro. Dava verba, mas a verba deles era por acaso, de fazer uma fantasia daquela, eu tive uma ala delas na frente e queimei tudo. Não tenho nada que fala de carnaval aqui. Eu tinha 108 instrumentos, dei uns, outros eu vendi barato, e afastei mesmo, ou me afastaram do carnaval. O (...) falou comigo "eu vou conversar com o Antônio Paulino pra ver se volta o carnaval". Mas não volta não. Muito difícil voltar o carnaval aqui, porque os prefeitos não ajudam. E o seu Raimundo Resende não posso falar nada dele, porque o que ele fez de bom aqui, que todo mundo achou ruim, foi acabar com o carnaval. E hoje tem aquela cidade morta, as pessoas se arrumando pra ir pra fora. E carnaval aqui eu me escondo, pra ninguém me ver. É coisa de ficar olhando a Avenida, foto pra lá, foto pra cá, samba-enredo, eu ganhava quase todos, ganhei quase todos. Todos os desfiles meu, eu fazia samba-enredo, eu mesmo fazia, e eu mesmo puxava o samba, e assim foi feito. trinta e sete anos de carnaval, Valadares carregando aquele título do melhor do interior de Minas. E hoje felizmente nem saudade, que se eu tivesse saudade eu tava de bobeira. Sempre me chama pra ir pra Timóteo "ô Paulino, já que não tem carnaval aí, vamo pra lá?". Vou não, quero mexer com isso não. Então meu negócio acabou, pra mim Valadares morreu nessa parte. Gente pra convidar a gente tem muitos "ó, eu pago seu desfile, pago tudo pra ir pra tal lugar". Vou nada, vou ficar em casa, minha idade agora chegou no lugar, né, agora com essa idade eu não vou mais agüentar carnaval de jeito nenhum. Eu tenho 80 anos. Eu vivi minha vida, eu não passei vida, eu não passei pela vida, eu vivi minha vida. que de Belo Horizonte, Ipatinga, uma boa ala de Ipatinga que vem pra mim, já aproveitei. Mas aqui ninguém consegue levantar isso mais.

P: Como que acabou a Bate-papo e virou a Império de Lourdes?

A: A Bate-papo acabou assim. Eu criei a Império de Lourdes e a Bate-Papo eu botei na mão de um

compadre meu, o Zezinho. Um cumpadi. Eu falei "você fica aí, eu vou te dando uma força por fora, mas você não fala que eu tô te dando força não, que a Império de Lourdes tá dando força não, que a Império de Lourdes é nome forte, mas se falar que tá te ajudando, até atrapalha você". E ele segurou a Bate-Papo por muito tempo, aí ele começou a fraquejar, eu peguei, chamei e falei "ó, bota outro lá na Bate-Papo e você vem me ajudar aqui, que eu tô aqui com quase 500 pessoas e tá difícil". Lá no Rio são 4 mil, 5 mil e eu com 500 aqui ficava meio apertado. Mas lá todo mundo ajuda, e aqui era eu só. Algumas pessoas davam a mão, mas assim foi o carnaval aqui. Eu mais o Buti, que dia que o carnaval aqui, quando eu não era campeão, não aparecia outro. Só a Milionários e a Império, a Império e a Milionários, a Milionários e a Império. Ah, esse ano é da Império, sabia que era meu. Ah, esse ano é da Milionário, sabia que ela tava preparando pra isso. Aí as outras escolas iam entoar a gente, ajudar, e assim teve 37 anos de parceria. Eu queria mais, mas não quiseram. Não quiseram. E por enquanto mesmo é só isso.

P: Mas por que o senhor, que tava na Bate-papo, quis criar a Império de Lourdes?

A: Pra ter mais escolas, porque quanto mais escolas, é mais fácil o carnaval. E assim foi. Quando apareceu três, quatro, cinco, ih, todo mundo queria ver a outra escola, quem que era. E apareceu aquele punhado de escola. No último ano, ia desfilar sete escolas. Sete escolas na avenida, mas já tava amanhecendo o dia, eles começavam o desfile oito horas, terminava já tava amanhecendo o dia. Então, não quiseram mais, passaram todo mundo a crente. Mexer com o coração dos outros... Ia passar todo mundo a crente, que o Resende é pastor, né? E ganhou pra prefeito, passou todo mundo pra crente. Aí acabou, acabou mesmo. Não devia. Aquela escola da doutora Isabel. A Figueira, uma escola bonita, bonita, eu tive medo dela. Eu tive medo dela, que era muito bem arrumada e tinha força, mas logo em seguida nasceu a Bafo de Bode, que é só gente forte também, lá do mercado. Então o carnaval foi só melhorando, mas lá vem a política, o Resende ganhou e atrapalhou tudo. E aí acabou. Isso tudo quando a gente encontra é aquela choradeira, aquela conversação e eu falo "não adianta, acabou, acabou mesmo. Vocês tinham que ter feito na hora. eu chamei todo mundo pra ir a rua, e fazer uma fila lá na porta dele, ir na prefeitura, vocês não quiseram". E agora acabou tudo. De vez em quando eles convidam a gente, e eu "ah, eu não tenho mais instrumento não, nem que arranje instrumento, na minha idade de agora eu não quero não".

P: Até a própria Baiana que era da Bambas da Princesa virou crente...

A: É, a Baiana virou crente, mas... Mandou um recado pra mim esses dias, que soube que eu fui a Vitória e não fui na casa dela. E eu "ah, fui lá a toa, não fui visitar ninguém não". Que eu não tô bem das pernas, que eu não sei porque tá me atrapalhando tudo. Se fosse só a idade, mas as pernas, as dores, eu ando daqui ali, vem a dor nas pernas. Mas eu não tenho nada a reclamar, de Deus principalmente, que eu vivi bem a minha vida. E eu era muito bem aplaudido, muito bem aplaudido, a cidade toda me conhece. Eu sou um homem que até hoje ninguém tem nada a falar de mim aqui na cidade. Eu era brigador por causa de título, né? "O título é meu, eu quero o título. Esse o meu enredo eu não falo pra ninguém, que o meu enredo esse ano que vai...". E jogava aquele enredo na rua, e até toda hora mexendo no enredo, mexendo com carro alegórico. Pra ganhar. Mas tá tudo bem, correu tudo certo, tudo legal. Só sinto um pesar com o que eles fizeram com a cidade. Tirar uma renda que a cidade tinha, de dinheiro mesmo. Que aqui não vinha nada, vinha sete, oito mil carnavalesco. Ficava todo mundo aqui. Hoje sai todo mundo aqui, pra Vitória, pra Bahia.

P: Como que o senhor compunha o samba-enredo? Como que vinha a idéia?

A: Ah, não é igual hoje. O samba-enredo de acordo com o que eu ficava numa mesa bebendo, ali também eu ia riscando devagarzinho. Quando pensava que não, já tava quase certo, pra completar. Aí no outro dia eu partia pra melodia, isso pegava a melodia, pegava o gravador e botava uns dois meninos pra acompanhar o tamborim. E depois nós ia ensaiar, eu tinha três menino que tinha a voz

boa, essas três meninas, eu até emprestei, emprestei não, eu dei essa fita pra moça ouvir, ela me carregou ela. Carregou minha fita.

P: Teve algum ano que marcou o senhor? Um que gostou mais?

A: Não, o que eu gostei mais, não. O que eu não gostei, tem. Agora o que eu gostei mais, não. Porque essas coisas que a gente vai fazer porque quer fazer, então não marca a gente, a gente já tem certeza que faz por gosto da gente. Então todo carnaval acabava, os outros queriam brigar "briga não gente, isso é um perde ganha, ganha o melhor quem eles aplaudirem mais". E a gente "to dando o título pro Antônio Paulino porque ele... ele compõe as músicas dele, ele canta as músicas dele, ele mesmo". Vocês aparece nisso. Eu tinha meus motivos pra ganhar o carnaval. E o Buti porque sabia preparar a escola dele também. E todo mundo vinha ver. E assim nós fizemos o carnaval aqui durante muito tempo. Meu sentimento com ele é só que acabaram com a única coisa, com a única alegria que tinha, acabaram com ele. Porque se for voltar hoje, até volta, mas não volta igual era. O que tinha aquela animação, durante quatro meses, cinco meses, a gente começava a ir nas lojas, caçando trem. A gente viajava a Belo Horizonte, Montes Claros, buscar tudo que era de carnaval. Juiz de Fora. Agora acabou com tudo.

P: E as suas viagens eram todas do seu bolso mesmo?

A: Não, era do dinheiro que eles davam, da verba. Não eram tanto não, mas as passagens também não eram grandes coisa. Agente saía à noite, chegava a Belo Horizonte seis horas da manhã, a gente tinha onde ir escolhes, caçar aquelas lojas todas, e a tarde ia embora. mas dava pra fazer isso. Inclusive eu vendi um carro meu pra completar o enredo, eu precisava ganhar aquele carnaval. E ganhei. Fiquei sem meu carro, mas também nunca liguei pra carro, eu tinha por ter. Então eu ganhei o carnaval, mas dei um duro danado. E é isso aí, é o que eu sei de carnaval até hoje é isso.

Anexo 3- Entrevista com Antônio Rocha

Data: 29.09.09

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado.

Ocupação: Comerciante.

Pergunta: Como que o senhor começou a participar do carnaval em Governador Valadares?

Tonico: Ah eu comecei a participar por volta dos 16, 17 eu comecei a participar do carnaval em Governador Valadares que, por incrível que pareça, só quem viveu sabe que foi muito bom. Porque quem vê carnaval hoje, não imagina que o carnaval em Valadares foi bom demais. Tinha os bailes do Ilusão, do Minas, tinha uma rivalidade muito saudável entre nos dois clubes, o baile era família, todo mundo se sentava tinha uma mesa, sentava de um lado, tinha conhecido. Era uma coisa bem família mesmo, era muito gostoso e muito bom. Daí durante a década de 50, de 60, até o final dos anos 70 foi uma maravilha, depois foi acabando, acabando, acabando até ficar esse marasmo, a cidade absolutamente parada.

P: E o senhor participou de blocos?

T: Participei de blocos, dos Minas, do Ilusão. Eu frequentava os dois, não ia só em um. Onde tivesse o meu interesse particular na época eu ficava lá onde tava. No Minas ou no Ilusão, dependendo. Geralmente eu ficava mais no Ilusão, numa temporada, depois eu fui, devido aos meus interesses, eu ficava no minas. Eu não tinha plano não, o negócio aparecia nos dias de carnaval, na época.

P: E em qual bloco o senhor participou?

T: Na época eu fui uma vez no Ilusão um bloco chamado "Alegria, alegria", e um bloco que eu não me lembro o nome. Foram só dois. E no bloco, ficava muito preso, eu não gostei muito de ficar assim. a gente tinha que ficar, a gente... Foi muito bom, participei desse bloco, foi muito bom, mas tinha um preço a pagar. Tinha que ficar vestido naquilo, não podia sair.

P: E como que veio a idéia de criar a Patota?

T: Essa nasceu do nada. A gente começou a brincar e tal e falamos "vamos fazer uma escola de samba". a turma, na época, nós éramos jovens, né? Então as jovens da sociedade "vamos fazer uma escola de samba", e a gente resolveu. Tinha uma colunista no Diário do Rio Doce que nos incentivou muito, que é a Pina Morano, até já faleceu, ela nos incentivou bastante a fazer a escola de samba e nós saímos durante três anos. Se não me engano foi o carnaval de 1970, foi 70, 69 e 68. E 70 o última coisa dela foi quando nós pegamos os instrumentos que tavam guardados, e acabamos com eles todos na comemoração da copa do mundo, o tri campeonato de 70. Acabou praticamente com tudo. Depois a gente não saiu mais.

P: E como vocês fizeram pra montar a escola, comprar os instrumentos, organizar as alas? Quantos integrantes tinham?

T: Ah, era pra mais de 200 pessoas. Rateava, cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia, não tinha verba pra nada não. Cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia.

P: E como que pensavam as alas, o samba enredo...?

T: O samba-enredo quem fez foi o Sivinha, Siva Antônio de Castro Filho, foi ele que fez o nosso samba-enredo. A gente tinha o samba-enredo que foi o mesmo durante os três anos, não mudou não. E o resto as alas não, a gente chamava de escola de samba, mas era mais uma brincadeira, era mais um bloco mais realizado que uma escola de samba, entendeu? Era brincava de escola de samba porque tinha passista, a Maria Augusta que era a nossa passista, tinha a bateria, e o resto era batucada por ali mesmo. Mas não tinha isso de ala, ala de baiana, ala daquilo que uma escola de samba tem. Era uma coisa bem informal mesmo, tava mais pra bloco que pra escola de samba.

P: E como surgiu esse nome?

T: É porque a gente brincava que era a nossa patota, a nossa turma. Patota naquela época era sinônimo de turma, entendeu? Então patota era a gíria da época, então era uma turma, uma agremiação de amigos que juntavam pra ir em barzinhos, domingueiras, festas, essas coisas.

P: E por que que acabou?

T: Foi assim, como eu te falei, no tricampeonato passou e ninguém teve ânimo de juntar os cacos de novo.

P: Mas você continuou a pular o carnaval em Valadares ou parou?

T: Em 71 eu casei, aí essa história de carnaval sozinho, de turma, isso acabou. Aí eu já fiquei, depois o carnaval foi caindo, caindo. Começamos a passar o carnaval na praia, a curtir o carnaval na praia. Eu parei com isso aí, mas coincidentemente o carnaval em Valadares foi diminuindo, diminuindo até zerar. Eu participei da época de ouro do carnaval de Governador Valadares, época que eu acredito que tenha sido na década de 50, 60 até o final de 60, princípio de 70 já começou a cair. Então eu não sei me aprofundar se caiu muito ou não porque eu também saí da luta. Mas foi caindo naturalmente, sem a gente ter parado ou não. Mas esses três anos de escola de samba foi bom, era a turma toda amiga.

P: E depois que desfilava ia pra algum clube?

T: A gente ia pro clube, claro. A gente ia pro clube por volta de 10 e meia, 11 horas da noite. E o desfile começava por volta de 8, 9 horas até uma hora e meia, mais ou menos, 10 horas, 10 e meia. E acabava a gente ia em casa, tomava banho e ia pro clube. a gente tinha muita animação. A gente agüentava.

P: E virava a madrugada?

T: Oh, até a hora que acabasse. A gente não ia embora antes de terminar, não. A gente agüentava.

P: Os quatro dias?

T: E se tivesse o quinto agüentaria.

Anexo 4- Entrevista com Eduardo Arreguy

Data: 25.08.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Advogado.

Pergunta: Como você começou a participar do carnaval em Valadares?

Eduardo: No bloco de carnaval, 1971, a gente tinha uma turma de amigos, o carnaval em Valadares era muito movimentado, existia Escola de samba, bloco... Nós resolvemos fazer um bloco mais pra participar na rua, no desfile, mas também para entrar nos clubes, porque os blocos tinham livre acesso aos clubes naquela época. Então nós fizemos mesmo para participar do carnaval de clube e, por tabela, a gente participava do carnaval de rua, desfilava na rua também. Mas começou com uma turma de amigos, eram 10 amigos, meninos na época em 71, talvez tenha sido o bloco infanto-juvenil, o primeiro sem a participação de pais e tal, talvez tenha sido o nosso. Eu era adolescente, na época só o pessoal mais velho participava.

P: E como que surgiu o nome do bloco?

E: Sabe que outro dia eu tava pensando nisso. Não sei se você já ouviu o nome de uma banda de rock que tem aí, eles fazem rock alternativo. Uma banda de rock de Brasília, tem o mesmo nome. Como você sabe, Kaaba é aquela pedra negra na cidade de Meca adorada pelos muçulmanos. Na verdade, tava surgindo uma briga muito grande sobre o nome, e um amigo nosso, fundador que mora em Vila Velha, falou "Coloca Kaaba. Kaaba é uma pedra que tem lá em Meca, olha que nome interessante". Kaaba, Kaaba e foi assim, não teve nada de especial não. Colocaram uma série de nomes e acabamos optando por esse. Não é mesmo sigla, porque era só nós, não teve nada de diferente.

P: E o Kaaba tinha rivalidade com outros blocos?

E: Quando começou não. Existiam outros blocos de rua, pessoal mais velho, bloco famoso, Mustangue, você pode entrevistar, Vera Vargas, que comandava o Mustangues. Era do pessoal mais velho, tinha muito mais dinheiro que o nosso, bem maior que o nosso. Era o único de destaque que tinha rivalidade. Com o passar do tempo, talvez até porque nós lançamos esse negocio de pessoas mais novas lançar blocos para desfilar na rua, outras pessoas começaram a fazer. Tinha o Butterfly, que era um bloco que tinha aqui na Ilha, um pessoal que eu não lembro. Os Mustangues, tinha o Pega-pra-Capá, da família dos Wilson Indio do Brasil, camarada que foi vereador aqui e os filhos dele mexiam com isso. O Afrânio, que faleceu, e o Indio que ainda mexe com aquela casa noturna. Foi esses que surgiram pra fazer rivalidade mesmo. Disputavam com a gente.

P: E chegou a ter algum bate-boca?

E: Não, sabe por quê? Valadares era, como é até hoje, muito pequena. Então você conhece as pessoas que tão do lado de lá, existia a rivalidade, o pessoal queria mostrar a fantasia, antes de desfilar escondia um pouco. Mas briga mesmo entre os blocos isso não teve, era um pessoal que convivia bem. Tinha rivalidade, mas era sadia. Tinha muita briga no carnaval, mas era fora disso, não tinha bloco contra bloco não.

P: Mas o Kaaba começou no Garfo, aí teve um ano que ficou em 3º lugar...

E: Começamos no Garfo. A gente gostava do Garfo porque tinha piscina e no ultimo dia de

carnaval, na 3ª feira, era tradição depois das 4 horas da manhã todo mundo pular na piscina. A gente adorava pular na piscina. Todo mundo. A banda vinha pra perto da piscina depois de 4 horas da manhã e o povo pulava mesmo, na piscina grande, pulava na folha. Todo mundo, e depois a gente ainda saía, a banda vinha tocando até a Ponte da Ilha. Então a gente tinha mais acesso ao Garfo e gostava mais do carnaval de lá. Um ano em que nós entendemos que tínhamos sido roubados, num concurso interno que teve lá, e fomos mesmo, uma sacanagem que eles fizeram. Deram a taça de 1º colocado para um outro bloco, que era muito interessante, era só de mulher, e de uma fábrica de catuaba, então era uma fantasia muito simplesinha, mas era muita mulher bonita, realmente tinha, e a fantasia simples. Nossa fantasia era muito mais bonita, mais elaborada. Aliás, no ano em que nós perdemos foi ano em que nós fizemos a coisa mais profissional, nós contratamos até uma pessoa pra fazer as fantasias, o estilista da cidade conhecido, Marco Antônio Rosa, ele fez uma fantasia muito bonita, muito chique, apesar de muito incômoda, demais. Ele misturou os estilos, os homens de smoking, e as mulheres com uma roupa meio anos 20, um véu de tule, com bordado, piteira, um chapeuzinho coco pras mulheres, e uma saia rodada. Eu não sei porque a saia rodada. E tinha uma armação, e a saia atrapalhava, igual essas baianas de escola de samba, então a saia tinha. E a fantasia era muito bonita. E como os homens todos eram de preto, as mulheres variavam as cores. Internamente a gente chamava a fantasia de "Zé do Caixão" porque a cartola era alto, incomoda também, de bengala, polaina, era um negocio bem bolado, nós ficamos dois dias no Rio comprando material pra essa fantasia. Aí lá no Garfo teve uma armação, chamaram o pessoal lá pra ser jurados e nós perdemos. Aí nós realmente ficamos com raiva, tinha investido muito na fantasia e perdemos para uma fantasia que não tinha nada a ver. Naquela noite mesmo nós saímos de lá criando um caso danado e chegamos no Minas, porque era tradição naquela época, os blocos visitarem os clubes, então você podia sair do Garfo, ir no Ilusão, ficar um tempo lá, olhar o salão e ir embora. Ia no Minas também, passeava lá. Então nós entramos e lá mesmo acertamos que no próximo ano íamos pular carnaval lá e largar o carnaval do Garfo de lado. Por coincidência, naquela época o carnaval do Garfo começou a cair. O pessoal dos diretores do Garfo era mais tradicionalista, começaram a colocar muito obstáculo. Proibiram de pular na piscina. Porque a vantagem do Garfo era de ser um clube muito fresco, na beira do rio, quando você não queria ficar no salão, você podia ir pra grama, pra aquelas mesas ali, tomar uma cerveja, proibiram também. Adáí começou a ficar muito cheio de proibição, muito cheio de regras, e o Minas começou a se destacar por ser um carnaval de pessoas mais novas. O Garfo ficou com como um carnaval de gente mais velha. Aí nós fomos pra lá e ficamos até acabar.

P: Nessa época o Ilusão já tava perdendo espaço?

E: Já, já tava. O Ilusão perdeu muito espaço para o Garfo, que era o Minas e o Ilusão só, quando o Garfo entrou puxou muita gente do Ilusão pra lá, depois perdeu espaço pro Minas, ia todo mundo pro Minas.

P: E quando o carnaval começou a acabar vocês tentaram resistir?

E: Tentamos, sim. Eu credito a falência do carnaval do carnaval de rua de Governador Valadares a um prefeito, que é o Ronaldo Perim. Quando o Ronaldo assumiu ele cortou a subvenção que dava aos blocos de rua, e a gente tinha direito por a gente desfilar na rua, a gente recebia uma verba da prefeitura. Não era muito, mas dava pra alguma coisa, ajudava nas fantasias daqueles que, todo mundo estudante, todo mundo menino, não tinha muito dinheiro, e aí ajudava nas fantasias daqueles que não tinham dinheiro. Ajudava a comprar instrumento pra gente desfilar, e da mesma forma também pra outros blocos de rua e pras escolas de samba. Essa verba tinha um valor muito grande pra gente porque dava um "gás" mesmo pra você fazer. E o Ronaldo Perim entrou e cortou essa verba, essa subvenção. Daí pra frente o carnaval começou a acabar. Refletiu também, não sei porque, no carnaval de clube, mas afetou também, e as pessoas passaram a não mais ir a clubes. Mas tudo começou na rua, quando ele cortou a subvenção, acabou o carnaval de rua e afetou o de clube.

P: E o Kaaba surgiu no meio da ditadura, alguma vez vocês tentaram fazer sátira política?

E: Não, isso na época era muito controlado, ainda mais em Valadares em que tradicionalmente tem... Na verdade a sociedade valadarense é muito reacionária, ele se filiou ao governo militar, até porque tinha muito pecuaristas, pessoas que sempre tiveram um medo muito grande a qualquer coisa ligada à esquerda. E nós éramos produto desse meio, nós fomos ter um envolvimento político, a minha geração, a partir de 76, 77, mas nunca tentamos levar isso pro carnaval. Se fizesse, ia todo mundo preso. Muita complicado. Quando nós começamos a chegar na faculdade, estudar fora daqui, nós começamos a ter um engajamento político maior, mas nunca pensamos em trazer isso pro carnaval. Tinha muita brincadeira, muita gozação, até porque o bloco, além de sair, ele desfilava 2 vezes no carnaval na rua, antes das escolas de samba, os 4 dias (sábado, domingo, segunda e terça) no clubes e 2 dias à tarde, na Ilha, a gente saía, mas era bloco sujo mesmo. Os homens vestidos de mulher, as mulheres do jeito que elas queriam, não tinha obrigação de fantasia, e aí era brincadeira mesmo. Mas não tinha crítica política, sátira, essas coisas não.

P: E como você reagiram quando proibiram o lança-perfume?

E: O lança-perfume foi proibido bem antes, se não me engano, no começo da década de 70. naquela época ainda tinha facilidade, mas era mais caro. Só que um químico qualquer descobriu um jeito de fazer um lança-perfume alternativo, que era o cheirinho da loló. Você encontrava os ingredientes com muita facilidade. Farmácia vendia éter, vendia clorofórmio, vendia calobelano, que eram os ingredientes básicos pra se fazer o cheirinho da loló. Então fazia em casa mesmo, comprava e fazia ali, colocava em frascos pequenos e todo mundo saía com um cheirinho. Mas nós não pegamos a proibição, tinha mais facilidade de encontrar lança-perfume, hoje não, hoje tá muito difícil. A repressão é grande e não acha.

P: E o período de inflação alta, troca de moeda, juros altos...

E: Desanimava muito, ainda mais como eu te falei, era todo mundo estudante, não havia pessoas mais velhas, os pais não participavam com a gente. Então era muito complicado, uma crise muito grande, os pais não podiam ajudar, e a gente tinha que dá pulo de todo jeito pra poder colocar, literalmente, o bloco na rua. Não era fácil não. Era complicado.

P: E você acha que o surgimento do trio elétrico pode ter tido alguma relação com o carnaval de rua ir decaindo?

E: Não, sabe por quê? Quando o carnaval de rua de GV começou a acabar, o trio elétrico ainda não tinha essa força, o trio elétrico surgiu um tempo depois. Uma coisa que acabou prejudicando, como eu falei a prefeitura parou de investir, as pessoas começaram a se dirigir para o literal. O carnaval virou a oportunidade de você ir pra praia. Naquela época, feriado era só na terça-feira, no sábado todo mundo trabalhava, no domingo não porque não se trabalha, na segunda-feira o comércio todo abria normalmente, na terça-feira fechava. Então como o carnaval tomando mais um aspecto de feriadão, com a segunda-feira sendo feriado, as pessoas começaram a ir pra praia. Mas tudo começou quando a prefeitura parou de investir nos blocos e nas escolas de samba, aí que começou a levar o carnaval pra baixo.

P: E o Kaaba pensou em participar do carnaval de 92, "o renascer das cinzas"?

E: Carnaval de 92?

P: Uma tentativa da prefeitura, na administração do Rui Moreira...

E: Olha, não lembro.

P: Mas o carnaval falhou também.

E: Falhou?

P: Falhou.

E: Talvez por isso. Talvez porque a prefeitura não tenha disposto a bancar. E a verba era pequena, viu? Não era muita coisa não. Mas ajudava todo mundo, ajudava o Buti, dono da Milionários do Ritmo, fazia um muito bom, em dezembro ele já começava a ensaiar a bateria dele. E era ali no morro do SAAE, então quem morava na Ilha, no Centro, sempre ouvia os ensaios, e ele ensaiava até o carnaval. Tinha Milionários do Ritmo, que era do Buti, tinha Império de Lourdes que era uma Baiana que fazia, que carregava nas costas praticamente sozinha, tinha outra no morro do Carapina que agora o nome falhou. Mas todo mundo dependia muito da verba da prefeitura. Daí o Buti foi cansando, desanimou, falou que o dinheiro dele não punha mais e o carnaval foi acabando. E esse de 92 eu sinceramente não lembro.

P: Foi uma tentativa que fizeram de reacender, mas entre outros empecilhos teve a questão do Ecad...

E: Ah, outra coisa que deixou os clubes em situação difícil foi essa questão do Ecad. O Ecad apesar de existir a muito tempo, ele não se incomodava, cobrava uma taxa simbólica. Depois veio cobrando, cobrando mais caro, e foi desestimulando os clubes. São várias coisas que foram se juntando. Naquela época, quando a gente era pequeno, não se bebia tanto. Porque hoje o pessoal bebe, mas enche a cara mesmo. E isso começou a dar muita confusão em clube, ta briga, foi desestimulando as pessoas a ir pro clube. Na época nossa tinha briga, mas era coisa que acontecia rapidinho e separava, não tinha envolvimento de bebedeira, as pessoas não tavam tão alcoolizadas como atualmente ou mais, recentemente. Então isso trouxe um desestímulo muito grande... Ecad, bebida, dificuldade de encontrar músicos também trouxe um problema muito grande. Naquela época tinha muito músico, era fácil você montar uma banda pra tocar em baile de carnaval. Hoje se você quer buscar esse pessoal que tem mais experiência, você tem que ir lá no Sexto Batalhão, o pessoal da banda, são poucos, não são muitos. Na época de carnaval pra se dividir na região... Tinha um camarada chamado Geraldo, ele tocava trombone, ganhou prêmio naquele programa de calouros que tinha, do Flávio Cavalcante, da extinta TV Tupi. Era o Fantástico daquela época, esse programa. Então esse Geraldo foi lá, ganhou prêmios e ele fazia uma banda de carnaval muito boa. Também tinha o Berica, que fazia uma banda pegando músicos do Batalhão e outros, conhecidos dele. E esse pessoal foi parando de tocar, dificuldade de músico é muito grande.

P: A própria Lira Trinta de Janeiro a gente só ouve falar no desfile de 7 de setembro.

E: É verdade. E se você vai lá, são poucos que tocam hoje, que querem estudar música pra valer, que querem tocar numa banda. Foi mais um outro negócio, uma dificuldade. Aí vem, eu concordo com você, veio o trio elétrico com força, pra desbancar qualquer tentativa de um carnaval como o de antigamente. Hoje o pessoal quer mesmo trio elétrico pra ir atrás.

P: Tem algum caso que te marcou no carnaval?

E: Caso, nossa, mas eram tantos. Era tanta confusão. Caso que me marcou no carnaval... Ah, de momento assim eu não vou lembrar. Eu sei que era muito divertido, porque eram 4 dias de farra mesmo, sem tanta bebida como é hoje?

P: E como que era trabalhar na quarta-feira de cinzas?

E: Naquela época era mais ou menos como hoje. Hoje a quarta-feira de cinzas tá virando feriado, não sei se você percebeu, mas antigamente era só até o meio dia, daí pra frente todo mundo trabalhava. E trabalhava mal mesmo, porque a quarta-feira de cinzas tinha uma peculiaridade, depois da seis tudo fechava. Todo mundo que tinha trabalhado no carnaval, bar, restaurante, tudo fechava depois da seis. Se você, no meu caso pro exemplo, minha família viajou no carnaval e eu passei uns dias sozinhos. E não tinha nada pra comer em casa, nada, nada, absolutamente nada mesmo. E eu saí pra rua pra poder achar um bar, algum lugar pra comer, não tinha a proliferação de sanduíches que nem tem hoje, e eu não achei nada, nada, nada. Eu tive que ir pra zona boêmia comer bolo, e com um refrigerante quente porque não tinha outro lugar. Fechava tudo, tudo mesmo. Dava meio-dia o pessoal trabalhava, mas depois da seis você não encontrava nada, nada mesmo na cidade. Era a tradição de parar a cidade pra dormir na quarta-feira de cinzas.

P: Como que era a zona boêmia?

E: Ah, eu fui lá menino, e rapidinho porque a polícia ficava em cima, viu? A minha frequencia lá não foi grande não. Porque quando eu comecei a ter idade pra frequentar já tinha algum declínio. A zona boêmia da Valadares foi famosíssima na região. A região de pedra, tinha gente que ficava rica aqui da noite pro dia, tinha muito dinheiro então era uma zona boemia muito concorrida. Vinha mulher pra trabalhar aqui do Brasil inteiro. Mas eu não peguei essa época, quando eu comecei a frequentar já tinha declínio, não tinha a mesmo fama. E a polícia aqui sempre atuou muito forte, então você tinha que ir preparado pra correr, eles tinham uma moda que eles chamava de triagem, porque eles paravam num lugar e faziam a triagem, olhavam os documentos. Pessoa naquela época sem documento era presa tranquilamente. Hoje não se pode fazer isso. Naquela época se fosse apanhado sem documento na rua você era preso. Uma prisão ilegal, injusta, porque às vezes você não tava fazendo nada, só porque você tava sem documento, mas você ia pra que fizessem a tal da triagem lá na cadeia. Pra ver se você tinha algum processo, se tinha algum mandado de prisão, mas eles enchiam e levavam muita gente. Isso é reflexo da ditadura, viu? Porque a ditadura que permitia esse tipo de prisão, que não era legal, mas era tolerada, ninguém tomava providência. Hoje se falar que alguém foi preso só porque não tá com documento, todo mundo reage, mas naquela época você tinha que tomar um cuidado muito grande com isso.

Anexo 5- Entrevista com Epaminondas Bassi

Data: 21.08.09

Local da entrevista: Atelier do entrevistado.

Ocupação: Pintor e artista plástico.

Pergunta: O tempo todo a imprensa citava Valadares como a "cidade do já teve".

Epaminondas: É, mas é engraçado mesmo, é a cidade do já teve. Foi o Carioca, Sebastião Nunes, que inventou isso. Já tivemos bons times, bons clubes, hoje não tem... O Democrata não joga nem amistoso, joga uma partida e desmonta o time. Desmotiva. Como que um cara pode gostar de um clube que só faz amistoso, só joga oito vezes num ano? É igual o carnaval também, já que o assunto é carnaval, nos nosso clubes era lindo demais, competia um com outro pra ver quem tinha melhor decoração. Os decoradores no caso: eu, Chico Melo, o Aldo, a gente visitava um o clube do outro, pra tocar figurinhas. Cada um tem um estilo, e também recurso. Os clubes tinham mais recurso que os blocos, as Escolas de samba, os Grêmios, eles ensaiavam o ano todo.

P: Como que era trabalhar pra clube que não tinha muito recurso pra decoração?

E: A imaginação. A gente contava com a imaginação pra suprir a falta de dinheiro. A gente colaborava também, teve um dia, todo mundo onde era a Faculdade [Fadivale, Faculdade de Direito Vale do Rio Doce] era um galpão, ali mesmo os carros alegóricos, nossa era uma coisa mais linda construir aquilo. Eu desenhava, projetava pro Chico Melo, e tinha o pessoal também de vida difícil, da zona boêmia, elas que davam mais brilho ao carnaval, porque não tinham medo de se expor, eram mais ousadas. "Olha as putas da Rosinha. As putas da Rosinha são mais bonitas que as da Dulce". Era natural conversar assim, que as que mais ganharam, mesmo discriminadas. Até hoje é, mas mais naquela época.

P: Na época do carnaval elas sofriam discriminação também?

E: Sofriam. Não, sofriam fora da atividade delas. Eram moças recatadas, mas na hora de trabalhar elas davam duro. Faziam carro alegórico e desfilavam em carro, porque as mocinhas de família não tinham coragem de se expor igual a elas. E tinha muita fantasia, muito bloco sujo, o Arnóbio Pitanga, o Nonô, o Bloco dos Fabri, tudo é memória, tudo coisa de louco. Aproximava o carnaval, bem antes eles tavam passando pelas ruas, mesmo sem dinheiro, era rapazola, e tudo com cunho político, naquela época já, bem antes da ditadura, bem antes.

P: E quando começou a ditadura, não se por questão política ou econômica, o carnaval começou a mudar. O Minas e o Ilusão começaram a parar de mandar carros pras ruas. Como que era o período antes, na época da zona boêmia?

E: Eles faziam o carnaval das boates também. Tinha as barraquinhas no meio. Ao longo da Avenida Minas Gerais, da Praça Serra Lima até os correios, barraquinhas de máscaras, de lança-perfume, tinha o curso. Pessoal do bairro, alguém que era motorizado, botava todo mundo no carro e ia. Eu fazia muita máscara, essas máscaras romanas, de gladiador, não tinha pra vender, então a gente montava aquilo, com papelão e laminado ganhava bem com aquele negócio, e os pessoal da barraca. Porque era bonito, só de se ver aquilo colorido, muito chapéu de marinheiro, a gente gostava daquelas paradas brancas, de cruzeiro de navio. Muita pipoqueira. E eles cortaram. Tinha uma arborização muita boa sombreando, cortaram tudo. No meio era tudo ponto de táxi, inclusive meu pai tinha um táxi, no carnaval ele botou um carro na mão de um amigo, pra ter um extra também.

P: Então tinha um potencial turístico, mas a prefeitura custou a dar incentivo?

E: Até hoje a prefeitura o interesse hoje, que é o Simão [produtor do GV Folia, carnaval de micareta fora de época], ele matou o carnaval. A secretaria não vê isso, não vê o carnaval, não vê nada pra reproduzir o carnaval, você veja bem, o que que isso pode gerar. No meu caso tinha ajudante, tinha eletricitista, tinha bombeiro, todo mundo pra ajudar, pra colar papel laminado, pra tudo. É igual barracão do Rio, eles trabalham o ano todo, o carnaval acaba e já sabe o tema do ano que vem.

P: Aqui também o processo começava antes?

E: Começava antes, o pessoal já sabia o que ia fazer. Aí eu parecia, fazia muito dragão e palácio romando, que era orgia, dava aquela conotação de carnaval. Roma passa isso, né?

P: E o que era o Pagode Chinês?

E: É aquele templo, aquela casinha deles. No 6º Batalhão [da Polícia Militar] tem um Pagode desse tamanho, eu já recuperei várias vezes. Eles ganharam do Rio, a Banda do Sexto. A banda 6º tocava marchinha pra gente.

P: A Lira Trinta de Janeiro...

E: A Lira Trinta de Janeiro, que isso! É uma memória! E o descaso que tem com ele. Em detrimento do Axé Folia, GV Folia, eles mataram o carnaval. Eu tenho uma mágoa, eu não gosto de axé por causa disso. Além de tirar trabalho, tirou de Valadares um dos carnaval mais bonitos. Gente bonita. E os blocos sujos, era a turma do bairro e ia pro Centro, aí vestia de meia mulher, meio homem, meia noiva, meio noivo; botava um fraldão, comprava um urinol, botava cerveja nele, pegava quibe e desmanchava, ficava parecendo cocô, aí ia nos barzinho, animando, quando saía o pessoal ia gente. Como se fosse um bolo, ia aumentando. A pessoa tá alcoolizada, vai atrás. Muita gente ia nessa brincadeira. Nos carnaval já tinha gente fazendo isso. Os Grêmios, o Zé Belém onde hoje é uma casa noturna, casa suspeita, carnaval. O Bemetal fazia carnaval aqui. Metrôpole fazia carnaval, até o pessoal da Igreja Católica fazia carnaval. Decorei muitas vezes o Metrôpole, aliás a minha primeira decoração foi no Metrôpole. Depois o Chico Melo apareceu, viu meu trabalho, passei a trabalhar pra ele. Um braço direito. Ele não desenhava muito bem, eu fazia o projeto. Ele falava "o tema é esse". O Ilusão, até o nome é bonito, olha só, o nome mais bonito que eu já vi Ilusão Esporte Clube, a memória do Ilusão. No Ilusão eles não têm material nenhum pra te dar, eles não sabem nem quem foi fulano. Fora isso os clubes também tinha atividade com os músicos, o Idelfonso, fazia aquelas noites memoráveis. Até alguns bares botavam serpentina, que nem em Copa do Mundo pinta de verde e amarelo, eu tava lá, nessa também. E o Chico Melo eu faço questão que não se esqueça dele, aprendi muita coisa com ele, ele trabalhava com muito coração no carnaval, ele e o irmão Milton, um carnavalesco de mão-cheia. Saía de Sansão, arrumava uma Dalila e ia todo mundo pra Avenida. E o curso, aquelas barraquinhas bonitas, aqueles nariz, aqueles bigodes, aquelas máscaras, e o lança-perfume que não tinha problema nenhum com o lança-perfume. Vinha da Argentina aqueles frascos de metal, depois deixaram frasco de vidro pra evitar flagrante, o cara jogava no chão e acabou, não tem mais. E o cara desmaiava com aquilo né, principalmente depois que tomava uma. Foi aí que perceberam que era perigoso, mesma coisa que cheirar éter. Na época o pessoal ia atrás do cheirinho da Loló, que é perigoso, explosivo, mas sempre tinha um com isso, aí desmaiava no salão a toa. No Minas, na quarta-feira de cinzas, metade do salão tava lá mesmo. Você tinha muito amor de carnaval, só no carnaval, quando acabava nem olhava mais na cara do outro.

P: O carnaval também causava fim de romance...

E: É a cidade do já teve! O carnaval já teve aqui. E o carnaval hoje é turismo, quanto cara que é músico por causa de carnaval? Toma gosto e vira músico, eu tenho muito amigo que virou músico por causa do carnaval. E as Escolas de Samba, a do Antônio Paulino, a Milionários do Ritmo, Bafo de Bode, o pessoal ensaiava, fazia carro alegórico, sem recurso até. Mas cerveja não faltava. Era pago com bebida até, fazia um churrasquinho e ia fazendo e bebendo, fazendo e bebendo. Falaríamos 2, 3 dias se tivesse de lembrar, mas fica faltando muita coisa.

P: E teve algum caso que você não esqueceu?

E: O que marcou foi quando eu comprei uma pipoqueira e quando eu estreei ela no carnaval e chegou uma turma de delinquentes e botaram fogo e ela era de compensado ainda, foi um investimento muito grande, na época. Depois eu e meu irmão compramos outra, mas nós ficamos com medo. No mais os desmaios mesmo, misturava lança-perfume com bebida, época de cuba libre, hi-fi, bebida tudo de carnaval, o carnaval comprava na garrafa. Pra cuba libre o cara compra gelo, um levava o limão e o copo era do bar mesmo, era descartável... E a garrafa o Nonô saía com ela na cabeça, é uma memória do carnaval. Você teve com ele?

P: Tive.

E: Não sei se ele lembrou de tudo, porque ele tá bem né... Ele faz 80 por aí, a memória falha por aí, eu tenho 63, tem muita coisa que eu só vou lembrar depois que você sair. Falha realmente né.

P: Por isso que eu tô fazendo isso. Tem muitas memórias que já foram.

E: Não, o Chico mesmo não tá, desencantou com o carnaval. Um fato que marcou foi um ano depois que o homem pisou na lua, nós fizemos a chegada do homem na lua no Ilusão. Pra mim foi a melhor coisa que eu fiz, porque era muito futurista. E até hoje tem gente que não acredita nisso. Aí tirava tudo de revista, do Cruzeiro, depois veio a Manchete, mas na época era o Cruzeiro, inclusive eu ainda tenho muita revista de época de carnaval, tudo pra tirar elementos de carnaval. Tinha muito camelo. Camelo ou dromedário? Tem muito cara que confunde. Então o camelo e elefante era muito. O elefante porque dava volume, preenchia o carro todo. O camelo por causa da altura. Girafa não dava por causa da fiação elétrica, era mais baixa ainda. Então interferia na altura.

P: E os carros alegóricos dos Reis Momo. Eles procuravam vocês pra ajudar?

E: Procuravam sim. O Didi Barra, que era gordão, foi o que mais personificou o Rei Momo foi ele. Aquele ar bonachão, gordão.

Eles recebiam as chaves do Prefeito...

E: As chaves! Eu inclusive fiz muita chave, confeccionei, fazia o molde, a gente inventava uma chave, laminava ela, e passava pro Rei.

P: E quando o carnaval tava acabando, em 92 quando tentaram reviver, o Rui Moreira não foi entregar as chaves pro Rei Momo.

E: Não foi, você veja bem, até isso interferiu. Você vê um cara como o Rui Moreira, com essas idéias, já não tem Secretaria de Turismo, até hoje não tem. Você vê a nossa plataforma [de decolagem para vôo livre], deixa a desejar. Jet ski, por exemplo, você vai no domingo e vê o pessoal brincando, se fizesse uma competição, bota uma atração musical e ganha dinheiro com isso, na beira do Rio Doce, envolta Ilha. A Ilha é mal aproveitada turisticamente. O Garfo vai fazer aniversário, decorei muito lá também. O Aldo Rosa, e o Chico Melo, Epaminondas, eu não esqueci

de mim. E tinha o Buti, que gostava de carnaval também, meu irmão também fazia carro alegórico, ele toca hoje em Los Angeles e levou a cuíca pra dentro da igreja evangélica. O que dava na época muito eram os romanos, o cinema tinha muito, então era fácil de improvisar. Pegava uma lança, uma bacia, laminava e virava gladiador.

P: Os clubes tinham rivalidade...

E: Tinham. Os blocos tinham rivalidade. E eles revezavam. Primeiro o Ilusão, lá, aí passava, vinha a Lira, onde tivesse carnaval eles passavam. O Kaaba mesmo era o mais tradicional...

P: Mas entre os decoradores não tinha rivalidade?

E: É mesmo, engraçado, e hoje artista plástico não tem mais isso. Artista plástico não visita o outro. Eu visito o Idalino, ele me visita. O artista é uma ilha. Quando eu fui presidente da Associação dos Artistas Plásticos por 8 anos, eu tive dificuldade por causa de política, porque você tem uma política que anulava os artistas. A gente tem uma secretaria que não funciona. Olha o teatro. Se tiver uma peça o cara que trabalha lá não tá sabendo.

P: A Funsec nos anos 90, cada ano tinha um presidente diferente...

E: É isso mesmo, e sempre um cara fora do metier dele. Um que eu lembro muito bem lembrado era o Francisco de Paula, ele e o Toninho Coelho, que é um cara que levantou a casa da Cultura, fizemos feijoada para angariar fundos e deu em nada. O Museu é uma lástima. Tanta memória na [rua] Pedro Lessa, ali perto do estacionamento da [avenida] Minas Gerais, do lado de uma pastelaria, ali era uma Casa de Cultura, a memória tá toda ali, e algumas na [rua] Prudente de Moraes. Inclusive até fizeram um concurso aqui pra um monumento, um marco, aí o cara ganhou, mas foram deixando, deixando. O cara recebeu o prêmio, mas ele queria ver a obra dele lá. Eu também participei, mas disseram que meu RG tava inabilitado. E eu propus um marco mesmo, porque aqui todos os marcos são acanhados, tudo é pequeno. Faz um marco de verdade. Eu quis algo que se a água subisse até aqui, ainda tinha metade dele. Você vê aquele marco na Praça dos Pioneiros, do 60 n anos, ele é genial, mas tinha que ser grande, maior, pro cara levantar a cabeça. Mas é desse tamanhinho. O dos 40 anos a mesma coisa, o marco de verdade é o do vigésimo. Você vê o mau-gosto, teve uma administração que pintou aquilo de verde, azul, amarelo, berrante, aí voltaram pro branco, uma cor neutra. E a Lira 30 de Janeiro que não pode esquecer de jeito nenhum, quando a gente tava duro, não tinha dinheiro pra clube nenhum, a gente ia lá. E as moças da zona boêmia iam lá também, e a gente também ia por causa delas, pra ter uma gente.

P: Eu li que na Lira era muito quente...

E: Nossa, demais. Tinha aquele ventilador de cinema, ventava e trazia a inhaca toda pra gente. O cheiro de suor.

P: E no Minas e Ilusão, como era?

E: Era muito concorrido. O do Ilusão tinha a vantagem que ventilava, porque da [Avenida] Minas Gerais até ele tinha um corredor de ar, ventilava, e tinha muita janela. Tem até hoje. E o Chumbinho, era quase um ditador, de boa memória, ele tinha ciúmes das paredes, quando tinha de adaptar alguma coisa, bucha, parafusar, ele ficava nervoso, nem ia lá "Vou não, vai me dar um treco". Ele gastava muito dinheiro, botava madeira nobre, e no carnaval a gente tinha que tirar pra fazer a nossa decoração, e dava muito trabalho. Ali Babá, essas histórias, o Senado mesmo... Quem seria o Ali Babá hoje no Senado? A imagem do Senado hoje, as Câmaras de Vereador são uma lástima, só servem pra fazer título de cidadão honorário, e pra quem já tem. Tem vereador que não

vê isso, do carnaval, de ver como uma fonte. A Elisa Costa tinha a oportunidade de fazer isso nos 72 anos de Valadares. Ma não tem ninguém pra sugerir isso. O cara fica no gabinete tomando café pra não dormir e fazendo nada. O Murilo Teixeira tem memória, é poeta, imortal. Ele foi um cara que tinha essa visão, mas aí hoje quem vai mexer com Secretaria de Turismo? Hoje só interessa a delta, mas nem tem cuidado com eles. Onde eles pegam o ônibus não tem nem abrigo pra eles. Só falta acabar isso também, tá perdendo espaço pra Serra da Moeda, que tem mais recursos, mais imaginação. Por isso é a terra do "já teve". Já tivemos. Ela já me teve.

P: Mas será que se tentassem reviver nos moldes de antigamente, a população corresponderia?

E: Podia começar com um bairro, por exemplo, é mais fácil, uma Comissão, um Corpo, pegava um clube, o Metrôpole, que tá desativado. Isso move muita gente. Você vê a Abandonada. Até a Abandonada foi abandonada. Não tem nada mais de carnaval, nem música. O carnaval tá acontecendo e no bar não tem nem música.

P: As músicas de carnaval meio que morreram no país todo...

E: É, as músicas de carnaval. Você tinha os cantores populares, Emilinha Borba, Marlene, elas cantavam, tinha música pra época, as marchinhas. E o samba-enredo. As Escolas de Samba, os Grêmios, dá recurso pra eles, promove feijoada, faz ensaio e o povo vem. Mas tem o Ecad também, né? Eles atrapalham até barzinho. Você vê o Mercado [Municipal] os músicos de lá, já teve também, tá perdendo. O Ecad caça os músicos e parou a música no Mercado. Tem que tirar carteirinha, dificulta tudo, como que faz carnaval? Falhou a memória.

Anexo 6- Entrevista com Hildo Valentim

Data: 01.10.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Radialista.

Pergunta: Como que você começou a participar do carnaval em Valadares?

Hildo: Olha, tudo começou numa brincadeira que nós tínhamos exatamente sobre o time do juventude, aí criou-se o bloco, do juventude carapina. Do bloco, criou-se a escola de samba, devido à quantidade de pessoas que o bloco tinha, aí a própria administração municipal daquela época, do Ronaldo Perim, pediu que nós criássemos a escola de samba. Aí nasceu a escola de samba do juventude. nasceu, teve alguns fatos históricos, engraçados, no primeiro eu passei cinco dias sem dormir confeccionando um carro alegórico, que era uma águia, representando a paz, na época. Aí fomos. a gente torce para que o carnaval torce em Valadares, como inclusive tão falando que ano que vem tem, a gente tá esperando inclusive um comunicado da atual administração para que a gente possa voltar a realizar também. Principalmente o juventude, que além de ter o time, tem outros segmentos sociais de trabalho social que a gente faz também. Porque nós colocamos, como eu disse, mil pessoas na avenida. E o carnaval é folclórico, então o povo precisa, principalmente o pessoal de baixa renda em Valadares. Porque hoje criou-se esse carnaval temporão, o GV Folia, mas é um carnaval que discrimina o povo. O carnaval é pago, e o povo pula é na rua, não é certo isso. Tem que voltar o carnaval do povo, dar o que é do povo ao povo. Então nós estamos aí, aguardando que volte para que a gente possa voltar a participar. e essa é a história do juventude. Foi em 88 que começou, a escola de samba, nós fomos convidados a participar em outras cidades, como em Aimorés, e foi uma época muito boa, a gente tinha ala de baianas. Eu por exemplo nós fizemos um enredo, a única escola que fez um enredo falando da cidade, do que já teve, ninguém mais fez. Bicicross, canoagem, asa delta, homenageamos o Du Magalhães, que foi o pioneiro, que trouxe o vôo livre pra Valadares, morreu inclusive em vôo livre, a gente homenageou ele. E vários outros segmentos que a gente vê aqui em Valadares. E agora a gente tá esperando resgatar isso, porque tá só na saudade. E o carnaval em Valadares trazia turistas de outras cidades, os hotéis ficavam cheios. A gente tá aguardando para que possa voltar e reviver essa história novamente.

P: E como que criava o samba-enredo, a música, como que fazia a divisão das alas?

H: Exatamente, o samba-enredo que criava as alas. Nós tínhamos uma ala de bicicross que tinha por volta de cem garotos que fazia malabarismos com a bicicletinha. e aí a gente ia criando. Nós tínhamos um compositor que chamava Dorcílio Gonçalves, que ainda tá vivo, de idade, mas tá vivo, que criava esse enredo. Tinha o enredo do time que acordava cedo que era assim:

*Sentinela, tocou alvorada
 Agitando a rapaziada
 Juventude desfilava
 Vem desfilar
 Em cada esquina sob a batucada
 Agitando a moçada
 Verde e branco vem sambar
 Samba iá iá
 Samba iô iô
 Samba vovó, samba vovô
 Samba menina, samba menino
 Samba o leão do juventude carapina*

E outros sambas, que era acorda, amor. Que o Tim tem, que outras escolas criaram e que ficaram só na história. A gente tá juntando com as outras escolas pra que a gente possa realmente pensar em voltar o carnaval. São histórias bonitas, são histórias que faltou dinheiro na época, eu cortei as toalhas da minha mãe todas pra fazer as penas da águia, cabei com as toalhas de mesa dela, porque tinha que comprar pano branco. Tem outro fato histórico que pouca gente percebeu na avenida, eu tinha uns 200 figurantes que batiam na batucada e eu não consegui comprar tênis pra todo mundo. Sabe o que eu fiz? Comprei tinta latéx e pinteí o pé de todo mundo, principalmente dos pretos e ninguém percebeu. Todo mundo na avenida com o pé pintado de branco. O meu amigo Roberto Igino falou "Telê você é inteligente demais, ninguém percebeu". E tava tudo igualzinho, tudo pintado. Eu tinha um artista plástico que desenhou o sapato no pés deles, de branco. É um fato engraçado, foi um design Roberto Souza, ele mora hoje no rio, ele falou "eu faço pra você, é só comprar a tinta". Aí compramos a tinta, porque eu não tinha mais dinheiro pra comprar tênis, porque eram mais de 200 pessoas na bateria, uma bateria enorme, e pintou o pés das pessoas de cor negra, tudo pintou o pé de branco, o povo achou que era tênis. Teve um fato da asa era muito grande, nós fizemos o carro alegórico no carapina, quando foi descer começou a pegar vôo e eu falei "segura gente", foi muito engraçado essas histórias do bloco. Tinha as pessoas destaques, que saíam na escola de samba, era uma coisa muito bonita. Juventude dominando. Nós fizemos um macacão, pra uma menina que foi destaque, todo de agulha, agulha de costurar, agulha por agulha, 5 mil agulhas. A agulha não espetava e foi um destaque muito grande, ficou muito bonito, batia assim e brilhava na avenida, muito bonito. Foi um trabalhão danado, um trem de doido. Fiquei cinco dias sem dormir, virava o dia "não, não posso dormir não, muita coisa pra fazer", e aquele monte de gente, nós no ensaio era aquela loucura. Mas era gostoso, eu gosto. Muita gente na avenida, mas no ensaio era muito trabalho. Acaba gastando dinheiro do mesmo jeito, aí a gente tá esperando pra que volte o carnaval.

P: E valia a pena, mesmo não sendo...

H: Vale porque, como eu falei pra você, é um trabalho social, o trabalho das escolas de samba. Porque o povo se sente feliz em brincar o carnaval na rua. Principalmente o juventude que foi criado num bairro periférico pobre de baixa renda, que é o carapina, então as pessoas se sentiam ocupadas ali, naquele espaço, com a escola de samba. então era um trabalho social que deveria ser resgatado também. Então é basicamente é isso.

P: E como o juventude surgiu depois, deu tempo de criar rivalidade com algum outro bloco, ou alguma outra escola?

H: Não, não teve, porque a gente foi criado e logo acabou o carnaval. E não deu, mas o pessoal tinha medo "nó, esse cara é inteligente", por eu tá sempre na mídia e tal. Eu buscava recurso fora, o bloco tinha os jogadores que participavam do bloco, na escola de samba. Foi bloco e virou escola de samba, no outro ano já era escola de samba. enquanto teve muitos blocos, com mais de 20 anos, que nunca viraram escola de samba. Não tiveram a potência que eu tinha.

P: Quando o carnaval tava no auge, eram poucas escolas de samba. Quando ele começou a declinar e ir pro fim, surgiram várias. Não desanimava vocês ver o fato de que o carnaval tava acabando, não?

H: Não, não desanimou até hoje. O pessoal continua animado esperando. Surgiu uma escola muito rica em Valadares, só de magnatas, que era a Figueira Samba Comigo, e outras escolas de samba. E o povo continua esperando, entrou algum outros administradores que parecem que não olham para o povo, foram eleitos pelo povo, aí acabou o carnaval. Sendo que o carnaval do povo fica mais barato que o carnaval do povo fica mais barato que o carnaval temporão, mas olharam pro alto e

esqueceram dos menos favorecidos. E aí acabou o carnaval em Valadares, tá precisando mais realidade, a atual prefeitura pode resgatar, a gente tá esperando.

P: Em 92, já tava na administração do Rui Moreira, tentaram reviver o carnaval, e começou com seis escolas de samba falando que iriam desfilar...

H: Inclusive a nossa, inclusive eu participei da associação, com o Rock, mas não deu em nada não. Foi só barulho mesmo.

P: Algumas delas desistiram de desfilar quase em cima do dia do desfile, falaram que tinha coisa política no meio. O senhor lembra disso?

H: Lembro, eles tava querendo enaltecer politicamente, e as escolas de samba não querem participar de nada politicamente. Querem que incentivem o carnaval sem intervenção política.

P: O Juventude chegou a desfilar?

H: Não, não houve o carnaval, só foi falado, aí parou por aí mesmo. E até hoje estamos esperando, vamos ver agora.

P: Mas ainda tem os instrumentos?

H: Tem, tá tudo guardado. Tudo no Carapina guardado.

P: E é usado em algum evento?

H: Inclusive alguns eu doeï pra torcida do Democrata, tem nada a ver com a gente, mas eu doeï. Mas a gente tem muitos parados ainda, só começando o carnaval a gente consegue colocar tudo em prática.

P: E esse time Juventude Carapina, quando ele surgiu?

H: Em 84, antes da escola de samba, por isso que ajudou muito. O Juventude puxou o povo pra escola de samba, e era um time que abrangia toda a cidade, trazia toda a cidade, subia o Carapina tinha gente do Santa Helena, do Nossa Senhora das Graças, do Santa Rita, tudo pra desfilar no Juventude. Por isso que o Juventude é um time muito querido, que cria inclusive muito impacto, o pessoal fala assim "que diabo de time é esse?". E por eu trabalhar em rádio, tá na mídia, eu divulgo todos os dias. Eu divulgo o Juventude nas rádios, tem escolinha, agora mesmo eu vou pra escolinha. Escolinha de futebol, que eu tiro menino da rua, é um trabalho social que eu faço há 25 anos. Que na escolinha ninguém paga nada, a gente tira os excluídos, é gente do Carapina, do Santa Rita, de Baguari também tá vindo, porque a escolinha não cobra.

P: O time ainda atua?

H: Atua, domingo vou te chamar pra você ir lá no Democrata ver os meninos jogares. Meninos de 14, 15 anos, tem de 20 e pouco também. É um trabalho muito bonito que a gente faz, sendo que esse trabalho deveria ser feito pelo Democrata, que não faz, então o Juventude é um time querido por isso. Abrange menino do Altinópolis, Turmalina, Planalto, Santa Helena, Carapina, a gente se sente realizado ali. Por isso que eu acordo cedo pra treinar os meninos, não ganho nada pra isso.

Anexo 7- Entrevista com Ivaldo Tassis

Data: 27.08.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Advogado.

Ivaldo: Tinha o Minas o Ilusão, Ilusão era normalmente o campeão. As Escolas de samba, a boêmia também tinha um carro alegórico que circulava muito bonito, muito animado. E o povo tava na rua, você vê o Rio de Janeiro com aquelas escolas de samba, nós tínhamos isso tudo, lógico que era em tamanho menor, micro né. Mas nós tínhamos aquela beleza, aquela coreografia, aquele efeitos visuais todos aqui na cidade. Era muito bonito. E tinha os blocos dos clubes, que bancavam a disputa de quem era campeão. O lança-perfume era liberada. E o povo participava, e tinha também os blocos. Papai era um carnavalesco emérito, ele e o Dr. Arnóbio. Tinha também o Bloco dos Fabri, o Nonô que também tá vivo, ele saía com uma garrafa de cerveja equilibrada na cabeça. Era um tempo muito bonito, muito gostoso.

Pergunta: Como era a zona boêmia?

I: A zona boêmia era um local que tinha bares, boates e mulheres. As mulheres eram da região, de longe, sempre mulheres bonitas. E por incrível que pareça, o ambiente dentro das boates da zona era de extremo respeito. Era proibido ter sacanagem no salão. Não tinha disso não. A maior intimidade era pra dentro dos apartamentos que tinha lá dentro, nos fundos, uns quartos lá. Nas boates tinha os quartos das mulheres que iam para lá e moravam lá. A boate era um local de comportamento exemplar. Muita boa. Tinha 3 categorias: as boates Normandi, tinha a da Dulce e a da Rosa, ali na região do Mercado [Municipal] na esquinada José Luiz Nogueira pra lá, hoje é a Rua Euzebinho Cabral na esquina com a Israel Pinheiro você tinha a boate Normandi. E logo a seguir onde hoje tem um prédio de escritórios, tinha a Frenesi. A boate Normandi era da Rosa, a boate Frenesi era da Dulce. As duas boates disputavam a grande clientela de Governador Valadares. E os artistas que vinham aqui, Nelson Gonçalves, Aldemar Dutra, essa turma toda frequentava lá e dava show e fazia apresentação na zona boêmia. Apresentava aqui na cidade nos clubes, ou no Cine Palácio e depois fazia festão pra turma dos boêmios na zona boêmia, nas boates. Eu sei que era uma festa muito bonita. Eu sei que tinha essa parte da zona que era a classe A, depois você tinha a classe B, a média, são outras boates, nas imediações da Afonso Pena, da Bárbara Heliodora, boates médias, que algumas mulheres eram donas da boate. E depois você tinha a área mais pesada chamava Torresmo, era o baixo meretrício, muita puxa faca, muito tiro, tinha muita bronca lá. Era ali da Afonso Pena pros lado do acampamento da Vale, do pessoal da tela. A tela era uma proteção que tinha no acampamento da Vale desde que o pessoal morava lá. Nas imediações dessa tela para a Afonso Pena que era o Torresmo, o tira-gosto que mais vendia lá era o ovo cozido, porque era o menor risco que você corria. E vinha gente dessa região toda frequentar a zona boêmia, era atração turística, vinha gente demais.

P: E no carnaval a zona saía?

I: A zona tinha um carro também, que saía, se inscrevia no desfile e saía. Eu lembro de um carro que era uma cobra, e na boca dela tinha uma mulher. Ao invés de uma cegonha trazendo um bebê, era uma cobra trazendo uma mulher. Mulher muito bonita.

P: E elas sofriam preconceito?

I: Não, o público tratava elas muito bem. Todas eram bem tratadas sem problema nenhum. A gente sempre foi muito aberto pra isso, elas frequentava os clubes, os lugares que as pessoas da sociedade

frequentavam, cinemas, bares no centro da cidade, sentavam e conversavam normalmente, o comportamento delas era normal, nada de extravagância não. E a cidade sempre respeitou, sempre recebeu sem nenhum tipo de preconceito. Ainda bem.

P: E o seu pai? Ele era muito famoso aqui, recebeu muitas homenagens...

I: Papai era um cara muito alegre, ele e o Dr. Arnóbio, faziam uma dupla muito querida na cidade. Eles faziam carnaval, festa junina, quadrilha de São João, um saía de noivo, o outro saía de noiva. Papai tocava uma sanfona, então era uma alegria muito grande. No carnaval, além dos clubes, também tinha o carnaval da Lira, ali era um carnaval mais popular, eu fui diversas vezes com papai e na época eu também era casado com a minha primeira mulher e nós íamos na Lira junto com ele. Era um tempo gostoso, muito bom.

P: E no carnaval eles faziam sátiras? Eles já preparavam antes?

I: Preparavam. Seis meses antes eles já mandavam fazer, mandavam fazer. Foram os pioneiros dos carros alegóricos, não era carro alegórico, mas mandavam fazer uma estrutura de madeira. Meu pai era marceneiro, mandava fazer a estrutura, enfeitava e saía. Quando o Sebastião Mendes Barros ganhou a eleição, o apelido dele era Barrão, Sebastião Mendes Barros, era Barrão, daí choveu muito e eles resolveram fazer um porco, um porcão, ou seja, um Barrão. Fizeram um porco do nome Barrão, e saíram, punham as frases críticas, faziam também muita crítica nos tempos do Raimundo Albergaria. Dr. Raimundo muito alegre participava do desfile na rua, era um pessoal muito alegre. Era muita alegria.

P: E o seu pai sofreu o segundo enfarto já tava perto da época do carnaval...

I: Foi. Foi pouco tempo antes. Ele sofreu um enfarte e desse ele não voltou. Até que do enfarte ele recuperou bem, mas meu pai morreu efetivamente de uma hepatite que ele pegou até no hospital. Então, infecção hospitalar que matou o papai, logo depois do carnaval. Ele adoeceu antes e morreu logo em seguida. Papai morreu em março, carnaval foi em fevereiro. Tá fazendo carnaval lá em cima até hoje.

P: E vocês como filhos vocês pegaram a tradição de continuar pulando carnaval?

I: Durante algum tempo a gente acompanhava e fazia alguma coisa, mas logo em seguida a cidade acabou com o carnaval também, né, houve a política na época em que carnaval não era importante. E depois eu até tentei quando eu tive presidente da Funsec, eu tentei reativar, reanimar o carnaval aqui, havia uma banda aqui, a Abandonada, fazia um barulho gostoso e na Funsec nós descentralizamos, fizemos um carnaval no Centro, um no bairro de Lourdes e um no Vila Isa. E eu acreditava que tivesse perspectiva de melhorar alguma coisa, mas logo em seguida ganharam as políticas, nós fomos afastando do governo também e o assunto morreu, e hoje o carnaval só tem (?) e é um investimento pra ganhar dinheiro. Eu não tô criticando quem tá ganhando dinheiro, eu acho muito justo, mas o carnaval como nós tínhamos em Valadares acabou, hoje é um empreendimento empresarial, investimento pra se ter lucro, só. Se vai ter alegria, se vai ter espontaneidade, ninguém tá preocupado com isso. Eu fui nesse aí, pra não voltar. Não vi sentido para o tipo de carnaval que eu gosto, quem gosta de farra tudo bem, mas dentro de um camarote ali, uma carreta passando em volta pra você olhar, não tem... Falta vida. Falta, não tem nada espontâneo, é tudo muito artificial, na época não, era tudo muito espontâneo. Mas isso é conversa de velho, ficar falando essas coisas. Mas é a verdade. Hoje falta muita espontaneidade, e isso enquanto nós não resgataremos esses valores espontâneos o carnaval não resgata, acho muito difícil resgatar. As coisas são muito diferente, o mundo evolui de uma forma violentíssima. Você se lembra de máquina fotográfica. Você acredita que máquina fotográfica vai continuar existindo? Esse aparelhinho, esse celular

acabaram com tudo, vai falar, vai filar, bater foto, acaba com a máquina fotográfica. Eu sou do tempo da máquina fotográfica chamada Kodak, um caixotezinho, você comprava filme, colocava na máquina e depois mandava revelar. Você tem isso hoje? Acabou. Essas coisas vão acabando todas. Hoje tem essa internet aqui e a vida tá aqui, e todo mundo tá se vendo. É muito bom, mas acaba com muitas coisas que tem também, muita coisa que na vida a gente aprende isso aqui não ensina não, ligar isso aqui é pouco. E o carnaval tomou rumo meio que desse jeito, ele hoje é uma tecnologia, faz trio elétrico, faz som, alguém enganando que tá fazendo barulho lá em cima, alguém enganando que tá cantando e faturando lá em cima. É isso aí, vamo ganhar grana.

P: Você acha que um motivo que ajudou a acabar com o carnaval aqui foi que já tava surgindo o trio elétrico, tipo como novo modelo de carnaval?

I: Foi uma importação da Bahia, né. A Bahia tem muita coisa boa pra exportar, não precisava exportar trio elétrico não. Tinha vários carnavais no Brasil. Tinha o carnaval do Rio de Janeiro, que é o carnaval show, tinha o carnaval da Bahia, que é o trio elétrico. Você tem o carnaval de Pernambuco que é o frevo, seria hoje o que é mais autêntico deles. Mas eu não sei como é lá, não frequento. Mas parece o mais autêntico. E a Bahia importou pra nós, e nós fomos lá buscar o trio elétrico. Hoje nosso carnaval é mecânico. Hoje o nosso carnaval não é, o carnaval de verdade não é mecânico. É povo, é gente, é alegria, é vida. Carnaval não é isso não, carnaval tá acabando.

P: E quando você era presidente da Funsec, na época um dos empecilhos pra promover bailes era o Ecad, que tava cobrando taxas altas...

I: Eu tenho um juiz que é meu amigo Dr. Osvaldo Pereira Firmo, que ele inclusive aqui, ele brinca e fala o seguinte. Eu tava defendendo umas ações tratando do Ecad, e o Ecad é uma coisa tão séria, que quando eu tô na rua, se eu vou assobiar eu olho pro lados por causa do Ecad, pra eles não me multar. Mas é verdade, o Ecad colaborou demais para acabar com as realizações carnavalescas, mas eu na Funsec não tive problema no Ecad não, nem sei se a Funsec pagou Ecad, deve ter pagado alguma coisa. Eu tive povo na rua, eu tive gente, tive que fazer o carnaval em cima de trio elétrico, porque era muita coisa pra ser feita. Botamos inclusive pra rodar na cidade, três horas da manhã tava acabando. Mas o carnaval teve realmente muito retorno. Bombeiro jogando água no povo, porque tava muito quente. Tinha aquela música "Amor, eu fico", nós fizemos "Carnaval GV, eu fico", foi o carnaval do fico, muita gente em vez de viajar ficou. Isso aí com o povo ficando a gente vai segurando o carnaval em Valadares, mas deixar o povo ir embora, carnaval vira feriado pra esvaziar a cidade. Aí não tem sentido nem ter o feriado. Carnaval hoje em GV dá pra fazer um belo retiro. Tudo parado, não tem nada, pois é.

P: Quando começou a ditadura militar, logo depois vieram várias crises econômicas como que interferia no carnaval dos blocos?

I: É, a interferência maior deles era a censura, porque carnaval sempre foi uma oportunidade de extravasar muita coisa, então você tinha carnaval músicas que eram críticas, eram as marchas. Maria Candelária, desceu de pára-quadras e caiu na letra O. O que era "a letra O"? Antigamente funcionário público tinha escala em letras da ascensão na carreira. Entrava na letra A, ia pra B, pra C, chegava na O, que era muito alta. Então já era uma crítica, Maria Candelária, protegida de alguém, chegou de pára-quadras na letra O, era uma forma de tá... Depois teve outra, "Coloca o retrato do velho outra vez", era o retrato do Getúlio, quando ele tinha sido derrubado da ditadura dele e voltou eleito então as repartições públicas tem um retrato do presidente da república e bota o retrato do velho outra vez. Então essas comportamento musical de carnaval no regime militar ele acabou, porque tomava conta e não podia falar nada, tinha que ficar caladinho. E até meu pai aqui conseguiu driblar isso porque ele tocava música italiana chamada Bandiera Rossa, "Bandiera Rossa la trionferà, Bandiera Rossa la trionferà...". Bandiera Rossa era o hino do Partido Comunista

Italiano. Tinha nada a ver com a história, e ele cantava aqui, e o todo mundo cantando junto com ele "Bandiera Rossa la trionferà...". Era proibido, mas também ninguém sabia o que tava acontecendo. É isso que você via como no carnaval fazia coisas, era a forma de burlar a proibição, mas depois ficou demais, eles não tinham intenção em ver aglomeração do povo porque normalmente tinha crítica, e dali pra descambar numa passeata faltava pouca coisa, eles proibiram bastante e também colaborou. E aqui nosso carnaval acabou exatamente no período do MDB governava a cidade, no período do Raimundo Resende e Ronaldo Perim, a participação da administração no carnaval, foram eles, exatamente no período de oposição. Mas a gente tem esses desencontros históricos. Dr. Raimundo já se foi, Ronaldo tá aí ainda, politicamente também já se foi, mas tá aí firme ainda. E o carnaval nunca mais voltou, não teve jeito, todas as tentativas foram frustradas. É coisa demais pra falar em pouco tempo, mas é isso aí mesmo. Carnaval já foi, nós já tivemos, o Hermírio fala muito que Valadares é "a cidade do já teve", Valadares já teve muita madeira, já teve muita serrarias, já esteve no ranking de Minas, a segunda cidade do interior do estado, Valadares já teve carnaval também. Não tem mais, já teve. O museu deve tá cheio de fotos, fantasias, filmagens não, a minha ex-mulher era uma foliona de carnaval muito bonita, ela tá lá no museus, nas fotos lá, nos carros do Ilusão, desfilando lá. Todas as pessoas daquela época da sociedade de Valadares participaram desse momento de carnaval no Ilusão, a geração de hoje tá com seus 55, de 50 talvez, os mais precoces da época, a 70, 75, 80 anos. Esse povo todo pulou carnaval e sabe como era gostoso e com certeza tem saudade dele.

P: E você ainda tem fotos?

I: Eu já tive. As fotos do papai nós doamos pro museus, fantasia também, restava também a sanfona dele. Mas Ivanor emprestou pra um amigo da família e não voltou mais. Mas as fantasias do papai nós doamos pro museus. Eles cuidam melhor, eu espero.

P: E como foi o carnaval das crianças carentes na Açucareira?

I: Nós conseguimos os ônibus pra levar, o Padre Manolo foi quem levou as crianças, levamos uma banda de carnaval, levamos lanche, com refrigerante, e tinha confete, serpentina. Tudo por conta da Funsec, coordenação do Padre Manolo. E toda a estrutura trabalhou pra dar a logística toda e foi um sucesso. Foi muito gostoso, foi muito bonito, a criançada pulou bastante.

P: E a banda tocava marchinha?

I: Marchinhas de carnaval! Tocava marchinha de carnaval, nós trabalhamos muito tempo com as bandas daqui, não era de fora não, eu não lembro o nome delas mais não, mas as bandas era daqui. Tanto aqui no Centro da cidade como na Açucareira, não fiz carnaval de som mecânico não. Parava pra descansar, entrava outro, dava quinze minuto de descanso, mas era assim.

P: E a Lira Trinta de Janeiro...

I: A Lira Trinta de Janeiro também, a banda lá era a própria Lira, o carnaval era espetacular. Porque a Lira era um baile mais popular, mas simples, não tinha constrangimento, mas era freqüentado mais por pessoas bem simples, de menos posses, então você tinha lá determinadas situações com segurança mais apurada, mas a Lira era muito bom. Nós íamos pra lá, eu com minha mulher, minhas primas, acompanhando papai e o Dr. Arnóbio, mas tinha muito respeito. Era muito quente, uma panela de pressão. Até tinha ventilador, só depois o Ilusão teve ar condicionado, que era ar renovado, o Chumbinho que colocou ar condicionado. O Minas também era outro forno, mas a Lira era baixo, o teto era baixo, e era realmente um calorão daquele de rebentar com a saúde da gente. Mas ninguém importava, a gente ia lá pular carnaval.

Anexo 8- Entrevista com Jerônimo Magalhães (Nonô)

Data: 20.07.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

Pergunta: O senhor chegou a pegar o carnaval da década de 50, quando tinha as meninas da zona boêmia?

Nonô: Demais. O carnaval, na verdade, de Valadares, era um carnaval espetacular. Era um carnaval tido como um dos melhores do interior de Minas. E tinha aquela disputa entre os clubes, de carros alegóricos e etc e também tinha o pessoal da zona boêmia. Também desfilavam, tinham carros alegóricos. No mais seriam as Escolas de samba, inclusive que eu participei de todas elas.

P: E as meninas da zona boêmia? Quando elas desfilavam, como desfilavam?

N: Era um troço interessante. Era de uma linha fora do comum, você nãoalaria que aquelas mulheres eram realmente lá da zona boêmia, de tanto rigor, de tanta linha delas estando participando do carnaval. Era formidável.

P: As pessoas não tinham preconceito?

N: Não, absolutamente não. Elas desfilavam como outro carro também desfilava, que aliás, saíam todos os carros juntos. Passavam pela avenida [Minas Gerais] do Garfo, do Minas, e delas também passavam. Juntos. Não tinha "Ah, você vai passar depois que terminar". Não. Passava tudo normal, era um desfile normal. E elas com toda aquela linha, vestiam muito bem.

P: Como que eram as fantasias dela?

N: Ah, tinham diversas fantasias. Teve um ano que saiu um carro com elas com uma cobra e uma das mulheres estava sentada dentro da boca da cobra. É, muito bonito. E no mais eram as escolas de samba que eram maravilhosas, tinha diversas que eram maravilhosas.

P: O senhor participou de alguma delas?

N: Participei. O principal que eu participei era do Bloco dos Fabri, era uma família, Fabri, que tinha. Eles inventaram e formaram esse bloco que tinha eu, Dr. Arnóbio, o Ivo de Tassis, o finado Pedrim também participava. Era um bloco formidável. E da Escola eu participei do Milionários do Ritmo, e eu tinha uma fantasia diferente de todas. Uma garrafa na cabeça.

P: Como que o senhor equilibrava a garrafa?

N: Eu equilibrava os quatro dias.

P: Mesmo se "tomasse uma"?

N: Eu tomava todas. E conseguia ficar com a garrafa na cabeça. A não ser, eu me lembro, assim, quando terminou o carnaval, e que me chamaram pro GV Folia, e no segundo ano eu até falei "ah, não vou voltar aqui mais, não é aquele carnaval que nós gostaríamos de ver. A coisa aqui é diferente". Uns maus elementos. Na segunda participação deles no carnaval fora de época um

sujeito me empurrou e eu deixei a garrafa cair. Foi a única coisa que eu me lembro e falei "não vou voltar aqui mais", mas voltei mais uns dois anos, mas aí eu falei "deixa eu parar, tô muito velho para isso". Mas o carnaval de Valadares foi sensacional.

P: O Bloco dos Fabri, quando já tava diminuindo o desfile no carnaval de rua, quando os clubes já não mandavam carros alegóricos, o Bloco dos Fabri, o senhor e dr. Arnóbio que eram meio que a resistência, não é?

N: Exatamente. Na hora que eles terminaram nós ainda continuamos a desfilar. Saíamos na sexta-feira, punha mais um dia por nossa conta, aumentava o carnaval em mais um dia. Foi formidável, só quem não viu que não pode imaginar o que foi o carnaval de Valadares.

P: Como o senhor se sentia quando percebeu que o carnaval tava acabando?

N: Foi pior do mundo. Quando o carnaval parou mesmo teve um dia que nós reunimos do dr. Tênisson Fabri, que era o diretor do bloco, e nós falamos "E agora? Que que vai acontecer?". Nós reunimos na casa dele, tomamos umas e outras e fomos embora.

P: E quando o carnaval acabou surgiu a Abandonada...

N: Abandonada. Exatamente. Como que ela chama? Sobreira. Aí vieram aqui em casa e disseram "ah não, Nonô, você vai participar da Abandonada". E eu participei do primeiro até o último desfile dela. Mas foi formidável. Foi uma época que até hoje, eu vou dizer pra você com toda sinceridade, falta uma coisa na minha vida. Falta algo na minha vida, que é o carnaval. Eu não saía pra canto nenhum, às vezes eu já fui, até fui, de Timóteo vinham, mandavam me buscar e eu pulava lá e aqui.

P: E quando que o senhor começou a pular carnaval? Foi desde pequeno ou não?

N: É interessante. Nós morávamos em Belo Horizonte, nós vínhamos de Belo Horizonte pra aqui. E lá eu brincava, mas aqui em Valadares acontecia um fato interessante. Chegou o carnaval. E o carnaval tinha muita animação lá na Lira 30 de Janeiro. Mas pagava pra entrar. E minha irmã "Nonô você não vai, não? Eu vou, vocês vão me arrumar e eu vou". Tive que ir de mulher pra não pagar. Vocês acredita, que elas me arrumaram, eu tinha um cabelão, elas me arrumaram de um jeito que eu entrei como uma mocinha e continuei de moça lá dentro. Mas eu adorei, foi um dia maravilhoso pra mim. Depois no outro dia eu falei "ah não vou voltar lá mais não". Comecei. Mas aí apareceu outros bloquinhos, apareceu o Bloco dos Fabri e aí era todo ano.

P: E como o senhor conheceu o dr. Arnóbio Pitanga? Foi no carnaval ou foi antes?

N: Não, antes eu já conhecia. Mas nós três, era três figuras que não podia faltar no carnaval: era eu, dr. Arnóbio e o Ivo. O Ivo tinha uma sanfoninha. O dr. Arnóbio uma época vestia de mulher, outra época ele, ele sempre fazia fantasias completamente de todos.

P: E depois ninguém seguiu o exemplo de vocês três?

N: Não. Nem os filhos do dr. Tênisson que tinha 2 que eram músicos, nem eles continuaram. Agora mesmo, há pouco tempo morreu o meu compadre, ele foi o penúltimo, né, porque eu que sou o último. Só eu que tô sobrando.

P: E porque que o senhor acha que o carnaval acabou?

N: Eu que vou te perguntar por que que o carnaval. Foi o maior crime que o prefeito pôde cometer foi esse, porque o carnaval assim era um carnaval do povão, a única coisa que o povão tem porquê brincar é no carnaval. Porque não tem condições de ir pra uma praia. Tá certo que tem muita gente que tem condições, mas o povão em si não tem, então eu acho que foi um crime que cometeu.

P: O Prefeito não investiu na festa?

N: Não. Nós do Bloco dos Fabri nunca tivemos um ajuda da prefeitura. As Escolas não, recebiam, cada uma recebia um tanto. As despesas, fantasias, instrumentos, etc. Mas nós do Bloco dos Fabri era por nossa conta. A não ser a Antártica que começou a patrocinar o meu desfile, e dava 5 engradados de cerveja todo o carnaval, e dava a camisa, pra gente vestir, com a propaganda da Antártica. E assim terminou o nosso carnaval, até hoje dá saudades. Foi formidável, uma época que não volta mais.

P: Mas o carnaval de rua mudou no país inteiro, a gente não ouve mais falar no carnaval de rua...

N: Não. Hoje, infelizmente, a gente só ouve essa barulhada. Só vê barulho. Você não vê uma marcha de carnaval daquelas que realmente tocam você, hoje é essa baianada fazendo essa bagunça.

P: Mas aqui também colocaram trio elétrico quando tava acabando...

N: Exatamente. Aí veio os interesses financeiros, foi uma das coisas que também ajudou a exterminar com o carnaval de rua. Porque há pessoas que levavam vantagem pra trazer esse trio elétrico, ganhavam dinheiro. Então aí acabou de acabar mesmo. Agora é só trio elétrico, e você vê que é um absurdo hoje um abadá custar 300 reais. Hoje carnaval é dinheiro. Na época do verdadeiro carnaval, você tinha era prazer em desfilar, em brincar, as minhas filhas todas elas freqüentaram o carnaval, e entravam em Escola de samba e nunca teve uma pessoa que dissesse "O h, o camarada pegou na filha do seu Nonô" ou na filha de quem quer que sejam, todo mundo respeitava. Era uma brincadeira maravilhosa. Não é essa bagunça que tem aí hoje.

P: Quando eu pesquisei sempre se falava "brincar" o carnaval, como se fosse uma brincadeira...

N: Exatamente. Era uma coisa sadia, não essa coisa que se vê hoje. As pessoas que têm condições ficam encurraladas, cercados, não tão sentindo prazer, pois tão presos. Cordas, e homens de segurança. Então ele não tá sentindo prazer. Ficam presos.

P: E o senhor também ia nos clubes?

N: Todos eles. Porque eles vinham e me chamavam, pra eu ir lá, pra fazer as minhas bobadeiras, então eu ajudava muito os clubes. Eu desfilava e à noite eu ia pros clubes. Eram como um baile comum, todo mundo brincando, ficando alegre, todo mundo respeitando o outro. Era o principal do carnaval. Aquele respeito do outro. Você era incapaz de uma moça passar e... hoje você vê, uma moça não pode... não, ela tem que ficar amarrada, presa, igual um animal.

P: Como que foi para o senhor quando proibiu o lança-perfume?

N: É interessante. Minha filha, até hoje eu não sei porque, eu fico assim "meu deus, porque isso aconteceu?". Porque o lança-perfume era usado naturalmente. Passava uma moça, você jogava nela, mas não tinha... eu vou dizer, eu não sei se é porque eu tenho um nariz [grande] eu sou o que mais cheirou. Mas ninguém usava aquilo como droga. Era uma brincadeira. Não sei porque proibiram. Não sei. É uma droga, mas era uma droga que não fazia mal a ninguém. Um cheirinho assim, de vez em quando, não era mal. Aí o perigo foi esse, que aí veio esses produtos perigosos, fizeram

cheirinho perigosos. Então é isso, minha filha, o carnaval de Valadares, tchau.

P: Tem algum fato curioso ou engraçado que o senhor lembra até hoje?

N: Teve um carnaval que houve um problema no bloco, uma pessoa que é do Rio, quis infiltrar no bloco, mas era completamente diferente. Queria mexer com mulher do fulano, do ciclano e mexeu com a mulher de um dos componentes do bloco. Foi uma confusão. Aí foi todo o bloco preso. Fomos pra uma cadeia na Afonso Pena, ficamos lá, aí veio não sei qual advogado, quando souberam, e todo mundo foi lá pra tirar o bloco.

P: Geralmente quando prendia no carnaval, só saía depois da quarta-feira de cinzas...

N: Mas nós saímos no mesmo dia. E foi no primeiro dia de carnaval, mas o delegado sabia que era só gente de bem, não tinha malandro, não tinha nada. Todas as pessoas de família. Foi lá pela década de 50. [Ele pega foto] Esse aqui foi o último que morreu. O meu compadre Expedito e o Zé, batia pandeiro como ninguém. E a minha fantasia era a garrafa. Foi em frente ao posto que eu tinha na [rua] Barão do Rio Branco.

P: O senhor tem muitas fotos de quando desfilava?

N: Eu tinha quase 500, mas na enchente de 79 foi tudo embora. Foi o maior prejuízo que eu tive na minha vida, porque não faz mais, não recupera.

Anexo 9- Entrevista com Jorge Luiz Barbosa

Data: 07.10.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Cabelereiro.

Pergunta: Como você começou a participar do carnaval em Valadares?

Jorge: Nossa, isso é da minha família. Eles saíam no Buti e eu saí desde os cinco anos que eu desfilo no carnaval.

P: Aí você sempre na Milionários ou saía em algum bloco também?

J: Sempre na Milionários.

P: Você saía em alguma ala?

J: Não, mamãe sempre fantasia pra mim pros carros alegóricos.

P: Aí sambava no carro alegórico também ou tinha que ficar parado?

J: Ficava quieto.

P: E como que surgiu a idéia de fundar a Rosas da Vila?

J: Porque as escola daqui, não, duas não era, mas o Buti principalmente, uma palhaçada de "tinha diploma do bispo". Uma palhaçada, não sei se Igreja Católica tem a ver com festa pagã. Aí proibiu os meninos de desfilar. Eu não, porque como mãe era da elite da Milionários eu não fui proibido, mas aí os meninos foram postos pra fora e eu mais uns outros amigos meus que tavam lá dentro saímos pra apoiar os outros. Fomos pra uma outra escola, e no outro ano nós fundamos a nossa.

P: Essa outra escola foi a Figueira?

J: Não, foi a império de Lourdes, que era do Antônio Paulino. Aí no outro ano nós estávamos com a documentação pronta e pusemos a Rosas da Vila na rua.

P: E de onde veio o nome?

J: Tem um contexto. Nós queríamos fazer uma escola de samba exclusivamente gay, mas não teve apoio da população gay. Então quando nós precisávamos de instrumentista, nenhum gay ia querer sair carregando peso. Aí nós tivemos que mudar o nome, porque primeiro ia ser Unidos do Arco-Íris ou O Espelho. Aí nós acabamos juntando Mocidade Independente, do Rio, com Vila Isabel e rosas foi por nossa conta mesmo.

P: E no caso, não sei se teve a ver, mas quando o Buti começou a barrar os gays na escola dele tava tendo ataques aqui na cidade...

J: O Arranca Toco? Quando teve eu ainda estava no Buti. O Buti começou a barrar porque queria que os gays desfilassem só de Carmem Miranda ou de Dama Antiga, e isso pras bichas, nós não

queríamos isso não. Aí por isso que teve as coisas, não podia por biquíni, não podia por maiô.

P: Mas vocês chegaram a sofrer alguma ataque, vocês do Rosas da Vila?

J: Não, sabe porque não sofremos ataque? Preconceito sempre tem, mas como o grupo que saiu tudo trabalhava, nós mostramos na avenida que sem a gente não ia ser nada, porque quem criava era nós. Bola, fantasia, os outros só copiavam. Nós não, minha filha, nós púnhamos no papel e no pano.

P: E preconceito, vocês sentiam isso na hora do desfile ou não?

J: Não, só no dia a dia.

P: No carnaval dava uma trégua?

J: Como assim, na rua?

P: É, na hora que vocês desfilavam a população aplaudia do mesmo jeito que às outras escolas ou vocês sentiam alguma hostilidade?

J: Do mesmo jeito, e muitas vezes até melhor que as outras, sabe por que? A escola era pra ser gay, mas como não ia render, ficou normal e ficou só o apelido de escola gay. A população do nosso bairro, do Altinópolis, vieram em peso, os heterossexuais, aí isso tirou aquilo estigma de gay e não teve mais aquele estigma de gay, de ficar xingando "toma vergonha na cara", aí isso acabou.

P: Aí a bateria foram esses héteros que fizeram?

J: Aqui continua a mesma coisa, o gay só era destaque. Bateria tocava toda foram os "normais".

P: Quando vocês saíram da primeira vez, vocês homenagearam uma Luana, quem era ela?

J: Menina, era assim. Luana era eu. E os meninos fizeram um enredo porque realmente Luana ia fazer 21 anos que desfilava no carnaval. Aí o meu amigo fez um samba falando que era homenagem, mas não tinha homenagem nenhuma não. Era uma brincadeira.

P: Aí quando vocês surgiram o carnaval já estava acabando. Aí em 92 tentaram reviver. Convidaram várias escolas e algumas delas saíram de última hora aí quando o Diário do Rio Doce conversou com vocês, vocês mostrando a preparação da escola pro carnaval, aí um de vocês comentou que a saída dessas escolas era uma coisa política. Eu queria entender isso.

J: Realmente aqui sempre foi coisa política no carnaval. Mas em 92 eles tentaram reviver, mas teve só nós e o Santa Helena, mas nós já estávamos preparados, porque nós já tínhamos dois carnavais prontos que ainda nunca foram pra rua. O Santa Helena acho que era a mesma coisa. Mas aqui carnaval não adianta pensar em voltar, porque aqui não tem carnaval em Governador Valadares. Aqui é utópico, o carnaval.

P: Mas quando vocês diziam que o carnaval era política, o que vocês queriam dizer?

J: As escolas dependem da prefeitura. A maioria não consegue ter renda. Nós fazíamos festa direto, pra ter dinheiro. Mas mesmo assim, precisa da ajuda da prefeitura.

P: E no último ano que vocês saíram, vocês fizeram uma letra muito bacana sobre Alice no País das Maravilhas. Quem que fazia essas letras?

J: Tinha o Jô. Eu fazia o enredo e Jô fazia o samba. O Jô é cabeleireiro aí na rua, mas também não adianta nem chamar que ele não quer mais não. Eu não lembro da letra. Foi a Alice não, foi?

P: Criticava moratória, troca de ministros, no final falava que o povo não era Alice pra viver de imaginar...

J: Ah, era isso mesmo.

P: E de onde surgia a idéia de usar canudinho e radiografia como material pra fazer fantasia?

J: Ué, o Jô fazia um desenho, como o material era caro, tinha que achar um material parecido. Então do acetato ia pra radiografia. E de uma fibra lá que no Rio de Janeiro as escolas usavam, nós fomos pro canudinho, porque não tinha dinheiro pra aquela fibra.

P: E teve algum caso engraçado nessas preparações ou no próprio carnaval?

J: Eu não lembro não. Além da bebedeira de quem trabalha? Os ritmistas sempre bebem uma, muito, mas caso engraçado eu não lembro.

P: E na hora de sair na avenida alguém saía bêbado?

J: Não, não podia sair bêbado não. Eles tomam antes, se saísse bêbado errava a harmonia.

P: E vocês sentiram algum sentimento de perda quando o carnaval acabou mesmo?

J: Muito. Agora a maioria não quer voltar. Dá muito trabalho pra um, dois dias só. E não vale a pena. E também hoje em dia o carnaval tá uma empresa, e aqui não tem como virar uma empresa, e você vai competir como? A prefeitura vai liberar nunca.

P: Vocês também tentaram olhar espaço de quadra pra vocês?

J: Sempre teve a promessa da prefeitura de dar, mas nunca deu.

P: Vocês chegaram a fazer parte da associação das escolas de samba?

J: Não lembro nem de ter recebido convite. A senhora recebeu, mãe? A Rosas da Vila, até hoje eles mandam coisa cobrando, porque a mamãe fez uma inscrição em alguma coisa Cultural de Minas, aí sai o livro, nós até já mandamos documentação falando que não existe mais. Consta até o endereço daqui, isso aqui não é uma quadra, é uma residência, mas tudo vinha pra aqui.

P: Fizeram a inscrição pra receber algum tipo de apoio?

J: Era de grupos culturais de minas. Nós fizemos pra ficar conhecidos, porque a gente achou que ia durar o carnaval, mas não durou. Tivemos até que cancelar CPNJ, porque nós tínhamos CNPJ pra comprar material mais barato em Juiz de Fora.

Anexo 10- Entrevista com José Auxilium Figueiredo (Buti)

Data: 26.08.10

Local da Entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

Buti: As escolas não tinham direito a nada aqui. Acabou. Eu tinha uma sala pra guardar instrumento, não cabia. minha bateria eram 116 pessoas. Eu tinha uns seis de reserva. Eu saía embaixo do carro alegórico, eu fazia uma adaptação, e o carro me panhava. Eu ia de bermuda, de camiseta, eu saía no carro. O pessoal me ajudava, o comércio "ah, quanto é que você precisa de dinheiro?", eu mandava pegar. A prefeitura dava verba e eu tinha que prestar conta. até de agulha, agulha pra máquina, costura de mão, tudo tinha que prestar conta. Aí acertava com a prefeitura direitinho, aí a gente tinha essa influência por causa da boa vontade. Meus carros alegóricos eram tudo feito onde tá essa casa aí hoje, aqui era coberto, enorme. Aqui eram os instrumentos. Eu tenho meus instrumentos até hoje, tá tudo lá no bairro Santa Teresinha guardado na sala de um compadre meu. Aí eu tinha esse carisma com a turma por causa da boa vontade que existia. Eu arranjava as prancha emprestada e a alegoria era feita de acordo com o samba-enredo. Que toda vez que saía era diferente, por exemplo em Valadares 50 anos, eu homenageei a cidade. Então tudo que eu precisava, quando faltava eu falava pra eles "tá faltando isso". Muitas vezes eu comprava o pano pra fantasia, e as costureiras eram tudo daqui, eu arrumei dez máquinas, contratava as costureiras, na maioria era da escola. Então sabia aquilo tudo direitinho, e a gente tinha esse carisma de fazer a coisa com amor. E todo mundo tinha obediência comigo. Eu comandava a bateria da escola, tudo que eu pedia era ensaiado aqui, eu falava "vocês perdem o carnaval se quiser, tão ensaiados". Era muita gente, eram 110 pessoas só a bateria. Eu desfilei o carnaval de 88 com 980 pessoas. Tudo gente, não tinha gente da alta sociedade não, só trabalhador, classe média pobre.

Pergunta: Como que surgiu a idéia de fundar a escola?

B: Eu morei no Rio e desfilava no Salgueiro. Eu tava numa empresa de transportes que tinha filial aqui, e faltou um motorista aqui e eles perguntaram se eu queria vir pra Minas Gerais, eu falei "quero, mas quero ir pra Valadares". Eu já conhecia aqui, e eles me mandaram. Eu fiquei nessa empresa em Valadares foi uns três anos e pouco, e tinha três no Rio, mas ou menos seis anos na empresa. Aí surgiu uma vaga na Cemig de motorista e entrei. A bateria, era agachado, em pé, e eu não usava apito, não, era só. Então isso deixa muita saudade, a escola era uma irmandade muito grande. Chegava no natal, cada um trazia um coisa eu dava a carne, fazia churrasco. A escola era muito familiar. Ai de quem entrasse num desfile pra atrapalhar. Quando a polícia chegasse o cara já tava grudado há muito tempo. Eu tenho 49 afilhados de batismo por causa da escola "ah Buti, eu tô casado, minha dona tá no oitavo mês de gravidez, como que eu faço?", "traz a certidão de casamento que eu olho isso pra você". Eu ia lá no Hospital São Vicente, eu pedia ao Luiz Claro Pitanga, ele arrumava tudo pra mim, até cesariana. O menino nascia em agradecimento vinham dar pra mim "arranja um padrinho melhor, cara!", "ah, você tá fazendo pouco caso do meu filho", "eu não tenho nada, você tem que arranjar um padrinho que pode ajudar ele futuramente". E eu batizava era 5, 6 de uma vez, eu deixava juntar. O cara já tinha me falado que eu ia ser padrinho, aí deixava juntar. Então eu tinha muita amizade com todos. E graças a Deus eu não tive decepção com a escola, porque em 30 anos eu ganhei 22 carnavais. Teve uma época, no governo do dr. Hermírio, no segundo mandato dele, o tenente Murilo era chefe do turismo e falou "oh Buti, a sua escola tá toda afiada, tudo arrumado, tudo organizado. Você vai sair e vai ganhar o carnaval. Você podia deixar o título pra Bambas da Princesa...", eu falei "pode dar, não tem problema não", e ele "se ela não ganhar esse ano, ela vai parar", e eu "pode dar". Então eu sabia que eu ia perder, mas isso aconteceu uma vez, eu falei "sem problemas". Eu encontrei ele uma vez e ele "eu tenho uma gratidão", não, a minha turma toda já sabe, eu falei 'o tenente Murilo pediu pra bambas da princesa ganhar'. A

Baiana não tinha assim, porque eu ensaiava de setembro a fevereiro, então não tinha onde perder o carnaval. A alegoria era toda feita aqui com carinho, não tinha disso. Aquelas Baianas todas foram feitas aqui "ah, precisa de um rolamento, não tem como ela rodar e tal", eu saía e pegava rolamento usado de carro pra botar pra girar. Nós tínhamos muito, até hoje, carnaval de 2008 eu levei pra praça dos pioneiros 58 pessoas da antiga pra fazer, não teve ensaio nem nada, mas parecia que teve, tava todo mundo afiado. Eu dei um show lá, veio televisão, veio jornal e tal e eu falei "ah, eles me pediram, botei no jornal e eles vieram". Ainda deu, dos 110 veio 58. Tem três ou quatro aqui no SAAE ainda. Então a bateria era boa, eu ensaiava tão bem ensaiado que na hora eu falava assim "eu vou pra comissão de frente, vocês já tão ensaiados, vocês perdem o carnaval se quiser". Lá na frente do palanque que eu ia fazer a exibição com eles. Eu fazia com aquele carisma, animação danada.

P: E esse povo todo dispersou depois que acabou o carnaval, ou mesmo antes já tava se perdendo?

B: Não, eles encontram comigo e falam "ah, Buti". Mas eu não tenho mais lugar pra ensaiar, se voltasse o carnaval, vão supor, eu tinha que ter um lugar efetivo pra ensaio. Porque eu ainda tenho instrumento, ainda tenho 85 instrumento. Tem que dar um respaldozinho de manutenção, mas que eu tenho, eu tenho. O carnaval foi muito bom. é, eu trabalhei a vida toda com eles me dando a oportunidade de fazer desfile, então eles me davam a preferencia. eu tinha que fazer o carnaval. A gente fez a época, uma época muito gostosa, euforia, o povo não ia pra praia. Carnaval de 88 teve que ir pra casa. Quando entrou a milionários do ritmo na avenida, o povo "já ganhou, já ganhou". Sem terminar, sabe? Era um negócio assim contagiante aquela euforia de folião. Mas a vida é assim mesmo, esperar mais o quê?

P: E se tivesse chuva, como que fazia?

B: Os instrumentos eram tudo de náilon, então pra bateria não tinha problema. Agora a roupa eu tinha que comprar pra não desbotar. Então na hora da compra, do desfile, que era tudo feito aqui. Fantasia de mulher, de criança, de bateria, tudo era aqui. Eu comprava o pano que não tinha problema de chuva. e o pau comia do mesmo jeito. Então eu saía balançando com a água pingando, mas não tinha problema. Porque teve um ano lá que eu fui desfilar e choveu o trem era vermelho branco e ninguém sabia se era rosa, se era vermelho. Manchou tudo e daí pra lá foi logo no princípio. Eu tinha uns três, quatro anos que tinha fundado a escola, depois disso eu fiquei vivo. Porque não adianta você botar a coisa pra chuva molhar, o cara desfilava do mesmo jeito. Comprava sapatilha, eles vendiam casa de conga pra bateria, tinha uns que davam o número errado, nem sabiam o número que calçavam. Eu fiz isso, por fim os meus adversários achavam que era política "ah, o Buti ganha porque o prefeito é amigo dele". Não era, o problema meu é que eles ensaiavam um mês antes do carnaval. E eu de setembro a fevereiro. Não tinha nada de político, eu tinha era carisma, e o maior número de componentes era da minha escola. Então era tudo feio aqui, eu tinha um barzinho aqui pra eles. Os caras que desfilavam pra mim e que gostavam de drogas, eu falava "pelo amor de Deus, não vem com essa porcaria pra cá não, você faz a cabeça em casa e vem sem ela". nunca baixou polícia aqui, e aqui foram 17 anos. 13 foi lá no bairro São Geraldo. Quando era época de carnaval o batalhão ligava pra cá e perguntava "você precisa de reforço aí?", e eu falava "não, a responsabilidade aqui é minha". E era minha. Qualquer confusão que tinha aqui, às vezes um cara estranhava o outro e eu falava "peraí, você tá dentro do meu terreiro, você a mesma coisa, você procura outra escola que aqui não dá pra você", falava isso pro cara que tava sem razão. Então aí eu conversava com eles desse jeito falava "olha, tenha paciência, sou seu amigo a mesma coisa, mas aqui não dá pra você". Aí passava oito dias, dez dias e o cara voltava "oh, Buti, pelo amor de Deus, deixa eu voltar, eu não vou comportar desse jeito não". E eu "então você tem que conversar com o diretor de disciplina". Porque eu tinha outros diretores, só gente responsável "se o diretor falar que pode, aí pode, se não, não". Eu tinha três diretores de disciplina por causa das alas. "Se você não for aprontar aqui mais, se não fizer, não tem problema". Aí ele voltava "ah, Buti, eles me aceitaram", e eu "então comporta direitinho, porque pra te respeitar, você tem que respeitar todo

mundo aqui". Era desse jeito. A própria escola era, por exemplo, criança que desfilava comigo eu ia no comissariado de menor e pedia autorização, mas só desfilava comigo o garoto que passasse de ano. Se não passasse ele chorava e eu "não, você não passou de ano, sua mãe falou que você não passou de ano". Às vezes a mãe desfilava e ele ficava com o pai em casa. Então eu incentivava a criança no sentido de gostar da escola de samba e estudar na escola dele. Ele tinha que passar de ano. Ele chegava "aqui seu Buti meu boletim, eu passei de ano". "Ah, meus parabéns, vamo desfilar". Não adiantava chorar, se não passasse. A mesma coisa do cara que bebia cachaça, tinha cara que gostava de uma pinguinha. Na hora do ensaio eu falava "eu tenho aqui cerveja pra vocês beberem, se quiser comprar cerveja é o mesmo preço da rua, pega aqui. E é limitada também. cachaça não". Às vezes um saía pra rua e o diretor falava assim "aquele foi beber", quando voltava eu mandava pra casa, e ele "oh seu Buti, eu não bebi não". "Bebeu, você foi no boteco". Eu nem deixava ele entrar na segunda parte do ensaio. Eu era rigoroso nesse sentido e tinha ajuda dos diretores, que não tinham vício de fumar nem de beber. As diretoras de ala também. Eu não importava de uma mulher, não me interessava se ela era casada ou prostituta, desde que ela comportasse aqui. aliás, as mulheres de vida livre era mais bem comportadas que as outras. Elas davam conselho "oh gente, vocês tão no terreiro do Buti". Isso trazia muita alegria. Era feito com todo o rigor, eu falava "o que vale num desfile é a movimentação, é as alas unidas, não dá espaço". E eles faziam tudo direitinho, que antes do Araújo ser ali era o Jumbo. Então o cara me emprestava aquela área onde é a garagem hoje, eu ensaiava as alas ali, que lá tinha espaço, e aqui pequeno. Ensaiaava as alas bem ensaiadinho. Dois domingos antes do carnaval eu já tinha tudo programadinho, escrito, nas alas quantas pessoas, passista, pastora, tudo era feito mais organizado. Cada um tinha sua ala, cada ala tinha seu diretor ou diretora. Ala de homem diretor. Ala de mulher, diretora. Eu fiquei muito chateado quando eu aposentei, podia tá com um carnaval lindo aqui em Valadares. Aliás, Valadares até merece porque nunca elegeu um filho daqui. Até lá eu acho que já morri, não vai adiantar. Elisa, Fassarela, Hermírio, Joaquim Pedro, Ladislau, os prefeito todos que já passaram não são de Valadares. No dia que tiver um filho de Valadares, a cidade vira outra coisa. o cara vai querer carnaval de novo, futebol, tudo organizado.

P: O senhor dava as fantasias?

B: Não, quem dava as fantasias era a prefeitura, que a gente recebia verba. A escola era registrada como utilidade pública na Câmara, eu tenho a documentação, publicada no Diário Oficial, eu tenho o número da votação da Câmara, do registro no diário oficial. E lutei com 4 gestão de prefeitos pra dar o terreno da escola. Porque se tivesse dado, até hoje eu tava aí, não precisava de dinheiro de prefeitura, não precisava de angariar fundo com comércio. Porque durante o ano você fazia brincadeira, bingo, com frango assado, com essas coisas e dava resultado. Fazia um bailezinho, alugava a quadra. Tinha muito recurso. Porque na época que eu queria o terreno da prefeitura era no princípio da rua São Paulo, próximo ao Rio Doce, mas não ia água, a prefeitura falou e chegamos a medir o terreno. Era o Rui Moreira na época. Eu falei "esse terreno aqui dá 14 de frente por 70 de fundo", uma área muito boa. Eu tinha o Pedro Tassis pra fazer a quadra pra mim, me dava ela pronta, só pra botar o nome dele. Aquele deputado de Nacip Haidan, que eles mataram, ele falou "te ajudo no que puder". Então ia fazer uma quadra bonita, ia botar um casal sem filho pra morar lá e cuidar de tudo direitinho, não ia pagar aluguel, água, luz. E utilidade pública também o SAAE não cobra, a Cemig eu ia contornar em Belo Horizonte pra não pagar energia. Aí eu não ganhei. Aí quando eu conversei com o Rui Moreira ele falou "a Câmara tem que votar isso". Aí me deu revolta, porque foi o quarto me prometeu isso. Aí eu saí, falei "fiz 30 anos, ganhei 22, tá bom, vou parar com isso", e o povo "Buti, não para não". Teve gente que chorou "faz isso não". Mas nós não temos lugar pra ensaiar! Isso aqui hoje é da minha filha, passei tudo pro nome dela, água, luz, tudo. A doação já dei pra minha filha. Então as coisas são feitas de acordo com a boa vontade. Se tivessem dado o terreno pra escola que já era registrada, votada utilidade pública, publicada no Diário Oficial, tem tudo aí. Tem um pasta só dela. Não deram, eu desanimei. Quatro autoridades prometer e não cumprir, eu fiquei chateado "ah, vou mexer com isso mais não". Não vou porque não adianta

você forçar a barra de uma coisa quando não tem apoio. Eu pedia as pessoas pra fazer comício. separava 15 e falava "você vai fazer comício pra fulano", separava outros pro fulano. De qualquer partido. Eu não tinha partido. Iria um com o Hermírio Gomes, outro com o Zequinha Tavares, outro com Ronaldo Perim. Era desse jeito que eu fazia, pra mim qualquer um que ganhasse tava bom. Nunca forcei ninguém aqui dentro a votar em alguém, vota em quem quiser. Eu não ia forçar ninguém pra depois ser mal visto com político porque eu apoiei outro.

P: Como foi a concorrência com a Figueira Samba Comigo?

B: Foi assim. Eu tenho uma fita que o Alírio Dutra me deu onde fala que a Figueira Samba Comigo era do doutor Márcio e a esposa do doutor Raimundo Resende. Aí ele era prefeito, como eu ia ganhar? Não tinha jeito. Quando foi no dia da disputa, no domingo de carnaval, já entrei derrotado. Porque quando eu fiquei sabendo que o Márcio era o presidente e a vice-presidente era a esposa do prefeito, então fazer o que? Aí não tinha jeito. A mesma coisa se eu fosse vereador ou candidato a vereador, ganha a minha escola. Então não tinha mesma. E a turma "oh Buti, dessa vez nós vão dançar, né?". E eu "vamo, vamo dançar sem ganhar, mas vamo dançar". E saímos. Foi dito e feito. Eu fiquei atrás da Figueira por dois pontos. Foi tão bem bolado que eu perdi por dois pontos. A turma também, mas foi o maior show que eu dei com a bateria da escola em frente ao palanque. E foi tão perfeito que o prefeito, o próprio Raimundo Resende pediu pra eu repetir. Ia sair uma hora, eu saí duas e meia do palanque. E a bateria levantou o número de pontos pra mim, deram o resultado no dia, mas perdi por dois os três pontos. Mas eu saía daqui, eu morei no Rio muito tempo, desfilei no Salgueiro. Eu tirava folga aqui, eu deixava juntar três, quatro folgas, ia pro Rio e despachava fantasia usada do Salgueiro, da Portela, da Vila Isabel, que é verde e branco, eu tirava o verde e botava vermelho. Então as meninas arrumavam e ficava aquela coisa. Era tudo bem arrumado. Eu corria atrás, não deixava só por conta de dinheiro da prefeitura não, porque nunca que o dinheiro dava conta pra quantidade de gente. Ela dava tipo pra Unidos do Morro pras que era 80 pessoas. Nessa época eu tava com quase 300, pra você ver a proporção da escola foi só crescendo. De acordo que eu ganhava o carnaval, no outro ano era quase o dobro.

P: E o senhor não pensava em limitar o número de pessoas da escola, não?

B: Não, não limitava não porque eu ficava com dó, que era só pessoa carente, pessoas que não tinham clube pra pular. Tinha a Lira, na época, tinha essas coisas que alugava pra fazer carnaval. O cara não tinha dinheiro pra ir, não tinha o dinheiro do ingresso, coitado. Então a escola era uma opção, ele desfilava, suava, cantava e ia embora pra casa. Brincou, você tá entendendo? Então eu ficava com dó de falar "não tem". Eu lembro que veio uma família aqui. Veio o pai, a mãe e dois rapazes, um deles muito bom instrumentista de outra escola, falou "oh Buti, não deu certo na outra escola por causa disso e disso, não teve confusão nem nada". Eu falei "você vem agora, em cima da hora, eu já fiz as fantasias todas. Como que faz?". Ele falou "não, eu tenho aqui, me dá a cor do pano que eu vou buscar". E foi, as meninas fizeram em cima da hora e todo mundo saiu alegre. E foi uma das pessoas que mais me ajudou aqui dentro da escola. tanto a dona como o moço que era serralheiro e me ajudava com os carros. Eu tinha tudo, eu tinha banca, eu tinha solda, eu tinha turbo. Eu tinha tudo, fazia tudo aqui. O Ilusão pagava, o Minas pagava, eram aqueles carros bonitão, e os meus não perdia muito pros deles, que era menor e tal, mas bem feitinho, bem estruturado. Chamava o corpo de bombeiros pra vir fiscalizar "não, tá seguro, tá beleza, pode sair". Eu fazia as coisas com muito gosto. Primeiro que morei no Rio, que faz show pro mundo, é aquele espetáculo. é show pro mundo inteiro ver. Escola de samba lá é empresa. Eu, por exemplo, desfilei em uma 6 anos, era empresa. Desfilei na Salgueiro seis anos. Por baixo era a quadra coberta, linda, os restaurantes, bares, a parte de cima era pra turista. Eu ia sexta-feira, que eu era solteiro, e voltava domingo. Paga uma taxa pra dormir e ficava almoçava, lanchava, jantava, tudo lá. Só voltava domingo. Pagode, samba, ensaio, bateria. Eu vim transferido pra aqui, fiquei sem jeito e fundei a Milionários do Ritmo. Trouxe muito instrumento do Rio, pedi lá e tal. Perguntaram "qual que é o

nome da escola?", "Milionários do Ritmo", "nó, que nome bonito rapaz. panha lá Buti, o que tiver de ruim lá pode pegar". Instrumento estragado, consertei. De cara eu comprei quarenta. Aí comecei a comprar fantasia, que lá vendia fantasia usada baratinho e eu ganhava a maioria. E o que que eu fazia? Eu saía na Vila Isabel, Salgueiro, tinha um cara que era bacana comigo, o Carlinho era o meu compositor. Teve um dia que ele foi no barracão da Vila Isabel Comigo, eu ia lá panhar eu falei "vão lá pedir, tem um cara que toma conta do barracão". Aí cheguei lá e tal e o Carlinho era compadre dele. Aí eu fiz amizade com o Carlinho e ele me levava lá. A última vez que eu fui até lá ele "quem que é aquele?", "é o rapaz de Valadares, o Buti", "tá bom, manda ele vir", falei "tudo beleza?" levei queijo de Minas pra fazer uma média. Aí ele disse "vem cá, você pode ir lá nos barracões, vê o que que tem lá de roupa". E eu disse "tudo bem". Tinha muita coisa bonita, panhei tudo. Aí ele disse "agora você não volta aqui mais não porque escola de samba é empresa, seu Buti", e eu "mas eu ensaio no meu quintal, eu não tenho nem lugar pra ensaiar". Levava gravação de fita cassete, rodava pra ele. "Aí rapaz, uma bateria bonitinha dessas, manda aqueles políticos pro meio dos infernos" ele falava comigo "não é assim não, eles tem que te dar a quadra, rapaz. Escola de samba, você já foi na minha quadra você sabe como que é".

P: E a proibição dos gays...

B: Não, eu nunca proibi gay, eu tinha uma la gay de 40 integrantes. Mas a minha atitude com eles era a seguinte: ou achavam bom, porque não tinha opção porque a melhor escola era a Milionários do Ritmo. Falei "ó, vocês podem desfilar, mas com uma condição: não quero ninguém mostrando curva aqui". Falei com eles, fazia reunião só com eles. "Ah eu quero sair disso, quero sair daquilo". E eu falava "se a bunda não tiver de fora". Aí quando eles viram que não tinha jeito mesmo eles fundaram a Rosas da Vila, do Vila Mariana. Então 80% que desfilou no Mocidade Independente Rosas da Vila era gay. Eu fiquei sem ninguém, foram todos pra lá. Vieram agradecer e tal, mas lá eles saíram como queriam. O Jô era diretor, a Neide era a presidente, o filho dela é gay, o Jorge. Então daí era como queriam. A ala de baiana deles só com fita, a armação amarrada com fita. O gosto dele era diferente do gosto do pessoal que desfilava aqui. Eu não me importava se queria desfilar, é ala de passista, não tem problema. Mas com os gays eu tinha essas coisas com ele, que eu não queria que ele fizessem isso. Mas uma vez eu levei uma ala gay em Belo Horizonte, em Teófilo Otoni, que eu fui lá com 10 ônibus, levei 400 pessoas. Foi um auê, eles lotaram um ônibus. Eles foram, desfilaram bonitinho, não fizeram feio. Eu fui 11 vezes em Teófilo Otoni. Eu fui uma vez com a escola toda, e com a bateria eu fui dez vezes. Em comício, apresentação, aniversário da cidade, time de futebol. Eles tinham uma coisa comigo "eu quero 40 pessoas". Pagavam, recebiam a gente e eu mostrava pra eles "recebemos tanto, olha aí". E eles "não, Buti, guarda pra escola, pra comprar pele, comprar o que a escola precisar". Era muito bem tratado lá. Ia com essa condição. Se saísse daqui à noite, chegava lá tinha um lanche reforçado, se fosse de dia, almoçava, jantava, pra sair de noite. Ficava o dia inteiro fazendo samba. Eles já me contratavam e quando mandavam o ônibus, já "não, não tem problema não". Aí eles mandavam, e um prefeito passava pro outro, um perguntava como o outro tinha feito e eles falavam "leva o moço do ônibus já com o dinheiro que ele vem". E eu combinava com eles desse jeito. Fui em Mantena, em Pirapora, em Juiz de Fora, Caratinga, essa redondeza toda, Tarumirim, Don Cavati, Conselheiro Pena, Aimorés. Foi muito bom, muito alegre.

P: Quando o carnaval tinha meio que acabado, teve um ano que o senhor saiu junto com o bloco da Abandonada.

B: Foi, eu era muito amigo da dona da Abandonada, eu esqueci o nome dela. Eu tinha parado com o carnaval e ela falou assim pra mim "não tem jeito de você arrumar um pessoal pra nós ir pra Ilha fazer um desfile com a Abandonada?". Eu falei que tinha e ela perguntou como eu fazia. Eu falei "você bota no Diário do Rio Doce e na Rádio Educadora", hoje é Transamérica. Aí pedia ao Alfrío

Dutra e toda hora ele pedia, botava no programa, chamando os instrumentistas Juntou todo mundo. Ela fazia as camisetas do bloco e todo mundo vestiu e foi pra Ilha. Júlio Avelar vestido de mulher. Era uma festa. O tempo passa e a gente fica com as coisas. A primeira vez que eu assisti isso aí, esse DVD que eu ganhei com meu desfile, eu chorei que nem menino. "Gente, isso é mentira". Hoje eu acostumei, mas às vezes ainda vejo. Era um tempo muito saudável pra mim, muito alegre.

P: Os instrumentos, você disse que ainda tem, mas teve um ano que a Pantera cor de Raça, a torcida do Democrata, eles fizeram bloco e parece que tinham comprado de você.

B: Tinha, tinha sim. Eu tinha 116 instrumentos, aí eu fiquei com 85. A outra parte eu vendi pra eles, instrumentos que já tavam ultrapassados pra mim. Acontece que a Pantera Cor de Raça não tinha uma fiscalização que nem eu, acabaram com os instrumentos, um ia tocar, depois levava o instrumentos pra casa com ele. Todos os meus instrumentos tinham um número, ninguém podia pegar o instrumento, só o cara que tinha o número daquele instrumento. Porque se ele perdesse, ele era responsável. O cara da bateria assinava um compromisso comigo. Se o número dele era 23, não podia pegar o 22, nem o 24 nem nenhum. "Ah, furou o instrumento, Buti". E eu "Não tem problema, fica sem ensaiar que no próximo ensaio eu já consertei". Ele ficava lá olhando, se alguém quisesse dar uma descansada, podia passar rapidinho o instrumento. Porque os instrumentos eram muito repetitivos eu tinha dez caixa-carro, ou trinta caixa-carro. Mas depois eu consertava e voltava ele com o mesmo número. Os tamborins, que eram instrumentos pequenos, que era fácil de carregar. Era tudo numerado. Se não tiver organização, nunca que você tem, porque até sem maldade dá pra carregar o instrumento. Tá na mão e acaba levando, por gostar da coisa. Quantos me pediram pra guardar o instrumento em casa e eu disse "não". Até quem afinava o instrumento era eu. Porque se eu deixasse um componente pra afinar o instrumento, ele afinava a ponto de na hora de bater, ele estourava. Ele queria afinar a altura, mas tinha a média certa. Todos tinham a média certa. Chave de instrumento ficava era aqui comigo, não passava pra mão de componente nenhum. E eles tinham prazer com isso, aqui era tava tudo arrumadinho. Até as baquetas, tinha um cara só pra recolher baqueta. Surdo, tarol, tamborim, ficava as baquetas todas juntas. Tinha uns que já traziam as dele, nem precisava pegar. Quando eu ia no Rio eu trazia as baquetas todas. O bom do negócio todo era a obediência, que todos tinham um respeito muito grande por mim, e eu também tinha um respeito muito grande por eles. Do jeito que eu tratava o melhor componente, eu tratava o pior, no sentido de ser fraco em questão de aperfeiçoado em instrumento. Justiça era igual. Eu falava "aqui não tem ninguém melhor do que o outro, nem eu sou melhor do que ninguém, são todos iguais". Isso era quase todo ensaio "se eu sou igual a você, porque você quer ser melhor que o outro? Independente de um ser melhor que o outro no instrumento, aqui todo mundo é igual em boa vontade".

P: E o que você sentiu quando viu que o carnaval tava morrendo na cidade toda?

B: Eu senti pelo seguinte: eu parei, mas eu achei que o carnaval ia continuar, porque tinha cinco escolas de samba quando eu parei. A Milionários do Ritmo, Império de Lourdes, Unidos do Morro, Unidos de Santa Helena. Porque a Figueira saiu só um ano, o prefeito saiu e acabou. Registrada aqui era só a minha e a Império de Lourdes. Tinha que desfilar três carnavais pra requerer o registro. Aí a Unidos de Santa Helena não era, Unidos do Morro não era, nem a Rosas da Vila não era. Eu até tentei depois dar baixa na prefeitura, mas não deixaram porque coisa votada utilidade pública não pode voltar atrás. Parei, não queria que eu parasse, mas não tinha lugar pra ensaiar. No governo do Mourão ele me ofereceu a Açucareira pra ensaiar e eu falei "tá doido, homem? Como que eu levo esse pessoal todo pra ensaiar?". Primeiro o ônibus, tem que pagar. Eu perguntei "por que você não arranja o Ginásio Coberto?". E ele "ah não, o Ginásio Coberto...". Se ele tivesse me arrumado o Ginásio Coberto eu tinha tentado. Eu tenho o endereço de todo mundo ainda, tenho em ficário, endereço, telefone e tal. Mandava um coisa pra gente recomendar. Mas eles não deram e fazer o quê? Eu fico olhando minhas taças aí, você acredita que uma vez eles vieram aqui buscar pra levar pra

museu? A prefeitura, no governo do Fassarela, eu falei "companheiro, você não tem culpa de nada, mas aqui eu tenho 78 troféus. Esses aí e na laje dessa casa aqui". Porque quando eu ganhava, eu ganhava passista, porta-bandeira, bateria, mestre-sala, era assim, saía com cinco, seis taças, além da de campeão. Todo mundo ficava admirado "olha o Buti carregando um monte de taças". Aí ele falou "é porque nós temos um museu". E eu "museu? Ao invés de reviver uma coisa que existiu durante trinta anos, você vem buscar o que é meu?". Eu meto o machado, meto a marreta, mas não dou isso aí pra prefeitura. Se eu morrer a minha filha quiser dar, aí é outra coisa. Mas eu não dou, eu falei "você dá o recado ao prefeito". Eu tenho tudo guardado, a bandeira, o bastão, tudo até hoje.

Data: 30.09.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

Pergunta: Conversei com o Antônio Paulino. Você desfilou com ele, como que foi?

Buti: Foi no ano em que eu cheguei aqui, 1958, aí quando foi em setembro de 59 eu fundei a Milionários do Ritmo. Eu tirei componentes dele pra formar a diretoria da nossa escola. Quem deu esse nome com um radialista, Fenelon, era da Rádio Ibituruna. Então eu perguntei pra ele, queria colocar Mocidade Independente, ele falou "não, bota Milionários do Ritmo". Aí em 70 eu desfilei. Fundei em 3 de setembro de 1959. Aí começamos a ensaiar. No primeiro ano eu saí com 41 pessoas, 22 na bateria e o resto era passista e pastora. Muito pequena a escola. Quando foi no ano seguinte, nós dobramos, dobramos, foi dobrando a quantidade de gente. No último carnaval aqui eu saí com 912 pessoas. Foi em 88, daí pra cá eu parei porque não tinha o apoio da prefeitura. Eu tive que gastar com registro, foi registrada em 1975, fundei em 59 e consegui registrar em 75. Utilidade pública na Câmara, registrado no diário oficial. Fiz a documentação legal pra adquirir terreno pra fazer a quadra, mas a prefeitura não quis ajudar. Aí eu parei, não agüentei mais porque era no meu terreiro. Só a bateria eram 116 pessoas. Aqui é pequeno, era coberto direitinho, mas no fim não cabia mais a quantidade de gente. Eu não tinha como ensaiar as alas, eu tinha que pedir favor ali onde é o Araújo, ali era Pão de Açúcar Jumbo, um supermercado muito grande, do Rio ou se São Paulo, não sei. Aí ele falava "chama a polícia pra olhar aqui, porque na frente é vidro". E eu falei "tá bom". Eu pedi lá no batalhão e eles mandavam os policiais na hora do ensaio, porque lá tinha espaço. Daí pra cá eu ganhei onze anos direto, depois eu comecei, perdi um ano, o chefe Murilo falava assim "fulano de tal podia ganhar esse ano", e eu falava "tá", porque o meu negócio era assim. Acabava o carnaval aqui, eu ia lá pro Rio buscar fantasia usada. Eu tinha muito conhecido lá, Salgueiro, Imperatriz, Imperatriz era verde e braco, aqui era vermelho e branco. A fantasia que eles me davam lá eu tirava o verde e colocava vermelho no lugar aqui. As costureiras eram aqui mesmo, então eu fiz esse esforço por 30 anos. Eu ganhei 22 carnavais por 30 anos, e os carnavais que eu perdi, na gestão Hermírio Gomes, o tenente Murilo ele chegava a me pedir "esse ano você podia deixar a Baiana ganhar, ela tá desanimada, se ela não ganhar ela vai parar". E eu falava "não tem problema não, não faz diferença nenhuma". Eu ensaiava de setembro a fevereiro, eu tinha uma opção muito boa, minha bateria nunca perdeu. Eu perdi o carnaval porque eles pediam, mas a bateria não! Então eu tenho coleção de longplay das baterias do Rio: Padre Miguel, Salgueiro, Portela, tá tudo aí, eu passei tudo pra cd, eu botava isso na minha bateria. Ela era show mesmo. Agachava, levantava, aquele negócio e tal. Eu ensaiava de setembro todo domingo, quando chegava um mês antes do carnaval eu ensaiava quinta e domingo, apertava mais. E quando eu saía na rua, eu avisava pra bateria antes de soltar "vocês perdem o carnaval se quiser, vocês tão ensaiados", falava com as alas "vocês tão preparados e ensaiados". Eu ia pra comissão de frente e deixava a responsabilidade deles. E aí acontecia que quando a comissão julgadora votava, pra mim não era surpresa, porque eu fazia um trabalho. O Antônio começava a ensaiar um mês, dois meses pro carnaval e queria ganhar? A Milionários com um ensaio de sete, oito meses, então não tinha condição. Eu fazia com muito amor. Valadares acabou o carnaval porque nunca teve um prefeito,

nunca até hoje, nunca teve um prefeito filho da terra. No dia que tiver vai voltar, eu tô esperando.

P: E quando você saiu da Bate-Papo e elevou algumas pessoas de lá, não houve briga entre vocês?

B: Não, eu saí na Bate-Papo porque eu tinha chegado do Rio, e ele sabia que eu tinha chegado do Rio. "Eu vim do Rio e tal, desfilei no Salgueiro, onde que tem uma escola de samba aqui?". "Ah, tem a Bate-Papo aqui", "Ah, tem? onde que eles ensaiam?", "Ah, eles gostam é de ensaiar um mês faltando pro carnaval, porque só tem ela aqui". Eu falei "tá bom". Fiquei agüentando aquela coisa. Quando eu fui ver o ensaio, eu botei a mão na cara e falei "meu Deus do céu, que pobreza". Eu era acostumado com o Rio, né? Aí eu falei "meu Deus, que pobreza!" falei comigo mesmo. A bateria era aquele montinho de gente, umas 15, 16 pessoas só. Um ritmo horroroso, que não era samba nem era baião, porque na época era baião, hoje é sertanejo, axé, esses trem. Mas não era nem samba nem... Aí eu falei "vou arranjar um trem aqui e vou melhorar isso" e saí com eles na bateria. Saí, não tinha concorrência nem nada, tinha uns blocozinho aí, até bem arrumado, eles dependiam da bateria do Antônio, e ele cobrava "ah, eu saio com vocês por tanto". Aí fiquei, né? Aí eu fiz amizade, aí no ensaio da Bate-Papo, eu tirei 12 componentes de cara, eu fui atrás dos melhores e falei "nós vamos fazer isso aqui", e eles "será que vai?", e eu "vai". Aí eu tomei a frente do negócio, eu prestava muita atenção no mestre de bateria lá do Rio, peguei as manhas todas e deu certinho. Então a minha escola eu saía pra fazer show. A minha bateria, pra você ter idéia, eu levei minha escola toda de uma vez em Teófilo Otoni com a escola completa. E fui mais dez vezes com a bateria, dez vezes. Aniversário de cidade, festa de clube, tudo eles me chamavam "ah, leva a bateria, umas 40 pessoas, eu vou te dar o transporte". Então eu tinha uma ala show da bateria pra essas festas. Fui em Pirapora, Juiz de Fora, Caratinga, que eu fui em aniversário da cidade, Mantena, Belo Horizonte, fui no mineiro frente a frente, ganhamos lá pra Teófilo Otoni. Teófilo Otoni ganhou de Diamantina, depois foi pra final e pediram outras coisas. Eu trabalhei numa firma, sou aposentado trabalhei 28 anos e 4 meses. Aposentei na Cemig, e ela me soltava todo carnaval de férias, teve um ano que entrou um gerente que não gostava de carnaval, ficou sabendo "ah, você não pode tirar férias em fevereiro não". Eu vinha tirando todo fevereiro. Aí o prefeito era Joaquim Pedro Nascimento e eu falei "tudo bem, eu não posso sair de férias, tudo bem". Aí eu fui no gabinete do prefeito e falei "ô seu Joaquim, você é o prefeito e eu não posso desfilar esse ano porque a Cemig não me libera pro carnaval. Que todo ano eu tiro as férias na época de carnaval". Ele falou "ah é?", "é", "me dá o nome do engenheiro aí", eu dei o nome José Luiz Vilaça, ele escreveu o nome direitinho, mandou pra Belo Horizonte. Na mesma hora me mandaram chamar na sala dele e ele falou "pode requerer suas férias, Buti". Mas porque o diretor da Cemig de Belo Horizonte tinha feito um ofício pra chefia do interior falando que tinha recebido um ofício do prefeito pedindo que liberasse pro carnaval. Daí foi até aposentar, ninguém nunca mais mexeu comigo. Foi muito bacana. Então eu parei com o carnaval não é porque eu queria não, a época que eu mexia eu fui obrigado a parar porque eu não tive apoio. Onde que eu ia ensaiar uma bateria de 116 pessoas num cubículo igual isso aqui? Então eu pedi a eles "gente, arruma um lugar pra mim. A escola é utilidade pública votada", "nós vamos ver, tem que esperar o voto dos vereadores". Ah!

P: E as outras escolas também eram votadas utilidade pública?

B: Só a Milionários do Ritmo e a Império de Lourdes. Só eu e Antônio. As outras tava fazendo tudo pra jogar pra utilidade pública também. Mas eram só as duas mais velhas. Mas você vê, eu parei com o carnaval e todo mundo parou. Nem o Antônio, que era dos mais velho de carnaval. A última proposta que eu tive de ganhar terreno foi com o Ronaldo Perim.

Anexo 11- Entrevista com Júlio Avelar

Data: 01.09.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Colunista Social.

Pergunta: Como que você começou a participar do carnaval aqui? Ou você não participava?

Júlio: Na verdade, eu comecei a participar do carnaval aqui nos anos 70, quando nós fazíamos, final de 60 e 70, que nós fazíamos os blocos individuais. Existia uma rivalidade grande entre os três clubes, Ilusão, Minas e Garfo. Então a prefeitura fazia um concurso de escola de samba e de blocos, não eram blocos caricatos, eram chamados blocos de sociedade. O Ilusão tinha dois ou três blocos, o Minas também, e o Garfo também. Eu fazia parte do bloco da bola, que era do Ilusão, tinha 28 integrantes. Mas o verdadeiro carnaval, em todo sentido, era considerado o melhor do interior de Minas Gerais, Isso nos anos 50 até os 70. Depois o carnaval foi, logo que foi inaugurado a BR daqui de Valadares daqui pra Vitória, pro Rio, o pessoal conseguiu ir no carnaval pra descansar. Aí o carnaval foi acabando. Nós tínhamos desfiles de carros alegóricos, várias escolas de samba: Bambas da Princesa, que era do bairro Nossa Senhora das Graças, Império de Lourdes, que era do bairro de Lourdes e eu sei que nós tínhamos umas 3 escolas que faziam uma disputa muito grande durante o carnaval. Ganha um troféu pra melhor, e dinheiro melhor para o próximo carnaval, que a prefeitura que bancava praticamente os carnavais. Pra você ter idéia o carnaval era tão bom, que existia uma zona boêmia aqui, e as mulheres da zona faziam carros alegóricos também. Elas só podiam sair depois da meia-noite por causa de questão de família. e aí os homens levavam as mulheres pra casa e voltavam pra ver o desfile das putas. E elas desfilavam de maiô, que era um escândalo naquela época. Mas o carnaval aqui tinha carros alegóricos maravilhosos, pra época era uma coisa avançada. baleia soltando água perfumada, faziam uns gatos de 10 metros de altura, tremendo os olhos, miando, que na época era coisa muito difícil de fazer, só mesmo hollywood. Então o carnaval aqui era considerado o melhor do interior de Minas, as pessoas vinham pra cá porque era um carnaval sadio. Mas aí o carnaval foi minguando até, já tem 10 anos que a gente não vê mais a última resistência do nosso carnaval que era a Abandonada, que saía nas ruas uma semana antes do carnaval. Tinha Bloco dos Fabri, que saía uma semana antes e também abria o carnaval. Ou seja, várias pessoas da nossa sociedade sempre brincavam os carnavais dela aqui, faziam os carnavais, que eram realmente autênticos, cheios de lança-perfume. Até os anos 70, quando já era proibido, você ainda comprava lança-perfume tranqüilo, sempre tinha. E no carnaval era aquela data que todo mundo esperava, todo mundo faziam roupas muito alinhadas. Os clubes de Valadares, 45 dias antes do carnaval, todos os ingressos já estavam vendidos. O Minas era o preferido da juventude, o Ilusão era o preferido das pessoas jovens e o Garfo das pessoas mais velhas. Era uma coisa interessante, saía a banda do Ilusão, saía a banda do Minas no último dia de carnaval e encontravam com todo mundo no garfo clube. No final da festa todo mundo caía nas piscinas. Então era uma coisa interessante e sadia. E várias famílias tradicionais de Valadares ajudavam a fazer o carnaval. Tinha o carnaval de clube, chamado de elite, e o de rua, porque as três escolas de samba desfilavam e aí saíam os blocos de todos os clubes para ser julgados na Avenida Minas Gerais. Montava-se um palanque oficial muito grande na praça do vigésimo aniversário, o prefeito, a secretaria de turismo, o seu Murilo Teixeira, grande animado da secretaria, convidava umas dez a quinze pessoas pra ser do juri e julgavam as escolas de samba e os blocos. Pra se ter idéia, quando uma escola de samba perdia quando achava que ia ganhar, era uma choradeira, era briga pra caramba. E na verdade depois as escolas de samba faziam o julgamento dos blocos, e a cidade vinha toda pra rua, ficava lotada de pessoas assistindo desfile das escolas e dos blocos, que desfilavam e depois iam pro clube. Existia uma coisa muito bonita, que era no sábado e no domingo, quem tinha carro aberto saíam passeando pela Minas Gerais, dando uma volta na praça Serra Lima, entrava na Afonso Pena, virava na Peçanha, dava a volta na prefeitura e aquele cortejo de carro. Ia das 4 até as 7 da noite, cantando

música de carnaval. Então o carnaval de Valadares, realmente, marcou época. Hoje não tem mais nada, na época de carnaval todo mundo vai pra Guarapari, Porto Seguro e acabou o carnaval.

P: E o Ilusão teve uma época que só ele mandava carro alegórico pra rua, até que tava muito caro e parou com isso, o Minas já não tava mandando...

J: O Minas não mandava mais, porque acontecia o seguinte, o Ilusão ganhava todos os carnavais. O Ilusão tinha um senhor que chamava Chico Melo, que já faleceu, ele era muito perfeccionista e era diretor social do Ilusão. Então o Garfo mais o Minas, em repúdio de não ganhar nenhum carnaval, parou de mandar carros alegóricos. Aí o Ilusão também não se interessou muito e parou. Mas na verdade a história é essa. O Ilusão era o favorito de todos os carnavais, faturava todos os prêmios.

P: E o Chico Melo depois foi pro Minas...

J: Ele foi decorador de muitos clubes. Mas mais festas, mais festas dentro do próprio Minas Clube, depois as diretorias foram mudando, a que entrava era mais desanimada que a outra. E aí começou novos clubes em Valadares, apareceu o Filadélfia, Valadares Country Clube, Aeté Clube, isso tudo foi tirando associados desses clubes, e a arrecadação dos clubes minguaram, como tá até hoje, e aí não houve mais condição financeira de se fazer carros alegóricos, até porque o carnaval de rua havia acabado.

P: Quando o Ilusão parou de fazer carros, logo depois ele ficou um época sem fazer bailes...

J: Só o Minas e o Garfo. Porque aí na verdade os clubes de Valadares começaram a fazer festas através de promoções de estudantes, por exemplo. A União Estudantil de Valadares realizava lá a rainha do estudante, as quartas-feiras, as domingueiras, o Ilusão tava sobrevivendo desses alugueis de festas terceirizados, ele mesmo não fazia grandes festas. Tanto que há muitos anos nenhum clube social faz festas deles, tudo hoje é terceirizado, o único que permanece fazendo algum tipo de promoção é o Filadélfia, que tem quase três mil associados. Eles conseguem se manter, os demais não. O Ilusão, por exemplo, não tem piscina. O Minas tem a sede campestre, mas é fora do centro da cidade e a sede social já está ultrapassada, o ambiente é quente, até hoje não climatizaram. O Ilusão fez isso, mas hoje é tipo uma empresa privada, vive de alugueis.

P: E o seu bloco, ele participou na época em que o Ilusão era o melhor?

J: Participou, foi na década de 70 até final de 80, o nosso bloco participava do Ilusão Esporte Clube. Muitos blocos participavam, eu não lembro agora os nomes, mas eram vários blocos, inclusive um dos blocos do Ilusão também era do Índio, do Índio's Bar, ele também tinha um bloco aqui bem animado. O Uti Pereira também tinha bloco animado, do Minas.

P: Eu vi que a UEGV era muito ativa em Valadares, e dava vários "gritos carnavalescos". O que que eram esses gritos?

J: Grito de carnaval, ou seja, antes do carnaval. Um mês mais ou menos, a UEGV fazia o grito, um baile de carnaval. E aqui tinha também a Beth, hoje mora em Santa Catarina, ela fazia também aqui o baile das máscaras, exatamente um mês antes do carnaval. Esse baile era sempre no Garfo, pra incentivar o carnaval, não deixar morrer. e desse baile sempre ia 150 a 200 pessoas. Era um festa fechada, que a pessoa dá uma certa contribuição e tinha comida e bebida de graça, era mais elitizado. Era muito bonito. A Beth foi secretária executiva da associação comercial nos anos 80.

P: E quando que você começou a ser colunista social?

J: Menina, tô com 46 anos de colunista social, comecei a escrever com 16 anos. Eu comecei a fazer coluna social estudantil, e eu fazia coluna policial, um dia faltou o colunista social, me colocaram e deu certo. No Diário do Rio Doce eu escrevi dezesseis anos ininterruptos. No diários de colunismo meu eu fiquei 21 anos, e agora eu voltei. Escrevi na Gazeta de Valadares, no Olho, no O Jovem, no Jornal de Periquito, na Força Jovem de Valadares, Força Nova, Correio Diário, aliás todos os jornais de Governador Valadares. Todos. E na verdade eu comecei em rádio com o programa "Júlio Avelar e as fofocas da Candinha", nos anos 70 que foi uma das experiências mais gostosa que eu tive. Foram um 12 anos no rádio, todo dia um programa de coluna social. A minha experiência me levou inclusive a ser presidente da Funsec a Fundação a Serviço Educação e Cultura, que hoje é a Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura. Foi quando eu criei o GV Folia, que chamava Carna GV, mais tarde foi o GV Folia. O GV Folia hoje não é mais da prefeitura, o prefeito José Bonifácio Mourão passou esse direito pra uma empresa privada, do Simãozinho, que ganha muito dinheiro com isso. Era pra prefeitura ganhar, mas deu de mão beijada.

P: E o Carna GV começou, mais ou menos, em qual ano?

J: Começou em 1995, com um bloco, eu coloquei 50 mil pessoas na rua. Chamava Micareme, porque era uma festa depois da sexta-feira da paixão, no sábado de aleluia, aí o padre Geraldo pediu "Micareme é um nome bíblico, muda esse nome", aí ficou Carna GV. Fizemos cinco anos, depois passou pro GV Folia.

P: E porque que o Micareme começou não no período de carnaval, mas depois da sexta-feira da paixão?

J: Porque as pessoas não ficavam em Valadares, não ficam até hoje. Na verdade ficam, viaja 20% da população, tanto se a prefeitura, penso o contrário, se eu hoje tivesse um cargo público, fui vereador 5 vezes, mas vereador não pode fazer isso, mas se eu fosse um secretário de cultura eu tentaria voltar com o carnaval em Valadares. Talvez não vá ter aquele grande carnaval, mas fazer pra quem fica, porque quem fica vai pra rua assistir, entendeu? Se você incentivasse, com uma ajuda, você ia dar a roupa e confeccionar a roupa pra bloco, criaria um baile com escola de samba nos bairros de Governador Valadares. Se você faz um baile no São Raimundo, você vai ter atender 22 bairros, 36 mil pessoas que moram lá. Se você faz um baile no Santa Rita, então poderia fazer e voltar com o carnaval. Eu acredito que é possível se alguém quiser fazer. Às vezes querem fazer um megashow, trazer um artista pra cantar, mas não é a verdadeira cultura brasileira, que é o carnaval de rua, de blocos caricatos. Os blocos caricatos eram pessoas que saiam na ruas fantasiados fazendo alguma crítica, que é o carnaval é época de fazer crítica aos políticos. Aqui tinha o Ivo de Tassis e o Arnóbio Pitanga, eles eram interessantíssimos. Tinha um prefeito em Valadares, que teve um mandato de dois anos, nos quais choveu demais, ele chamava Sebastião Mendes Barros, e o Arnóbio Pitanga e o Ivo de Tassis saíram na rua vestidos de porco, chamou o porco de barrão, porque tinha barro na cidade. Uma grande crítica da época, e olha que era um homem muito bom, muito sério, mas eles eram uma dupla caricata. Tinha o carnaval da Baiana, era dona do carnaval, tinha uma escola de samba, a Bambas da Princesa. Tinha Milionários do Ritmo, Império de Lourdes e Bambas da Princesa. A Milionários era do Buti. A Império era do Antônio Paulino. Eles eram os donos das escolas de samba em Valadares. E o Buti ganhava todas. Dificilmente ele perdia, era ele e Antônio Paulino. A Baiana sempre perdia, aí chorava, falava que acabar com os dois. Mas os blocos eram maravilhosos. E o Chico Melo era o grande homem do carnaval em Valadares, porque ele que introduziu os carros alegóricos, praticamente. O Ilusão tinha mais dinheiro e tinha os carros mais bonitos, mais cheios de fantasia. O carnaval realmente era uma coisa de louco. As pessoas vinham de fora, quem tava em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória, vinham. Era muito bacana. E um dos grandes shows era o desfile dos carros alegóricos. E a zona boêmia era todos os carros alegóricos eram caminhonetes grandes, sem capota, um caminhão, e aí eles faziam uns balanços, umas cordas todas trançadas de flores, e as mulheres lá balançando só de maiô. E um fato

interessante é que os homens levavam as mulheres pra casa e falavam que iam pra outro lugar, mas iam ver a zona, que só podia sair depois da meia-noite, era o último carro por questão de moral. E lá na boate da Dulce e da Rosinha, elas também faziam o carnaval delas lá na boate, como se fossem bailes. E o Bloco da Bola desfilou por 12 anos, o próprio clube fornecia as fantasias pra gente. Mandava a gente comprar, levava a nota fiscal e eles pagavam. Não queriam perder, né? A concorrência era muito sadia, muito bacana. Lança-perfume, nó, tinha de montão. Naquela época não tinha polícia federal aqui, então a gente usava e abusava.

P: E quando você era presidente da Funsec, como que você essa dupla função? Porque como colunista você sempre cobrava muito, coisas pra bairro...

J: Mas eu fiz isso. Assim que eu assumi a Funsec, eu fiz a quarta cultural, toda quarta-feira num bairro da cidade. Quatro dias antes eu mandava um carro de som perguntando "quem canta? quem faz poesia? quem faz arte?" então naquela quarta acontecia num bairro, começava às 7 da noite e ia até uma hora da manhã. Tinha painéis pra pintar, palco pra cantar, conjunto. A gente dava tudo. E uma quarta-feira por mês era na Açucareira, tinha dia de mil pessoas. a gente descobriu muito artista na época, tudo que eu cobreí, eu pus em prática. Mas quando eu saí, o governo que entrou acabou com tudo, porque achavam que se desse continuidade, tavam fazendo o meu nome. Tudo que eu prometi, eu fazia. O que falta aqui, é pessoa certa, no lugar certo. E também o que aconteceu aqui foi a não renovação das lideranças, quanto não tinha liberdade de expressão, surgiam muitos líderes, mas depois veio a liberdade de expressão e as lideranças não se renovaram. A Lira de noite era só de putaria, de dia era só da juventude, fazia carnaval, bailes, shows.

P: Já nos anos 90, várias vezes você pediu pros donos de bares da Bárbara Heliodora decorarem seus bares...

J: Era um point, lá já foi um point. Mas nessa época já tava morrendo já.

Anexo 12- Entrevista com Márcio e Isabel Pereira

Data: 06.10.09.

Local da entrevista: Restaurante do filho do casal.

Ocupação: Empresários.

Pergunta: Como começou a Figueira Samba Comigo?

Márcio: Na verdade começou com a dona Helga Resende, a primeira-dama, que quis fazer uma escola de samba, e convidou algumas pessoas aí. Nós participamos de uma reunião. E começou o movimento da escola, todo mundo gostou da idéia e fomos tocando, sem intenção política nem nada, como nós somos até hoje. Então foi fácil, a gente começou a reunir algumas pessoas, a pedir instrumento, doação, e começou a aparecer.

P: O Buti, obviamente foi parcial, mas ele falou que por ser uma escola criada pela primeira-dama, ele sentiu que tava entrando na avenida só pra sambar, porque sabia que ia perder. De fato a Figueira ganhou, então não teve nada combinado não?

Isabel: A verba que a gente recebia era igual a que eles recebiam. Nós tínhamos o diferencial que nós pegamos um grupo de amigos, que tinham blocos antigos e formamos as alas. Então nós tínhamos pessoas que podiam bancar a fantasia, não dependiam só do poder público, como acontecia com as outras escolas. Então a gente já tinha uma experiencia de bloco que era o Mustangue, a gente ia pro Rio, a gente tinha desenhista, e sabia onde comprar tudo em preço mais em conta, na rua da alfândega. E juntou a cacilda, que era a dona da Mabelle Boutique, então tudo contribuiu, foi o diferencial que nós entramos com coisas de bom gosto. Isso também fala com pessoas com poder aquisitivo.

P: E em relação à escola. Quantos figurantes tinha? Como fazia a divisão de alas?

I: A escola era muito pequena. Era 300, 400 pessoas, não era uma escola grande, não.

M: Mas só voltando um pouquinho, na verdade a escola foi criada realmente, tinha uma finalidade política. Mas nós que ficamos à frente, que assumimos, a gente não tinha intenções políticas, o que foi uma surpresa para os políticos, porque a gente tinha um movimento muito bom, a gente mexia com muita gente. Foi uma surpresa pra eles. Pra gente aquele negócio tinha um sentido, se eles tinham um sentido político, não colou com a gente. Então no início a figueira realmente tinha intenções políticas, fundada pela primeira-dama, mas conosco não teve esse problema. Até porque a gente já tinha experiência na época, cada um da diretoria nossa, todo mundo tinha seu emprego, seus negócios, e cada um tirava o seu tempo pra fazer aquilo porque realmente gostava, trabalhava, fechava as empresas, deixava seus afazer para ficar até altas horas da noite mexendo, as vezes bordando, fazendo carro alegórico, era doideira. Mas na época era muito interessante, muito gratificante pra gente.

P: E como vocês montaram a bateria, vocês tinham integrantes do grupos que tocavam? Porque nas outras escolas a bateria sempre vinha do morro. Como vocês fizeram isso?

M: A nossa também era, a participação do povo na nossa era total. A gente tinha uma ligação que "a escola era dali, ou a escola é de lá". Não, a escola era de Valadares. Então a gente tinha ligação com um mestre de bateria, o tricolino, ele era moambo, já mexia com escola de samba, então ele chamava o povo. Então ia aparecendo, ensinando o pessoal mais novo a tocar, e aí foi formando, tinha umas 100 pessoas, era uma bateria grande.

I: Quase que a escola de samba inteira.

M: Mas era muito bom aqueles ensaios, fazer os ensaios. A gente ficava em locais variados pra chamar mais pessoas da nossa cidade, cada semana era num lugar, era muito diferente. E os instrumentos, como nós angariamos isso? Não tinha dinheiro pra comprar nada. Então o Chumbinho, um integrante do nosso grupo, ele pedia todos os amigos dele. Ele pedia "me dá um bumbo, me dá uma matraca, me dá um tamborim". Então ele ia pedindo e cada amigo dele tinha que dar um tambor. Então a gente ia na casa Monteiro e falava "fulano de tal mandou pegar", a gente soltava o bilhetezinho e mandava receber do outro cara. Então foi formando assim. Rapidamente nós formamos a bateria. Depois tinha que fazer as peças de reposição, porque estragava nos ensaios, aí a gente usava a verba da prefeitura pra fazer. Antes a gente doava, a gente não comprava os instrumentos. Então foi uma participação muito boa, tanto do povo que saía com a gente, quanto da sociedade. A escola foi feita com duplo sentido. Como ninguém envolvido tinha finalidade política, então o povo aceitou fazer doação, e saía na escola. E principalmente a gente fazia as alas, a gente tinha o figurino "a ala tal tem tal figurino, a ala tal tem tal figurino". Então nós falávamos pra pessoas, e cada um confeccionava sua fantasia por fora. No dia tinha que vir com a fantasia pronta. Do povo que não tinha poder aquisitivo, as bailarinas, tinha um tanto de ala só de povão mesmo, aí a gente fazia. A gente reunia na casa da gente, falava que era o barração, então as sambistas, bailarinas, destaques, esse povo todo ia pra casa da gente e a gente ficava todo mundo costurando, bordando paetê, a gente ficava até altas horas, uma, duas, três horas da madrugada. Então era aquela bagunça na casa da gente, todo mundo participando, cada dia era numa casa, conseguia o material no Rio e levava pra casa da gente. Inventando aqueles adereços que a gente não tinha dinheiro pra comprar, então a gente ia montar, aquele sutiã pequenininho, a gente mesmo montava, torcia o arame. Aqueles enfeites de cabeça, então foi uma participação muito boa.

P: Em 83 vocês ganharam e dividiram o prêmio com as outras escolas pra incentivar. Isso aconteceu mesmo?

M: Certo. A gente ia participando, todo ano que a gente saía, a gente já sabia que ia ganhar. Por que não tinha jeito, a competição a gente tinha o pessoal de poder aquisitivo que ajudava, e as outras escolas não tinham. Então a gente, quando chegava na hora do desfile dos jurados, lógico que a gente tinha mais beleza. Então nós falamos "a gente não quer participar pra concorrer, a gente quer participar pela beleza". Então deixa o pessoal sentir que era assim. Até foi uma das coisas que foi acabando, a gente competia, mas quando fica muito diferente, um falava "não vou sair mais". Quer sair, mas quer ganhar.

I: Até porque, querendo ou não, quem quer sair, quer sair bonito. Pra ganhar. Tudo que os outros ganhavam de verba, a gente ganhava, mas no nosso tinha os outros blocos, que não tinham mais o carnaval de clube, eles se juntavam com a gente e faziam as fantasias.

P: Você falando que os blocos se juntaram. Quando eu conversei com o Carlos Thébit, ele falou que o Batuque ingressou...

I: Isso, Batuque, Mustangues, Kaaba não. Tinha o Ivaldo que era do nosso grupo.

M: O pessoal que saía no carnaval de clube, passou a sair na Figueira naquela época. Já tinha a turma formada, então eles faziam a fantasia e iam, como fariam se fosse pro bloco, ia pra escola e formava uma ala.

P: Mas quando os desfiles atrasavam, vocês chegavam atrasados no clube?

I: Mas carnaval não tem hora de acabar, não. Mas também nem todo mundo saía na escola.

M: Fazia parte. O pessoal do clube iam mais direto pro clube, nós que estávamos nas alas que íamos primeiro pra Avenida. E antes pra angariar dinheiro a gente fazia uma festa, um churrasco, reunia e fazia uma feijoada, cobrava ingresso. Então a gente tinha um diferencial grande na época. Mas o importante mesmo é a participação das outras escolas, porque sair sozinho seria muito ruim, então essa participação dessas outras escolas, a gente procurava sempre conversar, mesmo sendo concorrente, mas a gente fazia reunião quando tava chegando o carnaval pra acertar as coisas.

P: Teve um ano que deu uma confusão com gays, que teve escola que rejeitou, e a Figueira aceitou a participação deles. Teve algum ano antes disso ou esse ano que começou?

M: Acho que eles já desfilavam, né? Só que nesse ano a participação foi maior, uma adesão maior. Houve esse movimento, mas eles ajudavam muito.

I: E eles eram muito criativos, muito cuidadosos. Aí o pessoal olhava e pensava "nossa, isso deve ter vindo do Rio de Janeiro".

M: A gente fazia tudo, esses trem de cabeça tudo.

P: Mas vocês tiveram que aprender como fazer?

M: A gente aprendeu na marra.

I: A gente olhava os desfiles das escolas de samba, tirava foto, ficava olhando, pra ver o que a gente podia fazer de melhor.

M: Isso tudo que você tá vendo aqui, a gente que fazia. E o pessoal depois pensava que vinha do rio. a gente confirmava. A gente deixava eles pensarem, desmentir pra que?

I: Tem um caso muito engraçado . Tinha uma moça chamada Vera, maravilhosa, ela era stripper em Vitória, e todo carnaval ela vinha pra cá. E teve uma moça que trouxe um suço pra passar o carnaval no Brasil, tava no Rio de Janeiro e trouxe ele pra cá, coitado, quanta diferença, mas ele acabou casando com essa moça. Hoje tão lá na Suíça.

P: Teve muita história engraçada nessas preparações pro carnaval?

I: Teve o meu pintor que, quando nós fomos descobrir, ele era traficante de drogas. E o meu vigia era o maior ladrão de bicicletas. O vigia era ladrão. Mas nunca sumiu nada da minha casa não.

P: Na última vez que vocês saíram, vocês fizeram um apelo pros valadareses ficarem em Valadares. Como surgiu essa idéia?

M: A gente distribuía a letra na rua, pro povo cantar. Na última vez que a gente saiu, a gente pensou "o que que nós vamos fazer pra não acabar?". O povo tava parando de sair, a preocupação mesmo pro povo voltar. Como o povo não tinha incentivo pra continuar, a chama ia apagando. Foi uma pena.

P: E quando acabou, vocês pararam porque não sentiam apoio da comunidade e tinham uma diferença ideológica das outras escolas. Era isso mesmo ou por que que acabou?

M: Acabou porque acabou. Porque o carnaval acabou. Todo mundo de Valadares vai pra pria, não

tinha mais ninguém pra ficar vendo, a gente tinha dificuldade até pra ver as alas. Quem ficava nem tinha grana pra fazer as alas. O carnaval acabou e não volta, não tem carnaval de rua, nem de clube. Acabou. Foi declinando, nós paramos de fazer porque sentimos isso. O nossos componentes, a chama foi acabando. Não houve nenhum motivo determinante. O pessoal foi embora pra praia. Como acabou o carnaval de clube, que era ótimo, porque o pessoal não passa o carnaval aqui, vão pra ria. E hoje o carnaval em minas e no Brasil são pontilhados, são alguns lugares que tem. Pontos locais, grande carnaval do Rio, Nordeste tem Salvador, Recife, Olinda, o restante virou show agora.

Anexo 13- Entrevista com Moacir Marques

Data: 02.09.09

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado.

Ocupação: Radialista.

Pergunta: Como que o senhor começou a se envolver com o carnaval em Valadares?

Moacir: É um prazer muito grande ter você aqui no meu horário para falar do carnaval do passado, porque hoje Valadares não tem carnaval, tem um circuito fechado que toma o dinheiro dos outros pagando caro, pagando 500, 600 reais por um tal de abadá, pano simples, que a gente usa e não vale mais nada. Antigamente carnaval era festa e era para o povão, aí vinha todo mundo, vinha povo do morro, dos bairros humildes, com as suas fantasias e brincavam o carnaval bem melhor do que o de hoje. Porque hoje não existe carnaval em Valadares, existe um circuito fechado que se chama GV Folia.

P: Como que era o carnaval de rua de antigamente?

M: Na realidade eu cheguei a pegar bons carnavais de Valadares, eu comecei em 72 com várias escolas de samba, a Bate Papo, Império de Lourdes, a Bambas da Princesa, a Unidos do Morro, do saudoso Manoelão, do morro do Carapina, tinha a famosa escola de samba do Buti, Milionários do Ritmo, que tinha mais de 2 mil componentes e por aí se iam. Treinavam, ensaio por exemplo, se o carnaval era em fevereiro, eles começavam a ensaiar no final do ano, um ano antes. E aí o pau comia.

P: E o senhor já fazia cobertura de rádio?

M: Já fazia. Eu tive uma oportunidade, porque eu, na verdade, comecei no rádio como operador de som, aí passei a ser repórter policial porque mataram dois repórteres daqui e a saudosa Maria da Conceição Botelho me escalou que fosse ser repórter policial. Eu comecei como repórter policial. Mas era muito difícil, matavam, uma época perigosa. Então estamos no rádio até hoje, mas sempre respeitando todo mundo.

P: E na época de carnaval, como que era a cobertura?

M: A cobertura a gente levava a emissora para o centro da cidade com a ilha de som. Hoje é tão fácil, hoje você comunica através do celular, através de um microfone desse tamaninho assim. O microfone antigamente nosso era desse tamanho assim, mais ou menos, quase 30 cm de gravador. Aí carregava aquele peso, e saía pelas ruas da cidade gravando e aí tinha microfone pra fazer as transmissões no Minas, no Ilusão, na Lira Trinta de Janeiro, na Cosmopolitana, no Ilusão, no Garfo, na Lira, ali o primeiro carnaval de locutor quem fez foi eu, desde bordoadas. Foi muito bom.

P: E teve uma vez que a escola de samba Rosas da Vila, cuja maioria de integrantes era gay, eles homenagearam o senhor...

M: Não, esse negócio de gay não. O que eu recebi foi outra homenagem, eu recebia homenagem de todas as escolas de samba da cidade como o melhor, não digo que eu era o melhor, mas por um lado eu trabalhava mais, os outros tavam dormindo, eu tava trabalhando.

Eu fui homenageado pelo Milionários do Ritmo, pela Bambas da Princesa, pela escola de samba dos ricos. Depois que acabou o carnaval, porque os ricos, médicos, advogados, engenheiros, doutores e as empresas aí pegaram todo o dinheiro que era dessa escola de samba, que era a escola de samba dos ricos. Aí os pobres querendo ganhar dinheiro, aí o baterista lá, que batia surdo, ele queria passar pra cá. Teve também a escola de samba Bafo de Bode, que era dos comerciantes do Mercado Municipal, que encarava mais ou menos a escola de samba do Antônio Paulino e do Buti. Mas aí quando chegou a escola de samba dos ricos foi o que acabou com o carnaval em Valadares.

P: Essa era a Figueira Samba Comigo?

M: Figueira Samba Comigo. Muito bem. Do meu querido Massoca, e da Isabel. São pessoa extraordinárias que começaram o carnaval em Valadares com a Figueira Samba Comigo. E aí era escola de samba de luxo. O que tinha no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, tinha aqui em Valadares também.

P: Mas as outras escolas não tinham condições...

M: Não tinham condições. Os outros é banda de Mercado, banda de segunda categoria, verdade. Mas foi muito bom.

P: Mas a escola Rosas da Vila sempre falou que o senhor defendia a participação deles...

M: Eu sempre defendi todo mundo. Eu sou um repórter que sempre defendia, eu nasci para defender o povo, principalmente os menos favorecidos pela vida. Porque no pobre, minha filha, todo mundo quer bater. Nos ricos não existe ladrão, existe desviador, desvia uma verba, ele não é ladrão, ele desviou uma verba. Se eu roubar uma galinha, Moacir Marques é ladrão, e eu vou pro pau, chega lá dá um cacete. Eu não conheço justiça, a justiça é uma teia de aranha que só pega os pequenos insetos. Por exemplo, vem o mosquito fica preso na teia de aranha ele para lá, mas se vier um besouro, o maior passa direto. E a realidade é essa.

P: E quando o carnaval tava acabando o jornal disse que o senhor era o único que tava tentando mobilizar a população a se interessar pelo carnaval. O senhor tinha um programa...

M: É, de segunda a sexta era de 5 as 6 da tarde. a gente só tocava música de carnaval, mas quando a gente não tem a força financeiramente, não adianta nada. Ninguém acredita na gente, e foi uma tristeza muito grande porque quem já viu carnaval aqui em Valadares igual eu, seu pai já viu, pergunta ele, de mais de 50 mil pessoas aqui na Minas Gerais até lá na antiga onde tem o mergulhão hoje, ali tinha uma corda de isolamento de um lado e do outro, de tanta gente que não podia passar. pessoa tinha que ver as escolas de samba passar pra ver. Geralmente as escolas saíam dali da rua Sete de Setembro com Avenida Minas Gerais e iam pro centro da cidade. O nosso saudoso Hermírio Gomes da Silva, que foi um baluarte do carnaval em Governador Valadares, mas depois disso tiveram outros prefeitos que na realidade acabaram com o carnaval na nossa cidade, não sabemos o porque, por qual razão, ou se tiveram razão ou se não tem.

P: E as próprias rádios, a partir da década de 80 não estavam mais recebendo músicas de carnaval...

M: É verdade se tocavam mais as músicas antigas e dali pra os baús da discoteca antiga, se

pegava os lps de vinil e fazia o carnaval, mas na minha época, que eu era jovem, não deixou o carnaval morrer. Eu fui um dos lutadores, juntamente com o Antônio Paulino, o Buti, o saudoso Manoelão, a Baiana, e sempre contando com o apoio de um grande administrador que teve aqui que se chamava Hermírio Gomes da Silva, que era o primeiro a sair e o último a deixar o palanque da Minas Gerais. Juntamente com sua esposa dona Lídia, o Dr. Hermírio faleceu parece que pouco tempo. O carnaval já foi bom, as melhores escolas de samba da região eram daqui, vinham de longe pra participar do nosso carnaval. E tinha também o carnaval da zona, da boemia, tinha a Rosinha, que tinha a melhor boate da boemia, na época, que ficava na Israel Pinheiro, esquina com rua 50, logo em seguida tinha a boate da Dulce, Dulcelina Maria de Jesus, já falecida, e tinha também a parte dos pobres, que também não deixavam de participar do carnaval, o local denominado Torresmo. Eu me lembro que saíram com um caminhão enfeitado cheio de bambu e mulheres à vontade, em trajes mais simples que hoje, você vê hoje muita mulher andando em trajes na rua que nem as mulheres da zona andavam naquele tempo. Quando o Hermírio lançou o carnaval aqui, o Buti contratou uma mulher do Rio de Janeiro pra sambar aqui, mas a mulher rancou o sutiã e jogou o peito pra fora, e aquilo foi o maior vexame do mundo. O pessoal achou que o mundo tava acabando. E a mulecada toda aí e o carnaval continuando do mesmo jeito. E o pau comeu.

P: Fizeram ela vestir de novo?

M: Teve que vestir de novo. Você faça essa idéia, uma ignorância dessas, porque o corpo da mulher é a coisa mais bonita que tem, o homem tem que valorizar o corpo da mulher, que a coisa mais bonita que a mulher tem é o corpo. E se ela não valorizar, se ela tem o seio bonito, naquela época, já poderia mostrar, não mostrava tanto igual mostrava tanto igual hoje. E o carnaval foi acabando por causa de besteiras.

P: Quando as moças da zona boemia desfilavam, existia algum preconceito?

M: Tinha, tinha uma fantasia que saiu em 1958, uma mulher da zona que saiu dentro da boca de uma cobra muito grande, vestida de sutiã e calcinha. Aí os carros do Ilusão não comparou com os carros da zona, a alta sociedade ficou em segundo lugar. Pareceu que o pessoal tava prestigiando mais a boemia que a sociedade.

P: Mas a população reagia como ao desfile delas?

M: Com respeito, porque a boemia eu fui um dos grande frequentadores da zona, posso falar a verdade. Quando eu entrava de férias na Rádio Educadora era dia 1º de abril, eu era solteiro, morava na Esplanada, eu não ia pra minha casa, eu ia direto pra zona. Ficava 30 dias, lá tinha mulheres, bebidas, música ao vivo, não tinha coisa melhor, do que o homem viver a vida com o que ele gosta. Não precisa ser droga, não tinha esse negócio de tráfico de drogas, não tinha roubo, não tinha nada. Você tinha o quê? Alegria, bebidas, músicas e mulher bonitas à vontade.

P: E por que a zona acabou?

M: Ah, deixa saudades, não devia ter acabado nunca. Porque hoje, você não conheceu o mundo que eu conheci, naquele mundo existia respeito, hoje não tem mais, e aquele tempo a mulher tinha vergonha de mostrar o rosto, a mulher que era da zona, quando ela vinha no centro, era só depois das 10 da noite. A não ser quando a Dulce, ela escalava mulher tal, mulher tal, mulher tal, e escolhia cinco mulheres, ela lançou o carro mais importante que a

cidade teve, foi o Cincajangada, seu pai já ouviu falar nisso, pegamos a que tinha as mulheres, ia na loja mais famosa que tinha na época, que só vendia para as maiores madames, se chamava a Brasileira "A Brasileira, a loja que veste o estado". Aí a Dulce chegava lá com as suas meninas, e comprava tudo lá, as melhores roupas eram vendidas primeiro para as mulheres da zona boêmia. Elas que lançavam o sucesso. Mas foi muito bom, eu tenho saudades. Coração bate alto.

P: E por que o senhor acha que hoje não há atrações culturais, não há carnaval, não há nada?

M: Valadares, na verdade, é a cidade do já teve. Valadares já teve o Ilusão que era o local da maior atração de Valadares e hoje é usado somente pra festinha de casamentos. Antigamente era festa, de modo em geral para o povo, você vê a situação do Garfo hoje, acabou. Nós tamo aqui pra falar a verdade, vai lá, você não vê ninguém. E assim tá indo as coisas. Não sei porquê.

P: Aqui tinha a Rádio Educadora, é essa...

M: Não, essa era a rádio que eu trabalhava, que eu entrei em 1962, a saudosa Rádio Educadora que era do saudoso Osman Monteiro da Costa, que foi assassinado aqui na avenida Brasil com sete tiros. Morreu do dia 27 de setembro de 1964.

P: Tinha muito tiro aqui na cidade.

M: Nossa, demais. Fazia uma reportagem e mataram três, ninguém sabe quem matou até hoje. Era difícil você falar que era repórter policial. E até hoje eu mexo com isso.

P: E o próprio Manoelão foi assassinado. Como que foi isso?

M: É confusão no morro, ele tava bebendo uns gole e jogando carta de baralho, ele desentendeu com um elemento lá e o elemento matou ele. Mas de escola de samba, o único que foi assassinado foi o Manoelão, os outros tão aí. Antônio Paulino tá aí ainda, com seus 70, 80 anos, o Buti tá aí ainda e a Baiana que mudou para Vitória. E o Zezinho também da Bate Papo, morreu, mas foi de morte natural. A vida foi essa.

P: Teve algum caso que marcou você durante o carnaval?

M: Na verdade era uma época boa, porque o radialista naquela época era valor, era valorizado, porque naquela época não tinha televisão, não tinha nada, que a pessoa tem que olhar é o nome dele e a dignidade, porque enquanto ele tiver dignidade, ele é homem. Terminou a dignidade ele não é homem, naquele tempo eu era um homem novo, jovem, eu tive oito mulheres, casadas mas dos outros, porque é um ditado que o cachorro só sai de casa pra comer fora quando não tem comida na casa dele. Porque você casa com um homem, ele só chega de madrugada, com álcool, drogas, ele bate em v muito tempo não. Mesma coisa o homem, que casa com uma mulher que não sustenta ele, não dá carinho.

P: Parece que o estilo da cidade mudou muito, as pessoas tinha a iniciativa de promover o bem da cidade...

M: É verdade, quantas vezes a Rádio Educadora, fico honrado em dizer isso, falava "nós tamo precisando disso, pra ajudar uma família que chegou na cidade, tá passando fome", e a gente

botava a sirene do rádio patrulha e ele conseguia 300, 400 reais. Hoje você não vê isso.

P: O senhor acompanhou a guerra entre os fazendeiros e os lavradores que teve aqui em 64?

M: Acompanhei. Foi muita encrenca, começou com invasões de terra, morreu muita gente, mas eu não quero citar que tem muito amigo que é filho de quem mandou matar. E terminou assim, morreu gente inocente, morreu um cidadão que chamava Seu Otávio, morreu inocente. Mas quem matou também já morreu, lá em Capelinha, chamava Vander Campos, seria candidato à deputado estadual e foi morto lá em Capelinha. Esse homem foi o homem que matou o seu Otavio, esqueci o sobrenome, mas foi um grande farmacêutico que tinha cidade. E homicídio, tivemos vários homicídios na cidade, morreu muita pessoa, morreu no Centro e morreu muito bandido. Era uma guerra, repercussão nacional, por exemplo, quando o Osman foi morto, começaram a colocar o corpo, lá no cemitério já tinha gente saindo da casa dele aqui, o mesmo aconteceu com o Casca Grossa, que foi radialista também..

P: E como foi a morte desse radialista?

M: Foi uma doença. Pegou uma infecção, não teve jeito e morreu. Mas assassinado morreu o Osman, morreu o Ailton, Helinho, Elder Barros de Oliveira e morreu tudo na boca de um 38, porque naquele tempo na boca do 38 não escapava ninguém. E só os fortes, igual o Paulinho Maloca fala, sobreviveram. E eu me considero forte, porque eu não sei jogar pedra em ninguém, para mim somos todos iguais.

P: E a enchente de 79?

M: Ah, nunca trabalhei tanto. Aquilo era dia e noite. A rádio Educadora fazia cobertura dia e noite salvando o povo, a enchente tomou conta da Ilha toda, casas e mais casas, bois morriam lá pra cima e desciam na água, derrubavam casa, vinha a água com a força de um boi, e derrubava paredes, você via a casa derrubada e quando via tinha um boi morto lá dentro. Eu mesmo tinha uma casa na Ilha e com a enchente nós mudamos tinha um homem morto dentro de casa, a minha mulher assombrou e nunca mais nós voltamos pra Ilha. Vendi a casa barata.

P: E custou a recuperar...

M: Nossa, um dinheiro daqueles era difícil de ganhar. Mas não dinheiro fácil, porque esse é muito fácil de ganhar ele, mas com dignidade.